

3º SELI EJA

**SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO DE
INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO EM
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: ENTRE INQUIETAÇÕES,
RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS**

23 a 25 de maio de 2019

**ANAIS
ELETRÔNICOS**

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

3º SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS

ANAIS ELETRÔNICOS

ORGANIZAÇÃO

ENIO SERRA – UFRJ

ROSANGELA CARRILO MORENO – UFRJ

COLABORAÇÃO

SIMONE TEIXEIRA – UFRJ

TASSIANA OLIVEIRA – UFRJ

TUANY SILVESTRE – UFRJ

GUILHERME GONZALEZ – UFRJ

DEZEMBRO / 2019

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- S471 Seminário do Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão em Educação de Jovens e Adultos (3.: 2019: Rio de Janeiro, RJ). Políticas públicas de educação de jovens e adultos: entre inquietações, retrocessos e resistências [recurso eletrônico] / organização Enio Serra, Rosangela Carrilo Moreno; colaboradores Simone Teixeira, Tassiana Oliveira, Tuany Silvestre. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Educação, Departamento de Didática, 2019.
374 p.
- ISBN: 978-65-00-02279-7 (versão online)
1. Educação de jovens e adultos – Brasil - Congressos. 2. Educação de jovens e adultos – Política governamental – Congressos. I. Serra, Enio. II. Moreno, Rosangela Carrilo. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.
- CDD: 374.81

Elaborada por: Adriana Almeida Campos CRB-7/4081



3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

REALIZAÇÃO



3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E
EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: ENTRE
INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS
E RESISTÊNCIAS

de 23 a 25/05/19

selieja2019.blogspot.com
selieja2019@gmail.com



SUBMISSÃO DE TRABALHOS:
11/03 A 26/04/2019

PERÍODO DE INSCRIÇÃO PARA OUVINTES:
11/03 A 24/05/2019

ESPAÇOS DE DIÁLOGO (ED)

EDI: FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE
PROFESSORES EM EJA

ED2: LINGUAGEM, INTERCULTURALIDADES,
GÊNEROS E AFETOS EM EJA

ED3: POLÍTICAS DE CURRÍCULO EM EJA

ED4: JUVENTUDES NA EJA: PRESENÇA, DESAFIOS E
POTENCIALIDADES

ED5: MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS
PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ED6: EJA, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E A RELAÇÃO
TRABALHO-EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO JOVEM
E ADULTO TRABALHADOR

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

COMITÊ CIENTÍFICO

Professora Dr^a Alessandra Nicodemos - Faculdade de Educação - UFRJ
Professora Dr^a Ana Paula Moura - Faculdade de Educação – UFRJ
Professor Dr^o Enio Serra - Faculdade de Educação – UFRJ
Professora Dr^a Jaqueline Ventura - Faculdade de Educação - UFF
Professora Dr^a Marta Lima de Souza - Faculdade de Educação – UFRJ
Professora Dr^a Rosângela Carrilo Moreno – Faculdade de Educação – UFRJ

COMISSÃO ORGANIZADORA

Professora Dr^a Alessandra Nicodemos - Faculdade de Educação - UFRJ
Professora Dr^a Ana Paula Moura - Faculdade de Educação – UFRJ
Professor Dr^o Enio Serra - Faculdade de Educação – UFRJ
Professora Dr^a Jaqueline Ventura - Faculdade de Educação - UFF
Professora Dr^a Marta Lima de Souza - Faculdade de Educação – UFRJ
Professora Dr^a Rosângela Carrilo Moreno – Faculdade de Educação – UFRJ
Geógrafo Msc. Emilio Reguera Rua – POSGEO/UFF e IBGE

EQUIPE EXECUTORA

Licenciandas em Pedagogia:
Simone Teixeira – UFRJ
Tassiana Oliveira – UFRJ
Tuany Silvestre – UFRJ
Amadeusa V. Assunção – UFRJ
Bianca Batista Almeida – UFRJ
Camila Moura da Silva Rodrigues – UFRJ
Danielle de Carvalho Bayeux – UFRJ
Jacqueline Santana – UFRJ
Jéssica Mariano de Campos – UFRJ
Maria da Conceição Cerqueira – UFRJ

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
ED1 – FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES EM EJA	
AS CONTRIBUIÇÕES DA RELAÇÃO UNIVERSIDADE-EDUCAÇÃO BÁSICA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS Ana Paula Abreu Moura	19
A UTILIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO FERRAMENTA DE APROXIMAÇÃO ENTRE LICENCIANDO E A EJA Matheus Silva de Oliveira e Vanessa de Souza Nogueira Penco	23
QUEM SÃO OS EDUCADORES DE CIÊNCIAS DA EJA E SUAS ESCRITAS CURRICULARES Mariana Cassab, Fabiana Gabriel e Júlia Canella da Silva	27
PERCEPÇÕES DOS LICENCIANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA SOBRE AS POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO TRABALHO PEDAGÓGICO NO PROJETO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA FTESM Bárbara Terra Nova Gonçalves e Viviane da Costa Bastos	31
OS ESTUDOS SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UM CURSO DE PEDAGOGIA: CONSIDERAÇÕES DE EGRESSOS Jaqueline Luzia da Silva, Ariene Maciel Melo, Cristine de Souza Castro do Nascimento e Janahina de Oliveira Batista	34
PROEMJA - PROJETO DE ENSINO MÉDIO DE JOVENS E ADULTOS Rosane Cássia Santos e Campos	38
FORTALECENDO A EJA ATRAVÉS DA CULTURA CORPORAL: PROJETOS DE EXTENSÃO E DE PESQUISA ATUANDO EM CONJUNTO Lara Holmes, Elisa Assumpção Solinho e Rosa Malena Carvalho	42
FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DO PEJA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO: ANÁLISE FACE AS METAS 15 E 16 DO PNE (2014-2018) Carla da Mota Souza	46
A FORMAÇÃO DE FORMADORES DO PROEJA-FIC NILÓPOLIS E SEU LEGADO PARA DOCENTES DA REDE MUNICIPAL Cláudia Araújo	50

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

FORMAÇÃO DOCENTE: IDENTIDADE E PERCURSOS FORMATIVOS	
Érika Cordulino	54
EDUCADORES DA EJA E SUA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM TORNO DO DEBATE SOBRE JUVENTUDE E MÍDIA	
Mariana Cassab, Fabiana Gabriel, Júlia Canella da Silva e Kassia Maria de Souza Barros	57
ESCRITAS AUTORAIS, ESCRITAS DE LUTA: PROFESSORES-PESQUISADORES DA EJA E SUAS PRODUÇÕES DISCURSIVAS	
Ana Carlina Alves e Henrique Sobral Silva	61
PROFESSORES DE QUÍMICA NA EJA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DE MERITI	
Renata Torres e Rozana Gomes de Abreu	65
ED2 – LINGUAGEM, INTERCULTURALIDADES, GÊNEROS E AFETOS EM EJA	
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ENCONTROS, RESISTÊNCIAS E PERTENCIMENTOS - SOMOS A EJA!	
Marta Lima de Souza	70
PROJETO A LEITURA E SUAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS: CAROLINA DE JESUS	
Augusto Montano	77
SHAKESPEARE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR	
Margarete de Oliveira Nascimento, Wilza Lima e Sílvia Werneck	81
A RODA DE LEITURA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO, CONSTRUÇÃO DE VÍNCULO E APRENDIZAGEM NA EJA	
Monique Azevedo da Silva e Jonathan Fernandes de Aguiar	85
INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA	
Fernanda Melo e Jamaci Fontes	89
VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA EJA: SUJEITOS, VOZES E IDENTIDADES	
Patrícia Prazeres	93

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

“CRIAR LAÇOS, CONSTRUIR APRENDIZAGENS UNS COM OS OUTROS”: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA EM DIÁLOGO COM O ESPAÇO LÚDICO-INCLUSIVO	96
Rita de Cassia de Souza Silva e Jonathan Fernandes de Aguiar	
DROGAS, EDUCAÇÃO, SAÚDE E EJA: POTENCIALIDADES DE UMA AÇÃO DE EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO DE JOVENS MULTIPLICADORES NO ENSINO NOTURNO	
Francisco Coelho e Priscila Tamiasso-Martinhon	100
A PRODUÇÃO ESCRITA DE HISTÓRIAS DE VIDAS: ANÁLISE DO PERCURSO DA ATIVIDADE E DO PAPEL DA INTERLOCUÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS ESCRITORES EM ALUNOS DA EJA PRISIONAL	
Fabiana Gabriel	104
DESEJO, NECESSIDADE E VONTADE: O RETORNO PARA A SALA DE AULA EM BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO DA SUA REALIDADE	
Cintia Oliveira e Maria Alice Barros	108
ALIMENTOS E SAÚDE: ALFABETIZAÇÃO ATRAVÉS DE MEMÓRIAS AFETIVAS, REALIDADE ATUAL E POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO	
Gisela Ribeiro da Silva	112
O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Janaina de Cassia Siqueira Marques	117
AFETIVIDADE TEM IDADE? UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TRAJETÓRIA DE ALUNOS DA TURMA 2009 EM 2019: UMA DÉCADA EM REVISTA	
Veronica Cunha	121
PRÁTICA PEDAGÓGICA FÁBULAS COLETIVAS	
Angela Gonçalves	125
ALMANAQUE ANGRA'S DOS REIS: CULTURA, IDENTIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Ramon Melo e José Elesbão	128
UM CONTO SOBRE MULHERES EM RODA DE LEITURA NA EJA	
Janaina Augusto	132
QUESTÕES SOBRE A IDENTIDADE NEGRA EM UMA ESCOLA COM PEJA: PERSPECTIVA PARA O EMPODERAMENTO DOS SUJEITOS	
Luciene Gomes de Lima	135

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

MEMÓRIAS E IDENTIDADES QUE NOS UNEM NO CENTRO DA HISTÓRIA NA EJA	
Valeria Rosa Poubell e Márcia Cazer	139
HISTÓRIAS E SUBJETIVIDADES FEMININAS: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A DITADURA	
Julia Canella	143
MULHERES NAS NARRATIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA ESCOLAR: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ATIVIDADE DIDÁTICA NA EJA	
Carla de Medeiros Silva	147
LUGARES DA MEMÓRIA: RESSIGNIFICANDO VIVÊNCIAS ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE EDUCANDOS NA EJA	
Ana Luiza Zanon Alonso Ana Carolina de Sena Sant'ana, Bruno Arcoverde Cavalcanti, Camila Almeida Carvalho, Gabriel Henrique de Oliveira Bragança, Jaqueline Silva Miranda, Rafael Penido Vilela Rodrigues	151
LETRA E MÚSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA INSERÇÃO DA POESIA AFRODIASPÓRICA DE ELZA SOARES NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Cristiane Mendes e Aline Regina Brito	155

ED3 – POLÍTICAS DE CURRÍCULO NA EJA

QUANDO A PRÁTICA DOCENTE PRODUZ CONHECIMENTO E REVELA O PAPEL INTELECTUAL DO EDUCADOR	
Enio Serra	160
CRIANDO LAÇOS E RECRIANDO HISTÓRIAS – “TEMPOS DE APRENDER”: O PAPEL DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO CURRICULAR PARA AS TURMAS DO PROJETO DE CORREÇÃO DE FLUXO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JUIZ DE FORA	
Maria da Conceição Brandt	165
A CONSTRUÇÃO CURRICULAR E A GESTÃO DEMOCRÁTICA COMO PRÁTICAS POSSÍVEIS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Maria da Conceição Brandt e Carla do Carmo Souza	168
INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – É POSSÍVEL?	
Pamela Oliveira e Flávia dos Santos Cota	172

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

USOS E APROPRIAÇÕES DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Thiago B. Lopes da Costa	176
POSSÍVEIS RELAÇÕES TECIDAS ENTRE PALAVRAMUNDO, FORMAÇÃO DOCENTE E CURRÍCULO NA ALFABETIZAÇÃO NA EJA	
Daniel de Oliveira e Geisi Nicolau	180
OS 10 ANOS DO MATERIAL DIDÁTICO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UMA POLÍTICA DE CURRÍCULO EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO POPULAR	
José Carlos Lima de Souza	184
A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EJA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO EM AULAS DE MATEMÁTICA	
Deyse M. M. Dias de Souza e Cleber Dias da Costa Neto	188
NÚCLEO DE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CIDADÃ – NUPEMCI	
Marcelo Silva Bastos, Loise Tarouquela Medeiros, Vera Lucia Rangel e Viviane Leite	192
DESCLONIZANDO O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DA EJA. TEMATIZAÇÃO DA CAPOEIRA COMO PRÁTICA CORPORAL CULTURAL	
Marcelo Luiz de Souza	196
EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SME/RJ - DO PROJETO PILOTO À ENTRADA NA MATRIZ CURRICULAR	
Oswaldo do Carmo de Oliveira e Rosa Malena Carvalho	200
A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO DO ALUNO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Júlio César Araújo da Silva	204

ED4 – JUVENTUDES NA EJA: PRESENÇA, DESAFIOS E POTENCIALIDADES

AS <i>JUVENTUDES</i> NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS PARA SEU ACESSO E PERMANÊNCIA EM CONTEXTO CONSERVADOR E ULTRANEOLIBERAL NO TEMPO PRESENTE	
Alessandra Nicodemos	207
A JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DEMANDAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS	
Flávia dos Santos Cota e Pâmmela Lobo Soriano Lopes de Oliveira	215

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

OS PROCESSOS DE JUVENILIZAÇÃO DA EJA NA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO E SEUS IMPACTOS NA ELEVAÇÃO DO IDEB	
Marcos Vinicius Reis Fernandes e Rony Pereira Leal	219
A DIVERSIDADE DA EJA NO ENSINO MÉDIO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Marcelo Andrade de Souza	223
IMPACTOS DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS NA EJA	
Adalberto de Moraes Gomes Filho e Glasielle Lopes de Carvalho Ribeiro	227
JUVENTUDES: O QUE SIGNIFICAM ESTAS PRESENÇAS NA EJA?	
Elisangela Ferreira dos Santos de Mendonça	231
A TRAJETÓRIA DE JOVENS DAS CLASSES POPULARES QUE PASSAM A CONTAR AS SUAS HISTÓRIAS ATRAVÉS DE UM CINEMA NOSSO	
Adriana Barbosa da Silva	235
DIALOGANDO COM A VIDA: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA MUNICIPAL ANTENOR NASCENTES	
Clodoaldo F. de O. do Sacramento e Danielle Rodrigues da Silva	239
EVASÃO ESCOLAR: UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE DUQUE DE CAXIAS-RJ	
Jacqueline Ginelli Borges Ferreira e Amanda Guerra de Lemos	243
AS TRAJETÓRIAS DOS JOVENS QUE CHEGAM AO PEJA DA 4ª CRE	
Denise Carvalho da Silva	247
REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE JUVENILIZAÇÃO E ENEGRECIMENTO DA EJA	
Eliana de Oliveira Teixeira, Leila Mattos Haddad de Monteiro Marinho e Sandra Regina Cardoso de Brito	250
TÁTICAS DE RESISTÊNCIA E PERMANÊNCIA DE JOVENS MÃES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Cintia Nazaré Oliveira Pires	254
JOVENS REFUGIADOS NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS: COTIDIANO E A INSERÇÃO NA EJA	
Viviane Penso Magalhães	258

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

JOVENS NA EJA: TRAJETÓRIAS E PERTENCIMENTOS POSSÍVEIS 262

Thays Hellena Pires de Souza

ED5 – MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

PENSAR A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PELA PERSPECTIVA POLÍTICA

Rosangela Carrilo Moreno 267

A JUSTIÇA ESPACIAL COMO CATEGORIA DE REFLEXÃO SOBRE A OFERTA E DEMANDA DA EJA NA 4ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO (4ª CRE) DO RIO DE JANEIRO: ALGUNS APONTAMENTOS

Emilio Reguera Rua 276

A DIMENSÃO ESPACIAL DA ESCOLA PÚBLICA: LEITURA SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

Fernando Barcellos 280

O CAPITAL INDUSTRIAL E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES

Sonia Rummert 284

PROJETO MINERVA: "OUVIDOS ATENTOS É TEMPO DE OUVIR"

Cacilda Cruz 288

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS... E OS IDOSOS?

Michele Jorge dos Santos de Souza 292

O ENSINO MÉDIO NA EJA: CONTRIBUIÇÕES DE ARTIGOS PUBLICADOS NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES

Thays Espíndola, Jaqueline Pereira Ventura e Catharina Ferreira da Costa Marques 296

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EJA: AS IMPLICAÇÕES DA DESIGUALDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO

Guilherme Gonzalez 300

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: A RODA DE CONVERSA COMO ESPAÇO DE CONSCIENTIZAÇÃO E DIÁLOGO NA EJA

Wellen Cristina de Oliveira Bhering e Vito Renato Rizzo 304

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

O DESAFIO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Americo Homem da Rocha Filho	308
INFORMÁTICA EDUCATIVA E EJA: PRÁTICA DOCENTE EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS	
Lohane Teresa Oliveira Silva	311
A EJA NUMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA – MEMÓRIA DA CONSTITUIÇÃO E ATUAÇÃO DE UM NÚCLEO DE EJA NA PUC-RIO	
Renato Pontes Costa	315
A EJA NA UFMG: O PROJETO DE ENSINO FUNDAMENTAL DE JOVENS E ADULTOS – 2º SEGMENTO (PROEF-2)	
Juliana Ferreira de Melo e Suellen Guimarães Alves	319
 ED6 – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E A RELAÇÃO TRABALHO-EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO JOVEM E ADULTO TRABALHADOR	
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES	
Jaqueline Ventura	324
ALFABETIZAÇÃO PELA QUÍMICA DOS AROMAS	
Luana Kopp e Monique Gonçalves	329
A EXPERIÊNCIA DOS QUIZZES NO ENSINO DA MATEMÁTICA NO PROEJA	
André Guimarães Valente, Emanuele Nunes de Lima Figueiredo Jorge, Fernanda Paixão de Souza Gouveia e Welsing Pereira Moreira	334
O ENCONTRO DA EJA COM A LICENCIATURA EM MATEMÁTICA – UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA	
Daysi Lúcidu Gomes de Farias, Albertina Maria Batista de Sousa da Silva, Marcelo Silva Bastos e Rafael de Moraes Merola	339
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS PROGRAMAS DOS PARTIDOS POLÍTICOS NO CONTEXTO NEOLIBERAL	
Lohana Antunes da Mata	343

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

EJA NO SÉCULO XXI: CONCEPÇÕES EM DISPUTA PARA A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR BRASILEIRO NO PERÍODO DE 2003 A 2014	
Bruna Nascimento Silva Lombardo	347
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NO RIO DE JANEIRO DE 1930 A 1937: INICIATIVAS DA SOCIEDADE CIVIL E DA SOCIEDADE POLÍTICA	
Ludmila Lustosa Lessa	351
REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES NA EXECUÇÃO DE UMA PESQUISA COM ESTUDANTES DA EJA NA BAIXADA FLUMINENSE	
Rafael Pereira Santana, Fernando Ribeiro Gonçalves Brame e Pamela Winnie da Conceição Ramos	355
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO, NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: COMO OLHAM PARA SI E PARA OS ESTUDANTES	
Telma Alves e Maria Cecília Fantinato	359
POR DENTRO DA FAETEC: UMA ANÁLISE DA REDE DE ENSINO DA FUNDAÇÃO DE APOIO À ESCOLA TÉCNICA A PARTIR DE DENTRO	
Taynara Bastos Teodoro	363
A INSEGURANÇA COMO HORIZONTE: MARCAS DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA FORMAÇÃO DOS SUJEITOS DA EJA	
Fernanda Paixão de Souza Gouveia	367
LEI NACIONAL DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL: PROBLEMATIZAÇÕES DE UMA POLÍTICA EM DISPUTA NO MERCADO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	
Douglas Heliodoro Firmino da Costa	371
MULHERES NA EJA: LUTA E RESISTÊNCIA PELA CONCLUSÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Flavia Maia Cerqueira Rodrigues	375
A EaD NA EJA COMO POLÍTICA DE AMPLIAÇÃO DO ACESSO, PERMANÊNCIA E POSSIBILIDADE DE CONCLUSÃO DOS ESTUDOS NO CONTEXTO DO CREJA	
NeylaTafakgi e Daniel de Oliveira	378

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

APRESENTAÇÃO

Fundado em abril de 2010, o Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão em Educação de Jovens e Adultos – LIEJA constitui-se em um espaço intra e interinstitucional de ações voltadas à área da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Suas atividades são marcadas por ações de cunho acadêmico e político que pretendem, entre outros objetivos, sistematizar e produzir conhecimento científico sobre a EJA a partir das atividades de ensino, pesquisa e extensão, elaborar subsídios teórico-metodológicos visando à formação de professores de EJA comprometidos com projetos emancipatórios de sociedade, além de articular uma rede de escolas públicas por meio do desenvolvimento de suas atividades.

Como uma das formas de atingir esses objetivos, o laboratório tem organizado eventos acadêmicos desde 2013, quando realizou sua primeira jornada científica com a participação de mais de 120 pesquisadores e educadores. A partir de 2015, deu início aos seminários bianuais, aumentando a cada edição o número de participantes e de trabalhos apresentados. O 1º SELIEJA contou com a participação de 170 pesquisadores e educadores, a segunda edição do seminário, em 2017, ampliou seu público para um quantitativo aproximado de 250 participantes, entre professores, gestores, pesquisadores e educandos da EJA de diversos municípios do estado e o 3º SELIEJA chegou à marca aproximada de 300 participantes, incluindo dessa vez alguns pesquisadores de outros estados da Região Sudeste.

Com o intuito de expressar o momento político pelo qual o país atravessa, marcado pelo avanço de forças conservadoras, o 3º SELIEJA, realizado entre os dias 23 e 25 de maio de 2019, trouxe como tema desencadeador as *Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos: entre inquietações, retrocessos e resistências*. Nesta edição, o evento contou com uma inovação em relação às edições anteriores ao acrescentar mais um dia em sua programação. Com isso, pretendeu-se ampliar as possibilidades de discussão e reflexão a partir da inclusão de duas atividades culturais: a apresentação, com debate, de um filme cuja temática gira em torno da juventude

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

na EJA e o lançamento de livros da área. Assim como na edição anterior, o 3º SELIEJA recebeu trabalhos que divulgaram resultados de pesquisas acadêmicas, bem como trabalhos em forma de relatos de experiência que expressaram as possibilidades e os desafios do trabalho pedagógico com jovens e adultos nas escolas ou em projetos de educação popular.

Os Espaços de Diálogo (EDs) se mantiveram como grupos de discussão em torno de algum tema relacionado à EJA e continuaram a se configurar como a principal atividade do evento. Nesses grupos foram apresentados os trabalhos inscritos e desenvolvidas discussões e reflexões em torno da temática que os une, possibilitando diálogos entre saberes, práticas e pesquisas. Cada um dos seis EDs organizados contou com uma coordenação formada pelos docentes que compõem o LIEJA, que conduziram as atividades de acordo com a dinâmica estabelecida por cada grupo. No total, foram apresentados 80 trabalhos distribuídos pelos EDs e cujos respectivos resumos expandidos encontram-se reunidos nesses Anais.

O ED1, intitulado *Formação inicial e continuada de Professores em EJA*, foi coordenado pela Professora Dr^a Ana Paula Abreu Moura. Nele, foram discutidos aspectos relacionados à construção da identidade do docente da EJA, tendo como referência os documentos legais relativos à modalidade e os processos de formação inicial e continuada de professores. Nesse sentido, o tratamento recebido pela EJA nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas foi alvo de intensos debates. O ED procurou ainda trazer para socialização e reflexão as diferentes experiências formativas vividas por seus participantes.

A necessidade de uma prática pedagógica que privilegie o trabalho com a linguagem verbal, oral e escrita se constituiu no centro das discussões do ED2, coordenado pela Professora Dr^a Marta Lima de Souza e denominado *Linguagem, interculturalidades, gêneros e afetos em EJA*. A partir dessa perspectiva, buscou-se o intercâmbio entre os estudos, as pesquisas e as experiências dos integrantes do ED, visando à problematização de temas como o papel da linguagem na constituição da

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

identidade dos sujeitos da EJA, a prática pedagógica com a linguagem nas diferentes áreas de conhecimento e o direito à literatura e às práticas de leitura literária.

As *Políticas de Currículo na EJA* compuseram o principal foco de discussão do ED3, coordenado pelo Professor Dr. Enio Serra. Esse Espaço de Diálogo propiciou reflexões sobre o currículo no âmbito da EJA, englobando a produção de documentos curriculares oficiais, o currículo praticado por educadores, bem como experiências curriculares em diferentes ações educativas. As discussões giraram em torno da análise das concepções de EJA e de conhecimento escolar presentes em propostas e práticas curriculares, problematizando temas como currículo e prática docente nas escolas, características e especificidades do currículo das diferentes disciplinas escolares e os impactos da BNCC e da reforma do Ensino Médio na EJA.

A Professora Dr^a Alessandra Nicodemos coordenou o ED4 com o tema *Juventudes na EJA: presença, desafios e potencialidades*. O ED teve como intenção congregar estudos, pesquisas e experiências escolares relacionadas ao fenômeno da juvenilização no contexto da Educação de Jovens e Adultos. Tal fenômeno é entendido como a inserção de matrículas de estudantes cada vez mais jovens em turmas nessa modalidade no tempo presente. Buscou-se, assim, problematizar os desafios atuais e as especificidades que esse fenômeno coloca para os sujeitos da escola na perspectiva do acolhimento a esse público, marcado por múltiplas identidades, reconhecendo-o como sujeito de conhecimento e integrado na construção de práticas curriculares críticas e emancipatórias.

Movimentos Sociais e Políticas Públicas em Educação de Jovens e Adultos foi o tema do ED5, coordenado pela Professora Dr^a Rosangela Carrilo Moreno. As discussões presentes nesse Espaço de Diálogo giraram em torno das políticas e práticas de EJA no âmbito dos movimentos sociais que lutam por uma sociedade mais justa e igualitária, tomando como eixo os projetos de Educação Popular neles desenvolvidos. Houve também a pretensão de se discutir e debater sobre as atuais políticas educacionais destinadas à elevação da escolaridade, principalmente no que se refere à retração de matrículas e de oferta de EJA por parte do poder público, bem

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

como ao recrudescimento de propostas de Educação a Distância e de exames de certificação voltados para o público jovem e adulto trabalhador.

O ED6, coordenado pela Professora Dr^a Jaqueline Ventura, teve como tema a *Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e a relação trabalho-educação na formação do jovem e adulto trabalhador*. Nesse grupo, as discussões privilegiaram as relações entre os mundos do trabalho, a Educação Profissional e a EJA a partir de estudos realizados sobre a formação humana no campo Trabalho e Educação. Com base na centralidade do trabalho como ação humana, buscou-se apreender os elementos fundamentais da concepção burguesa de trabalho, recorrentemente hegemônica no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, e as possibilidades de sua superação. Com esse horizonte, o ED ainda propiciou o debate em torno da formação profissional e do pertencimento de classe dos diversos sujeitos da EJA.

Nesses Anais, o leitor encontrará toda a diversidade e riqueza que marcaram os Espaços de Diálogo. Estamos certos de que as apresentações, reflexões e discussões desenvolvidas por seus participantes tenham contribuído para o aprofundamento da Educação de Jovens e Adultos tanto enquanto modalidade da Educação Básica quanto como campo do conhecimento científico. Sendo assim, esperamos que o 3º SELIEJA tenha cumprido seu papel de divulgação, socialização e problematização das práticas pedagógicas e da produção acadêmica da área, além de ter se consolidado como mais um evento de referência para os/as profissionais da educação que se preocupam com a garantia do direito de todas e todos à educação escolar.

Que os Anais do 3º SELIEJA possam servir como estímulo para que cada vez mais educadores e pesquisadores compartilhem suas produções. Boa leitura e até o 4º SELIEJA!

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ED1: Formação inicial e continuada de Professores em EJA

Coordenadora: Prof^a Dr^a Ana Paula Moura - UFRJ

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

AS CONTRIBUIÇÕES DA RELAÇÃO UNIVERSIDADE-EDUCAÇÃO BÁSICA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Ana Paula Abreu Moura
Faculdade de Educação/UFRJ

Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.

Rubem Alves

O 3º Seminário do Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão de Educação de Jovens e Adultos – SELIEJA - foi realizado justamente quando o país discute a resolução que define as novas Diretrizes Curriculares para Formação Inicial de Professores da Educação Básica, documento que pretende regular a criação e organização dos cursos de Pedagogia e das demais licenciaturas fundamentando concepções, formulações, avaliação e revisão dos currículos e das práticas pedagógicas das instituições formadoras.

Diante da atual conjuntura nacional, onde a ação educativa vem sofrendo inúmeros ataques e os profissionais docentes têm o seu fazer pedagógico questionado e, por vezes desqualificado, a construção do seminário vai na contramão deste movimento, ao propiciar a socialização de distintas ações desenvolvidas nas instituições educativas, sejam elas de ensino, pesquisa e/ou extensão, apresentando a potencialidade destas instituições para a construção de um sociedade mais justa e solidária, que respeite os princípios de uma sociedade democrática.

Nesse sentido, o III SELIEJA se constituiu como um rico ambiente de debate e reflexão sobre a formação docente ao unir diferentes sujeitos, desde professores em exercício, até alunos de graduação, pós-graduação e gestores, em conferências, apresentação de comunicação oral e palestras, para discutir a formação do docente que atua/atuará na Educação de Jovens e Adultos. Nas diferentes falas pudemos conhecer muitos dos trabalhos que vem sendo desenvolvidos nos espaços escolares e

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

compreender um pouco mais os diferentes fazeres que constroem cotidianamente a EJA.

No bojo das discussões presentes no SELIEJA, a relação entre a universidade e a educação básica esteve bastante presente, revelando a potencialidade desta interlocução para a formação docente e revitalização das práticas educativas. Para o graduando vivenciar o cotidiano escolar, ainda na formação inicial é uma oportunidade de aproximação com a EJA, pois mesmo os graduandos oriundos do Curso de Formação de Professores Nível Médio, muitas vezes não tiveram contato com a EJA. A riqueza dessa aproximação foi relatada em diferentes trabalhos apresentados nos espaços de discussão, onde alunos de variados cursos de licenciaturas puderam compartilhar as ações que desenvolveram em interlocução com as escolas e de que forma elas contribuíram para a construção de sua identidade docente.

Esta relação de interlocução da universidade com a educação básica, no processo de formação inicial, se materializa para o graduando a partir do estágio supervisionado e das ações de Extensão Universitária e para o profissional em exercício, se configura a partir da inserção em cursos de extensão e pós-graduação. A disciplina de estágio ao destinar parte de sua carga horária para idas às escolas e o restante para discussões teórico-metodológicas sobre o fazer docente na EJA, mais do que se constituir como uma ação de ensino, também se constitui como espaço privilegiado de pesquisa, o que permite ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas.

É relevante destacar a perspectiva desse espaço de estágio como um espaço de pesquisa, pois historicamente, campo de estágio é marcado por diferentes concepções, principalmente aquela que considera fundamental a observação de práticas tidas como “boas”, para que o graduando possa ter maior qualidade em sua formação. Contudo, a ideia de que só é válida no estágio a vivência de práticas consideradas boas, na verdade está pautada na perspectiva de aprendizagem da profissão, a partir da imitação, da reprodução ou da reconstrução de modelos tidos

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

como bons. Ou seja, sua prática será tão boa, quanto mais se aproximar de um modelo considerado de excelência. Essa perspectiva, todavia, não considera o fazer do professor como um fazer intelectual, que envolve reflexão crítica, produção, elaboração. Saber este marcado pelo contexto e por mudanças históricas e sociais.

Nas discussões presentes no III SELIEJA o papel da Extensão Universitária também apareceu com destaque, ressaltando um duplo movimento formativo das ações extensionistas. Por um lado, os graduandos têm a oportunidade de experienciar atividades educativas que os colocam frente aos dilemas da prática, impulsionando-os a construir novas formas de fazer e viver o ato educativo. Por outro lado, os professores que recebem a equipe extensionista têm a oportunidade de construir um diálogo sobre o trabalho desenvolvido, com a percepção de outros sujeitos externos à rotina das salas de aula, mas inseridos no desenvolvimento de atividades específicas.

No âmbito da formação continuada, o lugar da universidade enquanto instituição formadora também foi ressaltado, ao ter destacado seu protagonismo na oferta de cursos, na modalidade de extensão e/ou pós-graduação e seu papel na preparação teórico-metodológica do professor. Em contrapartida, a escola também se apresenta como lugar de produção de conhecimentos, lugar onde cotidianamente os docentes repensam e reconfiguram suas práticas docentes. Assim, uma fala comum nos espaços de discussão foi a afirmativa que os processos formativos se tornam ainda mais ricos na produção de sentidos, se conseguem estabelecer uma relação dialética entre universidade e escola, na reflexão sobre a prática. Com Freire (1996, p.22) vemos que:

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Contudo, o movimento de ação-reflexão-ação sobre as práticas educativas não pode prescindir dos conhecimentos teóricos produzidos, pois estes podem permitir que

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

o professor leia de diferentes formas o cotidiano escolar e tenha maior clareza dos conhecimentos teórico-metodológicos que sustentam seu fazer pedagógico. Neste sentido, a sala de aula também se constitui como espaço de produção do conhecimento não apenas para os alunos da educação básica, mas acima de tudo para os professores, negando ao mesmo o lugar de mero aplicador de conteúdos e o convidando a assumir a posição de intelectual, que vive, pensa e elabora sobre o processo educativo.

Considerações Finais

Em tempos tão duros para a profissão docente, os espaços de socialização de discussões sobre a prática educativa e de reflexão teórica sobre a EJA são extremamente necessários para o fortalecimento individual e coletivo dos muitos sujeitos que constroem cotidianamente a Educação de Jovens e Adultos. Nesta edição, que trouxe como tem desencadeador “Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos: entre inquietações, retrocessos e resistências”, o III SELIEJA reafirmou seu compromisso com a educação pública propiciando espaços que possibilitaram sistematizar e produzir conhecimento científico, visando à formação de professores de EJA comprometidos com projetos emancipatórios de sociedade.

Referências

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 3 ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

A UTILIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO FERRAMENTA DE APROXIMAÇÃO ENTRE LICENCIANDO E A EJA

Matheus Silva de Oliveira IFRJ – *Campus* Duque de Caxias
Vanessa de Souza Nogueira Penco IFRJ – *Campus* Nilópolis

Palavras-chave: Licenciatura em Química. Estágio Supervisionado. Educação de Jovens e Adultos

Introdução

Em uma pesquisa realizado por Moura e Henrique (2012), foi mencionado que muitos professores que atuam na EJA não a enxergam dentro da Educação Básica, mas sim como algo a parte ou inferior. Haddad e Di Pierro (1994) relatam que essa ideia provém do fato de muitos docentes que atuam na EJA não estarem qualificados para tal modalidade. Segundo eles, são professores que atuam no Ensino Regular e foram convocados para atuarem na EJA.

Por esse motivo, Machado (2008), considera que o melhor jeito de sanar esses problemas enfrentados com a modalidade EJA é repensando os currículos dos cursos de licenciatura, a fim de que, desde a formação inicial o licenciando tenha contato com esta modalidade. Para Santos, Viana e Leal (2017), o Estágio Supervisionado em EJA tem um potencial para minimizar essa defasagem, já que segundo eles a partir deste é possível vivenciar e experimentar as especificidades desta modalidade.

Sendo assim, o presente trabalho objetiva relatar a importância que um Estágio Supervisionado em EJA teve na formação de um licenciando em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - campus Duque de Caxias (CDuC).

Metodologia

De acordo com a Proposta Pedagógica Curricular (PPC), o curso de Licenciatura em Química do IFRJ- CDuQ conta com uma carga horária de 405 horas destinadas a disciplina pedagógica de Estágio Supervisionado. Estas 405 horas são distribuídas em

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

três disciplinas obrigatórias, tendo cada uma um total de 135 horas e começando a ser ofertadas a partir do 5º período. Além disso, é estabelecido pelo PPC que a realização do Estágio Supervisionado I e III ocorra preferencialmente em escolas estaduais, enquanto a do Estágio Supervisionado II seja no próprio IFRJ.

Sendo assim, o relato apresentado no presente trabalho aconteceu durante a disciplina de Estágio Supervisionado II, em uma turma de quinto período de Ensino Médio-Técnico de Manutenção e Suporte em Informática na modalidade EJA. As aulas nesta turma aconteciam sempre às quartas feiras no período de 19:30 às 20:20, tendo o conteúdo químico centrado na Química Orgânica.

A partir dos conteúdos propostos e do conhecimento do perfil da turma elaborou-se aulas diferenciadas que visassem a participação ativa dos alunos, para isso foram utilizadas aulas experimentais, contextualização, materiais didáticos variados e aulas em slides.

Análise dos resultados

Durante a elaboração das aulas, o objetivo era abordar o conteúdo químico de forma contextualizada. Contudo, houve momentos que precisou-se de uma aula um pouco mais tradicional, onde usou-se o quadro para representar algumas moléculas visando sanar dúvidas geradas durante outras aulas.

As aulas costumavam acontecer em uma parceria feita entre supervisora e estagiário. Entretanto, para o cumprimento da carga horária do estágio, houveram aulas em que o estagiário teve maior autonomia para escolher o tema, a metodologia, os materiais didáticos a serem utilizados. Na tabela abaixo segue um pequeno detalhamento destas aulas.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Atividade	Conteúdo Químico	Ferramenta	Número de aulas	Papel do Estagiário
Conhecendo e montando alguns hidrocarbonetos	Cadeia carbônica	Contextualização	1	Escolha das moléculas, confecção dos textos e ministração da aula
A importância do sabão	Cadeia carbônica, polaridade, solubilidade e tensão superficial da água	Contextualização Experimentação	3	Ministração de uma aula
Oficina de Sabão	Cadeia carbônica	Experimentação	1	Confecção do roteiro e ministração da aula junto a professora supervisora
Petróleo	Características do petróleo	Contextualização e slide	1	Confecção do slide e ministração da aula junto a professora supervisora
Refinando o Petróleo	Processo do refino de petróleo	Contextualização e slide	1	Confecção do slide e ministração da aula
Feira de Ciências	Os alunos puderam escolher algum experimento químico para apresentarem	Experimentação	1	Ajuda aos alunos durante a escolha e entendimento do experimento

Ao final desse período pode-se concluir a importância deste estágio na formação docente do licenciando, pois o permitiu atuar em uma modalidade que é pouco comentada durante a formação inicial, mas que agrega muitos conteúdos para a formação docente, pois exige do licenciando refletir a sua prática docente, além de estimulá-lo a conhecer e aplicar diferentes metodologias.

Além disso, a Educação de Jovens e Adultos se tornou um campo de pesquisa para o licenciando, tomando esta modalidade como motivação para a confecção do

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), abordando a seguinte temática: "Qual é o lugar da Educação de Jovens e Adultos dentro da formação inicial de egressos do IFRJ - campus Duque de Caxias."

Considerações Finais

Conclui-se então que o Estágio Supervisionado na modalidade EJA foi essencial na formação do licenciando, permitindo a ele ter uma maior conhecimento sobre a modalidade, além de estimulá-lo a conhecer e aplicar novas metodologias.

Referências

HADDAD, S.; e DI PIERRO, M. C.; *Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos*. Brasília: MEC/SEF, 1994.

MACHADO, M. M.; Formação de professores para EJA: uma perspectiva de mudança. *Revista Retratos da Escola*. v.2, nº2-3, p. 161-174, dez/jan 2008.

MOURA, D. H.; HENRIQUE, A. L. S. Proeja: entre desafios e possibilidades. *HOLOS*, Rio Grande do Norte, v. 2, 2012.

SANTOS, A. R.; VIANA, S. S.; LEAL, R. P. Estágio supervisionado: espaço tempo de formação inicial para o professor em educação de jovens e adultos. 2017. 24 p. *Monografia de Especialização*. Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro, 2017.

QUEM SÃO OS EDUCADORES DE CIÊNCIAS DA EJA E SUAS ESCRITAS CURRICULARES

Mariana Cassab (FACED UFJF)
Fabiana Gabriel (Bolsista Iniciação Científica (FAPEMIG))
Júlia Canella da Silva (Bolsista Iniciação Científica UFJF)

Palavras-chave: Educador da EJA. Currículo.

Introdução

O texto tem como intenção socializar o primeiro movimento de análise realizado no contexto da pesquisa "O Ensino de Ciências e Biologia na Educação de Jovens e Adultos: uma leitura curricular"¹, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa, Práticas e Estudos da Educação de Jovens e Adultos (GRUPPEEJA-FACED/UFJF). Com o foco nos educadores, a intenção do referido estudo é investigar as relações entre os perfis socioeconômicos e culturais dos docentes e seus percursos de formação; os princípios educacionais e políticos próprios da modalidade e o currículo de Ciências e Biologia na EJA.

No plano dessas considerações, a pesquisa se apoia nas contribuições de Arroyo (2014), Sacristán (2017) e Freire (2018) Assim, entendemos que "a análise do currículo é condição para conhecer e analisar o que é a escola como instituição cultural e de socialização em termos reais e concretos" (SACRISTÁN, 2017, p.17). Ao invés de um objeto estático resultante de modelos coerentes e harmônicos de pensar a educação e as aprendizagens dos educandos, o currículo é uma práxis que testemunha as funções em disputa atribuídas à escola e os conflitos de interesse que estão presentes nas eleições particulares que acabam por distribuir versões consideradas válidas de conhecimento. Assim, o estudo movimenta-se em direção ao conhecimento, valorização e socialização das autorias docentes na EJA. Isso significa garantir o direito dos professores contarem suas histórias sobre o seu ser, estar e fazer na educação científica na modalidade. A pesquisa quer contar suas histórias de luta por autoria, por

¹ A pesquisa conta com financiamento da FAPEMIG

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

afirmação e por reconhecimento, na contra mão de perspectivas que tendem a reconhecer o fazer docente e a EJA como o lugar e o tempo da trivialização. Para tal, faz incursões metodológicas centradas na aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas e na realização de entrevistas semi-estruturadas com educadores da EJA do município de Juiz de Fora. Até a presente data o arquivo da pesquisa conta com 11 entrevistas realizadas e transcritas e 9 questionários preenchidos. O tempo da produção desse texto encontra-nos ocupados com a tarefa de construção das categorias de análise dos questionários e das entrevistas transcritas. É a hora desafiadora de por em relação dialógica a empiria produzida ao longo de 2018.2 e todo o esforço empreendido na leitura de autores do campo do currículo, da EJA e da Educação popular.

Em função do limite dessa produção e do momento que encontramos na análise, esse texto socializa apenas a análise quantitativa realizada com base na interpretação das questões fechadas dos 9 questionários. Nesse universo participaram da pesquisa oito mulheres e apenas 1 homem, na faixa etária de 33 a 51 anos. 66,7% se auto declararam brancos e 33,3% negros (pardos 11,1%; pretos 22,2%). A formação inicial dos professores se deu na maioria na rede privada (55,6%). Três educadores frequentaram uma universidade federal e uma professora uma universidade estadual. A formação inicial de todos os sujeitos da pesquisa foi presencial. A maior parte dos professores investiu em sua qualificação profissional após o término da graduação: 44,4% possuem especialização e 33,3% mestrado. Apenas uma professora tem o doutorado completo e uma ficou restrita à graduação. Mesmo diante de um quadro de formação qualificado, ficou evidente que quase a totalidade dos educadores não tem qualquer formação específica para a EJA (88,9%). Os dados referentes à escolaridade dos pais dos docentes apontam que nenhum dos dois responsáveis tem ensino superior completo. A faixa de escolarização com maior quantitativo, tanto para o pai como para a mãe, é do primeiro ao quinto ano do fundamental (55,5% e 44,4%, respectivamente). Ou seja, a escolarização dos pais dos educadores tende a ser baixa. Apenas uma professora declara que seu pai possui ensino superior incompleto.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Enquanto que 22,2% dos pais e 33,3% das mães têm o ensino médio integralizado. Nota-se, com base na análise dos questionários, que a maior parte da trajetória de escolarização dos educadores se dá na escola pública. 66,7% fizeram o fundamental na rede pública e 33,3% na rede privada. Enquanto que 77,8% cursaram o ensino médio na escola pública e 22,2% na privada. Durante esse período uma parte mais significativa não precisou trabalhar: 66,7% não trabalhou e 33,3% trabalhou. 55,6% dos professores que responderam o questionário começaram a trabalhar após os 18 anos. Apenas uma professora declara ter começado a trabalhar antes dos 14 anos. Do ponto de vista de seu exercício profissional, 88,7% declara trabalhar na rede pública de ensino e apenas 11,1% em ambas as redes. O tempo de docência varia entre: 5 a 15 anos 66,7%; mais de 15 anos 33,3%. Enquanto que a atuação específica na EJA varia de 5 a 15 anos para 66,7% dos sujeitos da pesquisa e 1 a 5 anos para 33,3%. Ou seja, a atuação profissional docente tende a ser mais estendida do que a vivência na EJA. Quanto à jornada de trabalho, o quantitativo de tempo se distribui da seguinte forma: 44,4% trabalham de 11 a 20h; 33,3% de 21 a 30h; 11,1% de 21 a 40h e 11,1% trabalha mais de 40 horas. A renda mensal da maior parte dos docentes transita entre um a três salários mínimos (77,8%). Apenas uma docente declara ter renda entre três a seis salários mínimos e outra entre seis a nove. Todos declaram ter acesso à internet e utilizarem a rede para estudo 33,3%; acesso à informação do cotidiano 33,3% e acesso a bens culturais 33,3%.

Essa primeira aproximação aos percursos de formação dos educadores da EJA e ao universo social e econômico confirmam a lacuna de formação específica para EJA indicada por referências do campo (VENTURA, 2012). Indicam a docência na EJA como eminentemente feminina e branca. Os educadores da modalidade são provenientes, em sua maioria, de uma classe média baixa, cujos pais apresentam baixa escolaridade, e que investiram na educação básica de seus filhos na rede pública de ensino. Todavia, diferente de seus responsáveis, os professores tiveram a chance de investir em sua formação inicial e continuada. A jornada de trabalho é significativa, mas não extenuante, e garante uma remuneração baixa, especialmente se considerarmos que

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

a maior parta das educadoras declara ter um filho. Nossa expectativa é ampliar a quantidade de questionários aplicados e investir na análise qualitativa das questões abertas e das entrevistas. Entendemos, ao lado de Arroyo (2014), que em todo processo de ensinar-aprender entram mestres e alunos com toda sua condição humana - culturas, valores, medos, traumas, vivências, esperanças, emoções. Considerar essas dimensões como centrais na produção curricular na EJA significa um avanço radical nas formas de pensar as escritas que se dão no cotidiano da modalidade.

Referências Bibliográficas:

ARROYO, M. G. *Currículo, território em disputa*. Editora Vozes Limitada, 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2018.

SACRISTÁN, G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Penso, 2017.

VENTURA, J. A formação inicial de professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores. In: ARAÚJO, J.; VALDEZ, Gr. (Org.). *PROEJA: refletindo o cotidiano*. 1ed. Campos dos Goytacazes/RJ: Essentia Editora, 2012, v. 1, p. 187-212.

PERCEPÇÕES DOS LICENCIANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA SOBRE AS POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO TRABALHO PEDAGÓGICO NO PROJETO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA FTESM

Bárbara de Britto Terra Nova Gonçalves
Professora da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques – FTESM
Professora do Município do Rio de Janeiro - SMERJ

Viviane da Costa BASTOS
Professora da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques - FTESM
Professora do Município do Rio de Janeiro - SMERJ

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Formação Docente. Relação Ensino-Pesquisa-Extensão.

Introdução

O presente artigo, que se insere como produto do Núcleo de Estudos Pedagógicos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLSM), tem por objetivo apresentar o relato de experiências vivenciadas por docentes e discentes que conduziram a prática desencadeada ao longo do período compreendido entre os meses de março a dezembro de 2018, no Projeto Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Fundação Técnico Educacional Souza Marques (FTESM), localizada no bairro de Cascadura, na cidade do Rio de Janeiro, sob a coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Fundação. Bem como apresentar as percepções dos licenciandos/monitores do Curso de Pedagogia sobre o processo vivenciado por eles. Estas percepções são apresentadas ao longo do texto, como evidências da experiência aqui apresentada. Metodologia O trabalho tem caráter qualitativo e foi desenvolvido a partir da análise de relatórios mensais produzidos pelos licenciandos que atuaram como monitores no projeto. No processo de análise, foram consideradas as seguintes categorias: planejamento educacional; relação entre teoria e prática; e metodologias didáticas para a EJA. Análise dos resultados

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Metodologia

O trabalho tem caráter qualitativo e foi desenvolvido a partir da análise de relatórios mensais produzidos pelos licenciandos que atuaram como monitores no projeto. No processo de análise, foram consideradas as seguintes categorias: planejamento educacional; relação entre teoria e prática; e metodologias didáticas para a EJA.

Análise dos resultados

Os dados encontrados permitiram compreender que os licenciandos do curso de Pedagogia construíram uma percepção sobre a prática pedagógica na EJA como envolta em responsabilidade social e política. As experiências vivenciadas no cotidiano escolar, por todos que integraram o projeto, permitiram a compreensão da realidade e linguagem dos educandos jovens e adultos, resultando na construção de um plano de trabalho coeso, sobre o qual se refletia constantemente, e que produziu aprendizagens significativas para todos.

Considerações finais

O relato de experiência aqui apresentado buscou trazer a público a trajetória do Projeto EJA da FTESM, no último ano letivo por professores, licenciandos e alunos, enquanto uma prática pedagógica envolta em responsabilidade social e política e que possibilitou, tanto aos licenciandos do Curso de Pedagogia, quanto aos professores a compreensão da historicidade de vida dos alunos da EJA como fator primordial para o sucesso das práticas pedagógicas desencadeadas. As experiências vivenciadas no cotidiano escolar, por todos que integram o Projeto, permitiram a compreensão da realidade e linguagem dos educandos adultos, possibilitando a construção de um plano de trabalho coeso, sobre o qual se refletia constantemente, e que produziu aprendizagens mais significativas para todos.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

ALMEIDA, Adriana; CORSO, Angela M. A Educação de Jovens e Adultos: aspectos históricos e sociais. XII Congresso Nacional de Educação. EDUCERE. *Anais...* Curitiba, PUCPR, 2015, (p.1283-1299).

ARROYO, Miguel. Formar educadores e educadoras de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio (org.). *Formação de educadores de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo. Alfabetização de jovens e adultos. Qual autoestima? *Revista Brasileira de Educação* v. 20 n.60. p.143-165, jan/mar. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n60/1413-2478-rbedu-20-60-0143.pdf> Acesso em: 02 nov 2018.

BARRETO, J. C. *Educação na visão de Paulo Freire*. São Paulo: Vereda - Centro de Estudos em Educação, 1986.

BRASIL, Lei Nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Presidência da República.

BRASIL, Lei nº 13005 de 25 de junho de 2014. *Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências*. Presidência da República.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

OS ESTUDOS SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UM CURSO DE PEDAGOGIA: CONSIDERAÇÕES DE EGRESSOS

Jaqueline Luzia da Silva
Faculdade de Educação - UERJ
Ariene Maciel Melo
Faculdade de Educação - UERJ
Cristine de Souza Castro do Nascimento
Faculdade de Educação - UERJ
Janahina de Oliveira Batista
Faculdade de Educação - UERJ

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Ensino Superior. Formação de professores.

Introdução

A presente pesquisa nasceu de um trabalho na monitoria de turmas da disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA) oferecida para o curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Faculdade de Educação/UERJ – Maracanã). Foi realizado, primeiramente, um estudo introdutório sobre a formação de educadores para a EJA (SILVA, BATISTA e LEITE, 2019). Neste estudo, investigou-se a importância da formação inicial de profissionais para atuarem na EJA, buscando-se analisar a prática da disciplina, as principais discussões e as aprendizagens construídas pelos estudantes. Embora este trabalho inicial já tivesse ouvido alguns estudantes da Pedagogia da UERJ sobre a Educação de Jovens e Adultos, julgou-se necessário ouvir também os estudantes egressos do curso.

Por isso, foi realizada uma pesquisa acadêmica com alunas e alunos formados pela UERJ cujo objetivo foi investigar/avaliar a contribuição das disciplinas e estudos na área da Educação de Jovens e Adultos para a formação de pedagogas e pedagogos.

O referencial teórico do trabalho baseia-se, além da pesquisa já citada, nos estudos de autores como Freire (1996); Oliveira, Fraga e Vieira (2016); Paiva e Fernandes (2016) e Santos, Freitas e Cavalcante (2016).

Metodologia

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

No estudo introdutório, foi realizada uma investigação com estudantes matriculados na disciplina obrigatória de Educação de Jovens e Adultos, em sala de aula, no segundo semestre de 2017, sobre as impressões dos mesmos acerca da disciplina, da didática proposta e uma autoavaliação.

Neste segundo momento do estudo, a metodologia baseou-se na aplicação de um questionário, enviado via e-mail para ex-alunas e ex-alunos do curso de Pedagogia. O questionário, composto por 20 perguntas, abrangendo, na primeira parte uma investigação sobre o perfil dos entrevistados (faixa etária, identidade de gênero, identidade étnico-racial, anos de ingresso e conclusão do curso de Pedagogia, turno das aulas etc.). Já na segunda parte, foram investigadas questões sobre a formação voltada para a Educação de Jovens e Adultos no curso de Pedagogia, como por exemplo, disciplinas cursadas (obrigatórias e eletivas); atividades relacionadas à EJA durante o período da graduação; se está trabalhando na área; se participa atualmente de alguma atividade de formação continuada e se há interesse em atuar na área. Além disso, o questionário solicitou a opinião dos egressos sobre a preparação para a atuação na EJA, a importância da EJA na sociedade atual e a contribuição de Paulo Freire e sua pedagogia para a prática pedagógica. Foram enviadas 532 solicitações de resposta ao questionário, no mês de fevereiro de 2019, das quais 43 pessoas deram retorno, entre fevereiro e março.

Análise dos resultados

A amostra de sujeitos da pesquisa constituiu-se por alunas e alunos egressos do curso de Pedagogia, que ingressaram entre os anos de 2008 e 2014 e que concluíram a graduação entre os anos de 2013 e 2019. Dos 43 respondentes, 36 estão na faixa etária de 21 a 30 anos de idade, assim, a amostra pesquisada compõe-se de jovens. Destes 43, 37 se declararam do sexo feminino, quatro do sexo masculino e dois se declararam heterossexuais. Deste público, 17 se declararam brancos, 14 se declararam negros, 10 disseram ser pardos, uma morena e um não respondeu. A maioria estudou nos dois turnos oferecidos (manhã e noite – 21 alunos), seguidos pelos alunos que cursaram pela manhã (19 alunos) e à noite (3 alunos).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

As disciplinas obrigatórias da área da EJA cursadas pelos participantes da pesquisa são Educação de Jovens e Adultos, Educação Continuada e as perspectivas em Redes de Conhecimento, Abordagens Pedagógicas na EJA e Trabalho e Educação. Com relação às disciplinas eletivas da área de EJA, somente seis foram citadas (cursadas) e 20 sujeitos responderam que não cursaram nenhuma disciplina eletiva da área durante a graduação.

Acerca da influência da formação para o trabalho na área, 38 respondentes avaliaram que a formação fornece parcialmente base para a atuação. Este fato deve-se à compreensão de que o curso é mais teórico do que prático, não garantindo – na opinião destes – embasamento para o trabalho após a formação. Dos pesquisados, apenas duas pessoas disseram que atuam na área da EJA, embora 27 sujeitos tenham afirmado que possuem interesse em atuar na área da Educação de Jovens e Adultos. Todos os pesquisados afirmaram a relevância de Paulo Freire, de seus estudos e de sua pedagogia para a área da EJA e da educação de uma maneira geral.

Considerações Finais

A investigação/avaliação da contribuição das disciplinas e estudos na área da Educação de Jovens e Adultos para a formação de pedagogas e pedagogos concluiu que a base teórica do curso de Pedagogia é satisfatória para o trabalho, contudo não apenas deixa a desejar na vertente prática (visto que não há estágio obrigatório na EJA), como o curso, de uma maneira geral, é mais voltado para a formação para o trabalho com crianças e não com jovens e adultos. Além disso, embora a Faculdade de Educação ofereça dez disciplinas eletivas na área de EJA, cerca de metade dos sujeitos não cursou nenhuma eletiva na área, o que nos leva a inferir que pode não haver um incentivo para esta formação, como, por exemplo, o oferecimento destas em horário concomitante ao das disciplinas obrigatórias.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

OLIVEIRA, Edna Castro de; FRAGA, Elizangela Ribeiro; VIEIRA, Tatiana de Santana. EJA, movimentos sociais e formação inicial de educadores na universidade. *Revisa Teias*, v. 17. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

PAIVA, Jane; FERNANDES, Fátima Lobato. Da concepção à prática de formação inicial: a EJA no currículo de pedagogia. *Revisa Teias*, v. 17. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

SANTOS, Adriana Cavalcanti dos; FREITAS, Marinaide Lima Q.; CAVALCANTE, Valéria Campos. Formação inicial e continuada do professor da EJA: práticas e saberes gerados entre universidade-escola. *Revisa Teias*, v. 17. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

SILVA, Jaqueline Luzia da.; BATISTA, Janahina de Oliveira.; LEITE, Jussara Soares Campos. Formação inicial de educadores para a EJA: contribuições em um curso de Pedagogia. In: COSTA, Alvaro Daniel (Org.). *Cultura, cidadania e políticas públicas*. 2. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

PROEMJA - PROJETO DE ENSINO MÉDIO DE JOVENS E ADULTOS

Rosane Cassia Santos e Campos
UFMG

Palavras-chave: Formação de Professores. Projeto de Extensão. Licenciaturas UFMG.

Introdução

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desenvolve, com recursos da Pró-Reitoria de Extensão (bolsas de extensão para monitores-professores) e de outras instituições de fomento, o Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos. Esse programa, solidificado no interior da Universidade, legitima e subsidia estudos e pesquisas na produção de conhecimentos para as diferentes ações necessárias nessa área. A partir de 2017, o Centro pedagógico da UFMG começou a oferecer o PROEMJA (Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos), investindo na construção de uma base sólida para a implantação de um currículo interdisciplinar. Esse tipo de trabalho exige capacidades e habilidades que são desenvolvidas durante o fazer, e este é um "fazer" contínuo que promove descobertas de possibilidades de construção em grupo, permitindo que as diferentes experiências e vivências resultem em produtos, saberes, conhecimento de maior interesse e sentido para educandos/as e professores/as em formação. O PROEMJA propõe dar continuidade à construção de um trabalho interativo, que tem o seu início no PROEF-1, passa pelo PROEF-2, seguindo uma proposta pedagógica calcada na concepção de que o estudante é o sujeito do processo educativo. Nessa perspectiva, os conhecimentos e experiências que o estudante traz, suas condições de aprendizagem, seus interesses, suas necessidades constituem ponto de partida para o estabelecimento do diálogo no cotidiano do espaço de ensino e aprendizagem. Utilizando os conhecimentos dos estudantes, adquiridos em suas vivências dentro e fora da escola, e, em diferentes situações de vida, temos desenvolvido uma prática conectada com situações singulares, visando conduzi-los, progressivamente, a situações de aprendizagem que exigem reflexões cada vez mais complexas e diferenciadas para a construção de respostas, (re-)elaboração de

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

concepções, e construção do conhecimento, numa dialética que favorece o crescimento tanto do estudante, quanto do/da monitor/a-professor/a, que busca o projeto como uma forma de atuação profissional que visa também à atuação dos estudantes da graduação, docentes em formação.

Metodologia

O caráter metodológico do trabalho consubstancia-se nos níveis de Extensão, Ensino e Pesquisa, direcionando para a realização de trabalhos interdisciplinares. Há duas frentes de atuação: entre os coordenadores de Equipe, de Área e os monitores (estudantes em formação dos cursos de licenciatura e da graduação da UFMG) e a formação dos educandos, jovens e adultos (estudantes do PROEMJA). No que se refere à primeira atuação, os Coordenadores atuam como orientadores e parceiros nas atividades a serem desenvolvidas pelos monitores, objetivando a formação docente. São realizadas, semanalmente, reuniões de estudos que servem de ferramentas para implementar, efetivamente, o trabalho interdisciplinar, enfocando a formação integral dos sujeitos. No que se refere à segunda atuação – a relação entre monitores e os educandos do PROEMJA – os diferentes ambientes de aprendizagem são utilizados da forma mais interdisciplinar possível. As atividades programadas são formuladas e discutidas em conjunto com os monitores e coordenadores de todas as disciplinas que compõem as grandes áreas, determinadas pelas diretrizes apontadas pelo Ministério da Educação: A) Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; B) Ciências da Natureza; C) Matemática; D) Ciências Humanas. Nessa perspectiva, o Ensino Médio, segundo a orientação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, regulamentada em 1998, pelas Diretrizes do Conselho Nacional de Educação e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, deixa de ser apenas preparatório para o ensino superior ou estritamente profissionalizante, para assumir a responsabilidade de completar a educação básica. Em qualquer de suas modalidades, isso significa preparar para a vida, qualificar para a cidadania e capacitar para o aprendizado permanente, seja no eventual prosseguimento dos estudos, seja no mundo do trabalho. As transformações

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

de caráter econômico, social ou cultural que levaram à modificação da Escola, no Brasil e no mundo, não tornaram o conhecimento humano menos disciplinar em qualquer das quatro áreas em que o novo Ensino Médio foi organizado. Contribuindo com essa articulação entre os saberes, o PROEMJA apresenta uma interface de destaque na atuação Pedagógica: os professores orientam os monitores do curso de Pedagogia para que possam atuar de forma efetiva no desenvolvimento de trabalhos teóricos e práticos nas turmas de jovens e adultos. Desde o ano de 2017, os bolsistas, estudantes de Pedagogia, têm participado do planejamento das atividades a serem desenvolvidas a cada semana do Ensino Médio, assim como das reuniões de estudo com os monitores.

Análise dos resultados

Aula inaugural - A aula inaugural é o primeiro evento formal do PROEMJA. É o momento em que se iniciam os trabalhos na EJA. EA aula inaugural tem a participação de coordenações, de estudantes e monitores-professores, e dá início aos trabalhos do ano letivo.

Festa Julina - Anualmente, acontece, no Centro Pedagógico (CP/UFMG), a Festa Julina da EJA/UFMG. Essas festas reúnem os Projetos de Educação de Jovens e Adultos da UFMG que compõem o Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG. Trata-se de uma festa tradicional da EJA/UFMG, que acontece desde o início do funcionamento do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos 2º Segmento (PROEF-2), no CP/UFMG, em 1986, da qual professores da UFMG, coordenadores dos Projetos, seus Bolsistas e educandos participam desde a sua organização até sua realização. Os educandos da EJA/CP, além de ensaiarem, sistematicamente, durante o mês de junho, para participarem das danças coordenadas pelos Bolsistas de Educação Física, participaram, juntamente com seus professores-bolsistas, de oficinas oferecidas para a festa, a partir de estudos e pesquisas sobre os temas. Há reuniões em um coletivo de estudante, professores e monitores-professores

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

em que se decide desde o nome da festa até que oficinas e atividades serão desenvolvidas.

Considerações Finais

Para que o educando de EJA de nosso Projeto conclua o Ensino Médio no PROEMJA, estão sendo previstos três anos, com aulas de segunda a sexta-feira, com carga horária de 3h/dia, de março à primeira semana de julho; de agosto à primeira semana de dezembro de cada ano. com suas últimas turmas de 3o ano.

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988. Brasília: Senado Federal, 2009.

FREIRE, P. *Conscientização teoria e prática de libertação*. São Paulo. Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. Em três artigos que se complementam. 51. Ed. São Paulo, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 35. Ed. São Paulo: Paz e terra, 1986.

FORTALECENDO A EJA ATRAVÉS DA CULTURA CORPORAL: PROJETOS DE EXTENSÃO E DE PESQUISA ATUANDO EM CONJUNTO

Lara Holmes de Rezende Serrano

Graduanda (IEF/UFF)

Elisa Assumpção Solinho (IEF/UFF)

Graduanda (IEF/UFF)

Profª Drª Rosa Malena Carvalho (IEF/UFF)

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Cultura Corporal. Educação Física.

Introdução

A legislação Brasileira possui vários instrumentos legais que fundamentam e institucionalizam a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma modalidade de educação básica (BRASIL, 2000). Partindo da ideia de que a educação é um direito de todos, torna-se necessário promover a melhoria nos processos de ensino, em especial a de Jovens e Adultos. A história da EJA não é apenas resultados de exclusão, mas também se reflete no que esse direito é bem defasado durante a infância e no tempo escolar.

Entende -se que existe a necessidade de se trazer uma relação entre aquilo que está estabelecido, com aquilo que algumas instituições de ensino superior vêm articulando em seus currículos, resultando em suas práticas pedagógicas. A Universidade Federal Fluminense (UFF) promove em seu curso de Educação Física, os projetos de extensão chamados "Corporeidades, Práticas Corporais e Educação de Jovens e Adultos" e "CirandEJA" e; a pesquisa "Aproximando a Educação Física Escolar da Educação de Jovens e Adultos (EJA)" – os quais trabalham de forma completamente não hegemônica as relações que existem dentro das instituições de ensino que possuem a EJA como modalidade de ensino, e a forma que o ensino superior pode servir para melhorar quando se pensa essa educação.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Metodologia

Temos como principal foco colaborar com o aprimoramento do sentido social e a função pública do projeto pedagógico de formação de professores(as) para educação física, realizado pelo IEF/UFF e; potencializar a produção de práticas pedagógicas que problematizam a cultura corporal hegemônica (COLETIVO DE AUTORES, 2014). Para isso, buscamos entender como a Educação Física atua nessa modalidade, através de referências bibliográficas, debates com os professores que são cursistas, visitas que realizadas pela pesquisa e a partir disso, compreender de fato algumas questões que circulam tal tema.

Para isso, resolvemos dialogar com escolas do município de Niterói para entender como esses professores atuam na EJA; quais são suas maiores dificuldades e desafios; como relacionam o corpo nas orientações curriculares; como a Educação Física faz parte da matriz curricular e quais parcerias essa pesquisa poderia iniciar com a rede pública Municipal de Educação, promovendo aproximação entre a Educação Básica e o Instituto de Educação Física da UFF.

Análise dos resultados

Visitamos uma escola municipal, na qual o professor tem interesse de trabalhar de uma forma melhor com relação a corporeidade, ele sente uma necessidade de capacitação, por não ter tido uma formação adequada para essa modalidade; encontrou dificuldades em agregar todos nas atividades práticas por terem idades distintas; busca fazer atividades culturais fora da escola, principalmente ao teatro e conseguir debater com os alunos algumas questões corporais; trabalha na maioria de suas aulas com temas relacionados à saúde pelo próprio interesse dos alunos.

Esses dados exemplificam a necessidade de aproximar o curso de extensão da pesquisa, pois nos é fundamental saber o que professores atuantes enfrentam no cotidiano e buscar, em conjunto uma capacitação, ou seja, uma formação continuada. Os resultados desse estudo poderão não beneficiar diretamente aos colaboradores

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

e/ou pesquisadores, mas poderão no futuro contribuir para a elaboração de estratégias e propostas em que a formação de professores, inicial e continuada, considere a dinâmica, as dificuldades, interesses e realizações dos docentes inseridos nas escolas públicas, especialmente na Modalidade EJA.

Considerações Finais

A partir dessas ideias, é possível refletir que não se pode compreender essa modalidade de ensino como uma segunda chance, ou uma consolação para esses sujeitos, mas é um direito de todos, e que deve ser exercido.

O Coletivo de Autores (2014, p. 62) abordou o conceito a partir da lógica Materialista-Histórico-Dialética, afirmando que “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade /objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade”. É através dessa ideia, entendendo qual o papel da Educação Física nesse processo de aprendizagem, que buscamos compreender esse corpo socialmente construído e como esses professores lidam em suas aulas essas questões.

Para a formação inicial das graduandas, essa experiência pode ajudar na iniciação à docência, pois através dela conseguimos discutir, avaliar, propor, identificar como a prática pedagógica Educação Física vem se constituindo na Modalidade Educação de Jovens e Adultos. Portanto, a participação nas discussões no Grupo de Pesquisa ELAC (Educação Física Escolar, Experiências Lúdicas e Artísticas, Corporeidades), articulado à vivência do projeto de pesquisa “Aproximando a Educação Física Escolar da Educação de Jovens e Adultos (EJA)” e os Projetos de Extensão “CirandEJA” e “Corporeidades, Práticas Corporais e Educação de Jovens e Adultos” proporciona suprir as frestas que nossa formação como docente apresenta, tendo em vista a carência que as graduações de licenciatura apresentam em relação ao ensino da modalidade Educação de Jovens e Adultos.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei Federal nº 9.394, de 20 de novembro de 1996.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA*. Brasília: CNE/CEB, resolução nº 1 de 2000.

CARVALHO, R. M. A cultura corporal como concepção que organiza a educação física e caracteriza o escolar. *Teias* v. 18, n. 49, 2017.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor, 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2014.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. Porto Alegre, *Revista Movimento*. ano II, n. 2 p. 24-28. 1995.

FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DO PEJA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO: ANÁLISE FACE AS METAS 15 E 16 DO PNE (2014-2018)

Carla da Mota Souza
Universidade Federal Fluminense - UFF

Palavras-chave: Formação Continuada. PEJA. PNE.

Introdução

Artigo baseado em tese realizada no município do RJ, no período de 2014-2018. Objetivou correlacionar os resultados encontrados perante a política atual de formação continuada dos docentes do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja), fomentadas pela Gerência de Educação de Jovens e Adultos (Geja), face as Metas 15 e 16 do Plano Nacional de Educação (PNE- 2014/2024).

A formação e valorização dos professores têm se configurado como proposta central para que ocorra um salto qualitativo na educação em todo país. Embora haja consenso desta concepção, muito ainda precisa ser feito e quando se analisa a área da Educação de jovens e Adultos (EJA), o descompasso é mais marcante. Pesquisa elaborada por Soares (2008), aponta que:

[...] até o ano de 2006, antes da homologação das Novas Diretrizes Curriculares, havia no Brasil, segundo dados do Inep, 27 cursos de pedagogia com habilitação em educação de jovens e adultos, de um universo de 1.698 cursos existentes, distribuídos em três das cinco regiões geográficas do País (SOARES, 2008, p. 65).

Esse quadro vem mudando, mas o despreparo ainda é acentuado nas salas de aulas dos vários municípios brasileiros. Pesquisas recentes na área apontam: “[...] em sua prática as marcas da precarização e, embora a despeito da sua criatividade e compromisso, têm sua docência constituída na improvisação e no aligeiramento”, Capucho (2012), Laffin e Gaya (2013), entre outros.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Então, o objetivo geral foi: trazer às análises da pesquisa de referência, sobre as políticas educacionais de formação continuada dos professores (Peja), do macro campo da SME- RJ, fomentadas pelos agentes da Gerência de Educação de Jovens e Adultos (Geja), correlacionando as Metas 15 e 16 do PNE, no período entre 2014-2018. O PNE 2014-2024, resultante da Lei nº 13.005/2014, foi escolhido como suporte documental: Metas 15 e 16, perante as ações da Geja, na condição de executora de tais políticas. A pesquisa é relevante, pois alimenta discussões no contexto educacional brasileiro sobre a EJA e se estabelece como um marco na área do município do RJ.

Metodologia

Campo da Pesquisa: O município do Rio de Janeiro (composto por 11 CREs, onde se contabiliza 133 escolas com a modalidade da EJA). *Agentes da Pesquisa:* 14 professores no total . Onze professores Acompanhantes de Peja (um por CRE) e mais outros três integrantes da Geja: um gerente e dois adjuntos. *Procedimentos da Pesquisa:* entrevistas semiestruturadas com os agentes da pesquisa (Survey com 22 questões, obedecendo a escala Linkert de 7 pontos); Análise de vários documentos sobre o assunto, sendo o principal, o PNE- Metas 15 e 16.

A Pesquisa seguiu o viés qualitativo porque o conhecimento é uma construção coletiva, partindo da realidade dos sujeitos, mediados por processos de reflexão (dialética) e desvelamento da realidade. Minayo (2001). Análise de conteúdo: Bardin (2006). *O referencial teórico:* Bourdieu, especificamente nos conceitos de agentes, hábitos, campo, capital cultural e violência simbólica.

Análise dos resultados

A tabela 1 abaixo sintetiza os resultados da formação dos professores do Peja no município Rio de Janeiro.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Tabela 1 - **Formação dos professores do PEJA**

Doutorado	6
Médio especializado	83
Mestrado	75
Pós-doutorado	1
Pós-graduação	160
Superior	790
Superior incompleto	19
Total Geral	1.134

Fonte: SME RJ -outubro de 2017

Os dados apontam para a necessidade de investir na formação continuada dos docentes do Peja do município, para que sejam atendidos as Metas 15 (atrasada) e 16.

Considerações Finais

Embora a Geja/SME/RJ fomente políticas voltadas à formação continuada e valorização dos professores do Peja, muito precisa fazer, pois dos 1.134 professores, 102 ou 9% deles não possuem o nível superior completo, exigido pela Meta 15. A Meta 16, que prevê formação de 50% dos professores, em nível de pós-graduação até o final da vigência do Plano, em 2024, é possível ser cumprida, embora difícil, pois 242 professores, correspondendo apenas a 21,35%, possuem formação desejada.

Referências

Bardin, L. *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977). 2006.

BOURDIEU, P. (A) *Economia das trocas simbólicas*. 5. ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014-2024. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014a. CAPUCHO, V. *Educação de jovens e adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2012.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

LAFFIN, M. H. L. F; GAYA, S. M.. Pesquisas e estudos sobre a formação inicial docente no campo da Educação de Jovens e Adultos. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, 01 Maio 2013, v.1(1), p.177-206.

MINAYO, M.C.S. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001 p.74.

SOARES, L. Avanços e desafios na formação do educador de jovens e adultos. In: MACHADO, Maria Margarida (Org.). *Formação de educadores de jovens e adultos*. Brasília: Secad/MEC, Unesco, 2008. p.65, 193.

A FORMAÇÃO DE FORMADORES DO PROEJA-FIC NILÓPOLIS E SEU LEGADO PARA DOCENTES DA REDE MUNICIPAL

Cláudia Araujo dos Santos Bayerl
SEEDUC/RJ e SEMED/Nilópolis

Palavras-chave: PROEJA FIC. EJA Nilópolis. Formação de Formadores.

Introdução

Apresentamos resultados de pesquisa sobre a experiência do PROEJA FIC na rede municipal de Nilópolis, no que tange à formação dos formadores e seu legado para docentes participantes da formação. O estudo evoluiu a partir da análise de documentação e da literatura referente ao PROEJA FIC e à formação docente para a EJA e para o PROEJA; além de entrevistas semiestruturadas. As falas apontam uma importante experiência de aprendizado coletivo oportunizando mudança de olhar para os sujeitos da EJA.

Metodologia

O estudo constitui uma pesquisa qualitativa cuja análise buscou privilegiar a perspectiva dialética. Entendemos, tal como Chizzotti, que essa vertente de análise “Valoriza a contradição dinâmica do fato observado e a atividade criadora do sujeito que observa, as oposições contraditórias entre o todo e a parte e os vínculos do saber e do agir com a vida social dos homens” (CHIZZOTTI, 2003, p. 80).

A pesquisa se desenvolveu a partir da análise de documentação referente ao PROEJA FIC e da literatura pertinente aos desafios da formação docente para a EJA e para o PROEJA; além de entrevistas semiestruturadas realizadas com três docentes que participaram da formação de formadores oferecida por ocasião da abertura de turmas do PROEJA FIC em Nilópolis (2010 – 2013) e que continuaram atuando na rede após a conclusão do Programa.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Nas entrevistas semiestruturadas indagamos sobre os sentidos do curso e da proposta de formação, da integração curricular e da prática pedagógica nas turmas do PROEJA FIC.

Análise dos resultados

Em Nilópolis, a experiência do PROEJA FIC começou em 2010, com duas turmas acomodadas em duas unidades escolares, oferecendo os cursos de Estética e Reparos Prediais (manutenção). Para a implantação do Programa, foram selecionados nove professores para lecionar as disciplinas propedêuticas do currículo das turmas do PROEJA FIC. Apenas quatro deles permaneceram atuando na EJA da rede municipal após a conclusão do Programa. Na impossibilidade de contatar os quatro docentes, entrevistamos três desses profissionais.

A formação de formadores também foi iniciada em 2010 e era realizada através de encontros semanais entre docentes, profissionais atuantes nas disciplinas de qualificação profissional e professores/palestrantes/oficineiros enviados pelo IFRJ.

Os relatos dos entrevistados revelam uma relação de cumplicidade à proposta do Programa. A professora de artes destacou a qualidade das oficinas vivenciadas, no que tange à adequação da metodologia de trabalho aos sujeitos da EJA.

A professora de história destacou o enfrentamento ao desafio de desconstruir conceitos pré-estabelecidos de modo a possibilitar a criação de novas propostas coletivas de trabalho.

O professor de matemática ressaltou a importância da troca de vivências entre docentes e, no caso da formação de formadores do PROEJA FIC Nilópolis, a possibilidade de pesquisar práticas pedagógicas no próprio processo de construção do currículo para as turmas do PROEJA FIC.

Apesar de salientarem a dificuldade de construção de propostas curriculares integradas, o modelo de currículo temático ficou como legado importante para professora de história, que afirma continuar trabalhando em tal perspectiva.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Considerações Finais

A construção de práticas pedagógicas que almejem interromper o ciclo de exclusão escolar da classe trabalhadora é um desafio diário para quem integra a escola pública de educação de jovens e adultos.

Entendemos que o PROEJA/FIC buscou seguir este caminho tendo em vista que toma como referência a formação integral embasada na formação para atuar no mundo do trabalho (EPT - Educação Profissional e Tecnológica); no modo próprio de ser e fazer da EJA; e na formação para o exercício da cidadania (Educação Básica) (BRASIL, 2007a, p. 27), não abrindo mão da articulação entre a formação profissional e a elevação da escolaridade do trabalhador.

A experiência com as turmas do PROEJA FIC marcou as falas docentes como algo recompensador. Puderam acompanhar histórias em que a escola, via PROEJA FIC, possibilitou de fato a formação inicial e continuada. O estímulo dos alunos e a baixa evasão são constatados pelos docentes, apesar da precariedade da estrutura disponibilizada para as disciplinas voltadas para a qualificação profissional.

Levando-se em consideração a riqueza da experiência da formação de formadores relatada nas falas dos professores, há que se indagar que o legado pudesse ter sido ampliado para toda a rede tanto na forma de ganhos materiais, como a implementação do laboratório, quanto na disseminação da experiência da formação de formadores para os demais professores atuantes na EJA da rede municipal.

A despeito dos reveses que interferiram negativamente na experiência municipal do Programa, as falas revelam uma proposta de formação que a princípio dá conta das antigas bandeiras no que tange a formação continuada de professores, quais sejam: a remuneração do tempo de estudos, a regularidade e organicidade do processo formativo, além da possibilidade efetiva de participação do professorado no processo de elaboração, como sujeitos pensantes de sua própria formação.

Quando indagados sobre a operacionalização de algo proposto pelo Programa e/ou pela formação de formadores com outras turmas da EJA, as respostas são

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

enfáticas e registram a mudança de olhar para os sujeitos da EJA. O contexto de vida dos estudantes jovens e adultos passa a ser alcançado pelos docentes.

Referências

BRASIL. PROEJA – *Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos*. Formação Inicial e Continuada/Ensino Fundamental. Documento Base. Brasília: MEC, agosto 2007a.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

FORMAÇÃO DOCENTE: IDENTIDADE E PERCURSOS FORMATIVOS

Erika Cordulino Fernandes
CESPEB-UFRJ

Palavras-chave: Formação continuada. Identidade Docente. Tessituras do Cotidiano Docente.

Introdução

A motivação desta pesquisa surgiu devido a experiência vivida no lugar de professora da Educação de Jovens e Adultos. Desta forma, por não ter vivenciado formação inicial em Eja, trarei uma reflexão acerca da minha trajetória docente, destacando os percursos formativos, as dificuldades e potencialidades que encontrei na Eja. Formada na perspectiva de trabalhar com crianças e adolescentes não sabia como desenvolver meu fazer pedagógico com sujeitos jovens, adultos e idosos, logo algumas perguntas ressoavam minha reflexão enquanto docente: Como trabalhar com um grupo tão heterogêneo (idade, saberes, experiências de vida/profissionais)? Como organizar os conteúdos de modo a contemplar as necessidades/especificidades do grupo visando o pleno desenvolvimento dos sujeitos?

Foi necessário empenhar esforços para desenhar um plano de identidade docente que contemplasse o preenchimento das lacunas que eu detinha em minha formação, e isso foi feito em lócus, junto aos colegas que já estavam em contato com a modalidade.

A empatia entre os professores foi fundamental para desenvolver de um fazer pedagógico que atendesse as demandas dos alunos da Eja.

Metodologia

Foi realizado, através de pesquisa com questionário, em Escola Exclusiva de Eja, contando com um universo de 18 professores, dessa maneira se pretendeu indagar a relevância, no que tange a formação inicial, continuada e capacitação em

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

serviço dos mesmos, a fim de entender as demandas e lacunas educacionais em relação a formação docente.

Análise dos resultados

Durante a pesquisa foi possível observar que dos dezoito professores que participaram da pesquisa apenas quatro obtiveram formação inicial, em Eja, durante a graduação.

Desses dezoito, seis chegaram no Eja para acomodar horário e dessa forma darem conta de suas duplas e triplas jornadas de trabalho.

Ademais relatam que ao atuar na modalidade necessitaram adequar seu modo/meios de trabalhar para atender da melhor maneira as especificidades da mesma.

Sendo assim obtivemos os seguintes dados tempo de magistério, onde 50% já estão na Eja mais de oito anos. Aos professores ressaltam ainda que as dificuldades encontradas além da não formação, coisas que também impossibilitam o pleno desenvolvimento da modalidade de ensino são: e as demandas de vida dos alunos, que devido ao trabalho estão em constantes "idas e vindas" ao cenário escolar (determinados momentos do ano há esvaziamento das turmas devido aos empregos temporários); material pedagógico que atenda as especificidades dos alunos; falta de articulação entre a Eja I e a Eja II; O grupo é muito heterogêneo e segundo Moura, os educandos da Eja, trazem marca da sociedade dividida em classes. É claramente perceptível que seus estudantes possuem significativa experiência de vida e relação com o mundo do trabalho.

Outro dado observado na pesquisa, foi o do engajamento dos professores da Eja, onde os mesmos buscam formação que possibilite melhorar e contemplar as especificidades dos alunos, quando a Secretaria de Educação disponibiliza formação buscam da melhor forma se adequar visando ampliar seus fazeres pedagógicos assim desenvolver trabalho diferenciado nutrindo laços estreitos nas tessituras do cotidiano escolar saberes junto aos alunos.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

A trajetória histórica da Eja, segundo Ventura, 2011, faz alusão a pouca importância que os governos dedicaram e dedicam a Eja que ainda não possui uma política pública efetiva e permanente para a população que não obteve acesso durante a infância e juventude.

Considerações Finais

Com o objetivo de aprofundar o conhecimento em relação as questões entre formação docente na Eja e a práticas docentes em Eja que este trabalho se faz relevante, para ilustrar que ainda estamos longe do desejável no que diz respeito a formação inicial e continuada de professores.

Sendo assim, este trabalho faz menção as questões inerentes a formação docente, inicial e continuada, no âmbito educacional em modalidade da Eja e seus avanços e retrocessos e que é no cotidiano que acontece as tessituras do ensino/aprendizagem, onde ainda é necessário que se desenvolva políticas públicas que perpetue o trabalho dos inúmeros atores(professores e educadores) que com pouco recurso vem resistindo e lutando por uma Educação de Jovens e Adultos para além da aprender a ler e escrever sistematicamente, mas que configure crescimento profissional e desenvolvimento de sujeitos críticos com construção de conhecimento visando transformação pessoal.

Referências

SERRA, Enio. MOURA, Ana Paula (Orgs.). *Educação de Jovens e Adultos em debate*. 1. ed.—Jundiaí, SP: Paco, 2017.

VENTURA, Jaqueline Pereira. A trajetória de Jovens e Adultos. In: TIRIBA, L; CIAVATTA, M (Orgs.). *Trabalho e Educação de Jovens e Adultos*. LEBER Livros e Editora UFF, 2011.

EDUCADORES DA EJA E SUA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM TORNO DO DEBATE SOBRE JUVENTUDE E MÍDIA

Fabiana Gabriel (Bolsista Iniciação Científica FAPEMIG)
Júlia Canella da Silva (Bolsista Iniciação Científica UFJF)
Kassia Maria de Souza Barros (Bolsista Treinamento Profissional UFJF)
Mariana Cassab (FACED UFJF)

Palavras-chave: Formação Continuada. Saúde Alimentar. Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Este relato socializa parte das atividades desenvolvidas no curso de formação de educadores da EJA desenvolvido pelo GRUPPEEJA-FACED/UFJF, em 2018, em parceria com a Secretaria de Educação de Juiz de Fora. Soares (2008) delimita um cenário de formação incipiente dos educadores da EJA. Isso significa que é no curso de sua ação profissional que o professor irá construir sua identidade de educador dessa modalidade. Ainda que a dimensão da formação em serviço seja imprescindível para constituição docente, é igualmente indispensável que essa se articule e produza sentidos em meio à relação dialética com a formação inicial e continuada ofertada por instâncias que não a escola. Assim, a partir do referencial teórico da teoria crítica do currículo, o curso teve como objetivo apresentar uma proposta de formação continuada centrada no tema gerador "saúde alimentar". Orientado pelo princípio educativo de valorização dos saberes dos educandos da EJA, com especial ênfase na juventude, a experiência formativa socializada nessa produção procurou provocar o debate sobre alimentação a partir das influências que peças publicitárias veiculadas nas grandes mídias televisivas e internet exercem sobre as escolhas alimentares dos jovens. A influência dessas tecnologias de comunicação é entendida como um exemplo de injustiça alimentar na medida em que induzem os jovens a consumirem produtos ultra processados nocivos à sua saúde e do meio ambiente, além de muitas vezes disseminarem visões preconceituosas em relação às juventudes. Ao lado de Arroyo

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

(2014) defendemos que os currículos escolares devem garantir aos jovens o direito de se saber. Esse movimento inclui entender como diferentes instâncias sociais, no caso a mídia, os concebem. Afinal, aprofundar a análise das formas diversas e históricas de pensar os jovens é uma maneira de buscar outros currículos para a EJA.

Em busca de práticas inovadoras da EJA: provocar e deslocar

O curso organizou-se em 16h presenciais divididas em quatro encontros e 24h à distância. Diante do limite dessa produção, aqui nos ocupamos em socializar as atividades desenvolvidas no terceiro e quarto encontros. O planejamento dos encontros foi subsidiado pelo estudo teórico de textos que abordam temas relacionados à juventude, currículo, pedagogia libertadora e mídia.

No terceiro encontro, com o objetivo de problematizar nossas concepções de juventude e compartilhar sentidos comuns, a turma foi dividida em grupos. Cada grupo produziu uma representação imagética acerca do aluno ideal e o aluno real. No debate que a prática fomentou, mediado pela contribuição teórica de Freire (2018) e a discussão sobre juventudes (CASSAB, 2012), procurou-se discutir a natureza social e histórica da noção de juventude. Nesse movimento problematizar concepções comuns acerca da juventude como um tempo de transição entre a infância e a vida adulta ou como um momento de risco que exige vigilância e controle. Também foi foco de provocação o quanto nossas idealizações acerca dos educandos condicionam as práticas curriculares e, por conseguinte, a necessidade de construir olhares, escutas e problematizações positivos acerca dos jovens concretos da EJA. Nessa linha questionamos: quem são os sujeitos jovens da EJA? Faz sentido trabalhar com a ideia de juventude ou juventudeS? No que tange a questão do currículo: em que medida práticas pedagógicas operam diante de uma concepção idealizada de aluno e jovem? Quais possíveis estratégias contribuem com a construção de práticas curriculares afinadas à existência e experiência de vida dos jovens da EJA? Ficou evidente na dinâmica o quanto predominam caracterizações negativas acerca de aluno e juventude. O desafio posto aos cursistas, portanto, foi como construir outro olhar que

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

já reconhece na presença dos jovens na EJA um ato de resistência, luta por direito e vida. Assim, para sintetizar o encontro cada cursista encarou sua imagem no celular durante um minuto e foi discutido o quanto quando falamos sobre nossas concepções de aluno e de jovens falamos sobre nós e sobre a nossa sociedade.

O quarto encontro partiu da influência que a mídia exerce sobre a produção dos hábitos alimentares das juventudes. Além da discussão sobre o consumo de alimentos ultra processados, conversamos sobre os estereótipos de juventude e padrões veiculados nos meios de comunicação, na interface com questões de classe, gênero, raça, orientação sexual, entre outros. A primeira atividade objetivou problematizar as diversas estratégias utilizadas pela mídia que induzem a escolha por determinados alimentos. A contextualização da atividade se deu pelo levantamento da história de consumo e do processo de reflexão sobre os hábitos alimentares dos educadores relacionados à publicidade. Para tal, os cursistas foram convidados a lembrar de um anúncio publicitário de alimento que viu na TV e debater algumas questões. Em seguida foram apresentadas campanhas publicitárias com o objetivo de discutir questões relativas à ética publicitária e sua normatização a partir dos preceitos e das resoluções do Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR). Também foram discutidas as marcas das estratégias de indução ao consumo mobilizadas nas peças publicitárias. No caso específico dos alimentos, campanhas publicitárias foram analisadas coletivamente a fim de problematizar algumas das categorias de técnicas persuasivas contidas em diversos comerciais de alimentos, que se utilizam de elementos visuais e apelos emocionais de produtos.

Conclusão

A experiência de criação e organização coletiva de um curso de formação para educadores da EJA se apresentou como um grande desafio. Como integrar diferentes áreas do conhecimento e diferentes linguagens? Como produzir práticas pedagógicas inovadoras sintonizadas com as expectativas e as demandas dos educadores? Como atender às especificidades dos educandos? O enfrentamento dessas questões já foi em

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

si extremante formativo. O contato com profissionais da área, bem como as discussões teóricas sobre currículo e prática na EJA, também nos proporcionou grande crescimento tanto pessoal quanto do ponto de vista acadêmico e profissional. Nesse contexto a experiência nos levou a refletir sobre nossas concepções de educação, EJA e juventude bem como perceber o importante papel do professor enquanto mediador do conhecimento, responsável pelas seleções curriculares em sala de aula e suas práticas didáticas.

Referências

ARROYO, M. G. *Currículo, território em disputa*. Editora Vozes Limitada, 2014.

CASSAB, C. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. *Locus* (UFJF), v. 17, p. 145-159, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf>.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2018.

SOARES, L. O educador de jovens e adultos e sua formação. *Educação em Revista*, n. 47, p. 83-100, jun. 2008.

ESCRITAS AUTORAIS, ESCRITAS DE LUTA: PROFESSORES- PESQUISADORES DA EJA E SUAS PRODUÇÕES DISCURSIVAS

Ana Carolina Oliveira Alves

Universidade Estadual de Campinas – Programa de Pós-Graduação em História

Henrique Dias Sobral Silva

Universidade Federal de Minas Gerais – Programa de Pós-Graduação em História

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Ensino de Métodos e Técnicas de Pesquisa. Professor-Pesquisador.

Introdução

Esta comunicação problematiza expressões da experiência docente de professores-cursistas na disciplina “Professor-Pesquisador e suas escritas” em um contexto de formação continuada para professores da EJA, no âmbito do I Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social (UFRJ). Discutiremos, com base nos trabalhos finais escritos pelos professores-cursistas, questões do cotidiano docente e propostas de solução dos desafios colocados para eles e seus alunos/as no espaço da EJA. Para tal, estabeleceremos diálogo com uma bibliografia dedicada à produção discursiva de professores e os saberes empregados nessa atividade (TARDIF, 1991; ANDRADE, 2003) atentando ainda para a construção do lugar de professor-pesquisador que se estabelece no ato da escrita reflexiva sobre seu cotidiano de trabalho (ZEICHNER, 1998).

Metodologia

Nosso encontro com esses sujeitos nasceu na disciplina online “Professor-Pesquisador e suas escritas” na qual atuamos como professores-tutores, no curso mencionado. Nessa disciplina havia uma demanda pela introdução aos métodos e técnicas de pesquisa, com a finalidade de concluir aquela etapa de formação com um artigo que conectassem questões da EJA com uma bibliografia especializada. Contudo, em nosso esforço de construção de um programa, optamos pelo acolhimento da multiplicidade de condições de escrita dos cursistas e pela aproximação - desde aquele/a recém-saído/a da graduação até aquele/a que já havia encerrado o doutorado - de suas múltiplas escritas,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

com a finalidade de debatermos ideias em iguais condições e em um ambiente de formação que pensasse a EJA e suas questões.

Com a entrega dos artigos finais, reunimos um conjunto de trabalhos que pensavam múltiplas experiências da prática docente daqueles cursistas, seja com a questão da evasão, da terminalidade, das questões de gênero e raciais, dentre outras temáticas. Para essa comunicação serão utilizados seis trabalhos finais dos professores-pesquisadores que participaram da disciplina. Nesse momento e, com base no acúmulo ao longo da disciplina, entendemos que o exercício necessário seria o de compreendermos as questões do cotidiano docente na EJA e as formas como os cursistas propunham alternativas às questões expostas. Associado a isso, consideramos que esta iniciativa de investigar os conteúdos dos artigos, para além do processo de correção e atribuição de um conceito/nota, colabora com o aprimoramento do nosso fazer docente, uma vez que, sendo jovens professores, vislumbramos essa oportunidade como uma forma de aperfeiçoamento dos nossos saberes e práticas docentes.

Análise dos resultados

Em nossas análises nos pautamos em um exercício teórico-metodológico de aproximação com a escrita desses professores-cursistas, a partir de uma (re) leitura crítica e empática de seus trabalhos, mapeando suas formas de exposição e seus encaminhamentos para problemas no cotidiano da EJA em geral e de suas escolas e/ou alunos/as em específico. Com esse exercício não queremos reiterar a expressão canônica de “*dar voz*”, ao contrário, partilhamos da perspectiva do direito à fala do professor, com isso, nossa intenção é publicizar aspectos relevantes do ponto de vista político-pedagógico para esses professores/as da EJA, de modo a colaborar com a potencialização de suas questões em espaços acadêmicos. Nosso desejo é contribuir efetivamente para o aperfeiçoamento e potencialização de suas práticas pedagógicas e dos seus modos de ser docente.

Embora na forma de um texto acadêmico, os artigos constituíram-se como possibilidades entre os saberes dos professores, os conteúdos problematizados na

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

formação continuada e suas relações interpessoais com os sujeitos da escola. Os temas mobilizados apontaram uma forte relação entre o papel do professor e a importância da comunidade escolar como saída para os desafios da modalidade. Os textos carregaram uma autoria bem marcada e os discursos não se tratam de reproduções de teses e autores, mas sim de uma relação genuína entre professores e seus espaços de atuação, numa construção que demonstra, por meio da escrita, o modo como esses docentes exercem sua condição de professores-pesquisadores.

Nesse sentido, o exercício de autoria dos professores-cursistas se apresentou como um ato de autonomia, na forma da manifestação de suas ideias, na decisão do tema e no encaminhamento da discussão, na condição de autor. Assim, tal como proposto por Paulo Freire (1996, p. 107) a autonomia desses docentes foi se construindo na medida em que fizeram opções de reflexão e escrita para a elaboração de questões do cotidiano da EJA para seus artigos.

Considerações Finais

Tomar os professores como objetos de estudo permite teorizar a natureza dos seus saberes e as reflexões imbricadas em suas práticas docentes. Apostamos na formação continuada como um espaço genuíno de escuta dos professores, a partir de suas demandas e suas formas de lidar com os desafios do cotidiano escolar da EJA e como possibilidade de compartilhamento de práticas e saberes da universidade e da escola. Reiteramos a necessidade e pensar na formação do professor enquanto um profissional reflexivo e que produz um saber próprio, contrapondo-se à tradicional ideia da mera transmissão de conhecimentos.

Pensar no professor-pesquisador, como o nome da disciplina sugeriu, se desdobra no próprio conceito de pesquisa, que merece mais problematizações do que tem a ele sido dedicadas (LUDKE, 2000). Buscamos apontar aqui para a necessidade e importância da acolhida de novas formas de encarar pesquisa, inclusive os que são praticados por professores em escolas evidenciando uma possibilidade de enriquecimento da própria construção coletiva do conhecimento. As distintas formas

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

de pesquisa mobilizam construção do conhecimento e podem oferecer formas de enfrentamento aos problemas vividos por professores e alunos em contextos escolares. Acreditamos na viabilidade e na necessidade de iniciativas de aperfeiçoamento, mas também de incentivo à escrita dos professores como parte de um projeto político e epistemológico de construção de conhecimento e cidadania.

Referências

ANDRADE, L. T. A escrita dos professores: textos em formação, professores em formação, formação em formação. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1297-1315, dez. 2003.

LÜDKE, M. A pesquisa e o professor da escola básica: que pesquisa, que professor? In: CANDAU, V. (Org.). *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TARDIF, M. et al. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 4, p. 215-234, 1991.

ZEICHNER, K. Para além da divisão entre professor pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, C. et al. *Cartografias do trabalho docente: professor pesquisador*. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 1998.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

PROFESSORES DE QUÍMICA NA EJA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DE MERITI

Renata da Rocha Torres
PEQui-UFRJ / SEEDUC-RJ
Rozana Gomes de Abreu
CAp-UFRJ / PEQui-UFRJ

Palavras-chave: Ensino de Química. Formação Docente. EJA.

Introdução

A formação acadêmica é condição essencial para a atividade docente em todas as etapas e modalidades da educação, sendo, portanto, um requisito indispensável ao exercício profissional. A presença de professores que não possuem licenciatura específica para a área em que estão em efetivo exercício, chamados de professores leigos, segundo Almeida e Oliveira (2011), é um problema que assola a educação básica brasileira. Entendemos que este movimento descaracteriza muitas vezes as discussões presentes naquele campo de conhecimento, além de contribuir para o enfraquecimento da identidade docente em determinado campo disciplinar.

Partindo desse cenário, o enfoque do trabalho foi pesquisar a formação acadêmica dos professores de química, da rede pública estadual no município de São João de Meriti, atuantes na educação de jovens e adultos (EJA). A escolha da região pesquisada se deve a uma das autoras exercer a função de docente na EJA em colégios do referido município.

A pesquisa teve como finalidade compreender como o segmento da EJA tem sido afetado pela atuação de docentes que não possuem formação específica em química, considerando as particularidades que se configuram no exercício da docência na EJA assim como as especificidades e experiências trazidas pelos sujeitos desta modalidade de ensino.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Metodologia

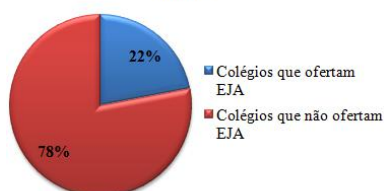
O trabalho possui informações sobre o município de São João de Meriti, situado na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, retiradas do Quadro de Horários 2018 da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), disponibilizadas pelo site oficial desta Secretaria, em função da facilidade de coleta dos dados.

Inicialmente realizou-se o levantamento do quantitativo de escolas estaduais de São João de Meriti que ofertaram ensino regular modalidade EJA. É importante salientar que o estudo enfatizou as informações concernentes ao tipo de profissional que trabalhou no ensino médio EJA em turmas que contaram com a disciplina de química na matriz curricular em 2018. Dessa maneira, as informações obtidas foram: número de turmas que tiveram aula de química e formação dos docentes atuantes nestas turmas.

Análise dos resultados

De acordo com o site oficial da SEEDUC, o município de São João de Meriti possuía 41 escolas estaduais no ano de 2018, das quais 09 escolas ofertaram o ensino médio regular modalidade EJA. O gráfico 01 apresenta essa informação em números percentuais:

Gráfico 01 - Colégios Estaduais em São João de Meriti



Fonte: SEEDUC

O baixo percentual de escolas que ofertam a EJA demonstra o descaso do governo em elaborar políticas públicas para os jovens e adultos que não tiveram o acesso à educação na idade própria, conforme garante a Lei nº. 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

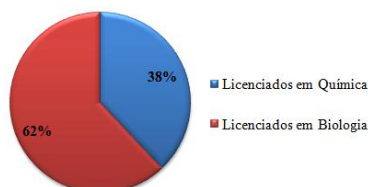
3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Identificamos um total de 16 professores que ministraram a disciplina química na EJA, totalizando 30 turmas, mas apenas 06 professores possuíam licenciatura em química.

Gráfico 02 - Docentes da disciplina de Química



Fonte: SEEDUC

A existência de professores com formação em biologia ministrando aula de química é, por experiência de uma das autoras, bastante comum na rede estadual. Isso pode ser atribuído, em parte ao fechamento de turmas do ensino fundamental, uma vez que a SEEDUC vem paulatinamente entregando o ensino fundamental para as redes municipais, sob a alegação de que tal etapa não é de sua responsabilidade. Este procedimento governamental vem gerando um excedente de docentes de biologia em seu quadro docente. Uma das alternativas encontradas pela SEEDUC tem sido alocar esses profissionais ministrando aulas de química. O mesmo método de alocação ocorre na EJA, onde a formação acadêmica adequada ainda é mais exigida por se trabalhar com um público heterogêneo em conhecimento, idade, experiência de vida, entre outros. Outra demonstração do descaso do governo com as especificidades desta modalidade.

O levantamento realizado mostra as incongruências do que é considerado como preparação adequada para a atuação do professor de química na EJA, já que a maioria dos profissionais que atuam nesta modalidade de ensino não possuem domínio do conhecimento químico e dos aspectos pedagógicos relacionados a este campo do saber. É importante garantir profissionais que possuam uma formação específica em sua área de atuação, relacionando os aspectos do ensino de química, dentre eles o "conhecimento do conteúdo a ser ensinado, conhecimento curricular, conhecimento pedagógico sobre a disciplina química, conhecimentos sobre a construção do conhecimento científico, especificidades sobre o ensino e a aprendizagem da ciência Química, dentre outros." (SILVA; OLIVEIRA, 2009, p. 43)

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Considerações Finais

Esta pesquisa confirmou que, no município de São João de Meriti, a maioria dos professores que ministram a disciplina de química na EJA não possui formação acadêmica específica. Entende-se que esses profissionais por não possuírem formação voltada para o ensino de química acabam, mesmo sem intenção, comprometendo o processo de aprendizagem da ciência química, já que cada campo científico possui suas especificidades.

Referências

ALMEIDA, N. P. G. S.; OLIVEIRA, M. M. Professores leigos no ensino de química: trajetória e novas perspectivas de formação. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2011, Campinas. *Anais...*. Campinas: ABRAPEC, 2011. p. 1 - 12.

SILVA, C. S.; OLIVEIRA, L. A. A.. Formação inicial de professores de química: formação específica e pedagógica. In: NARDI, Roberto (Org.). *Ensino de ciências e matemática I: temas sobre a formação de professores*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 43-57.

BRASIL. Ministério da Educação. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 dez. 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 20 dez. 1996.

SEEDUC. *Consulta de Quadro de Horários*. 2018. Disponível em: <<http://consultaqh.educacao.rj.gov.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ED2: Linguagem, Interculturalidades, Gêneros e Afetos em EJA

Coordenadora: Profª Drª Marta Souza - UFRJ

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ENCONTROS, RESISTÊNCIAS E PERTENCIMENTOS - SOMOS A EJA!

Marta Lima de Souza
Faculdade de Educação/UFRJ

“Num país como o Brasil, manter a esperança viva é um ato revolucionário”

Paulo Freire

A terceira edição do SELIEJA propôs como tema desencadeador “Políticas públicas de EJA: entre as inquietações, retrocessos e resistências”. No Brasil de hoje, em uma conjuntura política de retrocessos em relação ao direito à educação de jovens e adultos, como exclusões de turmas e de matrículas seguidas do fechamento definitivo de escolas, discutir e refletir sobre a barbárie que assola a sociedade e a educação democráticas e também sobre o que nos inquieta é criar espaços de resistência. Criar espaços de resistência implica “manter a esperança viva [como] ato revolucionário”, foi o que propusemos com a realização e a coordenação do Espaço de Diálogos – 2, de nome semelhante ao do grupo de pesquisa “Linguagens, Interculturalidades, Gêneros e Afetos” – L.I.G.A. – e integrante do LIEJA.

Dessa forma, na tarde de sexta-feira e na manhã de sábado, acolhemos os trabalhos oriundos de pesquisas, extensões ou relatos de experiência que discutissem, com base nas especificidades da Educação de Jovens e Adultos - EJA, a relação teoria e prática com foco na linguagem verbal ou não verbal. A partir desta perspectiva, dialogamos com as diferentes culturas, os diversos gêneros (do discurso e dos corpos) e os afetos na EJA, visando à problematização do papel da linguagem; da prática educativa com a linguagem; da literatura e das práticas de leitura literária e da afetividade na EJA.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Nessa edição houve uma ampliação dos temas do ED-2 que possibilitou encontros com professoras-pesquisadoras² instigadas a dialogar conosco. Recebemos 26 (vinte e seis) trabalhos nos diferentes temas. Desse total, 24 (vinte e quatro) foram aprovados e dialogamos com 21 (vinte e um) deles nos dois dias de evento, sendo dez na sexta e onze no sábado.

Para garantir o diálogo com as autoras, tivemos de rever a forma de apresentação oral, visto que não seria possível assegurar quinze minutos para o quantitativo aprovado. Portanto, deste modo, escolhemos manter o quantitativo e destinar um tempo menor para as apresentações, visando a assegurar que pudéssemos discutir e refletir sobre temas importantes e desafiadores para e com a EJA.

Organizamos os trabalhos por aproximações entre as temáticas, a fim de que tivéssemos discussões sobre práticas educativas e a linguagem no primeiro dia e procedimentos metodológicos, relações étnico-raciais, mulheres e memórias, no segundo. Como não dispúnhamos de equipamentos, boa parte das professoras-pesquisadoras trouxe materiais pedagógicos oriundos das propostas realizadas para compartilhar com os presentes, o que enriqueceu, de sobremaneira, o intercâmbio de experiências entre os participantes do ED.

Na exibição do filme "Fora de Série" (2018), documentário produzido e dirigido por Paulo Carrano e Karina Brenner que integrou a programação do SELIEJA, assistimos aos jovens do ensino médio refletindo sobre a escola que viviam e como a viviam. De suas narrativas, emergiram as motivações e as dificuldades para permanecer na instituição; as adversidades da vida; o racismo; as violências contra gêneros, em especial contra as mulheres; as questões da sexualidade, da saúde e do uso de drogas, além de outras relativas ao trabalho como garantia da sobrevivência e ao acesso cultural em função do território onde viviam etc.

² Usaremos no feminino visto que a maior parte das presentes era mulheres. Compreendemos que as práticas educativas como pontos de partida de pesquisas (ESTEBAN & ZACCUR, 2002).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

As narrativas dos jovens foram ao encontro das temáticas discutidas no ED e fizeram-nos indagar: como a escola tem lidado com as práticas de violência e de desumanização vividas pelos estudantes da EJA? Como as instituições educacionais têm recebido os estudantes, em geral, mutilados em seus direitos e suas corporeidades? Como um primeiro passo, defendemos que desenvolver uma escuta atenta às demandas e aos anseios vividos pelos estudantes ajuda-nos a construir uma escola libertadora e humanizadora que luta junto contra a desumanização e barbárie que nos assola.

Ainda que fossem apenas recortes da realidade, compreendemos que os trabalhos apresentados no ED buscaram construir uma escola que liberta e humaniza, por meio de uma escuta acolhedora dos estudantes da EJA. Nas pesquisas e extensões ou nos relatos de experiência, observamos como as professoras-pesquisadoras buscaram trazer as demandas dos estudantes para dentro da instituição e para o centro da prática educativa, enxergando-lhes como sujeitos humanos e a escola como um lugar solidário, de cooperação e democrático.

Por meio de diferentes procedimentos teórico-metodológicos, por diversos caminhos trilhados, os trabalhos apresentados evidenciaram a procura por construir com os jovens e adultos uma escola real-concreta-social-humana que dialogasse com as suas demandas, que lutasse junto pela efetivação de seus direitos humanos e que contribuísse para o “ser mais” (FREIRE, 1987). Uma escola que recuperasse a importância da fala, que rompesse com os silêncios seculares e colonizados, como forma de resistência (hooks, 2019).

No primeiro dia, os trabalhos evidenciaram como as professoras-pesquisadoras têm dado conta de problemáticas que atravessam as suas salas de aula. Nesse sentido, colocaram em diálogos autores clássicos como Shakespeare relacionando-o com as experiências vividas pelos jovens e adultos – o que as obras do autor nos ensinam hoje em dia –, efetivando o direito ao conhecimento acumulado pela humanidade, mas problematizando-o e não o tendo como algo dado. Dessa forma, outro trabalho tem ampliado a sala de aula ao levar os estudantes a vivenciarem espaços de cultura como

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

museus, por exemplo, e a construírem mapas afetivos com esses lugares, assegurando-lhes a arte como direito.

Uma experiência apresentou como o procedimento da roda de leitura possibilitou desenvolver com os estudantes uma autonomia na aprendizagem a ponto de questionarem quando a roda não acontecia, o que denota um processo em que estudantes e professora ensinaram e aprenderam juntos. Vimos que as professoras-pesquisadoras têm procurado criar laços como formas de garantir aprendizagens significativas aos estudantes, nas quais o lúdico-inclusivo assume uma dimensão importante no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva da inclusão, um trabalho tratou de escritores no sistema prisional por meio da metodologia de histórias de vida, ampliando os horizontes para aqueles que se encontravam privados de liberdade.

Nessa linha, o projeto de extensão sobre drogas, educação, saúde e EJA (DESEJA) buscou com base em uma ampla e desmistificada discussão formar jovens multiplicadores que fossem os protagonistas na mediação sobre o tema junto a outros estudantes em escolas da EJA. Ainda na esfera da saúde, tivemos uma discussão sobre alimentação, na qual a professora propôs aos alfabetizando que fossem estudando e produzindo materiais sobre o tema, de modo que os auxiliassem no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Em direção ao desejo e à necessidade de retornar à escola para transformar a realidade, o projeto "Sou pai, sou aluno" demonstrou o quanto é importante a experiência do genitor retornar aos estudos de forma a influenciar também o filho a permanecer na escola e ter acesso ao conhecimento historicamente acumulado. Os aspectos educativos relatados ganharam relevância à medida que contemplaram a dimensão da variedade lingüística dos estudantes da EJA, valorizando seus modos de falar e configurando a linguagem como constitutiva do sujeito e, portanto, como fundamental para a sua permanência na escola.

No segundo dia, as apresentações concentraram a discussão em três dimensões que atravessaram os trabalhos apresentados: etnia, identidade/gênero (negra/mulher)

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

e memórias (afetividade/subjetividade). Os procedimentos metodológicos foram as histórias de vida, as rodas, as narrativas orais e escritas que por meio de recursos diversos propuseram-se a discutir as identidades/subjetividades dos estudantes. As fábulas foram usadas para discutir as experiências dos estudantes com os preconceitos e atos de racismo no cotidiano e foram ao encontro do projeto de leitura sobre Carolina Maria de Jesus, no qual se discutiu e refletiu-se sobre o racismo por meio de múltiplas linguagens como literatura, fotografia e produção textual aliadas à “Campanha 21 dias contra o racismo”. No país em que o homicídio da população negra corresponde a 47,85% (IPEA, 2017) do total de óbitos registrados, desenvolver atividades que tratem desse tema é urgente e necessário.

Além deste trabalho, Carolina Maria de Jesus – mulher, negra, com três anos de escolaridade, catadora de papel, escritora – foi a autora referência para outras atividades. Portanto, com base em sua biografia, uma professora pôs em diálogo a história de vida de Carolina e a experiência dos alunos trazendo-as para o centro da prática, mediando o saber da experiência com o saber científico na disciplina de História no PROEJA. Também tomando como ponto de partida o diário de Carolina em Quarto de Despejo, outra proposta levou os estudantes da EJA a lerem, discutirem e escreverem um diário que se tornou um livro ao final do curso, constituindo um material riquíssimo de histórias de vida.

Em diálogo com o trabalho anterior, com o aumento dos crimes de feminicídios e a partir da leitura de “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, a professora propôs discutir e refletir sobre violência doméstica vivida por estudantes mulheres em encontros presenciais de um curso de educação à distância, rompendo com a perspectiva restrita da proposta pedagógica.

A metodologia de história de vida foi o procedimento mais presente nos trabalhos e também neste que visava a conhecer as memórias de mulheres idosas no contexto da ditadura militar, evidenciando que a maioria não tinha essa memória construída. Eis uma memória que precisa manter-se viva para que não retornemos a viver momentos de extrema violência contra os direitos humanos e as liberdades da

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

população brasileira. Na linha da memória e da afetividade, um estudo de caso em andamento buscava compreender como estavam os egressos da EJA, que concluíram a escolaridade há dez anos, o que fazem e como a escolaridade impactou ou não as suas vidas.

Na perspectiva das histórias de vida, outra mulher, negra e referência esteve nas práticas educativas: Elza Soares. Por meio de sua biografia de vida e musical, tratou-se de violência contra gênero, racial etc., unindo literatura, música, diversidade e a inserção da poesia afrodiaspórica no currículo da EJA.

Na maior parte dos trabalhos apresentados, a memória foi um fio condutor tanto em relação ao que guardamos, quanto ao que escolhemos guardar e que, portanto, nos constituem, como o apresentado no Projeto Memórias do CREJA. Vimos que a memória constituída pelas histórias de vida traz a “experiência batendo na gente” e apresenta-nos três dimensões: vivência (teoria/prática), tensões (saberes científico/experiência) e afeto/pertencimento configurando os almanaques da vida, cheios de almas na EJA, como o trabalho sobre a elaboração de um alma(naque) em Angra dos Reis.

Os trabalhos apresentados ao discutirem memórias e identidades trouxeram a possibilidade dos estudantes reverem-se seus pertencimentos étnicos, de gênero e sociais, provocá-los a pensar/refletir sobre o que viviam, como viviam, o quanto e como os currículos eram expressivos dessa vivência. Desconstruir esse currículo eurocentrado, da perspectiva dos vencedores, significou também apostar na potência da memória e na assunção de nossas vozes, escrevendo nossas histórias e nossos lugares na história.

A memória é construída de passado, mas também de presente. A memória é viva. É perceber, mas também pertencer. Somos percebidos e pertencemos à EJA. Mediante a realidade da barbárie, da perversão e da desumanização crescentes, que bom que nos encontramos e nos percebemos, que descobrimos pontos de pertencimento entre nós. O narrado e o vivido nestes dias reafirmaram que vale a pena continuar quando apostamos nos afetos positivos e lutamos juntos como

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

resistências. Confirmaram que na EJA não somos passageiros, não estamos na EJA.
NÓS SOMOS A EJA!

Referências

CARRANO, P. & BRENNER, K. *Fora de Série* (documentário). Niterói: UFF, 2018.

ESTEBAN, M. T & ZACCUR, E. A pesquisa como eixo da formação docente. ESTEBAN & ZACCUR (orgs.). In: *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad.: Catia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. *Atlas da Violência 2017*, Rio de Janeiro: IPEA, 2017. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>>. Acesso em: agosto de 2019.

PROJETO A LEITURA E SUAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS: CAROLINA DE JESUS

Augusto Brito Montano
Escola Municipal Governador Roberto Silveira/Mesquita

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Leitura Literária. Fotografia

Introdução

O projeto em questão (A leitura e suas múltiplas linguagens) é uma proposta da Secretaria Municipal de Educação de Mesquita. Os professores criariam sequências didáticas que englobariam a execução do currículo de cada disciplina, ao mesmo tempo promoveriam ações dentro do projeto em questão. Haveria uma união das coisas.

Também houve uma proposta de se trabalhar a temática dos 21 dias de ativismo contra o racismo durante 25 dias do mês de março do presente ano. Por isso tive que unir essas três coisas: currículo de língua portuguesa, temática do racismo e projeto da Rede. Fiz e a escolha do "elemento" interseccional: a escritora negra Carolina de Jesus.

No caso do gênero "fotografia" o objetivo geral foi o letramento em linguagem não verbal e imagética. Os objetivos específicos foram: 1) fruição estética por meio de uma linguagem não verbal; 2) análise/ interpretação/discussão coletiva e individual; 3) trabalhar a questão do racismo; 4) participar da exposição dos trabalhos; 5) Produção textual de legendas das fotografias; 6) Comentários finais sobre a exposição. A nossa fundamentação teórica se baseia em autores que tratam estudam gênero textual "fotografia" como, por exemplo, a professora-pesquisadora Lúcia Léro da Universidade do Estado da Bahia que nos esclarece que:

A fotografia como gênero textual precisa fazer parte do processo de interação social, envolvendo pessoas, e que possuam uma estrutura e linguagem que possam agrupar outros textos fotográficos. A fotografia pode ser usada para diversos fins e cada um deles produzirá efeitos no

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

leitor e terá seus propósitos. (LÉRO. In: Prática de leitura e produção de texto. 2012)

No caso do gênero literário o objetivo geral foi a de promover o letramento literário entre jovens e adultos e a produção textual. Os objetivos específicos foram: 1) promover a leitura estética e fruição; 2) análise / interpretação/discussão individual e em grupos sobre o livro; 3) trabalhar o tema racismo; 4) Participar na exposição dos trabalhos feitos; 5) Produções textuais: 5.1 comentários do livro; 5.2 diário do dia do aluno; 5.3 comentários sobre a exposição final. Sobre leitura literária nos embasamos em Rildo Cosson que considera a literatura na leitura literária como “experiência” e como um “projeto”.

As leituras podem ser avaliadas durante os intervalos de leitura, por meio de registros das experiências. É importante notar o quanto o aluno amadurece como leitor e como a competência de leitura vai expandindo, como o aluno se posiciona diante da obra e como desenvolve a crítica da leitura. (COSSON, 2012:113)

Metodologia

A metodologia consistiu em uma série de atividades prática em sala de aula. O projeto foi executado no primeiro bimestre do primeiro semestre de 2019 (mês de março e início de abril) na rede municipal de Mesquita (Baixada fluminense) no ensino fundamental II da Educação de Jovens e Adultos. Realizado na Escola Municipal Governador Roberto Silveira. O projeto foi realizado com duas turmas: uma turma de 20 alunos do sexto ano/período e outra de 25 alunos do oitavo ano/período..

Os gêneros escolhidos foram o “diário” (transformado em livro) e fotografias sobre a escritora. Para se trabalhar o tema “Carolina de Jesus”, tivemos que ler seu livro (no caso um trecho) “Quarto de despejo. Diário de Uma favelada” (considerando-se a qualidade literária do mesmo).

Além do diário, achei importante trabalhar com o gênero “fotografia” (Foram selecionadas 14 fotos em preto e branco que tratam a vida da escritora desde a época que ela morava na favela de Canindé-SP até seu sucesso como escritora).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

As estratégias didáticas foram as de organizar as aulas de modo que os alunos pudessem ler várias vezes o mesmo texto ou as mesmas fotografias de modo que pudessem reelaborar as informações/ conhecimento que apreendessem. No caso das fotografias os alunos foram chamados individualmente para conversar comigo sobre elas, como se estivessem vendo um álbum. Os alunos passaram suas impressões e comentários. Fomos tecendo as considerações mínimas para o trabalho com o gênero em questão, ainda mais por estar sem legenda, tive que identificar algumas pessoas para eles como, por exemplo, a própria escritora. Portanto, foi a única intervenção minha. Observei as colocações que eles faziam de modo oralizado e fiz minhas anotações. Após esse momento individualizado promovi discussões coletivas distribuindo aleatoriamente fotografias para eles analisarem e comentarem comigo e com os colegas. Na leitura literária também procurei fazê-los ler várias vezes o texto. Também fiz debates individuais comigo e coletivos com a turma.

Análise dos resultados

Podemos traçar alguns resultados baseados na atividade de leitura e produção textual.

No sexto ano dos 20 alunos, 05 tiveram problemas para ler/interpretar os textos (literário e fotografia) e 10 para se expressarem na escrita. Portanto percebemos que os professores de língua portuguesa devem insistir nas atividades em questão para que os alunos melhorem nessas habilidades. É só na prática e na insistência que conseguimos isso. Houve, portanto limitações, talvez porque sejam oriundos do primeiro segmento ou fundamental I ainda tenham problemas de alfabetização básica.

No oitavo ano dos 25 alunos 05 tiveram problemas para leitura e interpretação dos textos (literário e fotografia) e 07 para produção textual. Portanto, verificamos que os alunos desta fase da escolarização da EJA têm mais habilidades com as atividades propostas.

O que se deve colocar na produção textual é a “consciência da linguagem”.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

A descoberta da socialização da escrita faz com que se exija que o texto apresente cuidados de organização, sem os quais não haveria possibilidade de interlocução entre leitor e escritor. (CITELLI, 2001, p.16)

Considerações Finais

Portanto verificamos nesse relato de experiência de atividade realizada em sala de aula com alunos da EJA (cidade de Mesquita) que as habilidades de leitura literária e leitura de fotografias têm que fazer parte do planejamento dos professores.

Criar uma cultura de produções de escritas pelos alunos mesmo que escrevam ao modo oralizado, assim como fez Carolina de Jesus em seu livro-diário é essencial para a promoção de um cidadão crítico na EJA.

Referências

CITELLI, Beatriz. Produção e Leitura de Textos no Ensino Fundamental – poema, narrativa e argumentação. *Aprender e Ensinar com textos*, volume 7, São Paulo: Cortez, 2001.

COSSON, Rildo. Letramento literário: Teoria e prática. São Paulo: *Contexto*, 2012.
LÉRO, Lúcia. Prática de leitura e produção de texto. Disponível em: <http://plpt-uneb.blogspot.com/2012/07/generos-textuais-apontamentos.html>. Acesso em 01 mar.2019.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. Diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Ática, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. *Imagens – fotografias*. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Imagens+carolina+de+jesus>. Acesso em 25 fev. 2019

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

SHAKESPEARE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

Margarete Nascimento
CREJA
Wilza Lima
CREJA
Sílvia Werneck
CREJA

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Artes. Língua Inglesa

Introdução

O projeto SHAKESPEARE NO CREJA surgiu da possibilidade das professoras Margarete, de Inglês, Sílvia Werneck, de Artes Cênicas e Wilza Lima, de Artes Visuais de apresentar a vida e obra deste grande dramaturgo através de uma proposta interdisciplinar.

A ideia foi levar Shakespeare e sua obra para os alunos do Projeto da Educação de Jovens e Adultos do Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos, apresentando sua importância na literatura universal com temas que perpassam os séculos e seguem atuais e motivam discussões até os dias de hoje.

Metodologia

Inicialmente apresentamos a biografia do dramaturgo situando-o na época em que viveu, a era Elizabetana. Utilizamos vídeos e apresentações em PowerPoint. Frases de suas peças que se tornaram populares foram mencionadas para que os alunos pudessem se conscientizar do alcance da obra de Shakespeare. Algumas novelas que foram inspiradas em suas obras também foram citadas, o que conscientizou os alunos da abrangência de sua obra.

As peças selecionadas foram Rei Lear, Macbeth, Hamlet, Othelo e Romeu e Julieta. Para facilitar o acesso à leitura das obras, elas foram disponibilizadas nos computadores da escola e também através da criação de QR codes com os quais o

aluno que assim preferisse pudesse baixar os livros em seu celular e ler em qualquer espaço além da própria escola. Também apresentamos os sonetos e a professora de Artes Visuais apresentou o FANZINE aos alunos. A proposta foi criar fanzines individuais a partir de um soneto escolhido pelo aluno.

Análise dos resultados

Hamlet, Romeu e Julieta, Othelo, Rei Lear e Macbeth. Cinco peças escritas por Shakespeare há mais de 400 anos em Londres. Por que escolhemos essas obras de Shakespeare para os alunos do CREJA? O que ele poderia acrescentar e enriquecer ao universo de nossos alunos no ano de 2019? Como poderíamos trabalhar Shakespeare unindo as Artes Cênicas, Inglês e Artes Visuais?

Até os dias de hoje, as obras de Shakespeare seguem atuais e relevantes. Shakespeare consegue escrever sobre os vícios e virtudes humanas de uma maneira que atravessa gerações. As questões existenciais e angustiantes do príncipe Hamlet: *"Ser ou não ser, eis a questão"*, Romeu e Julieta e seu grande amor proibido entre duas famílias rivais: *"Meu inimigo é apenas o teu nome"*, Othelo e o ciúme doentio, a intriga e o peso das aparências *"Cuidado com o ciúme, meu Senhor! Ele é um monstro de olhos verdes que produz o alimento do qual se nutre!"* Rei Lear e a loucura, insensatez e sabedoria *"É a praga destes tempos que os cegos sejam guiados pelos loucos"* e por fim, Macbeth, sua coragem e ambição que o leva a crimes terríveis *"Nunca vi dia assim, tão feio e belo"*.

Essas cinco peças do grupo das tragédias de Shakespeare foram selecionadas, pois vimos que, através delas, nossos alunos teriam a oportunidade de encená-las, vivenciando os problemas que elas abordam, gerando discussões e reflexões.

Shakespeare era muito popular e encenava suas peças para todo tipo de pessoas. Nobres, letrados, prostitutas... Ele era capaz de atrair a atenção de todos, pois em suas peças todos conseguiam se identificar com as personagens ali retratadas. Sendo assim, não foi difícil para nós, fazermos essa ponte.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Ao pensar em propostas para esses jovens, adultos e idosos foi necessário formular perguntas simples, mas que abraçavam a especificidade desse grupo sobre o qual debruçamos o nosso trabalho.

O projeto Shakespeare na Educação de Jovens e Adultos, uma proposta interdisciplinar, visa permitir uma possibilidade de experiência e reflexão, saindo do campo teórico para a prática, pois como diria Larrosa em seu livro Tremores, escritos sobre experiência:

A experiência é o que nos passa, o que acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece." (LARROSA, 2014, p.18)

Considerações Finais

Ao encenar trechos das cinco peças trágicas, falar em inglês suas principais falas e produzir fanzines de acordo com os sonetos de Shakespeare, o aluno saiu da posição de mero espectador para ser o protagonista de seu aprendizado. Ele teve a oportunidade de reproduzir em seu corpo, sua fala e exteriorizar toda a sua criatividade e imaginação em um projeto que ele tinha espaço para experimentar.

Referências

DONKIN, Andrew. *William Shakespeare e seus atos dramáticos*; 1ª Ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. Os projetos de trabalho e a necessidade de mudança na educação e na função da Escola. In.: _____. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SHAKESPEARE, William. *Tragédias e Comédias sombrias: obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

SHAKESPEARE, William. *Otelo, o mouro de Veneza*/ Texto de William Shakespeare; adaptação de Charles Lamb e Mary Lamb, tradução de Sérgio Godinho de Oliveira; ilustrações de Benoit Chieux – Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2001.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta* / Texto de William Shakespeare; adaptação de Mary Lamb e Leo Cunha, tradução de Marcio Godinho de Oliveira; ilustrações de Marine d'Antibes – Belo Horizonte: Editora Dimensão, 1996. <https://www.youtube.com/channel/UCPWzjR3ye5EDzBejmqqblmw>. Shakespeare Brasil. UFPR. Acessado em 14 de agosto de 2018.

A RODA DE LEITURA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO, CONSTRUÇÃO DE VÍNCULO E APRENDIZAGEM NA EJA

Monique Azevedo da Silva
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ)
Jonathan Fernandes de Aguiar
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Inclusão. Construção de Vínculo.

Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar o relato de experiência da metodologia “roda de leitura” em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de como esta ação pedagógica propicia inclusão, construção de vínculo e aprendizagem na EJA. Tal, proposta tem como base os estudos de Freire (1989, 1999, 1992) ao se referir o diálogo como movimento de emancipação e troca de saberes, além das contribuições de Maia (2014) e Aguiar e Maia (2018) sobre inclusão e construção de vínculo no processo de ensino-aprendizagem.

Metodologia

Ressaltamos que este estudo é de caráter qualitativo, do tipo relato de experiência (PÁDUA, 2000) Onde nos apoiamos no “diário de pesquisa” de um dos autores deste texto, que atua como docente e promove a roda de leitura com os estudantes da EJA. Cabe destacar que as observações descritas no “diário de pesquisa” foram registradas no período de três meses, no primeiro semestre de 2018. Os sujeitos participantes da roda eram 20 estudantes entre 18 a 60 anos de idade aproximadamente, matriculados em uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro, localizada na zona sul.

Análise dos resultados

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se torna um segmento inclusivo quando são analisados os porquês desses estudantes retornarem à escola depois de adultos. Inúmeras situações esses estudantes vivenciaram no contexto escolar, contribuindo para evasão e permanência. No entanto, há sujeitos que pela primeira vez “pisam” no espaço escolar, trazendo relatos que têm desejo em aprender. Enfatizamos que um dos autores deste texto diariamente (re)vive as histórias contadas por esses estudantes “do sonho de estudar”. Propiciar em espaço de aprendizagem não é uma tarefa fácil, principalmente para aqueles que já possuem vivências e experiências sobre a vida – são em sua grande maioria trabalhadores, donas de casa, ou aqueles que estão em distorção de idade-série e chegam a estas salas de aula. “E agora? O que fazer?”. Com isto, surge na prática docente da professora em questão a metodologia “roda de leitura” na EJA.

Sou professora alfabetizadora há 12 anos, em uma instituição pública da cidade do Rio de Janeiro, sendo 8 anos exclusivamente em uma turma de EJA. Comecei a trabalhar com a roda de leitura tem um pouco de tempo. Com o intuito de dar voz aos estudantes não apenas em aulas pré-estabelecidas no currículo escolar, com conteúdos fixos, fui observando que era importante criar um espaço para isso. A escuta pelo professor se torna bem maior do que o ato de ensinar puro e simples em passar informações/conhecimento (DIÁRIO DE PESQUISA, ABRIL DE 2018).

Ainda sobre o diário de pesquisa (ABRIL, 2018), da professora – ora autora, como também pesquisadora esclarece que:

A roda de leitura é feita semanalmente, em dia determinado conjuntamente, em uma sala de aula de Educação de Jovens e Adultos do município do Rio de Janeiro. Cada aluno pode escolher o texto que mais chamou a sua atenção ao longo daquela semana. Dessa forma, são levados diferentes gêneros textuais para atividade. Cada pessoa lê o texto, e é solicitada pelo professor a dizer o que entendeu do texto, qual é o objetivo, para quê e para quem este texto foi escrito. Depois da leitura e interpretação do aluno, a turma é levada a uma discussão sobre o tema. Todos podem opinar e demonstrar suas impressões de acordo com o que foi lido.

Nesta perspectiva, observa-se que os estudantes diante da prática docente e a relação entre estudante-professora estabelece diálogo, cujo(s) professor ou

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

professoras, por sua vez, não aparece como um detentor do saber, pelo contrário, tem sua ação baseada pela dialética. O diálogo é a possibilidade de que o sujeito dispõe de, abrindo-se ao pensar nos outros, não fenecer no isolamento (FREIRE, 1992). Partindo da premissa que numa perspectiva emancipatória, não é possível ensinar e aprender sem o diálogo, sem uma comunicação dialógica (GADOTTI, 2013), a roda de leitura, neste caso convida ensinantes-aprendentes: docente e estudante para um mesmo espaço, onde todos são capazes de opinar, sem julgamentos, levando à reflexão de assuntos que permeiam a sociedade.

Sobre os estudantes a professora escreve:

Os estudantes parecem esperar muito por este momento na semana. No início da proposta eles participavam apenas como algo a ser cumprido, com o passar dos meses, eles mesmos cobravam, quando por algum motivo adverso não era realizada em determinada semana. Muitos temas identitários se fizeram presente ao longo do ano, sendo o professor desafiado a levar a discussão da construção de identidade para dentro da sala de aula, tendo uma abordagem interdisciplinar e multicultural, promovendo o respeito e a valorização das diferenças, desafiando preconceitos, onde estudantes se tornam representados e incluídos através do debate (DIÁRIO DE PESQUISA, ABRIL DE 2018).

No sentido de entender a inclusão como prática social e não apenas uma preocupação para dentro do espaço da sala de aula, foi buscado lidar com preconceitos, muitas vezes arraigados na sociedade, em nossas ações diárias. Cada palavra dita ou não dita, cada atitude dos sujeitos que frequentam a escola, a sala de aula, o constituem como seres humanos e impulsiona a construção de um ser autônomo, crítico e criativo. Por isto a necessidade de organizar momentos de troca de conhecimentos, sensibilização e escuta entre professores e alunos, com a finalidade de romper com os obstáculos e barreiras à acessibilidade expôs Aguiar e Maia (2018) em seus estudos.

Considerações Finais

Foi observado, ao longo desses anos, que a roda de leitura proporciona um ambiente de acolhimento, de escuta, de discussão, onde sujeitos se sentem

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

representados por falas que muitas vezes são comumente excludentes. A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate. (FREIRE, 1999).

Neste sentido, através da roda de leitura, foi possível observar que esta ação se torna um instrumento de inclusão e construção de vínculo. O aluno passa a sentir confiança neste trabalho como objeto de aprendizagem, já que muitos deles retornam os estudos com uma ideia pré-estabelecida de que para se aprender as cadeiras precisam estar enfileiradas, estarem sentados de frente para o conteúdo da lousa, tendo o professor como mero transmissor de conhecimento. A compreensão de estar em formato de roda é paulatinamente ampliada, quando eles mesmos percebem a importância da troca de conhecimento. Dessa forma, aprendem e se sentem representados além de agirem com mais autonomia frente a muitos desafios da vida cotidiana.

Referências

AGUIAR, J. F. ; MAIA, M. V. C. M. . "Somos iguais e somos diferentes?": Olhares dos alunos sobre inclusão no contexto escolar. *Pesquisa e Prática em Educação Inclusiva*, V. 1, P. 43-54, 2018.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança*. 16.ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, M. O Trabalho Coletivo como Princípios Pedagógicos; Paulo Freire e a Educação Superior. *Revista Lusófona de Educação*, 2013.

PÁDUA, E. M. M. de. *Metodologia da pesquisa*: abordagem teórico-prática. 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Fernanda Cavalcanti de Mello
Mestre Educação/ Especialista Educação de Jovens e Adultos- UFRJ
Jamaci Fontes
Especialista- Educação de Jovens e Adultos-UFRJ

Palavra-Chaves: Jardins Históricos. Educação de Jovens e Adultos. Intervenções Artísticas

Introdução

[...]Além das letras e músicas, coletivos de educadores e educandos trazem outras artes- a literatura, a pintura, o cinema, a fotografia, o artesanato, o patrimônio cultural- como pedagogias reveladoras do viver, do sobreviver, do resistir e do libertar-se dos jovens e adultos que, [...]têm direito a saber como as diversidades das artes os pensam e como pensam as linguagens artísticas de que são produtores também. Com quem se revelam o humano e se revelam humanos (Arroyo)

Essa pesquisa interventiva exerce o Direito ao uso consciente e criativo da paisagem cultural denominada Jardim Histórico, tendo como recorte, intervenções artísticas ocorridas nos jardins do Museu da República em 2018 e objetivou possibilitar que os sujeitos participantes se sentissem motivados a criar também suas próprias intervenções artísticas nesses espaços. Configura-se também em desdobramentos da pesquisa que realizei sobre a relação escola e museus à pós-graduação em Educação Básica- ênfase em Jovens e Adultos, pela UFRJ, tendo como parceria na co-autoria do texto, um colega professor que também participou do referido curso e da intervenção artística, juntamente com seus alunos. Arte-educação, educação patrimonial, e educação ao longo da vida, perfazem uma abordagem transdisciplinar para implementação da pesquisa, tendo Arroyo (2017), Dofles (2003), e OLIVEIRA (2017) como principais referenciais teóricos norteadoras desse estudo-experimento. Acredito que tal percepção atue de modo a sensibilizar educadores escolares e de museus para a democratização desses espaços abertos ao público, visto que a finalidade da

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

educação tem como missão promover, o devir, a ser e estar, também nos espaços de cultura.

Desenhando o mapa enquanto se caminha: imersão na escola e nos jardins

Para a realização da pesquisa interventiva empreendi realização de oficinas de arte - linguagem do audiovisual em duas escolas com modalidade de Jovens e Adultos. Linguagem do audiovisual é comum a três projetos artísticos que foram utilizados inicialmente para inspirar os alunos. Também realizei entrevistas com os artistas sobre os processos criativos e sobre os temas das respectivas obras em relação com o espaço. Além das oficinas com os alunos do CE Amaro Cavalcanti e o CIEP Antonio Candeia Filho foram realizadas visita guiada ao jardim, um mapa afetivo nesse local e intervenções artísticas com a linguagem de vídeo, captando imagens de lugares que adornam o jardim (pontes, coreto, árvores, estátuas, áleas, entre outros) escolhidos pelos alunos e registrado no Mapa de afetos. O mapa é também uma abordagem metodológica, pois possibilita reunir em diferentes tempos e espaços as impressões de cada produtor/interventor no espaço jardim (aluno, professor e artista).

Muito além do Mapa-Resultados de agora e a devir

DOFLES (1987) explica que "toda a nossa capacidade significativa, comunicativa e frutiva é baseada em nossas experiências vividas - por nós ou por outros antes de nós, mas de qualquer modo, feita nossas". Por isso, solicitei que os participantes marcassem no mapa seus locais preferidos no jardim do MR-RJ.

A vivência dos alunos da EJA nos jardins do Museu da República buscou o diálogo com obras da dupla Isabel Löfgren/Patrícia Govêa, videoinstalação "Rota de Fuga", criada para o projeto "Banco do Tempo"; de Monica Klemz, cineasta que produziu o filme Um Jardim Singular sobre o Jardim do Museu da República e de George Patiño, poeta frequentador do Jardim com a declamação em Selfie da poesia "Motivo" de Cecília Meirelles.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Por isso o Mapa Afetivo orienta as intervenções artísticas composta pelos próprios alunos a registrar lugares, onde a relação espaço-tempo jardim, estão/estarão guardados no ato do reconhecimento do lugar e da intervenção. Lugares potencialmente escolhido pelos artistas também. São marcos do instante da experiência no local escolhido por cada um, ou memórias dos professores, alunos e artistas, tornando-se um acervo de temáticas e de atividades realizadas, naquele ambiente, e também em outros jardins, expandindo e ampliando momentos mágicos de criação e apreciação. O Mapa Afetivo deriva do entendimento da arte como “uma apreciação renovada da relação arte com a vida cotidiana. (OLIVEIRA,2018,9.11). Mas é também um acervo, pois cada local do parque selecionado pelos participantes suscitou revistar memórias ou descobertas. Em Roda de Conversa com acesso á internet, recorreremos a pesquisas relativas aos nomes dos locais que foram escolhidos. O Tamarineiro escolhido pelo educador do museu, por exemplo, suscitou a lembrança de outros tamarineiros de muitos outros lugares, dos tamarineiros espalhados pelo Brasil, onde esse contam causos ou se puniam escravos, à tamarineiros da Ilha de Reunião- para além mar, encontrados na navegação rizomática da internet. Aliás a palavra ilha também é o nome de um lugar no Jardim. Ilha foi escolhido pela dupla Isabel e Patrícia, pois segundo as mesmas, remete à diferentes memórias, inclusive em versículos bíblicos. Gruta é o lugar preferido de um dos estudantes pois traz a sensação de proteção. Na atualidade o acervo encontra-se com cerca de 180 itens, que foram acionados pelas lembranças dos lugares escolhidos do jardim, como nome de cidades, poemas, letras de músicas e muitas outras ligações podem ser realizadas, quando leitores dos Mapa Afetivo lembrarem de lugares guardados em cada jardim.

Considerações

O Mapa Afetivo é uma possibilidade de construção coletiva e colaborativa de um acervo pedagógico, que pode conter outras experiências em outros jardins. Um acervo virtual, das memórias dos artistas, professores e estudantes da EJA que participaram da pesquisa. O trabalho buscou demonstrar a importância do acesso e a frequência aos bens culturais como Direito que deve ser cumprido, tanto pela escola

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

quanto pelas instituições que atuam nas áreas de patrimônio artístico e cultural. Por isso, é preciso intervir de modo a possibilitar que os estudantes das classes populares, modalidade EJA, também circulem e freqüentem estes lugares

Referências

ARROYO, Miguel G. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito de uma vida justa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2017.

DORFLES, Grillo. *O Devir das Artes*. Lisboa: Martins Fontes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes. Onde guardamos a arte memória, patrimônio e arte; questões de visibilidade. *Historia da arte e patrimônio*. Capítulo 1. 2017 UnB eixo 2. 2017

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: SUJEITOS, VOZES E IDENTIDADES

Patrícia Fortuna Wanderley Prazeres
Colégio Estadual Júlia Kubitschek

Palavras-chave: Educação. Linguagem. Fenômeno Linguístico.

Introdução

O meu discurso em favor do sonho, da utopia, da liberdade, da democracia é o discurso de quem recusa a acomodação e não deixa morrer em si o gosto de ser gente, que o fatalismo deteriora.

Paulo Freire

Este texto surgiu a partir do diálogo entre orientanda e orientadora de uma Dissertação de Mestrado iniciado em 2005. Nas sessões de orientação compartilhávamos nossas angustias e vivências como professoras de jovens e adultos em contextos diversos – e adversos-, refletíamos sobre as vidas dos nossos alunos, líamos e discutíamos textos. O objeto da Dissertação foi sendo construído a partir dessa interação, das vivências da autora como educadora de jovens e adultos, de algumas falas de educadores ligados a movimentos sociais e organizações não governamentais, de professores da rede pública e trocas de experiências com os próprios alunos. Falas de professores que demonstravam compartilhar as mesmas angustias e inquietações e buscavam, também, possíveis caminhos para melhorar o trabalho na EJA.

Metodologia

Este estudo foi orientado pelo caráter de pesquisa qualitativa, tendo em vista a investigação das práticas pedagógicas dos professores da educação de jovens e adultos no que se refere à variação linguística dos seus alunos. Nesse sentido, a observação foi um instrumento muito importante para o desenvolvimento da pesquisa,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

pois possibilitou a aproximação direta do pesquisador com a realidade a ser pesquisada. Nesse tipo de coleta de dados a observação de fatos, comportamentos e cenários foi valorizada. Partindo desse princípio, Freitas et. al, (2003, p. 61), chamam a atenção para a importância de “saber escutar/ouvir e observar/ver e considerar tanto a racionalidade como a sensibilidade, a fim de compreender a história e os acontecimentos” que fazem parte desse contexto investigativo.

Análise dos resultados

A análise de dados ocorreu de forma criteriosa e dialógica. Os fatos que mais contribuíram para isso foram a riqueza dos dados de que dispúnhamos e a literatura que nos embasava. Diante disso, realizamos as análises através do cruzamento dos dados coletados e do diálogo com a teoria.

Percebemos que a linguagem tem um papel fundador no processo educacional, não só do ponto de vista da construção da singularidade dos sujeitos, mas também da. Tanto as professoras quanto os alunos evidenciaram que a função da escola é “ensinar a falar corretamente” e que a gramática normativa tem um papel muito importante nesse processo. Mas os alunos às vezes se questionam: para que aprender a “falar certo?” Será que falando certo conseguiremos um emprego melhor?

Observamos também que no trabalho didático com a linguagem na sala de aula o professor geralmente solicita que os alunos transformem “o errado” em “certo”. Ao longo do nosso estudo, não observamos a proposta de uma discussão sobre os diversos fatores extralinguísticos que interferem na linguagem falada, nem foi proposta nas aulas a reflexão sobre os usos linguísticos mais adequados em determinadas situações e contextos.

Considerações finais: a importância do debate sobre a variação linguística no contexto educacional

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que a escola valoriza e transmite quase com exclusividade a variedade oficial da língua e que o mito da exclusiva legitimidade

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

desta variedade é produto, em parte, do desconhecimento dos processos histórico-políticos de instalação da mesma. Buscamos, também, enfatizar a importância de refletir a respeito das condições de produção e imposição da norma padrão de uma determinada língua em contextos específicos. A partir daí, poderemos questionar a legitimidade exclusiva dessa variedade. Assim, propomos um trabalho com a língua na sala de aula que permita o debate, a discussão e a comparação de formas de uso em contextos específicos, como uma forma de romper com a crença fortemente arraigada de que o professor deve ensinar e impor a norma padrão, evitando “interferências” dos usos populares da língua. O reconhecimento das diferenças e a reflexão acerca dessa problemática, tanto no contexto escolar quanto nos âmbitos de formação docente, poderá permitir-nos avançar na construção de uma escola mais democrática.

Referências

BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FREITAS, M. T.; SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sônia (orgs.). *Ciências Humanas e Pesquisa*. Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003, p. 26-38.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. WANDERLEY

PRAZERES, Patrícia. *Variação linguística na Educação de Jovens e Adultos*. Niterói, RJ: UFF, 2007. Dissertação de Mestrado – Programa Pós-Graduação em Educação.

“CRIAR LAÇOS, CONSTRUIR APRENDIZAGENS UNS COM OS OUTROS”: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROFESSORA EM DIÁLOGO COM O ESPAÇO LÚDICO-INCLUSIVO

Rita de Cássia de Souza Silva
Prefeitura Municipal de Duque de Caxias
Jonathan Fernandes de Aguiar.
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Palavras chave: Lúdico. Inclusão. Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir a partir de um relato de experiência de uma professora de Educação de Jovens e Adultos, se há possibilidade de construir um espaço lúdico-inclusivo na EJA. Baseamos este estudo nas ideias de Ferrigno (2003), Aguiar *et al.* (2018), Aguiar e Maia (2019). Sendo este um trabalho qualitativo, do tipo relato de experiência (IVENICKI; CANEN, 2016) de um dos autores deste texto – onde atua como docente na rede municipal de ensino de Duque de Caxias, como professora de EJA, na Escola Municipal Barão da Taquara.

Relato de experiência: Bingo!

A rede municipal de ensino de Duque de Caxias está entre as três maiores redes da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, com 174 escolas. Dentre elas, 40 possuem a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, conforme informação da Secretaria Municipal de Educação (SME). Esta experiência foi realizada com os alunos das etapas II e III, da EJA, da Escola Municipal Barão da Taquara, um bairro do 3º distrito do município de Duque de Caxias. Esta escola oferece a Educação Infantil, o 1º segmento do Ensino Fundamental e a EJA.

O fato de os alunos serem sujeitos plurais e possuírem diferentes faixas etárias (FERRIGNO, 2003) e alunos com deficiências intelectuais nos ofereceu interessantes pontos de análises sobre a implementação de uma atividade lúdica (AGUIAR *et al.*

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

2018). O jogo escolhido foi o “Bingo”. Quando sugerimos esse jogo aos alunos, enfrentamos uma certa resistência, pois para alguns alunos esta atividade não seria um “dever”. Nosso objetivo com o jogo era ensinar o Sistema de Numeração Decimal no que consiste a leitura e a composição dos números (unidades e dezenas), além de promover uma confraternização entre as duas etapas.

Depois de uma conversa inicial com os estudantes, a fim de convencê-los que a atividade lúdica (jogo “Bingo”) era pedagógica, demos início as explicações das regras do jogo - a entrega das cartelas, a exposição das pedras, e por fim, dissemos que quem completasse a cartela receberia uma caixa de bombom. Cabe destacar que o fato de se ter um prêmio deixou o grupo mais animado e introduziu uma certa descontração, deixando aquele momento interativo, leve e inclusivo, desse modo remete ao que Aguiar e Maia (2018) defendem por um espaço inclusivo, sendo este processual e interativo. Desse modo os alunos iam se organizando para ajudar aqueles que apresentavam algum tipo de dificuldade com o contato inicial com o jogo. A partir daquele momento, fomos percebendo que a “competição” não foi o foco do grupo, mas a cooperação. Esse fator deixou aquela atividade um momento agradável e pedagógico conforme o planejamento inicial.

Por outro lado, inicialmente, a resistência mencionada anteriormente, partiu dos alunos adultos e idosos. Os mais jovens aceitaram a proposta com mais tranquilidade. Problematizamos: O lúdico não ocuparia todas as idades? Porque tal resistência de alguns estudantes? Ao meu ver, essas diferenças devem-se ao fato de que nas experiências dos adultos esse tipo de jogo é praticado e organizado em ambientes fora da escola tais como clubes, bares etc. Outra possibilidade seria uma relutância, peculiar aos adultos, que seria a resistência às mudanças. “Isso não é dever professora” afirmou uma aluna quando propomos a atividade. Com isto, o lúdico ainda no senso comum ocupa o lugar do não-sério.

Já os mais novos, que no caso seriam os adolescentes, em algum momento de sua vida escolar, eles se depararam com esse tipo de jogo, pois o lúdico seria mais presente nas escolas nos últimos tempos, e isso é um indicativo de que os jogos

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

quebram resistências e estimulam não apenas a competição, mas bem direcionado pelo docente promovem sensações que desenvolvem o bem-estar, emoções e os aspectos cognitivos.

No decorrer do jogo “Bingo” podemos perceber que os alunos entenderam que o lúdico pode criar laços e construir aprendizagens. O ensino- aprendizagem por meio da ludicidade pode ser um canal de comunicação e aproximação com alunos de diferentes gerações, portanto, de ritmos, visões de mundo e interesses bastante distintos. Os dois alunos com deficiência e aqueles que tinham dificuldades, na leitura ou a visualização dos números, receberam apoio e ajuda dos colegas – a cooperação, a partilha fizeram parte desse processo lúdico-inclusivo. Em cada pedra cantada ouviam-se risos e frases tipo: “agora eu ganho”, “isso aqui está muito engraçado”, “vê se o fulano está marcando certo” (RELATO DE EXPERIÊNCIA, CADERNO DE ANOTAÇÕES, 2019).

Considerações Finais

Para fins conclusivos deste trabalho entendemos que a ludicidade é uma aliada a processos inclusivos na Educação de Jovens e Adultos ou qualquer outra modalidade de ensino ao levar- se em consideração a história de cada sujeito e os modos que desenvolvem a sua autonomia, espontaneidade e cooperação.

O relato de experiência aqui explicitado sobre o jogo “bingo” marcou as diferentes identidades (sujeitos) com voz e participação na atividade entendida como lúdica. A proposta só teve significado porque promoveu interação, cooperação e envolvimento deste público alvo. Espaço lúdico-inclusivo acontece *com* a participação de todos, cujo o bojo seja a interlocução entre sujeitos, independente, de classe social, idade, se tem jogo ou tecnologia, não importa, pois o que importa é se relacionar, criar laços, construir aprendizagens uns *com* os outros. Neste caso, a inclusão só tem a ganhar, e é claro, todos gritam: “Bingo! ”.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

AGUIAR, J. F. de et al. Lúdico, ludicidade e atividade lúdica: diferenças e similaridades. In: ALFERES, M. A. (org). *Qualidades e Políticas Públicas na Educação*. Vol.4. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2018/12/Qualidade-e-Pol%C3%ADticas-4.pdf>

AGUIAR; J. F. de; MAIA, M. V. C. M. "Desatando os nós": da sala de aula à quadra da escola uma proposta inclusiva. In: FONSECA, M. P. de S.; DIAS, M. A. *Anais do 1º Congresso de Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva*. 1ªed. Rio de Janeiro: UNA Editora, 2019 v.1 .418p.

FERRIGNO, J. C. *Coeducação entre gerações*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: SESC, 2003.

IVENICKI, A.; CANEN, A. *Metodologia da pesquisa: rompendo fronteiras curriculares*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2016.

DROGAS, EDUCAÇÃO, SAÚDE E EJA: POTENCIALIDADES DE UMA AÇÃO DE EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO DE JOVENS MULTIPLICADORES NO ENSINO NOTURNO

Francisco José Figueiredo Coelho
Priscila Tamiasso-Martinhon
Célia Sousa
GT Educação e Drogas do GIEESAA/UFRJ³

Palavras-chave: Educação sobre Drogas. Extensão Universitária. Ensino Noturno.

Introdução

Debates acerca do consumo recreativo e abusivo de entorpecentes não é particularidade de nossa geração. Do contrário, há tempos tem sido alvo de questionamentos, sobretudo no cenário educativo. Pedagogicamente, este assunto é de grande relevância para as escolas devido as dificuldades frequentes no trato do tema (ADADE, MONTEIRO, 2014; COELHO, 2019; COELHO; TAMIASSO-MARTINHON; PORTO, 2019).

No que tange à forma de abordagem em sala de aula, sobretudo na Nova Educação de Jovens e Adultos (NEJA⁴), nota-se uma escassez de debates que considerem as vivências e experiências dos estudantes. Dito de outra forma, é possível aproveitar a experiência dos estudantes da NEJA para construir espaços mais dialógicos pautado no fortalecimento de vínculos afetivos, na ótica de uma abordagem pedagógica com respeito à liberdade de escolha e à garantia dos direitos humanos (COELHO, 2019).

A proposta do Projeto DESEJA é oportunizar momentos de debates com os estudantes do ensino noturno da NEJA no Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira (CEPAP), a fim de desconstruir estigmas acerca do uso e consumo de entorpecentes e sensibilizar para cuidados básicos em torno da saúde. Por meio do

³Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte.

⁴Na rede Estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ) é utilizada a nomenclatura NEJA (Nova Educação de Jovens e Adultos), dada uma reformulação curricular ocorrida há alguns anos.

3º SELEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

acolhimento e da escuta a esses estudantes, frequentemente são pensadas novas estratégias de diálogo para se conversar sobre drogas. Com isso, entendemos, abarca-se a interculturalidade dos grupos e o aumento da autoestima a partir do acolhimento (centrado na afetividade) e do estímulo aos debates democráticos.

Metodologia

Desde 2017, o Projeto DESEJA tem sido estruturado em 4 etapas: (1) *Curso de formação para professores e licenciandos interessados no assunto*; (2) *Etapa de formação geral*; (3) *Etapa de formação específica* e (4) *Culminância dos debates inclusivos sobre drogas*. Na primeira etapa, profissionais do ensino e da saúde, licenciandos e funcionários da escola são convidados a participar de debates amplos para dialogarem com a NEJA sobre a temática. Nas etapas 2 e 3, que acontecem especificamente no horário noturno, os estudantes apresentam suas pesquisas acerca de alguns entorpecentes e debates são realizados acerca do tema, na busca de conhecer os mitos e prejulgamentos por eles enfrentados. Dessa forma, são preparados para assumirem reflexões que considerem múltiplos contextos (linguísticos, culturais e afetivos). Após essas etapas, os jovens da NEJA são convidados voluntariamente para montarem um grupo (coordenado por um deles) a fim de pensar estratégias sobre como levar o debate para os alunos do nono ano. Por isso os denominamos de **multiplicadores de debates inclusivos sobre drogas**. Essa culminância (etapa 4) acontece em uma tarde, podendo ser reproduzida em outras turmas, em vista da disponibilidade dos estudantes, pois a maioria apresenta atividade laboral.

Análise dos resultados

Neste bloco serão descritas e analisadas breves nuances sobre a etapa 4 do projeto DESEJA, realizadas no mês de maio de 2018, à luz dos benefícios andragógicos da ação de extensão para a NEJA. Participaram dessa intervenção as turmas 901 (equipe 1) e 902 (equipe 2), mediados pelos sete multiplicadores (um deles foi o

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

coordenador discente) que nos auxiliaram na orientação das intervenções. Nessa ocasião, percebemos como alguns multiplicadores tinham resistência a trabalharem em equipe. Esse foi um dos pontos importantes da liderança discente.

Outro ponto que cabe destacar das intervenções foi a liberdade que os multiplicadores tiveram de eleger a ferramenta para sua intervenção. Na equipe 1, foram oferecidas 4 charges aos estudantes para que eles discutissem acerca das questões políticas e sociais relacionadas: duas sobre consumo abusivo de álcool e duas sobre o consumo de *Cannabis*. Já na equipe 2, os multiplicadores preferiram realizar um trabalho de dramatização a partir de situações problema apresentadas aos estudantes do nono ano. Tais situações versavam tanto sobre o consumo problemático de maconha, quanto de medicamentos, álcool e tabaco e seus impactos individuais e coletivos. Os materiais podem ser encontrados no site www.educacaosobredrogas.com.br nos itens ferramentas de aula e práticas educativas, respectivamente.

Tanto na equipe 1 quanto na 2, os jovens trouxeram diferentes assuntos à tona. Discussões acerca do uso abusivo do álcool foram mais intensas, emergindo posicionamentos bem diferentes. Isso permitiu que os multiplicadores mediassem conflitos e divergências de opiniões, algo bastante requisitado no mercado de trabalho. Alguns alunos da EJA tiveram mais dificuldade pois não tinham o hábito de lidar com adolescentes. Na equipe 2 os conflitos foram menos identificados. Os alunos tiveram que encenar a situação problema e questionar o que os alunos pensavam sobre isso. Com isso, os alunos da EJA desenvolveram não apenas o senso crítico, como o potencial de mediar grupos de debate.

Considerações Finais

De forma geral, a ação de extensão ofereceu não apenas uma formação mais ampla acerca do tema drogas para o ensino noturno, como estimulou o protagonismo e o voluntariado desses jovens multiplicadores. Permitiu, em nosso entendimento, um canal de maior conhecimento e integração com outros membros da comunidade

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

escolar. Além de desmistificar o assunto entre os jovens do ensino noturno, foi importante para a prática de mediação de adolescentes e suas opiniões, sendo uma competência importante para o mercado profissional e que, de alguma forma, foi resgatada com a atividade de extensão.

Referências

ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 215-230, jan./mar. 2014.

COELHO, F. J. F. *Educação sobre Drogas e Formação de professores: uma proposta de ensino a distância centrada na Redução de Danos*. 245f. Tese (Doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Rio de Janeiro, 2019.

COELHO, F.J.F.; TAMIASSO-MARTINHON, P.; PORTO, P. ESPAÇOS DE DIÁLOGOS SOBRE DROGAS NA NEJA: o uso de memórias autobiográficas na aprendizagem colaborativa. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*. Mossoró, v. 5, n. 13, fev. 2019.

A PRODUÇÃO ESCRITA DE HISTÓRIAS DE VIDAS: ANÁLISE DO PERCURSO DA ATIVIDADE E DO PAPEL DA INTERLOCUÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE COMPORTAMENTOS ESCRITORES EM ALUNOS DA EJA PRISIONAL

Fabiana Gabriel
Universidade Federal de Juiz de Fora

Palavras-chave: Histórias de Vida. Produção de Textos. Bilhete do Professor.

Introdução

Este relato socializa a atividade desenvolvida durante as aulas de História - quando se discutia a temática “Minha História de Vida”- nos meses de março e abril de 2017 com seis turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental na modalidade EJA da E. E. de Ensino Fundamental e Médio- EJA- PPACP, localizada na Penitenciária Ariosvaldo de Campos Pires em Juiz de Fora (MG).

O desejo de desenvolver a experiência relatada surgiu durante as discussões realizadas na disciplina de Português II do curso de Pedagogia da UFJF, a qual me encontrava matriculada. Diante do estudo de textos como os de Fiad e Mayrink-Sabinson (1991), Ruiz (2001), Geraldi (2006), entre outros; importantes referências no desenvolvimento de atividades com produção escrita, estava posta a necessidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos, com a certeza de que os mesmos poderiam contribuir para a formação de comportamento escritores nos alunos da EJA.

Perspectivados pela concepção de linguagem como ação, atividade e lugar de interação social, onde os indivíduos produzem-se como sujeitos e atuam com vistas a determinados fins (Ruiz, 2001), foi proposto aos estudantes uma produção escrita em que a temática deveria ser “Minha História”. A clareza de que a escrita não é um dom, de que um texto é uma construção e de que só se aprende a escrever escrevendo, foi o fio condutor da produção realizada ao longo de um bimestre, com efetiva interação entre professora e alunos. A atividade teve como objetivos: trabalhar a importância das histórias de vida; estimular o desenvolvimento de comportamentos escritores nos

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

alunos e perceber quais repercussões poderiam ser provocadas pela correção das produções escritas dos estudantes via bilhetes da professora.

Metodologia

Orientada pela concepção de escrita como trabalho (Fiad e Mayrink-Sabinson, 1991), a produção foi desenvolvida em quatro etapas. Na primeira delas, o tema “Minha História de Vida” - presente no livro didático adotado pela escola - foi apresentado aos estudantes, conversamos sobre a importância de conhecer e valorizar a história e os saberes de cada indivíduo, logo após foi proposto que os alunos respondessem a questões postas no quadro que serviriam de planejamento e suporte para a escrita de suas histórias. Procurei interagir com os alunos/autores e solucionar as dúvidas que foram surgindo durante a primeira etapa da atividade, deixando claro que as respostas dadas auxiliariam o processo da escrita. Na aula seguinte, entreguei aos alunos uma folha onde seria realizada a primeira versão da produção. O enunciado continha instruções sobre o uso das questões respondidas no planejamento e a produção do texto sobre as histórias de vida, informações como a preocupação com os leitores também estavam presentes. Devido às limitações impostas pelo tempo das aulas de História essa etapa levou mais de uma semana para ser realizada por cada turma.

Com as primeiras versões dos textos em mãos, optei pela avaliação das produções iniciais por meio de bilhetes como método para a interação com os alunos/autores. Mesko e Penteado (2006) foram autores que deram grande contribuição quanto à metodologia adotada para a correção. Em seu capítulo: “Como se responde a um bilhete?” os autores defendem a eficácia e importância do método de correção.

A função dessa intervenção era provocar um deslocamento na produção escrita puxando fios para que o autor pudesse continuar a tramar seu texto, instigando-o a voltar o olhar para os efeitos de sentido que ali produzia. Essa forma de leitura textual- interativa preocupa-se, principalmente, com a organização e a construção do fio temático e deixa para um segundo momento o trabalho com as questões formais de construção do texto escrito. (Mesko e Penteado, 2006. Pág. 76 e 77.)

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Por reconhecer a dificuldade que muitos alunos apresentam na escrita das palavras, mas acreditando que esse não era o aspecto mais importante a ser atingido na produção proposta, a correção obedeceu aos seguintes critérios: primeiro foi feita uma correção resolutiva e depois um bilhete foi escrito para cada aluno, destacando os pontos positivos e as observações que deveriam ser levadas em conta na atividade de refacção.

Ao devolver os textos corrigidos solicitei que os alunos fizessem uma leitura atenciosa de sua produção, de meu bilhete e se necessário, das questões do planejamento. Assim demos início a última etapa da atividade, onde todos receberam a folha com as orientações e espaço designado às produções finais dos textos que tratariam de suas "Histórias de Vida".

Considerações Finais

A experiência de propor que os alunos em situação de privação de liberdade revisitassem suas quase sempre duras histórias de vidas, foi a princípio um desafio. Em um primeiro momento alguns ficaram resistentes e desconfiados sobre minha intenção, foi preciso muita conversa e deixar claro que eles deveriam transpor para o papel apenas as partes de suas histórias que desejassem compartilhar, comigo e com a turma. Desenvolver uma atividade tão intensa e trabalhosa de produção escrita em uma aula de História foi outra questão, assim como nós, os estudantes foram formados em uma concepção de escola onde cada disciplina está na sua caixinha e não estão familiarizados com o trabalho interdisciplinar, esse foi um bom motivo para o diálogo. A avaliação de produção de textos por bilhetes permite ao professor ter um olhar singular sobre o projeto de dizer dos estudantes. As interlocuções estabelecidas com o aluno/autor visavam não somente melhorar o texto, mas sim contribuir para o desenvolvimento de comportamentos escritores nos mesmos. Ao analisar os exemplos escolhidos pode-se perceber o quanto os elogios contidos nos bilhetes contribuíram para a atividade de reescrita, até mesmo o aluno que apresentou mais dificuldade na

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

produção inicial se sentiu seguro para reescrever seu texto, acrescentando informações importantes que haviam sido negligenciadas. Em sua maioria, as observações sobre pontos que poderiam ser melhorados também foram levadas em conta na produção final do texto. Apesar do enfrentamento das questões expostas e de outras, como a escassez do tempo e o trabalho penoso de corrigir e responder por meio de bilhetes a mais de cinquenta produções, avalio que a prática foi muito positiva, tanto para minha formação docente, quanto para os alunos/autores.

Referências

FIAD, Raquel S., and Maria Laura T. MAYRINK-SABINSON. *A escrita como trabalho*. In: *Questões de linguagem*. São Paulo: Contexto (1991): 54-63.

PENTEADO, A. E. D. A., & MESKO, W. S. (2006). *Como se responde a um bilhete? Movimentos a partir desse instrumento de intervenção nas produções textuais em processo de reescrita*. *Gêneros catalisadores: letramento e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 53-70.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. *Como se corrige redação na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

DESEJO, NECESSIDADE E VONTADE: O RETORNO PARA A SALA DE AULA EM BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO DA SUA REALIDADE

Cintia Oliveira Paulino da Silva
Maria Alice Barros

Palavras-chave: Programa de Educação de Jovens e Adultos. Projeto Sou Pai Sou Aluno. Prática docente.

Introdução

As questões abordadas nesse texto emergiram dos contextos das nossas salas de aula em um CIEP, localizado no Complexo da Maré. É neste espaço que buscamos compreender como o retorno ou a chegada à escola de jovens, adultos e idosos podem contribuir para o empoderamento dos sujeitos e de suas famílias. Nessa perspectiva, refletimos sobre a potência de uma prática pedagógica que promova não só uma aprendizagem significativa dos conteúdos curriculares, mas também que estimule oportunidades para a construção de saberes que considerem as diversas experiências culturais e de vida presentes em nossas salas de aula.

Neste sentido, nos propomos a refletir sobre os impactos e contribuições do Projeto "Sou pai, sou aluno" ligado ao Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da Prefeitura do Rio de Janeiro. Ao longo do nosso trabalho no CIEP Ministro Gustavo Capanema identificamos situações interessantes, tais como o retorno de pais aos bancos escolares com o objetivo de aprender a ler e escrever para contribuir na formação de seus filhos. Consideramos importante entender quem são esses homens e mulheres em busca da construção de si mesmos.

Metodologia

Para desenvolver esse trabalho, fizemos observações em sala de aula buscando analisar esse sujeito que procura a escola para além da certificação, que busque na

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

escola ferramentas para se apropriar dos conteúdos escolares para a sua vida de forma crítica.

Para aprimorar o olhar sobre as observações, buscamos auxílio no artigo de Ronaldo Cardoso Alves; Estefânia Rosa Santos Fronteiras: Revista de História que fala da Teoria das Representações Sociais aplicadas ao campo educacional que pode abranger “sistemas de representação das dimensões afetivas, sociais e cognitivas, além das perspectivas da linguagem e da comunicação”. Estes sistemas que permeiam a vida dos sujeitos fazem parte da relação que é construída com a escola. A autora salienta que:

Sendo as RS [Representações Sociais] entendidas como pensamento do senso comum, é importante considerar que esse pensamento projeta o sujeito pesquisado à posição de quem constrói teorias a respeito desse senso comum para lidar com a escola e compreendê-la. Nesse sentido, a contribuição da TRS [Teoria das Representações Sociais] para esta investigação possibilita reconhecer como os sujeitos estudantes tecem seus movimentos em relação à escola. Dessa forma, é possível mapear os sentidos que esses estudantes atribuem aos movimentos de idas e vindas para a escola (FERNANDES, 2012, p. 196).

Análise dos resultados

Para fundamentar as observações é preciso compreender O Projeto Sou Pai, Sou Aluno. Sendo assim, destaco aqui um trecho citado na página do Rio Educa:

Projeto Sou Pai, Sou Aluno: compreendendo a educação básica como direito de todos e como estratégia de potencialização das intervenções paterno/materna na vida dos filhos.

O projeto possui foco social nos pais dos nossos alunos e relaciona a EJA com a educação de nossas crianças e adolescentes, por acreditarmos que a escola pode contribuir com o aumento do capital econômico, social e cultural das pessoas, o que as qualifica para sua participação consciente na vida das famílias e da cidade. (RIOEDUCA, 2017)

O Projeto teve pretensões bastante relevantes e significativas, mas só passou a fazer sentido pedagógico de fato, ao ver a sua aplicabilidade na sala de aula. Nas diversas leituras encontradas, é possível confirmar a contribuição da formação em nível superior dos pais e melhora da renda familiar além de poder influenciar de forma

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

positiva na formação dos filhos. Assim como poderemos ver na pesquisa abaixo do IBGE.

Escolarização dos pais é decisiva no nível educacional dos filhos, diz IBGE. Dados divulgados nesta sexta-feira (15) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) indicam que a escolaridade dos pais é decisiva para garantir o diploma dos filhos: 69% dos filhos cujos pais terminaram o ensino superior seguiram o mesmo caminho. Na outra ponta, entre pais que nunca foram à escola, a chance de um brasileiro alcançar um diploma universitário é de apenas 4,6%. (IBGE, 2017)

Como vimos, no trecho acima, a pesquisa realizada pelo IBGE em que mostra como a formação de pais com nível superior pode de fato contribuir para o sucesso escolar de seus filhos. Em foco, o que pretendemos pesquisar aqui são os resultados da escolarização ao público do PEJA, já que o próprio projeto descreve que na medida em que cresce a escolaridade dos pais, aumenta a chance do brasileiro alcançar um nível educacional mais elevado. Filhos de pais que não conseguiram terminar o ensino fundamental dificilmente conseguirão alcançar um diploma universitário. Na verdade, o que queremos é compreender se de fato esses pais da classe popular, com baixa escolarização e com renda familiar baixa, que retornam à escola buscando se empoderar desse conhecimento escolarizado pode de fato contribuir para o sucesso escolar de seu filho. Esse pai - aluno que busca no PEJA a retomada de sua escolarização em turmas de alfabetização ou decorrentes propicia ferramentas e meios para auxiliar o filho - aluno. Desta forma, destacamos a relevância das observações como uma ferramenta de análise sobre o tema.

Considerações finais

Neste sentido, a proposta do trabalho desenvolvida em sala de aula, em especial na turma de alfabetização foi identificar até que ponto a escolarização do pai que é aluno da EJA, pode contribuir para o sucesso escolar de seus filhos. Compreender se o retorno dos pais aos bancos escolares pode contribuir para o crescimento intelectual e cognitivo dos pais (alunos) e para seus filhos.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Verificar a relevância da EJA, no processo educacional no sucesso do “pai aluno” como para o filho, tanto para quem precisou se afastar durante muito tempo dos bancos escolares ou mesmo para aquele que não tiveram oportunidades de estar na escola pelas mais diversas razões. Sendo assim, a relevância desta escrita se dá em verificar a importância da contribuição da escola para este sujeito e de sua família, pois viver o processo de escolarização poderá contribuir ainda mais para que este sujeito compreenda a sua condição de forma mais crítica.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia do Compromisso*. São Paulo: Vila das Letras, 2008.
<http://ojs.ufgd.edu.br/ojs/index.php/FRONTEIRAS/article/view/5460/2805> - Acesso em 31 de janeiro de 2018.

<http://www.rioeduca.net/blogViews.php?id=1274>. Acesso em 29 de março de 2018.

<https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/12/15/so-46-dos-filhos-de-pais-sem-ensino-fundamental-tem-diploma-no-brasil.htm> - Acesso em 29 de março de 2018.

ALIMENTOS E SAÚDE: ALFABETIZAÇÃO ATRAVÉS DE MEMÓRIAS AFETIVAS, REALIDADE ATUAL E POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO

Gisela Ribeiro da Silva
Colégio Sagrado Coração de Maria – RJ

Palavras-chave: Alfabetização de Jovens e Adultos. Cultura. Projeto Interdisciplinar.

Introdução

O projeto surgiu da escuta dos relatos dos educandos sobre suas memórias afetivas referentes alimentos e receitas de família, do fogão à lenha e dos problemas de saúde deles e de seus familiares, como: hipotireoidismo, diabetes, hipertensão, obesidade etc.

O trabalho realizado na turma de alfabetização da EJA objetiva permitir que os educandos, juntamente com seus familiares, reflitam sobre seus hábitos alimentares e sobre suas consequências em sua saúde e desenvolver o processo de leitura e escrita manuseando diversos escritos.

Optamos por trabalhar de forma interdisciplinar, com: gêneros literários (livros de receitas, listas, textos informativos de revista e livros de literatura), Artes (admiração de obras de arte de: Giuseppe Arcimboldo, Tarsila do Amaral, Cézanne, Portinari e Salvador Dalí), culinária, e filme documentário, focando no processo de aquisição da leitura e da escrita.

A Pedagogia Humanizadora de Paulo Freire ressalta que “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar dos objetivos cognoscíveis”. E esta rigorosidade metódica não tem nada a ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

aprender criticamente é possível”. (FREIRE, 1996, p.28). Nessa concepção o educador oportuniza o diálogo, estimula o pensamento crítico sobre o objeto de estudo e os educando têm a possibilidade de conquistar a autonomia com o outro e com a educação. É um exercício de emancipação, pois o coletivo percebe que assim pode ter voz e se liberta para experimentar e aprender.

Esse trabalho é desenvolvido em bases fundantes da Filosofia Freireana que são: a amorosidade, a humildade, a fé nos Homens, a esperança, o pensar crítico, a autonomia e a emancipação.

Metodologia

O projeto desenvolvido na turma inicial de Alfabetização (1º e 2º ano do E. F. I) contempla as disciplinas de: Língua Portuguesa (Gêneros: questionário, receitas, listas, texto informativo e rótulos) , Ciências (alimentos saudáveis, tipos de alimentos e a nova pirâmide alimentar), Matemática (unidades de medidas), História (fonte histórica escrita e oral, valor cultural das receitas) e Artes (obras de arte que retratam alimentos).

1ª etapa: Conhecendo o universo dos educandos.

2ª etapa: Assistimos o documentário: Narrativas culinárias e cadernos de receitas do Sul de Minas⁵ e trouxemos nossas receitas e nossas lembranças afetivas.

3ª etapa: Lista de alimentos saudáveis.

4ª etapa: Escrita espontânea de uma receita simples.

5ª etapa: A turma se dividiu em grupos e escolheu uma das doenças para produzir um cartaz.

6ª etapa: Após a escolha do cardápio a ser confeccionado pela turma no colégio, trabalhamos as partes da receita saudável, os ingredientes e o seu modo de preparo.

7ª etapa: Jogo da Memória dos alimentos da receita saudável.

⁵ Narrativas culinárias e cadernos de receitas do Sul de Minas em <https://www.youtube.com/watch?v=bTn-hNP2vhU>

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

8ª etapa: Pesquisa no Laboratório de Informática sobre obras de Arte que retratam alimentos.

9ª etapa: Observação da nova pirâmide alimentar, que inclui o exercício físico em sua base.

10ª etapa: Manuseio de livros como: Guia alimentar para a população brasileira do Ministério da Saúde (2016) e Alimentos saudáveis e perigosos (2006).

11ª etapa atravessou todas as outras etapas, pois a escrita dos alimentos do cardápio, elaborado pela turma, ajuda os alunos a fazerem novas descobertas de codificação e decodificação de novas palavras.

Análise dos resultados

Partimos de um objetivo bem claro que era trazer as memórias afetivas, pensar coletivamente e produzir conhecimento. Os educandos não tinham o conhecimento dos benefícios da alimentação saudável, natural e não sabiam na prática como se beneficiar dos alimentos para o controle de doenças. Eles se envolveram com o projeto, considero que esse trabalho levou os educandos a pensar o mundo, refletir sobre o mundo para fazerem diferente. Trabalhar com projetos faz os educandos se sentirem autores no sentido coletivo, pois agrega pessoas em todo o processo. Eles se identificaram com o tema e se interessaram, desenvolvendo bem as atividades propostas, interagindo nas rodas de conversa, trazendo relatos pessoais e familiares. Estavam motivados e curiosos por aprender.

O manuseio de textos naturais significativos fizeram com que os educandos vivessem um processo de satisfação. Eles se sentiram leitores.

A relação afetiva que liga educando, objeto de análise e alfabetizadora desempenha um papel importantíssimo quando nesta relação existe confiança e diálogo.

O trabalho em turma de alfabetização da EJA sempre exige uma sensibilidade ainda maior para entender os ritmos, desejos, dificuldades, necessidades, problemas pessoais do mundo do trabalho e visões particulares de um alunado muito particular,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

pois na sala de aula eles são muitos em um único corpo físico, são mães e pais, esposas e maridos, namoradas e namorados, filhas e filhos, avós e avôs, funcionárias e funcionários. Ele chega ali cheio de expectativas e modelos tradicionais que precisam ser desconstruídos e o trabalho diversificado em torno de um tema gerador ajuda muito. Um trabalho contextualizado, reflexivo, livre dos métodos tradicionais de alfabetização pode causar estranheza no início, mas é bem aceito porque o fato de os educandos, de diferentes níveis de compreensão da escrita e da leitura, lidarem com tipos de textos diversos os torna autônomos para fazerem novas descobertas e se sentirem capazes. E o projeto amplia horizontes em diversas áreas, proporciona uma alfabetização integral que se faz com um desenvolvimento pleno dos conhecimentos.

Considerações Finais

O saber produzido no colégio deve valorizar as fontes orais como registro legítimo da história dos alunos, trazendo para dentro da sala de aula os saberes dos educandos e incorporando também outras fontes históricas, como: os cadernos de receita, as obras de arte e filme documentário. Assim afirma-se a noção de identidade cultural.

Percebemos que o erro na escrita é normalmente decorrente da interferência da fala sobre a escrita e desmistificamos o erro estabelecendo claramente com os alunos as diferenças entre os dois tipos de representação: a fala e a escrita. Reconhecemos que a língua é múltipla, falada de diferentes formas pelo Brasil a fora e que devemos identificar a língua materna (fala) e saber compreender quando e como usar a escrita (língua culta).

A prática da leitura, o acesso aos bens culturais é direito de todos e esse projeto amplia a leitura de mundo desses leitores e os fortalece na luta pela garantia de se tornarem alfabetizados.

As situações de aprendizagem que promovem a interação entre os alunos dá a eles o direito à voz e demonstra uma prática comprometida com as questões sociais e

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

políticas do nosso tempo, que ainda insistem em não valorizar a educação do ser da opressão: jovens, adultos e idosos ainda não alfabetizados.

Esperamos ter contribuído para mudanças de hábitos alimentares desses educandos e famílias, mas na questão do ensino aprendizagem da leitura e da escrita já observamos avanços significativos. A postura cidadã de ser crítico melhorou e hoje os educandos conseguem expressar melhor suas opiniões, dúvidas e reflexões.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 12ª ed. São paulo: Paz e Terra, 1996.

O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Janaina de Cassia Siqueira Marques
UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos

Palavras-chave: Escrita. Aprendizagem Significativa. EJA

Introdução

No intuito de refletir sobre como os alunos desenvolvem a escrita e proporcionar um ensino de qualidade aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), este projeto tem como objetivo identificar e compreender quais são as dificuldades que os alunos da EJA encontram em relação à aprendizagem dos aspectos relacionados a competência da escrita. Este estudo, pautado na análise dos textos produzidos pelos alunos da EJA, pretende trazer uma reflexão sobre as dificuldades encontradas pelos discentes ao escrever seus textos. Os alunos que irão compor esta pesquisa estão cursando a sétima série de uma escola municipal da cidade de Rio Claro/SP. A princípio, a pesquisa terá como embasamento teórico Passarelli (2012) e Bagno (1999) e pretende trazer contribuições para os educadores que trabalham com esta modalidade de ensino, considerando a leitura e a escrita capacidades básicas para a aprendizagem de diversos conteúdos e conceitos e para a inserção social nos mais diversos contextos.

Metodologia

Esta pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, dado que se pretende analisar os textos produzidos pelos alunos, visando o desenvolvimento da competência linguística dos alunos da EJA. Esse tipo de abordagem, segundo Goldenberg (2004, p. 14), se preocupa com o "aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc" e não com quantidades numéricas. Nesse sentido, dados advindos de metodologias qualitativas concedem

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

informações mais detalhadas, que priorizam e evidenciam as ações dos indivíduos, possibilitando ao pesquisador “observar, diretamente, como cada indivíduo, grupo ou instituição experimenta, concretamente, a realidade pesquisada” (GOLDENBERG, 2004, p. 63).

Deste modo, constrói - se o planejamento da pesquisa na direção de se convidar os alunos da Educação de Jovens e Adultos II, para trabalharem com suas escritas nas aulas de Língua Portuguesa. O objetivo é que os alunos desenvolvam sua escrita durante o ano letivo a partir da análise da produção de textos autobiográficos. A possibilidade de trabalhar com esse tipo de texto, permite que o espaço da sala de aula seja um espaço de discussões e reflexões sobre a realidade do aluno. Esse é um momento muito interessante, de troca de experiências e de ressignificação de algumas ideias e conceitos que permeiam a vida dos jovens e dos adultos, alguns temas trabalhados são: infância, adolescência, trabalho, preconceito racial e contra a mulher, entre outros.

As discussões são promovidas a partir da leitura de diversos gêneros textuais. Em seguida, os alunos, sentindo-se motivados a escrever e produzem seus textos.

A recolha de dados será fundamentada na análise dos textos produzidos pelos alunos e anotações feitas pela pesquisadora no caderno de campo e em entrevistas com os mesmos, a fim de produzir mais informações sobre suas produções, bem como suas dificuldades em escrever.

A observação e as anotações feitas da pesquisadora aparecem como sendo um meio de coletar as informações sobre: as atitudes dos alunos; como estes recuperam em seus conhecimentos os conceitos formais e informais da Língua Portuguesa; como os alunos desenvolvem sua argumentação a partir de temas polêmicos discutidos em sala de aula; como os alunos entendem o seu papel nos diversos espaços sociais que estão inseridos; as dificuldades que encontram e como elas são sanadas (caso forem) sobre como eles desenvolvem as escritas propostas, quais os conhecimentos que os alunos valorizam na construção do conhecimentos, o seja, o que esperam que o professor ensine e como os conteúdos devem ser ensinados. De acordo com Bogdan

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

e Biklen (1994), tais anotações darão origem ao caderno de campo onde, retratará, as reflexões e sentimentos que vão ocorrendo a pesquisadora conforme ela realiza suas observações.

Após o período de coleta dos dados, o processo de análise dos mesmo será realizada sob a luz do referencial teórico (PASSARELLI, 2012; BAGNO, 1999), buscando, a cada momento, observar e refletir sobre o desenvolvimento da escrita e as mudanças necessárias que o professor necessita fazer para intervir no desenvolvimento da escrita do aluno da EJA e, como resultado final, propor uma prática pedagógica na qual o professor consiga interagir com seus alunos de maneira eficaz, tornando a aprendizagem significativa.

Análise dos resultados

Essa é uma pesquisa em andamento e o processo de análise dos textos será realizada sob a luz do referencial teórico (PASSARELLI, 2012; BAGNO, 1999), buscando, a cada momento, observar e refletir sobre o desenvolvimento da escrita dos alunos e sobre a maneira como o professor faz as intervenções necessárias, levando o aluno a construir aprendizagens significativas da escrita.

Considerações Finais

Neste contexto, de sala de aula, espero instaurar um espaço interativo, onde o professor possa aproximar-se da realidade vivida pelo aluno para que este possa sentir-se valorizado e confiante em sua capacidade linguística, valorizando os conhecimentos adquiridos em sua história de vida. Nesse sentido, propõe-se uma análise das produções textuais dos alunos e como estas interferem no desenvolvimento das competências linguísticas dos alunos da EJA, de modo que estes consigam construir seus conhecimentos a partir das interações entre os pares e com o professor.

Referências

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ANASTASIOU, L.G.C. *Metodologia do Ensino Superior*: da prática docente a uma possível teoria pedagógica. Curitiba: IBPEX, 1998, v. 1000. p.231.

BRASIL. *Proposta Curricular Para A Educação de Jovens e Adultos*: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série. (Brasília, DF, 2002. v. 1, p. 1-146). Acessado em: 01 abr. 2017. <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf>.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PASSARELLI, L.G. *Ensino e correção na produção de textos escolares*. São Paulo: Cortez, 2012.

AFETIVIDADE TEM IDADE? UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TRAJETÓRIA DE ALUNOS DA TURMA 2009 EM 2019: UMA DÉCADA EM REVISTA

Verônica Cunha
Prefeitura da Cidade de Queimados

Palavras-chave: Afetividade. Formação Humana. Perspectivas.

Introdução

Este trabalho discutirá a condição de grupo de 10 alunos oriundos de um projeto de EJA premiado no ano de 2009 em um concurso chamado Práticas Exitosas em Educação e como as construções deste ano reverberaram em suas trajetórias. Na ocasião, o mote para o trabalho com os alunos, escolhido pela professora, se deu pelo conceito de afetividade no cotidiano escolar e, junto aos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos – EJA, buscou –se desenvolver atividades que levassem em conta as relações intra e interpessoais e a construção de um diário de possibilidades como estratégia metodológica dentro do planejamento pedagógico.

Naquele ano, a relação do grupo consolidou a permanência de 95 % dos alunos até a conclusão do curso, mantendo– os nas aulas e criando possibilidades de analisar a relação entre a prática pedagógica e dinâmica de atuação da turma frente às inúmeras adversidades que permearam a vida dos alunos trabalhadores, reverberando em possibilidades de construção de caminhos para a conclusão daquela formação inicial. Mediante pesquisa bibliográfica e empírica, buscou compreender como ocorre a interferência dessa relação no processo ensino/aprendizagem. Estes sujeitos afirmaram que a afetividade e o vínculo nascidos no grupo estimularam a sua aprendizagem.

No entanto, instiga-nos a descoberta de como o projeto Afetividade não tem idade impactou os jovens e os adultos desta escola da rede municipal de Queimados

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

fora dos muros da escola. Como ficou a vida deles após saírem do projeto?

Metodologia

Para atender ao estudo de caso proposto, tratou-se da realização de um grupo focal com 10 alunos concluintes dos anos iniciais da EJA do ano de 2019, através da realização de dois encontros com duração de 1h e 30 min cada um, na Unidade Escolar alvo do estudo, objetivando conhecer como ocorreu a transição dos alunos que saíram da escola após a conclusão dos anos iniciais e passaram para os anos finais da Educação de Jovens e Adultos. Assim, lançamo-nos ao desafio de dialogar, a partir da pergunta: O projeto AfetivIDADE contribuiu de alguma maneira na sua trajetória pós formação inicial com a trajetória de possibilidades, fortalecimento pessoal e /ou atuação dentro de suas realidades?

Quanto à ênfase do Estudo de Caso, justificou-se por pertencer ao grupo das pesquisas qualitativas e por ser de grande valia na fase de interpretação dos dados do grupo focal, o mais fidedigno possível, assim como afirmam Lüdke e André (1986), que os estudos de caso buscam retratar de forma completa e profunda a experiência dos sujeitos respondentes, logo é um grande potencial para conhecer e melhor compreender estas produções.

Análise dos resultados

Dos 10 alunos participantes do grupo focal, 5 concluíram o ensino médio e estão trabalhando. 7 estão desenvolvendo alguma atividade dentre de suas comunidades, todos se relacionam entre si, desenvolvendo uma espécie de rede e apenas 1 não concluiu o fundamental. Todos afirmaram que o projeto mudou a percepção deles sobre si mesmo e sobre o mundo.

Segundo Andrade (2009), ressignificar os processos de aprendizagem pelos quais os sujeitos se produzem e se humanizam ao longo de toda a vida ainda é o grande desafio. Não se pode naturalizar a ideia de que o homem está a cada dia

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

deixando de sê-lo. Não se pode continuar dizendo que se faz educação se a mesma não contempla uma das necessidades vitais da espécie: sentir-se homem.

Não há educação onde vontades são silenciadas e pessoas tem seu que não negociam comportamentos e os padronizam; negando a singularidade humana (RESTREPO, 2000). E aqui destaco a fala de uma das alunas quando diz q “estar nesse reencontro me trouxe a alegria de reviver aqueles dias de sonho que vivi em 2009. Foi a primeira vez na minha vida que alguma coisa que eu falei foi valorizada por alguém. Depois daquele ano, nunca mais calaram a minha boca.” A.P,

Um dado importante é que todos os alunos do grupo focal afirmaram como principal causa para concluírem o curso a afetividade construída entre eles e a compreensão de suas especificidades pelo professor. Para Freire (1997, p.159), é preciso que o educador esteja aberto ao gosto de querer bem aos educandos e a prática de que participa, ou seja, aceitar a afetividade e não ter medo de expressá-la.

Considerações Finais

Não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato, isto é, não é a razão o que nos leva à ação, mas a emoção (MATURANA 1999, p. 22-23). Desta maneira, reunir este grupo de alunos para analisar e refletir sobre as suas trajetórias foi fundamental para que nos debruçemos sobre novas possibilidades de enfrentamento ao crescente desmantelamento da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e o avassalador projeto de desumanização, percebendo que com autoestima positiva os sujeitos da EJA são mais, são o que quiserem ser.

Não podemos perder de vista que trabalhamos num contexto histórico marcado por exclusão e alijamento de direitos. Assim, nossa tarefa torna – se ainda mais desafiadora e urge que nos apropriemos das especificidades desta área, estudando, pesquisando, pois “(...) é preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras.(...) A prática pedagógica é

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (Freire, 1997 p. 161)

Destaco que no ano de 2012 o trabalho com estes alunos gerou uma discussão relevante em um trabalho de conclusão de curso no CESPEB/EJA e ,em 2014 ,uma dissertação de mestrado na EPSJV/FIOCRUZ, ambos desenvolvidos pela professora-pesquisadora.

Referências

ANDRADE, Janete Magalhães. *Cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis, RJ :DP et Alii; Brasília, DF:CNPq, 2009

FREIRE. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à pratica educativa*. 4a. Edição. Paz e Terra: São Paulo-SP, 1997.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: UFMG, 1999

RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

PRÁTICA PEDAGÓGICA FÁBULAS COLETIVAS

Angela Gonçalves Jesus da Silva⁶
CREJA - SME /RJ

Palavras-chave: Língua Portuguesa. EJA. Fábulas

Introdução

O Centro de Referência de Jovens e Adultos, CREJA, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, foi fundado em 2004, sendo denominada Escola Exclusiva de EJA, na modalidade semipresencial, tendo como um dos seus principais objetivos o atendimento de trabalhadores da área do comércio e prestadores de serviço da região do Centro do Município do Rio de Janeiro e adjacências.

A cada trimestre, é desenvolvido no CREJA um tema que norteia toda prática pedagógica. Nesse contexto, no segundo trimestre de 2017, o tema Direitos Humanos no Brasil foi abordado na disciplina Língua Portuguesa em uma perspectiva interdisciplinar com História/ Geografia, Matemática, Ciências, Inglês, Teatro e Alfabetização.

Vale ressaltar que muitos alunos saem da Alfabetização e vão para Ensino Fundamental - Segundo Segmento. Logo, chegam ao primeiro bloco (anos iniciais do Ensino Fundamental II) ainda em processo de alfabetização. No segundo trimestre, o estudo do gênero fábula na disciplina Língua Portuguesa com a atividade Fábulas Coletivas mereceu destaque, por ter sido desenvolvido a partir do diálogo com as histórias de vida dos alunos, que resultou em produção de textos coletivos registrados em um livreto.

³Graduada e Licenciada em Letras pela UFRJ – 1995. Especialista em Literatura Portuguesa – 1996. Mestre em Letras Vernáculas – UFRJ, 2001. Graduada e Licenciada em Pedagogia – Universidade Cândido Mendes – 2011. Professora Regente de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação (CREJA – Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos). Professora Regente de Língua Portuguesa e Disciplinas Pedagógicas no Ensino Médio da SEEDUC (Instituto de Educação Carmela Dutra)

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Todo o trabalho foi desenvolvido em etapas, nas quais, os alunos sempre foram protagonistas, visando ao compromisso com formação do cidadão autônomo e proficiente.

Metodologia

As atividades foram desenvolvidas durante oito semanas, a saber:

Na primeira semana, foi apresentada para a fábula O escorpião e a rã, com debate sobre pessoas de comportamento escorpião (traíçoeiros) e de rã (ingênuas) nas relações cotidianas. Na segunda, continuamos o estudo da fábula, que possibilitou aprofundar o conhecimento de substantivo abstrato e os adjetivos que se originam deles (Ex: INGENUIDADE – INGÊNUO), com atividades.

Nas três semanas seguintes, a turma leu a fábula A canoa, de Paulo Freire, relacionando-a às situações do cotidiano em relação aos saberes formais e informais. Em seguida, conheceu um pouco mais sobre o pensamento do educador, sendo estimulados a relacionar o pensamento do educador a questões de direitos básicos de cada cidadão. Ao final, foi apresentada a proposta da elaboração coletiva de uma fábula, a partir da experiência de vida dos alunos, que se relacionasse, de alguma forma, aos Direitos Humanos. Depois de ouvirem os relatos de cada colega, os alunos elegeram a história que poderia servi-lhes de inspiração para a elaboração de uma fábula. Nas semanas finais, os alunos receberam os textos digitados e esse material foi utilizado como material de estudo de acordo com a necessidade de cada turma. Ao final, promovemos uma atividade de encontro de todas as turmas para leitura de todos os textos produzidos.

Análise dos resultados

Todos os conteúdos abordados neste trabalho tiveram como base as Orientações Curriculares da Educação de Jovens e Adultos da Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEJA) da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME)

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Os alunos entenderam a mensagem de Paulo Freire e a levaram para suas vidas, perceberam que cada um sabe fazer algo e que todos os saberes têm importância. Aprenderam a ver o grande educador com a intimidade de um "velho amigo", que continua a provocar mudanças até hoje na mente e no coração de jovens e adultos, que se perceberam como autores de histórias incríveis.

Considerações Finais

A culminância desse trabalho foi a leitura das fábulas: O cachorro Tonton, A Leoa e o Cordeiro, Dona Barata é um barato!, A padaria do Jabuti, A história da Dona Coelha, A macaca Lulu, O calango da Bahia e A mamãe canguru, demonstrando a capacidade criativa de cada turma. Todas essas narrativas transformaram o aprendizado em algo muito mais significativo, porque representou a certeza de que o melhor caminho a seguir na prática do ensino da Língua Portuguesa é aquele que auxilie o aluno a perceber que o conhecimento pode surgir na valorização e construção dos saberes individuais e coletivos. Nesse contexto, os conteúdos formais foram trabalhados de forma contextualizada e dinâmica, o que facilitou bastante o processo de aprendizagem.

Referências

CREJA. *Projeto Político Pedagógico* (2017 - 2021). Rio de Janeiro: 2017.

RIO DE JANEIRO. CREJA. *Orientações Curriculares das Escolas Exclusivas de EJA - Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia - Saberes e prática educativa*. 25º edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel - A adolescência e os Direitos Humanos no Brasil*. São Paulo: Ática, 2004.

ESOPO. *Fábulas*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

ALMANAQUE ANGRA'S DOS REIS: CULTURA, IDENTIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ramon Melo
José Elesbão Duarte Filho

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Práticas e Espaços de Formação. Cultura e Identidade em EJA. Extensão Universitária.

Introdução

O presente trabalho tem como intenção apresentar o relato de experiência de um grupo formado por graduandos da PUC-Rio, alunas e alunos dos cursos de Pedagogia e Filosofia, mediado pelo Professor Renato Pontes, do Departamento de Educação de referida universidade.

A experiência que o trabalho se propõe apresentar se refere à elaboração de um material de leitura para o público da Educação de Jovens e Adultos do município de Angra dos Reis – RJ, intitulado “Almanaque Angra’S dos Reis”.

As experiências que serão compartilhadas neste trabalho dizem respeito a três dimensões que se perpassam, e a primeira corresponde ao que chamamos de vivência, que abrange a relação teoria e prática, movimento gerador de conhecimento e noção de experiência; a segunda dimensão se refere às tensões entre as concepções de pesquisa para o Almanaque e pesquisa acadêmica; e por último, mas não menos importante, a dimensão de envolvimento cuja proposta é dialogar com aspectos que envolvem afeto, encantamento, bem como, as dificuldades de estabelecer pertencimento com o processo de confecção do material.

Metodologia

Em 2014, a equipe de EJA da Secretaria Municipal de Angra dos Reis decide criar meios para produção de um material de leitura para o público da EJA no formato de um almanaque. O trabalho foi iniciado em 2014 com um grupo de 40 docentes que passaram por um curso de formação de 24h sobre Almanagues oferecido pela CCE da

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

PUC-Rio, feito em parceria com o NEAd – Núcleo de Educação de Adultos da PUC-Rio, intitulado: “Produção de materiais didáticos para EJA: conceitos e desafios”. A ideia era de que no ano seguinte os professores que passaram por esse curso pudessem se envolver na produção do material, que aconteceria durante todo o ano letivo de 2015. Devido a problemas burocráticos da SME, as primeiras ações nesse sentido só tiveram início no segundo semestre desse ano, quando aconteceram encontros para discussão da concepção temática da publicação e para a construção do mapa temático.

Em 2016, ano de eleição, o projeto foi retomado por uma nova equipe de EJA na SME, e passou por muitos entraves políticos e administrativos, chegando a ser descontinuado no final desse ano (ano de 2016). Nesse percurso, já se tinha constituído um grupo de trabalho com graduandos da PUC-Rio para apoio à pesquisa e desenvolvimento do material. Com o encerramento do projeto na SME esse grupo decidiu dar continuidade de forma voluntária ao processo de elaboração do Almanaque Angra’S dos Reis. Assim, somente em 2017 com esse grupo de graduandos as pesquisas tiveram início de fato.

O grupo realizou pesquisas bibliográficas e iconográficas, estabeleceu uma dinâmica de encontros semanais, com o compromisso de registrar em ata todas as decisões e percursos do projeto, verdadeiro registro de memórias. As necessidades técnicas em relação ao tratamento de imagens foram supridas pelo apoio de três alunos do curso de Artes e Design da PUC-Rio que se juntaram à equipe no decorrer do projeto. Também um grupo de professores de EJA (da equipe inicial de Angra dos Reis), voltou a integrar-se ao projeto trazendo as pesquisas específicas da cultura e identidade angrenses; o que agregou muito, e significativamente para a equipe de trabalho do Rio de Janeiro, considerando a familiaridade e o laço identitário daqueles professores com a cultura e identidade de Angra.

Para efeito de análise das experiências dos integrantes do grupo em relação ao trabalho do Almanaque, nos utilizamos dos registros da memória dos encontros do grupo e também buscamos dialogar com referenciais teóricos que nos auxiliam na fundamentação e reflexões feitas neste texto.

Análise dos resultados

O processo de elaboração do material oportunizou a reflexão do grupo sobre o próprio processo de construção do Almanaque e as muitas relações estabelecidas a partir desse trabalho. As tensões presentes na vivência de entender como selecionar e tratar os conteúdos pertinentes à composição do Almanaque, fez com que todos os integrantes se deslocassem de uma estrutura de pensamento acadêmico (como deve ser) para uma relação do fazer (prática) sem o rigor da formalidade que a academia exige (INGOLDI, 2015). A partir do deslocamento, o grupo percebeu que com o processo de organização de todos os conteúdos, foi gerado conhecimento na forma de trabalhar (selecionar conteúdo, tratar o conteúdo, como arquivar e registrar as referências e sistematizar todo o acervo). O grupo também percebeu que não há uma estrutura única para a elaboração de um material, pois a estruturação não depende única e/ou exclusivamente de experiências pregressas, mas sim reconhecer, compreender e valorizar o processo de aprendizagem que vai se desenhando ao longo do percurso, ou seja, efetivamente ter uma experiência (afeto) com o próprio “caminhar” do trabalho.

A segunda dimensão que sinalizamos como parte do texto, diz respeito às tensões entre as concepções de pesquisa para o Almanaque e pesquisa acadêmica. O grupo ao iniciar sua relação com o trabalho, ainda estava com um pensamento rígido da academia e não conseguia abrir espaço para um pensar mais livre acerca de como fazer a pesquisa dos conteúdos pertinentes. Temos uma ideia de pesquisa na cabeça que encerra uma visão de mundo, um tipo de texto e um tipo de pesquisador, e o almanaque deu oportunidade de pensarmos sobre esses conceitos e buscarmos autonomia no processo de fazer, de criar e confeccionar o material a partir da contribuição pessoal de cada integrante (NÓVOA, 2017).

As dimensões comentadas se evidenciam quando analisamos o envolvimento e sentimento de pertencimento dos integrantes do grupo com a produção do Almanaque. Foi possível identificar que houve afeto quando consideramos o nível de

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

comprometimento e adesão do grupo ao trabalho. Houve encantamento pelo processo de confecção, pois além de gerar conhecimento, também nos permitiu perceber a possibilidade de criação de outros materiais com caráter pedagógico, informativo, formativo, etc. Reconhecemos que nesse caso em particular, o trabalho Almanaque não se fechou numa perspectiva burocrática, na qual os integrantes esperam algum retorno monetário ou têm que cumprir uma ordem de prestação de serviço. O sentimento de pertencimento criou uma identidade de grupo de trabalho que ultrapassa a fronteira de uma produção burocrática (BARBERO, 2006).

Considerações Finais

Considerando todas as dimensões comentadas, é possível admitir que as experiências do trabalho Almanaque Angra's dos Reis transitam a um só tempo pelas dimensões de cunho escolar/acadêmico, quando falamos de trabalhar leitura e escrita; mas também se propagam numa esfera de ordem cultural, social e profissional, contribuindo muito positivamente inclusive no processo de formação dos integrantes do grupo, enquanto pesquisadores de campo e educadores.

Referências

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alternidades: mudanças e opacidades de comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Sociedade midiatarizada*. Rio de Janeiro: Manuad X, 2006.

INGOLD, T. *O Dédalo e o Labirinto*: Caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 21, nº 44, p. 21/36, jul/dez.2015

NÓVOA. Antônio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de pesquisa* v.47, nº 166, p.1106/1133, out/dez.2017

UM CONTO SOBRE MULHERES EM RODA DE LEITURA NA EJA

Janaina de Oliveira Augusto⁷

Palavras-chave: EJA. Mulheres. Roda de Leitura.

Introdução

Este trabalho apresenta uma experiência de uma Roda de Leitura realizada com alunos matriculados no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), um colégio estadual localizado em Madureira, zona norte do Rio de Janeiro.

Para a concretização dessa atividade, foi planejada a leitura de um texto que pudesse conduzir os estudantes a algumas reflexões, com o objetivo de entender o papel da mulher na sociedade brasileira. Dessa forma, a produção escolhida para a leitura compartilhada foi o conto A Moça Tecelã de Marina Colassanti, com vistas também a proporcionar um contato maior com algumas características bem próprias desse gênero textual.

A escolha desse tipo textual deve-se ao fato de o mesmo constituir uma narrativa curta, o que se fez necessário devido ao breve período de duração da oficina. Como afirma Fiorussi (2003), "Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas...".

Metodologia

Os alunos frequentam o colégio de acordo com o sistema semipresencial, por isso, previamente, a coordenadora escolar anunciou o evento, no mural da escola, para que os interessados fizessem a inscrição. Foram 30 (trinta) inscritos e a atividade foi desenvolvida nos moldes de uma Roda de Leitura. A organização da sala de aula

⁷ Licenciada em Letras (Português/Latim) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, especialista em Literatura Infantojuvenil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Avaliação pela Fundação Cesgranrio
janaoliveira2008@yahoo.com.br

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

se deu em forma de círculo, para que todos os participantes pudessem estar lado a lado, em igualdade de condições para apresentarem suas interpretações do conto.

Os professores das disciplinas Língua Portuguesa e Filosofia posicionaram-se junto aos estudantes, que receberam cópias xerográficas do conto A Moça Tecelã. Após as devidas considerações acerca da obra da escritora Marina Colassanti, a leitura compartilhada do conto foi iniciada pelos professores, mediadores da oficina, seguida pelos presentes.

Análise dos resultados

Por meio da leitura do conto em questão, os alunos levantaram vários assuntos relacionados aos desafios enfrentados pela mulher brasileira. Cada estudante presente emitiu algum tipo de percepção obtido pelas reflexões proporcionadas pelo texto.

Todos os alunos participaram ativamente da Roda de Leitura, e o fator mais mencionado por eles foi a existência de relacionamentos amorosos abusivos. Dessa forma, a Lei Maria da Penha também foi citada, bem como algumas expressões muito utilizadas nos meios de comunicação como, por exemplo, “empoderamento feminino”. Os alunos também expressaram suas opiniões sobre o que seria felicidade, tendo em vista o contexto da personagem principal.

Ademais, a estrutura do conto também foi trabalhada e os estudantes identificaram as especificidades do enredo de um conto (situação inicial, complicação, clímax e desfecho).

Considerações Finais

Com base nos resultados obtidos, pode-se considerar que todas as etapas da atividade produziram uma efetiva troca de ideias entre os estudantes, o que também propiciou um interesse por outras atividades semelhantes, ou seja, eles sugeriram mais Rodas de Leitura com assuntos diversificados e com outras tipologias textuais.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Pode-se constatar que o trabalho iniciou um gosto estético pelo texto, inserindo os alunos em um ambiente literário, no qual eles se depararam com o prazer pelo ato de ler e o caminho possível para o conhecimento.

Referências

COLASANTI, Marina. A moça tecelã. In: _____. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001, p. 9-14.

FIORUSSI, André. In: Antônio de Alcântara Machado et alii. *De conto em conto*. São Paulo; Ática, 2003. p.103.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 16a ed. São Paulo, Autores Associados/ Cortez, 1986.

ZOLIN, L. O.; JACOMEL, M. C.; PAGOTO, C. e MOLINARI, S. Violência simbólica e estrutura de dominação em "A moça tecelã", de Marina Colasanti. *Graphos* v. 9, n. 2, 2007, 81-93. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/4657/3521>. Acesso em 13 jul. 2018

QUESTÕES SOBRE A IDENTIDADE NEGRA EM UMA ESCOLA COM PEJA: PERSPECTIVA PARA O EMPODERAMENTO DOS SUJEITOS.

Luciene Gomes de Lima
Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica – CESPEB– UFRJ -
Ênfase em Educação de Jovens e Adultos

Palavras-chave: EJA. Relações Étnico-Raciais. Identidade.

Introdução

Este estudo teve como objetivo a análise de um relatório, obtido através do sistema 3.0, da SME/RJ (Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro), de uma determinada escola, no ano de 2017, que informa o número de alunos que autodeclaravam-se brancos, pardos e negros de uma determinada unidade escolar. A partir do relatório obtido, questões vieram a tona: Por que existe resistência das pessoas em se assumirem negros? Quais os fatores que contribuem para a renúncia/resistência da criação de um currículo não eurocêntrico, embranquecido? Em que medida o currículo atual da EJA contribui para a invisibilidade da identidade negra?

Desse modo, o foco deste trabalho recai sobre a análise e interpretação da incompatibilidade entre os dados obtidos do relatório do sistema 3.0 e respostas obtidas através da aplicação de questionários semiestruturados, aplicados para alunos e professores da unidade educacional pesquisada.

A proposta de um currículo para o empoderamento no PEJA pretende contemplar as demandas dos alunos negros e negras politicamente posicionados na luta contra o racismo afirmando suas identidades afim de empoderá-los para que também possam impactar outros iguais, ocupando espaços e lugares na sociedade (BERTH, 2018).

Portanto os objetivos deste trabalho são: Analisar de que forma o mito da democracia racial na sociedade brasileira interfere na identidade dos educandos da EJA; Identificar as possíveis causas de discrepância entre as autodeclarações obtidas pelo sistema 3.0 e pelos questionários semiestruturados; Apreender qual a implicação

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

da identidade autodeclarada no cotidiano dos sujeitos; Verificar de que maneira o trabalho pedagógico docente realizado na escola contribui para a aplicação efetiva da lei 10.639/03.

Metodologia

Este trabalho se vale dos pressupostos da pesquisa social em educação (GIL:2008) a partir da coleta, análise e interpretação de dados por amostragem. Desse modo, a metodologia empregada é ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa.

Análise de resultados

Em relação à análise dos questionários aplicados para alunos, percebemos que a maioria deles discorda dos números apresentados no relatório do Sistema 3.0, demonstrando existir mais negros do que brancos. Na pergunta acerca do que mais se aprende na escola sobre as diferentes culturas, europeia, indígena ou africana, entendemos que o ensino das culturas africana e indígenas precisam fazer parte do currículo como um todo, não como conteúdo de uma disciplina somente, pois as respostas nos levam a crer que esses conteúdos ficam restritos somente a disciplina de História. Quando perguntado sobre como a cultura afro é abordada pelos professores, vimos que as diferentes respostas nos levam a pensar que a questão é tratada pontualmente em sala de aula, como por exemplo, em datas comemorativas, e não continuamente. O olhar sobre a população negra se mantém estigmatizada, caindo na pobreza, sofrimento e escravidão. Outra visão apontada nos questionários é a folclórica como o negro que batuca e dança o ano todo, aquele que sofre, mas é feliz – intelectual, nunca. Através dessas abordagens é negado ao aluno conhecer histórias de sucesso que tiveram os negros como protagonistas.

Em relação à análise dos questionários aplicados para professores, entendemos que na pergunta acerca do resultado do relatório do Sistema 3.0, todos os professores responderam de forma superficial, não levando em conta a realidade dos números apresentados. Ignoraram a questão social e racial que está implícita nos números. Não

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

apontaram para nenhuma reflexão e mostram a pouca importância que os professores e as escolas dão para esse tema. Novamente, na pergunta, se concorda ou não com os dados, percebemos uma distância da realidade, pois ao quererem refletir sobre os dados acabam dando respostas menos substanciais. A pesquisa também aponta que para o ensino da cultura e História do continente africano é necessário mais do que boa vontade, mas também um comprometimento dos professores, pois detectamos nas respostas que os mesmos só trabalham com o tema por conta da lei, ou por conta de um projeto, ou em data comemorativa, mas nunca partindo da realidade e da necessidade dos alunos.

Considerações finais

Comparando as respostas dos alunos e dos professores percebemos que os alunos conseguem entender mais as suas realidades enquanto os professores tendem a mascará-las, não tratando o assunto com a devida seriedade.

O tema do racismo precisa ser discutido nas salas de aula e nos centros de estudo. O direito dos alunos de exercerem a sua cidadania precisa ser garantido. Nesse sentido a escola deve assumir esse compromisso, não porque a lei determina, mas, sobretudo porque nossos alunos precisam ter as suas identidades negras preservadas e livres do preconceito e do racismo (GOMES, 2002). A escola interfere e nega a identidade negra quando não percebe, não acolhe, não valoriza o corpo negro (MUNANGA, 2009). Não é justo que a escola, mesmo percebendo o que nossos alunos (as) vivenciam no trabalho, no espaço escolar, na rua e até mesmo no convívio familiar, o preconceito ainda permaneça na neutralidade. A educação de Jovens e Adultos ainda não contempla práticas educativas que abarquem as relações raciais da vida dos alunos e isso precisa vir à tona, precisa avançar para que haja mudança.

Referências

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. *Aletria*: alteridades em questão, Belo Horizonte, MG, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.06, n.09, p. 38-47, dez/200. Disponível em : <http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.9.0.38-47>.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude - Usos e Sentidos*. 3º ed. Editora Autêntica, 2009.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

MEMÓRIAS E IDENTIDADES QUE NOS UNE NO CENTRO DA HISTÓRIA NA EJA

Valéria Rosa Poubell
SMERJ/ CREJA
Márcia Cazer
SMERJ/ CREJA

Palavras-chave: Memória. Identidade. Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

O Centro de Memória e Pesquisa do CREJA (CEMP-CREJA) é uma experiência nova no Centro Municipal de Referência em Educação de Jovens e Adultos (CREJA) e tem sua inspiração no ideal de preservar, facilitar o conhecimento e a pesquisa, a partir de um olhar histórico sobre a memória da Educação de Jovens, Adultos e Idosos desenvolvida no município da Cidade do Rio de Janeiro, com ênfase na atuação do CREJA, por parte da Prof. Fátima Valente, diretora da instituição, desde 2012, visando favorecer as relações pedagógicas inerentes ao campo afetivo, social, histórico e cultural da escola.

O CREJA é uma instituição de ensino que atende exclusivamente pessoas jovens, adultas e idosas cursando o Ensino Fundamental, nos modelos semipresencial (duas horas de aula diariamente, complementadas com atividades extracurriculares) e à distância (EAD), constituindo-se também, como um espaço de formação continuada dos professores do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA/ SMERJ) e acompanhamento das escolas exclusivas de EJA, na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Metodologia

O projeto, amparado nos pressupostos teóricos propostos por autores como, FREIRE (1989), MORIN (2015) e BAKHTIN (2015), intenciona desenvolver a pesquisa, a análise e a coleta de documentos e materiais, de formatos físicos diversos (materiais

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

didáticos produzidos, fotografias, entrevistas por meio da oralitura, periódicos, DVDs, CDs, folhetos, pôsteres, objetos tridimensionais, projetos pedagógicos, desenvolvidos e gentilmente cedidos por seus autores responsáveis, propostas políticas oficiais no âmbito da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro – SMERJ –, dentre outros), possibilitando o acesso e a divulgação, envolvendo toda a comunidade escolar interna e externa.

Análise dos resultados

O trabalho de criação, manutenção e preservação do Centro e Memória e Pesquisa do CREJA envolve toda a comunidade escolar interna e externa do CREJA, sob a orientação da Equipe de Professores da Sala de Leitura, responsáveis pelo acervo, e conta com apoio direto dos alunos, através do Programa de Monitoria Voluntária, dos alunos de estágios profissionais das instituições parceiras, além do apoio técnico do Programa de Estudos e Documentação - Educação e Sociedade – o ProEDES, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para gestão e catalogação dos documentos e materiais coletados.

Até o momento, já foram reunidos uma série de documentos e materiais produzidos no decorrer da história do CREJA, gentilmente cedidos por seus autores e guardiões e, face à proximidade do 15º aniversário da instituição, em maio deste ano de 2019, utilizados na composição de uma exposição histórica da instituição, cuja ação envolveu professores, alunos, funcionários, estagiários e colaboradores. O regimento interno e os regulamentos encontram-se em fase de preparação coletiva e serão disponibilizados por toda a comunidade escolar.

O CEMP-CREJA vem se constituindo como potencialidade na inspiração para a produção de novos conteúdos pedagógicos a partir da história e da memória individual e coletiva dos sujeitos da EJA, no CREJA, criando inúmeras possibilidades na discursividade histórico-social e cultural na construção e reconstrução das identidades dos sujeitos que nele atuam e da própria instituição (BAKHTIN, 1992). Se a leitura da palavra contempla a leitura do mundo (FREIRE, 1989) na busca por sentidos, a

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

construção da memória na EJA envolve a aprendizagem dos/pelos sentidos, do olhar a si e ao outro, na percepção do olhar do outro sobre si mesmo, do ouvir e ouvir-se e do sentir e sentir-se (MORIN, 2015), constituindo um só corpo num emaranhado de subjetividades rumo ao enfrentamento dos problemas da vida em sociedade, num tempo fora do tempo, no próprio tempo do ser.

Quando um professor, aluno ou funcionário disponibiliza seu acervo pessoal e coletivo de ações experienciadas no CREJA, toda a equipe escolar e pessoas interessadas atuam como reguladores críticos-reflexivos dessas ações, orientando e negociando significados nas trocas intersubjetivas (Bakhtin, 1992), contribuindo assim, para uma autoavaliação, individual e coletiva, acerca do trabalho desenvolvido ao longo do tempo no espaço escolar.

Considerações Finais

O CEMP-CREJA, espaço documental em construção, surge como potencialização estratégica na formação permanente e integral dos alunos e na formação continuada de todas as pessoas que integram a comunidade escolar do CREJA, uma vez que, cria possibilidades para a produção, a autoavaliação e a reconstrução de conteúdos pedagógicos a partir da história e da memória da instituição.

Preservar o patrimônio afetivo-cultural, individual e coletivo, são aspectos importantes nas relações de ensinagem e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos. É imperativo que, no seu percurso histórico, social e cultural a escola faça sentido para o estudante tanto quanto para o professor e todos os seus agentes sociais.

Promover a educação permanente em prol da qualidade do olhar dos estudantes da EJA para as diferentes realidades que se apresentam nos seus cotidianos, altamente imersos em multiletramentos, faz-se necessária como forma de empoderamento desses indivíduos, impregnando de múltiplos sentidos os objetos de aprendizados, promovendo as suas atuações sociais autônomas, criativas, críticas e cooperativas.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2 ed. 1989. (Coleção Polêmicas do nosso tempo V.4).

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

HISTÓRIAS E SUBJETIVIDADES FEMININAS: MEMÓRIAS E NARRATIVAS SOBRE A DITADURA

Júlia Canella da Silva
(Bolsista Iniciação Científica UFJF)

Palavras-chave: Narrativas de Memórias. Ditadura. EJA.

Introdução

A temática em torno da qual se desenvolve o projeto é traçada a partir de uma questão de pesquisa central, a qual se propõe pensar, a partir de uma análise biográfica, de que forma o tema do período da ditadura civil – militar brasileira aparece na história de vida de mulheres iletradas, ou com pouca escolarização, que retornam à escola através da Educação de Jovens e Adultos. A escolha de tais sujeitos tão característicos não se dá aleatoriamente, o recorte da narrativa a ser utilizada como fonte de pesquisa ocorre a partir da compreensão de mulheres enquanto sujeitos historicamente silenciados por uma sociedade em que predomina a força e a voz do masculino (PERROT, 2008).

Dessa forma, abordar a narrativa biográfica de mulheres iletradas ou com pouca escolarização acaba por se tornar, ainda que não intencionalmente, um recorte de classe, gênero e lugar social de fala desses sujeitos. Tais características surgem a partir de sua própria narrativa, onde estas se incluem em seu contexto social e tempo histórico específicos de forma a colaborar com a construção de seu próprio espaço de vivência e percepção, social e política.

Metodologia

A metodologia de pesquisa utilizada nesse projeto tem embasamento teórico na construção narrativa autobiográfica a partir da história oral. Para tanto foram entrevistadas cinco mulheres com idades a partir de 65 anos, que frequentam regularmente a Educação de Jovens e Adultos. Foi construído um questionário com oito questões geradoras e algumas questões a serem abordadas a partir destas. Dentre

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

as perguntas feitas no questionário pretendemos perceber, em primeiro lugar, qual relação essas mulheres estabelecem com a escola hoje através da EJA. A partir de então abordamos sua relação com a história enquanto disciplina escolar nesse contexto, em seguida questionamos as razões que a levaram a não frequentar ou abandonar a escola quando mais novas. Após compreender a forma com estas mulheres se relacionam com a escola ontem e hoje, passamos as questões que encaminham ao tema central da pesquisa, a Ditadura civil-militar.

A escolha da história oral como metodologia de pesquisa se dá pela compreensão desta enquanto forma de seleção de procedimentos investigativos que possibilitem a utilização dos relatos orais enquanto fontes de pesquisa. Desta forma “na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar questões, ou seja, formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas” (AMADO, FERREIRA, 1996), as questões que surgem a partir do relato oral enquanto fonte devem ser analisadas, problematizadas e interpretadas a partir da historiografia e da teoria da história.

O ato de contar-se

Através da narrativa pessoal do sujeito, acreditamos ser possível compreender características próprias do meio social e do contexto que este se insere, de maneira a construir, a partir de sua trajetória particular, uma narrativa histórica. As entrevistas, aqui tratadas como fontes de pesquisa, foram realizadas no município de Juiz de Fora em uma escola da rede municipal que atua somente com Educação de Jovens e Adultos, o Centro de Educação do Menor, CEM. A escola, por trabalhar somente com a EJA propõe sua atuação por meio de um currículo diferenciado, oferecendo no turno da tarde um projeto voltado somente para escolarização de adultos acima de 55 anos. Devido ao recorte temporal da pesquisa e a idade mínima estabelecida para as entrevistas, priorizamos o contato com as duas turmas deste projeto, as quais, por coincidência, eram formadas somente por mulheres. Neste contexto foram realizadas cinco entrevistas com mulheres entre 68 e 75 anos, ao visitar as turmas pela primeira

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

vez me apresentei enquanto estudante e pesquisadora, apresentando também o projeto e deixando claro que a participação era facultativa, ainda assim todas as mulheres acima de 65 anos concordaram, com incentivo do professor de história, a participar.

O aspecto mais marcante a ser ressaltado sobre os cinco relatos se relaciona a motivação pela qual essas mulheres abandonaram a escola, sendo todas por necessidades socioeconômicas em que o trabalho se fazia necessário para contribuir com a renda familiar, ou questões de gênero, visto que o casamento na adolescência era uma realidade cotidiana bem como as exigências dos maridos em relação aos cuidados com o lar e os filhos. Quanto as motivações para retornar à escola, o desejo de aprender e participar de um ambiente de socialização afloram em seus relatos.

Quanto a temática específica da ditadura pudemos perceber que esta, enquanto experiência socialmente partilhada, não imprime memórias diretas nas entrevistadas, que citam lembranças pontuais em relação ao regime como as movimentações do dia do golpe e relatos de parentes próximos que estabeleceram qualquer relação de tensão com o regime. Michael Pollak (1992) define enquanto elementos que constituem a memória os acontecimentos individuais e os coletivos, que podem ter sido vividos diretamente ou “por tabela” nas palavras do autor, sendo estes “acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.” (POLLAK, 1992.)

Conclusão

A presente pesquisa ainda está em andamento, visto que se origina do trabalho de conclusão de curso a ser concluído até julho de 2019. Sendo assim, ainda se faz necessário aprofundar a análise das fontes em comparação com a bibliografia de referência. Entretanto, a partir das reflexões iniciais, foi possível perceber a potência da utilização da memória e dos relatos orais destas mulheres enquanto fontes de pesquisa. Ao apresentar a proposta do projeto e o modelo de entrevistas, a alegação

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

de algumas delas se direcionava a impressão de não terem memória, podendo este ser apontado como uma ausência de percepção de si enquanto sujeito histórico, constituído por vivências e memórias pessoais que se diferenciam a partir de seus lugares de fala. Desta forma dar a estes sujeitos a oportunidade de contar suas histórias, partilhar memórias e lembranças de sua vida, colabora com a construção de sua autoestima, além de provocar um exercício de reflexão sobre o contexto que viveram e o espaço da escola em sua vida ontem e hoje.

Referências

AMADO, J. FERREIRA, M. M. (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

PERROT, M. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto. 2008.

POLLAK, M. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricas. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200 – 212

MULHERES NAS NARRATIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA ESCOLAR: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ATIVIDADE DIDÁTICA NA EJA

Carla de Medeiros Silva
IFRJ (campus Nilópolis)

Palavras-chave: Ensino de História. Gênero. Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

O presente trabalho, fruto de uma monografia de Especialização em Ensino de História⁸, consistiu na elaboração, aplicação e posterior reflexão sobre uma atividade didática da disciplina de história em uma turma de ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A proposta didática objetivava propiciar reflexões sobre a ausência, ou presença periférica, de personagens femininas nas narrativas do ensino da história escolar. A partir da apresentação de biografias de mulheres, de suas histórias de vida, propusemos um diálogo sobre o contexto social mais amplo em que as personagens se inseriam.

Parto de referenciais teóricos que compreendem as especificidades da EJA, enquanto modalidade de educação, que não deve simplesmente copiar procedimentos didáticos e metodológicos do ensino regular. Ressalto a importância de partir do conhecimento de mundo do/a aluno/a, mobilizando esses saberes como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos, que articulem senso comum e conhecimento científico. Compreendo o currículo como artefato político-pedagógico e me proponho a refletir sobre a seleção de conteúdos, ato orientado por nossas concepções político-pedagógicas.

Metodologia

4 CESPEB – Curso de Especialização em Saberes e Práticas da Educação Básica – ênfase em ensino de História. Faculdade de Educação da UFRJ. Concluído em 2018.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

A metodologia que orientou este trabalho situa-se no campo da pesquisa-ação. De acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação é uma modalidade de investigação-ação, que compreende a tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamental de aprimorar a prática. Localizamos a pesquisa-ação na área da educação em uma intersecção entre o que concebemos com a prática rotineira e a pesquisa acadêmica.

Análise dos resultados

A proposta didática foi realizada em uma turma de ensino médio integrado à educação profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos do IFRJ⁹, campus Nilópolis. A turma de Manutenção e Suporte em Informática (MSI) do 4º período era majoritariamente feminina, composta por 6 mulheres e 2 homens. A atividade abriu frestas para diversas reflexões sobre o ensino de história em turmas de EJA e gerou impactos que reverberaram na fala das próprias alunas. Ao falar sobre mulheres, abrimos uma janela para que as estudantes pudessem falar de si mesmas, refletindo sobre sua condição feminina – mulheres trabalhadoras e estudantes – articulando suas vivências e saberes com os conteúdos propostos para diálogo na aula de História.

As personagens selecionadas foram Carolina Maria de Jesus e Dandara, a partir dos textos biográficos contidos no livro *"Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil"*. A partir dessas histórias de vida, conversamos sobre as várias estratégias de resistência à escravidão protagonizadas por humanos escravizados ao longo de séculos no Brasil (Dandara), a ausência de políticas públicas que garantam moradia às classes populares na história do Brasil e as lutas impetradas por moradia digna, histórias de remoções e resistências (Carolina). Além das duas biografias, trouxe para leitura coletiva uma poesia de Conceição Evaristo chamada *"Vozes-Mulheres"*, que levantou diversos temas para diálogo, tais como o machismo, o silenciamento e a violência vivenciadas pelas mulheres negras, a tomada de consciência e do poder da fala..

2 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. O curso integra o Proeja (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Abrimos um espaço de reflexão acerca das vozes, de quem tem a legitimidade e autorização da fala e de como o ensino escolar da história (mas não apenas da história) não autoriza a fala de uma diversidade de vozes.

Considerações Finais

O currículo da História escolar, marcado por uma perspectiva linear e progressiva, universaliza a experiência histórica do homem branco ocidental. Assim, diversas narrativas escolares escondem, subalternizam e empurram para debaixo do tapete uma variedade de histórias, visões e concepções de mundo. Analogamente, a trajetória de vida de grande parte das/os estudantes da EJA não corresponde à ideia de uma "escolaridade" ideal, linear e progressiva. Nesse sentido, repensar essa narrativa linear e unívoca rumo ao progresso no ensino de história é também uma necessidade político-pedagógica para aqueles que trabalham com educação de jovens e adultos. Se as narrativas no ensino de história subalternizam diversas vozes, a mensagem enviada aos nossos educandos da EJA é a de que suas próprias histórias não contam para a História. Porém, se em minha prática docente afirmo a educação para a cidadania ativa como objetivo a ser perseguido pelo ensino de história, a escolha das narrativas e temas para diálogo é de crucial importância, uma vez que pode contribuir ou dificultar esse processo.

A utilização de biografias de mulheres negras como ponto de partida para discussões mais abrangentes se mostrou uma estratégia interessante. A sensação de concretude que as histórias trazem para a roda de diálogo possibilitou uma identificação entre alunas e personagens históricas. Pessoas reais lendo histórias de outras pessoas reais, experiências singulares de mulheres desconhecidas, mas sujeitas de sua própria trajetória. A imprevisibilidade dos debates que se desenvolveram ao longo da atividade foi algo positivo. As/os estudantes deram as cartas acerca dos rumos da conversa, demonstrando que o diálogo é o meio potencial para a construção de saberes e conhecimentos efetivamente transformadores.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

EVARISTO, C. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

SOUZA, D. P. de; CARARO, A. *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil*. – 2ª Ed. – São Paulo: Seguinte, 2018.

TRIPP, D. "Pesquisa-ação: uma introdução metodológica". *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, no.3, set./dez.2005.[p 443-466]

LUGARES DA MEMÓRIA: RESSIGNIFICANDO VIVÊNCIAS ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE EDUCANDOS NA EJA

Allen Gomes Barroso, Ana Carolina de Sena Sant'ana, Ana Luisa Zanon Alonso, Bruno Arcoverde Cavalcanti, Camila Almeida Carvalho, Gabriel Henrique de Oliveira Bragança, Jaqueline Silva Miranda, Rafael Penido Vilela Rodrigues
Centro Pedagógico/UFMG

Palavras-chave: Memória. Identidade. Narrativas.

Introdução

Este trabalho interdisciplinar foi realizado com professoras(es) em formação de diversas áreas do conhecimento e os estudantes das turmas de Concluintes do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos - 2º segmento (PROEF-2) do Centro Pedagógico (CP) da UFMG. Ao todo, ocorreu a participação de 15 educandos jovens e adultos (8 mulheres e 7 homens), que pertenciam às turmas 82 e 83. Ambos os grupos, embora semelhantes no baixo número de estudantes, possuíam perfis distintos em relação às diversidades de gêneros e as variações geracionais. No geral, havia uma predominância de estudantes negras(os) e/ou oriundas(os) das camadas populares.

A Educação de Jovens e Adultos é um campo da educação onde se concentram, principalmente, sujeitos cujas narrativas foram negadas, oprimidas e silenciadas. Nesse contexto, encontram-se grupos sociais historicamente marginalizados cujas vozes, intelectualidades, saberes e existências sofrem deslegitimações diárias.

Segundo Miguel Arroyo (2017), proibir as memórias dos coletivos marginalizados tem sido, há muito tempo, uma forma de não reconhecê-los como sujeitos de história. De acordo com o autor, "trazer as fortes e trágicas memórias por libertação terá dimensões formadoras positivas de suas identidades. Trazer a memória [em práticas pedagógicas] traz dimensões políticas libertadoras."

Por essa razão, buscamos trabalhar as memórias de vida com os estudantes do PROEF-2 a partir de suas próprias narrativas. Propusemos práticas e atividades

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

pedagógicas diversificadas, a fim de proporcionar vivências que pudessem trabalhar e fortalecer suas construções de identidades pessoais para que sejam transformadoras.

Metodologia

Ao longo do ano letivo do PROEF-2 em 2018, os educandos foram convidados a produzir textos a partir de atividades planejadas para resgatar memórias diversas e, posteriormente, registrá-las para conceber um livro de memórias. Dentre as atividades pedagógicas elaboradas, foram realizadas a escrita de diários motivados pela leitura coletiva da obra literária "Quarto de despejo" e a elaboração de cartas sobre memórias pessoais a partir de reflexões sobre as fases da vida durante o desenvolvimento humano. Além disso, outras áreas do conhecimento abordaram também temas como as aventuras vivenciadas na infância e seus desafios corporais, a relação com o espaço da cidade de Belo Horizonte ao longo da vida, a autorrepresentação de suas próprias identidades e a evocação de memórias por estímulos musicais e corporais.

As metodologias abordadas variaram conforme o enfoque elaborado pelo(a) professor(a) em formação de cada área, havendo, entre todos(as), a preocupação de construir elementos interdisciplinares. Utilizamos da escrita de narrativas que trabalham com as memórias em diferentes formatos, promovendo o diálogo entre todas as atividades realizadas com o intuito de, ao final, compor o livro.

Análise dos resultados

Os resultados obtidos neste relato de experiência consistem em fragmentos de textos e outros tipos de registros frutos de atividades que buscaram estimular o aparecimento de memórias pessoais de estudantes do PROEF-2. Arroyo (2017) destaca que, "nas oficinas de memória fica explícito um choque de autoimagens positivas e de imagens sociais tão negativas que sobre eles [os estudantes] pesam. Um choque pedagógico formador, de autoidentidades, de recuperar imagens positivas em uma memória tão carregada de imaginários negativos de sua classe, raça, etnia, gênero, luga".

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Da mesma forma, nas atividades propostas pelo grupo de professores em formação do CP, foi possível identificar em algumas produções textuais, uma escrita muito reflexiva e também positiva sobre as vivências pessoais desses sujeitos, que de certa forma refletiam sobre seus lugares sociais e sobre suas formações de identidades.

Alguns temas comuns em suas narrativas foram sobre suas relações familiares, seus trabalhos, a saída da escola (ou a volta), a maternidade na juventude, ser mulher e ser pessoa pobre.

Em um dos trechos do diário desenvolvido em Língua Portuguesa, motivados pela leitura de “Quarto de despejo”, uma estudante da turma 83 escreveu:

[...] Li trechos do livro que mostravam que quando ela passava pelo centro da cidade, ficava encantada com a beleza e essa beleza estava dentro dela, era o que ela desejava. Da mesma forma, eu via um mundo diferente do meu quando por exemplo, minha mãe precisava me levar com ela para trabalhar, fazendo faxina em casas lindas, onde a condição financeira era o oposto da nossa. Mas apesar de desejar muito uma condição financeira de qualidade, o que mais eu desejava, era ter o mesmo respeito que essas pessoas tinham, era ver minha mãe sendo respeitada e vista como um ser humano. [...]

O fragmento destacado ilustra a forma como as atividades planejadas pelos professores em formação do PROEF-2 puderam alcançar certos lugares das memórias dos estudantes de maneiras diversas, conforme suas vivências, afetos e saberes. De maneira geral, foi possível observar o alcance no objetivo dessa experiência em trabalhar as memórias de vida dos educandos, a partir de suas próprias narrativas, a fim de proporcionar vivências fortalecedoras em suas construções de identidades de maneiras reflexivas e transformadoras. É importante destacar que todas as atividades foram mediadas por diálogos que proporcionaram momentos de reflexões afetuosas, por vezes emocionadas e problematizadoras.

Considerações Finais

Destaca-se como fator limitante para a construção do livro de memórias como resultado final as limitações de tempo e custos vivenciadas pelos professores em

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

formação do PROEF-2. No entanto, foi possível finalizar o projeto interdisciplinar com um esboço do material, que foi organizado e encadernado para ser compartilhado em uma roda de conversas com os estudantes no fim do período letivo.

Referências

ARROYO, Miguel G. *Passageiros da noite: Do trabalho para a EJA: Itinerários pelo direito a uma vida justa*. Vozes, 2017, p. 195.

LETRA E MÚSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA INSERÇÃO DA POESIA AFRODIASPÓRICA DE ELZA SOARES NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Aline Regina Cardoso de Brito (UERJ/SME/SEEDUC)¹⁰
Cristiane Craveiro de A. Mendes (UERJ/SME/SEEDUC)¹¹

Palavras-chave: Currículo. Resistência. Gênero.

Introdução

O conceito de aprendizagem ao longo da vida já existe há muitos séculos e vem sendo mantido desde as sociedades mais remotas, por meio da oralidade e posteriormente registrando seus conhecimentos por meio da escrita para as futuras gerações, conforme postulado por Gadotti (2016). A educação integral, permanente e cidadã já era uma preocupação desde Aristóteles.

Considerando que a modalidade EJA "será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria", segundo o artigo no. 37 da LDB no. 9394/96 (MEC, 1997), o currículo de EJA precisa ser concebido dentro de uma proposta que considere suas especificidades, uma vez que a EJA nos apresenta inúmeros desafios para que se estabeleça uma educação realmente inclusiva, ou seja, de educação para todos.

Este relato de experiência visa compartilhar uma série de atividades trabalhadas com turmas de ensino médio em EJA, onde a poesia de Elza Soares foi utilizada para discutir questões étnicas e de gênero, dentre outras questões.

Metodologia

¹⁰ Mestranda em Educação do ProPED UERJ, professora em classes de EJA da rede municipal e estadual no Rio de Janeiro.

¹¹ Graduada em Pedagogia (UERJ), Mestre em Linguística (UFF), professora em classes de EJA da rede municipal e estadual no Rio de Janeiro.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

A elaboração desta proposta transita entre alguns dos objetivos gerais e específicos do ensino das disciplinas Língua Portuguesa, Artes e História, dentre outras possíveis conexões interdisciplinares que podem ser estabelecidas. Em tempos sombrios como os que estamos vivendo, onde as políticas para a educação sofrem constantes ataques e desmanches, temos que admitir que a proposta integradora de 1997 valoriza de forma equilibrada diversas áreas de conhecimento, integrando-as ao desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à formação dos educandos.

Considerando-se as turmas de Ensino Médio de EJA, elaboramos uma proposta integradora, adotando a proposta curricular de EJA (MEC, 1997) por ser mais democrática e amplamente discutida pelo governo e sociedade civil à época. Portanto, visando problematizar o papel da linguagem na constituição integral dos sujeitos, começando por reafirmar sua identidade, o gênero escolhido para esta intervenção pedagógica foi apresentar letras de música de Elza Soares, em especial dos seus dois últimos álbuns *Mulher do Fim do Mundo* (2015) e *Deus é Mulher* (2018).

Posteriormente à realização de um projeto com produção de curta-metragens, observou-se que o tema violência doméstica e a menção à Lei Maria da Penha¹² foram recorrentes. Portanto, concluímos que a poesia elziana poderia ser usada como um poderoso recurso pedagógico em consonância com o currículo uma vez que sua biografia e toda a sua temática tangem muitos conteúdos relevantes para fomentar debates em sala, naturalmente atravessando diferentes áreas do conhecimento. Portanto, durante algumas aulas, realizou-se a reorganização das carteiras em círculo, causando um certo estranhamento por parte dos alunos, mas gradualmente (se) permitindo a escuta das letras, acompanhando, dialogando, buscando semelhanças entre as músicas e com o nosso cotidiano, em prazerosas rodas de conversa, comparando a realidade de suas comunidades, debatendo suas semelhanças e os desafios que enfrenta cotidianamente esta parcela da população representada e personificada por Elza Soares em sua obra mais recente.

¹² Lei Maria da Penha no. 11340/96, contra a violência doméstica e em defesa das mulheres

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Análise dos resultados

Apesar de enfrentarmos resistência, inclusive por parte dos alunos de EJA que estão acostumados ao ensino tradicional, com aulas expositivas e “matéria no quadro e caderno”, precisamos introduzir novas propostas pedagógicas, conscientizando-os de que a sala de aula é um espaço para construir a aprendizagem por meio do diálogo, da interação com o outro – seja professor ou aluno – onde a dinâmica com a qual eles tem familiaridade já não é mais suficiente para proporcionar uma aprendizagem significativa, por meio do afeto e da contextualização à realidade do alunado.

Considerações Finais

A partir desta intervenção, conseguimos perceber a criação de um ambiente mais acolhedor com relação às turmas envolvidas, ambiente este mais favorável à construção do aprendizado, ao posicionamento crítico e à tolerância com a opinião alheia. Sabemos que ainda há uma enorme distância entre a teoria e a prática, mas um olhar atento às especificidades da EJA e aos temas que possam ser abordados em sala a fim de trazer uma discussão rica e cheia de vivências. Esta valorização do diálogo nos abre possibilidades de ampliar a visão de mundo dos alunos, respeitando suas vivências, mantendo o compromisso da EJA com a aprendizagem ao longo da vida, um dos pilares da cidadania.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Educação de Jovens e Adultos: proposta curricular para o 1o Segmento do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Ação Educativa, 1997.

BRASIL. Lei 9394/96. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 20/12/1996*. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curricular Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC, 1998.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 22ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GADOTTI, M. *Educação Popular e educação ao longo da vida*. Instituto Paulo Freire, 2016. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELV_Gadotti.pdf. Acesso em: 25.04.2019.

UNESCO. Marco de Ação de Belém. *Relatório VI Confitea*. Parceria Unesco/MEC. Brasília: 2010. Disponível em: http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/miolo_Marco_Belem_port.PDF. Acesso em: 24.04.2019.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ED3: Políticas de Currículo na EJA

Coordenador: Prof. Dr. Enio Serra - UFRJ

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

QUANDO A PRÁTICA DOCENTE PRODUZ CONHECIMENTO E REVELA O PAPEL INTELECTUAL DO EDUCADOR

Enio Serra
Faculdade de Educação/UFRJ

Espaços e tempos reservados para diálogos em torno do que se ensina e se aprende na Educação de Jovens e Adultos, em diferentes dimensões e através de variadas formas, sempre foram necessários e fundamentais para se pensar sobre as especificidades dessa modalidade da Educação Básica. Em função disso, questões relacionadas ao currículo escolar na EJA se encontram presentes no SELIEJA desde sua primeira edição, realizada em 2015. No 3º SELIEJA não seria diferente e com a intenção de socializar e atualizar experiências pedagógicas e pesquisas acadêmicas que envolvem o assunto, mais uma vez a organização do evento chamou educadoras, educadores, pesquisadoras e pesquisadores para apresentar seus trabalhos e trocar ideias e impressões sobre os diferentes aspectos que envolvem as políticas de currículo da EJA.

Atendendo a esse chamado, 15 resumos foram selecionados para apresentação no Espaço de Diálogo 3 (ED3), praticamente todos os enviados para a organização do evento. Ao longo dos dois dias dedicados às apresentações e debates, no entanto, quatro trabalhos não tiveram seus autores presentes, tendo sido, portanto, 11 trabalhos expostos. Diversos, com diferentes perspectivas e oriundos de variadas inquietações, os trabalhos mostraram o quanto a EJA é complexa e o quanto a educação escolar pode ser rica e criativa quando se leva em conta as especificidades do público atendido e os contextos nos quais a ação educativa é desenvolvida.

Divididos entre relatos de experiência e pesquisas acadêmicas, os trabalhos apresentados foram organizados de acordo com os respectivos temas e deram origem a dois grupos. No primeiro grupo se concentraram questões relacionadas ao currículo a partir de variadas temáticas que abrangiam desde a gestão democrática e a correção

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

de fluxo escolar até o princípio da inclusão e o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação (TICs). No segundo grupo, foram privilegiados temas relativos à seleção, organização e abordagem de conteúdos programáticos desde a alfabetização até algumas disciplinas escolares, como História e Geografia, Matemática e Educação Física.

O primeiro grupo de trabalhos possibilitou a reflexão em torno de questões curriculares diversas, fazendo com que pudéssemos chegar a algumas considerações essenciais para o trabalho pedagógico na EJA. Primeiramente, a necessidade de políticas que garantam a EJA presencial em detrimento ao avanço das políticas de EJA baseadas em exames e na Educação a Distância, como atestam a recente aposta do governo federal no Exame Nacional de Certificação das Competências da Educação de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e a decisão do Conselho Nacional de Educação ao aprovar a possibilidade de oferta a distância da EJA de Ensino Médio em até 80% da carga horária total do curso (BRASIL, 2018). A gestão democrática, a inclusão, o acolhimento e o acesso às TICs só são possíveis em espaços onde a convivência e as relações humanas sejam centrais na construção do conhecimento. Além disso, uma outra perspectiva trazida pelos trabalhos apresentados diz respeito à necessidade de práticas curriculares contextualizadas e a emergência de temas tradicionalmente ausentes do currículo escolar, aspectos fundamentais para que o currículo tenha sentido e significado para os educandos. Dentre esses temas, as próprias TICs se apresentam, posto que, para além do domínio prático sobre a linguagem informática, a própria história e o processo político e econômico que envolvem a produção e o acesso às tecnologias pode ser um dos temas selecionados para a programação curricular em cursos de EJA.

O segundo grupo de trabalhos, dedicado essencialmente à programação curricular para educandos jovens e adultos trabalhadores, trouxe variadas perspectivas para a seleção, organização e tratamento de temas a serem desenvolvidos, com destaque para questões relacionadas a algumas disciplinas escolares. Seis desses trabalhos apresentaram considerável contribuição para reflexões em torno das

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

diferentes maneiras com que cada disciplina vem enfrentando o desafio de repensar seus modelos, princípios e práticas diante do público de trabalhadores estudantes na Educação Básica.

Em todas as apresentações desse Espaço de Diálogo estavam em jogo ideias e concepções sobre o que significa dar aula no contexto da EJA. A partir de suas identidades docentes, caracterizadas em grande parte pela identidade disciplinar (ARROYO, 2011), os professores pesquisadores participantes do ED3 mostraram o quanto é fundamental problematizar as tradições disciplinares e a essencialização do currículo, práticas que na maior parte das vezes mantêm a negação do direito de jovens e adultos trabalhadores ao conhecimento escolar de qualidade social e comprometido com as suas especificidades. Também oportunizaram a todos a percepção sobre o quanto a pesquisa é ação primordial do trabalho docente, não só em relação a métodos de ensino, mas também em relação à seleção e organização de conteúdos. No caso da EJA, isso quer dizer que temas comumente ausentes do currículo escolar de crianças e adolescentes podem, e devem, se fazer presentes. O mundo do trabalho (CIAVATTA e RUMMERT, 2010) e o próprio direito à Educação (SERRA, 2017) podem ser considerados como possíveis temas significativos a serem abordados criticamente.

Para que isso possa acontecer, é preciso compreendermos a dimensão política do currículo e sua conseqüente relação com práticas de poder. Os trabalhos relativos às disciplinas escolares, como se pode ver, marcaram tanto a ação política dos educadores quanto o necessário domínio do conjunto de conhecimentos de suas respectivas disciplinas, uma vez que sem ambos não seria possível pensar e construir currículo para além do prescrito por documentos oficiais e, como considera Apple (1999), das tradições seletivas.

Nesse sentido, os processos de gestão democrática devem também vislumbrar as decisões pertinentes às propostas curriculares permitindo horizontalidades no planejamento pedagógico. Tanto em políticas de abrangência nacional quanto local, a participação dos educadores e/ou de seus representantes deve exercer papel

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

preponderante nas discussões e decisões curriculares (SERRA, 2017). Tal perspectiva não tem predominado em muitas deliberações políticas que envolvem o currículo escolar, como no recente processo de implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A participação de profissionais da educação nessas decisões, com respeito à pluralidade de ideias e concepções, é direito não só dos próprios educadores como também, e principalmente, dos educandos, já que somente dessa forma se assegura o caráter democrático do processo e se possibilita o debate em torno da qualidade social e política das propostas curriculares para a EJA.

Além disso, alguns trabalhos nos fizeram refletir sobre a urgente necessidade de se repensar a relação político-pedagógica da EJA com a educação de crianças e adolescentes e com a perspectiva da educação inclusiva para educandos com deficiência. O uso da EJA como projeto de correção de fluxo, além de não se levar em conta especificidades das trajetórias escolares (SETÚBAL, 2000), reitera a negação do direito à educação a esses adolescentes considerados em defasagem e para os quais devem ser pensadas e implementadas propostas específicas que lhes possibilitem a permanência e a conclusão da Educação Básica. O mesmo vale para educandos que apresentam alguma deficiência, uma vez que a política de inclusão não atende, na maioria dos casos, as reais necessidades de muitos desses sujeitos.

Como sistematização geral, entendemos que o eixo que permeou todo o debate no ED3 foi a epistemologia do trabalho pedagógico da EJA, com algum foco na epistemologia das disciplinas escolares. Isso quer dizer que as discussões surgidas no grupo permitiram que constatássemos a importância de se revelar, conhecer e problematizar os mecanismos da seleção de conteúdos e as metodologias de ensino em diferentes contextos (alfabetização, ensino médio e técnico profissional, ensino fundamental, educação popular) e sob variados ângulos (gestores, educandos, educadores). Com isso, pode-se abrir a possibilidade de um inventário de inquietações, curiosidades e práticas, materializadas nos relatos de experiência e nas pesquisas, acerca da produção do conhecimento sobre a EJA, isto é, acerca do como, quando e com que pressupostos se produz conhecimento sobre as práticas pedagógicas da EJA,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

considerando entre elas as políticas e ações curriculares, as abordagens didáticas e o trabalho docente. Nesse sentido, a partir da próxima edição do SELIEJA, muito provavelmente, o tema desse Espaço de Diálogo deve se alargar para abarcar mais e outras pesquisas/estudos/práticas que contribuam para reflexões em torno da produção do conhecimento na e sobre a Educação de Jovens e Adultos.

Referências

ARROYO, M. *Currículo, território em disputa*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

APPLE, M. *Currículo e ideologia*. Porto: Porto Editora, 1999.

BRASIL. MEC/CNE/CEB. *Resolução nº 3*, de 21 de novembro de 2018. Brasília: MEC/CNE, 2018. Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622>. Acesso em: 20 ago. 2019.

CIAVATTA, M.; RUMMERT, S. As implicações políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos integrada à formação profissional. *Educação e Sociedade. Campinas*, v. 31, n. 111, p. 461-480, abr.-jun. 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

SERRA, E. Currículo e docência na Educação de Jovens e Adultos. In: SERRA, E.; MOURA, A. P. A. (orgs.). *Educação de Jovens e Adultos em debate*. Jundiaí, SP: Paco, 2017.

SETÚBAL, M. A. Os programas de correção de fluxo no contexto das políticas educacionais contemporâneas. In: *Em Aberto*, Brasília, v. 17, n. 71, p. 9-19, jan. 2000.

CRIANDO LAÇOS E RECRIANDO HISTÓRIAS – “TEMPOS DE APRENDER”: O PAPEL DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO CURRICULAR PARA AS TURMAS DO PROJETO DE CORREÇÃO DE FLUXO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JUIZ DE FORA

M^a da Conceição Carvalho Brandt da Luz
UFJF

Palavras-chave: Currículo. Coordenação Pedagógica. Correção de Fluxo.

Introdução

Este projeto de pesquisa tem como objetivo entender como se dá o processo de construção curricular realizado pelas Coordenadoras Pedagógicas que atendem as turmas do Projeto de Correção de Fluxo – “Tempos de Aprender” da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora. Nessa pesquisa o coordenador pedagógico é concebido como um educador coparticipe da fabricação curricular e, ao participar no projeto Tempos de Aprender é provocado a atuar como um educador popular.

Metodologia

Como metodologia de pesquisa, utilizaremos a HISTÓRIA ORAL. Ela é um método qualitativo que permite compreender os fenômenos sociais através de relatos de experiências.

Dentro destas perspectivas, este projeto de pesquisa pretende ser desenvolvido com três Coordenadoras Pedagógicas de Escolas Municipais de Juiz de Fora que atenda alunos do projeto de correção de fluxo “Tempos de Aprender”, com os seguintes perfis de trabalho: uma coordenadora contratada ou efetiva que já trabalhou no Projeto desde o início do mesmo; uma coordenadora pedagógica que efetiva que trabalhe com essas turmas com mais de 2 anos; uma coordenadora pedagógica contratada que iniciou o trabalho em 2019.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Nesse sentido, pretendo fazer uma série de entrevistas semiestruturadas e cronologicamente relacionada com as experiências das coordenadoras, de forma a fornecer elementos para compreender a estruturação dos processos de construção curricular do “Tempos de Aprender”. Além disso, pretendo dar voz, através dessa pesquisa, ao papel e ao trabalho da Coordenação que em muitas ocasiões são deixadas em segunda estância no cotidiano escolar.

Análise dos resultados

Ao pensarmos no campo do currículo, podemos dizer que ele é um lugar de constantes disputas (curriculares, sociais e profissionais) . Por isso, não está pronto e nem é estático. É articulado dentro de um contexto histórico e social.

Nesta perspectiva, o currículo pode ser entendido como uma seleção com características, organizações e critérios próprios. São também formas culturais ligadas às condições econômicas e sociais característicos de diferentes classes e segmentos sociais. É o núcleo da escola e por isso, “*um lugar normatizado, politizado e inovado*” (ARROYO, 2013, pág. 13).

Como estaremos nos pautando na teoria crítica, entendemos que esta busca estudar e teorizar o papel do currículo e da escola como reprodutora da estrutura social. Nesse sentido, é importante pensarmos: Qual a concepção de currículo que orienta o trabalho da coordenação pedagógica? Como a escola que participa do projeto tem considerado esse currículo em relação às diferenças culturais existentes na comunidade escolar em que está inserida? Qual é o papel da coordenadora pedagógica enquanto educadora popular na construção desse currículo?

Considerações Finais

Ao pesquisar o papel da coordenação pedagógica na construção curricular de um projeto de Correção de Fluxo como o Projeto “Tempos de Aprender”, torna-se neste atual momento histórico brasileiro, um ato político e ideológico. Isso porque, estaremos discutindo práticas pedagógicas que buscam (ou deveriam buscar) dar voz

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

para atores silenciados e excluídos durante muito, por diferentes motivos, do ambiente escolar.

Assim, o Projeto de Correção de Fluxo “Tempos de Aprender”, é uma política pública construída em 2014 e implementada em 2015, a partir da constatação do alto índice de distorção idade-série apresentada pela Rede Municipal de Juiz de Fora, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental.

Nessa proposta de estudo abordo também a figura do coordenador pedagógico como um educador. Entendendo que esse profissional ao procurar mediar os conhecimentos trazidos socialmente com os conhecimentos trazidos pelos alunos e pela equipe escolar possibilita (ou deveria possibilitar), construir um processo educativo que vise a humanização dos indivíduos e conseqüentemente, contribua para um processo de emancipação social e política.

Referências

ARROYO, Miguel G. *Os educandos, seus direitos e o currículo*. In: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. *Indagações sobre currículo*. Brasília, 2008.

_____. *Currículo, território em disputa*. 1ª ed. Petrópolis; Vozes, pág. 374, 2011.

_____. *Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública*. IN: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino. *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte; Ed. Autêntica, 2º edição, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra S/A, 1987.

SACRISTÁN. J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3ª edição. Artmed, Porto Alegre, 2000.

SILVEIRA, Éder da Silva. *História Oral e Memória: pensando um perfil de historiador etnográfico*. *Métis: história e cultura*, vol 06, nº 12, pág. 35-44, jul/dez 2007.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. 2ª edição, Paz e Terra, São Paulo, 1988.

A CONSTRUÇÃO CURRICULAR E A GESTÃO DEMOCRÁTICA COMO PRÁTICAS POSSÍVEIS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

M^a da Conceição Carvalho Brandt da Luz
Mestranda em Educação - UFJF
Carla do Carmo Souza
Mestranda em Educação - UFJF

Palavras-chave: Currículo. Gestão Democrática. EJA.

Introdução

Este trabalho é a junção de duas pesquisas em desenvolvimento de Programa de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. Tendo como objetivo refletir e discutir a importância da construção curricular como um ato organizado a partir das vivências do professor e do aluno que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos (EJA), aliada à gestão democrática, como prática que possibilita abertura de espaços de diálogos e questionamentos da comunidade escolar como um todo. Desta forma, o estudo sistemático das políticas públicas educacionais tem crescido, com programas de reforma do cenário brasileiro. Estudos, são evidenciados, sobre a maneira de como são concebidas e administradas estas diferentes políticas, suas influências e impactos macroestruturais de ordem econômica, política e social.

Metodologia

Como metodologia de trabalho, será utilizada a pesquisa qualitativa denominada ETNOGRAFIA, possibilitando ações dentro de um contexto que envolve diversas teorias e práticas em busca de novas formas de investigação dependendo do interesse e objeto do investigador. Entendendo a gestão democrática como aliada, no âmbito escolar e curricular deste processo para criação de espaços para participação da comunidade escolar em um todo.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Nesta perspectiva, os projetos de pesquisa serão desenvolvidos em Escolas Municipais de Juiz de Fora que atendam alunos da EJA. Observando participantes que nos possibilitará uma visão em possíveis ações direcionadas à EJA.

Como forma de imersão ao campo, acompanharemos a coordenação pedagógica em seu cotidiano e em reuniões, conselhos de classe pertinentes à EJA. Além disso, pretende-se fazer entrevistas com os atores envolvidos, para que possamos entender a visão destes em relação à escola e ao currículo, buscando identificar as proposições e desenvolvimento de uma política pública (concepções e proposições) e gestão da política para a educação.

Análise dos resultados

O processo de redemocratização no Brasil, possibilitou o acesso à escola pública aos alunos das classes populares que, até então, eram excluídos do contexto escolar. Essa nova conjuntura possibilitou e ainda possibilita que a escola repense a sua função social.

Entretanto, sabemos que a educação está intimamente ligada à sociedade e por isso, sofre influências de suas demandas e dos processos de transformações vividos por ela. É nesse contexto que encontramos discussões sobre as práticas pedagógicas e as diretrizes curriculares.

O currículo sendo o processo que organiza a ação educativa, não deve apenas considerar como conhecimentos válidos apenas aqueles que são socialmente aceitos ditos científicos, mas também, reconhecer os conhecimentos que são produzidos pelos educandos e pelos professores. Esses conhecimentos influenciam e são influenciados pelo planejamento curricular.

Assim, ao elaborar um currículo escolar deve-se compreender os conflitos e as disputas que ocorrem, ainda visíveis na construção curricular para a EJA e por que não dizer que também são explícitos nos currículos destinados às turmas de correção de fluxo, pois essa elaboração acaba esbarrando em duas questões importantes: primeiro, a divisão entre os currículos prescritos e os currículos direcionados para o mercado de

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

trabalho e em segundo lugar, a questão do tempo escolar que acaba por limitar, muitas vezes, a escolha curricular do docente.

Nesse sentido, é importante enfrentarmos o desafio de construir planejamentos participativos, onde existam sujeitos ativos no processo ensino-aprendizagem, com metodologia dialógica, garantindo um elo entre conteúdo e práxis.

Portanto, a EJA deve ir além da alfabetização. Deve também ter princípios e metas que propicie o desenvolvimento pleno dos indivíduos tornando-os conscientes de seu papel no mundo.

Considerações Finais

Em um cenário educacional problemático e delicado, estamos sujeitos a um Sistema controlador de ações. Podemos pensar em um espaço de constantes disputas, curriculares, sociais ou gestão. Palavras como avaliação, currículo, inclusão, multiculturalismo, direitos humanos são colocadas na escola e por isso, faz-se necessário provocarmos mudança, pois o campo é inacabado e não é estático no devir histórico.

Hoje, com as várias pesquisas realizadas na educação e especificamente no campo do currículo, podemos dizer que ele é marcado pelo resultado dessas tensões sociais e educacionais. Constituído a partir de uma seleção de conhecimentos produzidos historicamente e orientados pela dinâmica social, que traz para o centro do currículo, as manifestações e reivindicações das camadas sociais marginalizadas.

Dentro desta perspectiva, o currículo pode ser entendido como uma seleção com características, organizações e critérios próprios, construído historicamente. São também formas culturais ligadas às condições econômicas e sociais característicos de diferentes classes e segmentos sociais. É o núcleo da escola e por isso, "um lugar normatizado, politizado e inovado" (ARROYO, 2013, PÁG. 13).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

ARROYO, Miguel G. Os educandos, seus direitos e o currículo. In: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. *Indagações sobre currículo*. Brasília, 2008.

_____. *Currículo, território em disputa*. 1ª ed. Petrópolis; Vozes, pág. 374, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra S/A, 1987.

INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – É POSSÍVEL?

Pâmmela Lobo Soriano Lopes de Oliveira
SME/RJ

Flávia dos Santos Cota
SME/RJ

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Currículo. Inclusão e Aprendizagem.

Introdução

O relato de experiência aborda o trabalho com uma turma do Programa de Educação de Jovens e Adultos do Bloco I, turma 171, em que o grande desafio era dar andamento ao processo de alfabetização de diferentes jovens e adultos. Cabe ressaltar que na turma havia dois alunos incluídos, sendo um deles José (usaremos este codinome para proteger a identidade do estudante), apesar da sua deficiência intelectual, não era atendido pela Educação Especial por não ter um laudo médico.

Este caso era o que mais desafiava a professora e que até hoje a faz refletir sobre a importância da realização de práticas pedagógicas significativas e contextualizadas. José estava na escola há bastante tempo e era conhecido por todos os alunos e professores. Mas poucos acreditavam na sua capacidade de aprender, devido à sua condição. Será que nós professores temos o direito de prever e delimitar o processo ensino-aprendizagem e conquistas dos alunos? O Currículo da EJA contempla as especificidades e interesses dos alunos? A EJA é uma modalidade que recebe e se constitui na diversidade. Assim, é necessário que em nossos discursos e práticas cotidianas reconheçamos a diversidade com honestidade e o direito a educação. Todos os estudantes são reconhecidos como membros da comunidade da sala de aula e como participantes iguais dentro de suas habilidades, capacidades e necessidades.

José estava na escola há dezessete anos e ainda não havia sido possível incluí-lo na Educação Especial. A sua participação nesta modalidade, era assegurado-lhe o

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

direito de frequentar a sala de recursos multifuncional, para dar suporte às suas demandas no processo ensino-aprendizagem. Este fato corrobora o descrédito por parte de muitos sobre a aprendizagem do aluno. A professora regente então, procurou formas que poderiam garantir esse direito à aprendizagem e poderia incluir José nas práticas de sala de aula.

Destacamos assim, que apenas estar na escola não é um movimento de inclusão, é o primeiro passo para tal. Cabe aqui ponderarmos sobre a EJA numa perspectiva de inclusão, justiça social e desenvolvimento. Inclusão que envolve reconhecer o sujeito em suas especificidades e oportunizar aprendizagens e avanços em seu desenvolvimento.

Metodologia

A abordagem usou os princípios da aprendizagem colaborativa, que segundo Dillenbourg (1999) é uma situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas.

Análise dos resultados

Com o transcorrer do trabalho José apresentou muita vontade de aprender a ler e a escrever. A professora da turma ressignificou suas práticas para melhor atender o estudante. Entretanto, o aluno não acreditava em si mesmo e nem os seus colegas de classe. No cotidiano a tendência é tratar os sujeitos que apresentam alguma deficiência, principalmente a intelectual, como indivíduos incapazes de aprender. Neste sentido, como está o Currículo na EJA? Como estão as adaptações curriculares? E o plano de ensino individualizado (PEI) do público-alvo da Educação Especial? E como são atendidas as demandas de jovens e adultos no contexto escolar?

As observações permitiram perceber que a trajetória é longa nesta esfera e que muito precisamos conquistar para garantir uma educação de qualidade, que contemple as potencialidades e interesses dos alunos. A concepção de inclusão, que adotamos referenciada em Santos (2008) aponta que:

[...] A escola precisa estar preparada para trabalhar com as necessidades individuais dos alunos, sendo este o mesmo sujeito do currículo, entendido no sentido abrangente de tudo o que acontece na escola e que afeta, direta ou indiretamente, o processo de transmissão, apropriação e ampliação do saber acumulado pela humanidade. (p.112)

Deste modo, a primordialidade de pensarmos na adoção de um currículo prático, que atenda aos anseios e necessidades de cada aluno, independente das suas especificidades no processo de aprendizagem. Nesta concepção de currículo, os estudantes são sujeitos construtores do mesmo e cabe ao professor ensinar o que é relevante. Precisamos reconhecer estas diferenças, contemplar e buscar alternativas, condições de permanência e traçar novos sentidos e identidades para este espaço escolar.

José antes de ser um aluno com deficiência intelectual, é um sujeito de direito, tem desejos, sonhos e interesses próprios. Assim, ele foi se desenvolvendo, responsabilizando-se por sua aprendizagem também e aos poucos saiu do lugar do não saber, para se reencontrar no processo de aprender. E logo, se apropriou de conhecimentos importantes para a alfabetização. A turma também começou a reconhecer seus avanços. E José entendeu que era um produtor de texto, mesmo que oral. Vendedor de balas e doces desde cedo, aproximou seus conhecimentos, seu texto foi valorizado e se tornou objeto de estudos, fazendo parte cada vez mais do cotidiano e das dinâmicas ocorridas em sala, sua oralidade melhorou e seu repertório foi ampliado. Como vem apresentando mais e mais avanços, o corpo docente já não naturaliza o não aprender e reconhece que nas especificidades todos podem aprender. O currículo precisa ser elaborado para dar conta destas questões e garantir a aprendizagem.

Considerações Finais

A grande questão hoje, é como dar seguimento aos estudos de José, garantindo seu avanço na escolaridade. Desta forma, acentuamos o papel da educação na vida das pessoas, a necessidade de considerarmos o currículo oculto, frente a toda a

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

diversidade de sujeitos no universo escolar e também a importância do professor e responsabilidade neste processo de inclusão. Tal fato envolve planejamento, interesses, trabalho em equipe, comunicação, adequação, mas principalmente oportunidades que reconheçam as diferenças e também o contexto social e cultural na qual o estudante está inserido. Nesta continuidade percebemos a necessidade das práticas curriculares vinculadas às experiências vividas e produzidas pelos sujeitos, valorizando os saberes construídos na escola, a pluralidade e heterogeneidade de modo a possibilitar o crescimento do indivíduo e coletivo.

Referências

ARROYO, M. G. Assumir nossa diversidade cultural. In: *Revista de Educação da AEC*, nº 98, ano 25, Brasília, jan./mar. de 1996, p.42-50.

DILLENBOURG, P. *What do you mean by collaborative learning?* Oxford: Elsevier, 1999.

SANTOS, M.& Paulino, M. *Inclusão em Educação: culturas, políticas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2008.

USOS E APROPRIAÇÕES DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Thiago Bernardes Lopes da Costa
UFRJ

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Tecnologias da Informação e Comunicação. Tecnologia Educacional.

Introdução

Na atualidade, governantes e gestores públicos da educação tem defendido propostas que colocam o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como meio de resolução para os problemas enfrentados no dia a dia das escolas brasileiras, dentro deste processo, que não é novo, há o envolvimento de docentes e discentes.

As políticas educacionais apontam para a “necessária” inserção e utilização das TICs nas escolas públicas, tornando-as cada vez mais presentes em todos os níveis de ensino. Os sistemas de ensino público fazem investimentos em equipamentos e *softwares*. No entanto, não observamos uma preocupação direta com a formação de docentes e discentes para utilização.

Atualmente, para que um aluno possa efetuar sua matrícula na Rede Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro ele precisa acessar um site, não podendo realizá-la de forma presencial. Toda gestão escolar da Rede Estadual de Educação está baseada em um sistema *online*, onde de forma obrigatória diretores, professores e secretários escolares precisam inserir todos os dados referentes à escola e aos alunos, não havendo oferta de nenhum tipo de formação específica para os envolvidos.

Segundo Magalhães (2017), a utilização das TICs está prevista em documentos que legislam sobre a EJA, onde é apresentado um desejo de inserção das tecnologias nas práticas pedagógicas envolvendo discentes e docentes.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Nossa pesquisa objetiva verificar e apontar quais usos e apropriações os docentes e discentes fazem das TICs, que vão além do sistema de matrículas e gestão escolar *online* presentes na rede estadual de ensino, investigando através de pesquisa de campo estes usos e apropriações das tecnologias no ambiente escolar, com uma perspectiva educacional voltada ao segmento da EJA.

Metodologia

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, traz um estudo de campo realizado junto a alunos e professores pertencentes à EJA do Colégio Estadual Cizínio Soares Pinto.

O trabalho foi organizado em partes que conferem organicidade ao estudo, partindo da exposição do problema, objetivos e hipótese. Para análise e compreensão do objeto de estudo explicitado, o primeiro capítulo trará subsídios, a partir de pesquisa bibliográfica e documental, onde apresento um breve histórico da educação no Brasil com foco na Educação de Jovens e Adultos. No segundo capítulo discuto as tecnologias na/para educação e seus acessos e usos na EJA, privilegiando autores de referência sobre o tema, cujos estudos e pesquisas se dão em perspectiva crítica, entendendo as tecnologias para além de seu uso instrumental. No terceiro capítulo, exponho os resultados e análises dos dados obtidos na pesquisa de campo, ancorado nas discussões e abordagens realizadas nos capítulos anteriores.

Análise dos resultados

Percebemos que a maioria dos professores e alunos tem maior acesso a *internet* em casa. Em segundo lugar está o acesso via telefone celular. O acesso a *internet* na escola é representado por índices muito baixos.

Cysneiros, já em 1999 previa que, dentro ou fora da escola o uso da comunicação eletrônica será universal, através de redes que utilizam a *internet*. Os dados coletados na pesquisa confirmam as previsões apresentadas pelo autor. Professores e alunos utilizaram na *internet*, elevado quantitativo de aplicativos: mensagens *WhatsApp*, rede social *Facebook* e e-mail.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Percebemos que a maioria dos professores participantes utilizaram a TV e o DVD, representando 33,3%. Com a mesma porcentagem há um grupo que respondeu não utilizar nenhum dos recursos tecnológicos oferecidos pela escola, mesmo sendo ofertados os equipamentos, houve uma baixa utilização.

Entre os professores participantes 73% responderam que não possuem formação para o uso das TICs e não receberam oferta de formação por parte do Estado, enquanto que 27% responderam ter formação e a receberam por parte do Estado. Os dados nos revelam que a falta de formação, falta de facilidade no acesso e a não oferta de equipamentos em bom funcionamento podem ser um dos motivos que levam docentes a não utilizar as TICs em suas aulas.

Com 59,3% de usuários, o computador representa entre os alunos o recurso tecnológico que foi mais utilizado na escola, seguidos de 26,7% que responderam ter utilizado o projetor multimídia e o laboratório de informática, 23,3% o DVD, 19,8% a *internet*, 14% a TV, 12,8% o aparelho de som e, 16,3% não utilizaram nenhum dos recursos.

Todos os professores participantes responderam que utilizam o sistema *online*, sem que houvesse nenhum tipo de formação ofertada pelo Estado e que constitui dificuldades para alguns no manuseio do sistema. A maioria dos alunos participantes relatou ter dificuldades em utilizar o sistema *online* para matrículas. O Estado exige dos alunos um conhecimento básico de informática, mas muitos não tem acesso e/ou não sabem utilizar o computador, foram poucas as respostas positivas sobre o sistema.

Considerações Finais

Concluimos que para a utilização das TICs na EJA se faz necessária a implementação de ações que possibilitem a formação dos professores, investimentos regulares na aquisição de novos equipamentos e posterior manutenção. Percebemos que a falta de investimentos por parte do Estado na formação dos docentes é um dos motivos para não utilização dos recursos disponibilizados na escola. A formação dos

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

docentes é um ponto crucial para que os usos das TICs sejam realizados de forma plena.

Somente equipar as escolas não basta, é preciso a criação de ações em redes colaborativas e participativas, que proporcionem aos alunos vivenciar na prática a realidade do mundo atual.

Referências

CYSNEIROS, P. (1999). *Professores e Máquinas: Uma Concepção de Informática na Educação*. Recife, NIE/NPD/UFPE (texto não publicado, disponível por e-mail). Disponível em: <https://docgo.net/philosophy-ofmoney.html?utm_source=professores-e-maquinas-uma-concepcao-de-informatica-na-educacao>. Acesso 11 ago. 2017.

MAGALHÃES, L. Presença de tecnologias na Educação de Jovens e Adultos: algumas considerações. In: SERRA, E.; MOURA, A. (Org.). *Educação de jovens e adultos em debate*. Jundiaí: Paco, 2017. p. 219-243.

POSSÍVEIS RELAÇÕES TECIDAS ENTRE PALAVRAMUNDO, FORMAÇÃO DOCENTE E CURRÍCULO NA ALFABETIZAÇÃO NA EJA

Daniel de Oliveira
CREJA – SME-RJ / FFP-UERJ
Geisi Nicolau
GEJA – SME-RJ / CREJA – SME-RJ

Palavras-chave: EJA. Alfabetização. Palavramundo.

Introdução

Ao longo de sua história, as concepções de alfabetização foram ressignificadas. No Brasil, com a apropriação da noção de letramento, a partir de 1980, foi produzida uma dicotomia entre letrar e alfabetizar. Anterior à sua introdução, o discurso e as experiências de Freire, incluindo o conceito palavramundo (FREIRE, 2011), revelavam uma concepção de alfabetização que compreendia ler e escrever em sua dimensão social.

A dicotomia entre alfabetizar e letrar, as insistentes apropriações de experiências que não se relacionam à identidade de nosso contexto sociocultural e a tentativa de invisibilização das concepções pedagógicas de Freire nos provocou perguntar: quais relações podemos tecer entre a concepção freireana de alfabetização, a palavramundo e a produção curricular em alfabetização para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)?

O objetivo da pesquisa que apresentamos de forma preliminar nesse texto é revisitar, problematizar e produzir reflexões sobre a produção curricular em alfabetização na EJA, dialogando com a perspectiva freireana de alfabetização, com ênfase na palavramundo (2011).

A pesquisa ainda em fase inicial, do qual se origina esse texto, se inscreve no contexto dos estudos e pesquisas produzidas no Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA), atualmente como parte das ações do seu

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Centro de Memória e Pesquisa. Sua justificativa reside em contribuir para o campo da EJA no que diz respeito à produção do conhecimento sobre a produção curricular para a alfabetização.

Metodologia

Em conformidade com a natureza do objeto, pretendemos iniciar essa investigação, com abordagem qualitativa, a partir de uma pesquisa bibliográfica (SEVERINO, 2016). Nessa etapa, nossa intenção é levantar na obra de Freire referências ao conceito de alfabetização e palavrando, de forma a significá-los segundo sua concepção e conseqüentemente discutir, refletir e tensionar sobre os mesmos, tendo como ponto de partida as práticas pedagógicas desenvolvidas no CREJA.

Em um segundo momento da pesquisa, o objetivo é investigar, a partir do currículo do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) do município do Rio de Janeiro, experiências que se aproximam/distanciam dessa concepção de alfabetização presentes na prática de docente alfabetizadores que lecionam no CREJA. Nesta etapa, concordando com Tadeu (2011, p. 150), pensamos o currículo como "lugar, espaço, território. [...] relação de poder. [...] trajetória, viagem percurso. [...] autobiografia [...] texto, discurso [...] documento de identidade".

Para esse momento, optamos por apresentar o conceito palavrando (FREIRE, 2011) e algumas reflexões preliminares acerca do mesmo.

Análise dos resultados

Percebemos o emprego de diferentes termos para caracterizar e tentar explicar ou definir a condição dos sujeitos quanto à sua proficiência no domínio da leitura e escrita. Entre elas, podemos observar, de acordo com Soares (2003), que a alfabetização, mesmo correndo o risco de simplificação do conceito, é a inserção no mundo da escrita e se dá por meio da aquisição de uma tecnologia e o uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita é chamado de

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

letramento. Ou seja, o exercício efetivo da tecnologia da escrita é considerado como letramento. Igualmente, são empregados conceitos para definir noções teórico-epistemológico-práticas sobre a alfabetização, por exemplo: analfabeto, que não teria domínio sobre a língua escrita; analfabeto funcional, que possui algum nível de de/codificação da língua escrita sem, no entanto, desenvolver uma competência mais ampla e profunda de compreensão sobre o que lê ou de elaboração mais complexa de escrita de textos; letramento, que definiria o uso social da língua para além da de/codificação, cujo letrado seria o sujeito competente nesse uso; alfabetizar-letrando, marcando uma ideia de ensino da de/codificação, paralelamente a um processo de uso social da língua.

No Brasil, com a força da perspectiva do letramento, alfabetizar passou, em parte, a ser compreendido como o ensino sobre o alfabeto e de/codificação da língua escrita. Em nossa percepção, esse entendimento, simplifica e pode banalizar o significado e os sentidos sobre o conceito e as práticas de alfabetizar. Esse tratamento pode equivocadamente esvaziar o sentido social e político da prática de alfabetizar(-se).

É nesse sentido, que defendemos a necessidade de revisitarmos o conceito alfabetizar, na perspectiva freireana, trazendo para a reflexão o conceito palavramundo (FREIRE, 2011), uma relação dialógica entre a leitura de mundo e a leitura da palavra.

Alfabetizar, do que é possível compreender em Freire e, compartilhamos desse entendimento, possui um componente social e político, no sentido da participação crítica no mundo, que atravessa o componente pedagógico e com ele compõe uma relação dialógica e de complexidade. A alfabetização se orienta para uma compreensão crítica sobre a leitura (do mundo e da palavra) e a escrita enquanto uma produção da humanidade e, portanto, constituída como uma prática social. Logo, se projeta para além de uma prática meramente mecânica sobre o código.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Considerações Finais

A presente pesquisa ainda está em sua fase inicial. Entretanto, podemos dizer, com base em nossas experiências cotidianas, leituras e reflexões acumuladas, que concordamos ser a alfabetização indissociável, ou seja, não possível de dicotomizar, entre aprender os mecanismos do código e a sua dimensão sociopolítica. Mais que isso, compreendemos que não seria mesmo possível pensar em duas dimensões, mas assumir a leitura de mundo e da palavra, a palavramundo (FREIRE, 2011).

Referências

FREIRE, PAULO. *A importância do ato de ler*. em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção questões da nossa época, v. 22).

SEVERINO, Antonio J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2016.

SOARES, MAGDA. Letramento e escolarização. In: Vera Masagão Ribeiro (Org). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.

TADEU, Tomaz. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

OS 10 ANOS DO MATERIAL DIDÁTICO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: UMA POLÍTICA DE CURRÍCULO EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO POPULAR

José Carlos Lima de Souza
Faculdade de Educação – UERJ / PEJA–SME/RJ

Palavras-chave: EJA. Material didático. Ensino de Humanidades.

Introdução

O presente artigo apresenta uma pesquisa de opinião dos alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos acerca de um material didático unificado de História e Geografia que há uma década entrava em circulação, tendo sido forjado em bases teóricas de Freire (2008) e os pressupostos teóricos da Educação Popular, que são o diálogo, o confronto de saberes e a negociação cultural.

Metodologia

Esta pesquisa teve como proposta metodológica, baseada em André (1991), a aplicação de um formulário semiestruturado, ou seja, com perguntas de natureza quantitativa e qualitativa, organizando dados/informações que pudessem identificar como os alunos percebem em suas aulas de História e Geografia a abordagem didático-pedagógica do material, levando em conta não só o percurso formativo oferecido a partir a seleção temática presente nos títulos das aulas, a opinião dos mesmos sobre estudar História e Geografia ao mesmo tempo, o que achavam da linguagem utilizada nos textos e demais recursos empregados no material.

Análise dos resultados

Ao analisarmos um material didático elaborado por professores da própria Rede Pública em que trabalham, primeiramente temos que situar alguns aspectos que se revelam fundamentais. Primeiro é que apesar do dissenso no campo das ideias e

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

concepções de mundo tais educadores possuem em comum o conhecimentos das condições de trabalho bem como as características das turmas em questão, tendo em vista a diversidade que atravessa essa sala de aula, como aponta o Documento Nacional Preparatório para a VI CONFINTEA (2009), bem como seus anseios, inquietações e até aspectos comuns, como sugerem Ciavatta e Rummert (2010), no caso em questão, os(as) educandos(as) da EJA. Outro aspecto a se ressaltar é a ou as teoria(s) de currículo que organizam a reflexão deste grupo de professores-autores, elemento crucial na relação do texto que os mesmos estão produzindo para estabelecer algum tipo de interlocução seus alunos-leitores no cotidiano da sala de aula, como sugere Oliveira (2007). Outra visão de grande influência sobre boa parte do grupo é foi a de Freire (1992) que se posiciona em termos de um currículo crítico-Libertador, que produz, a partir de todas as experiências que se realizam na escola, e em direção a ela, vivências humanizadoras dos sujeitos. Segundo Freire (2001), quando tais vivências não são promovidas, se produz relações de coisificação dos seres humanos, ou seja:

Por fim, concluindo ainda que provisoriamente esta questão da concepção de currículo, pelo processo que atravessou todo o debate interno do grupo, que era composto por professores de História e de Geografia, e que ainda tinham que produzir um material unificado para os dois componentes curriculares, se estabeleceu um consenso negociado em torno do que afirma Frigotto (2002, p. 65) de insubordinação aos interesses do mercado e do capital.

Feitas estas considerações iniciais, o desafio da pesquisa era ver como na perspectivas dos alunos este material didático foi capaz de proporcionar um interlocução com os professores de História e Geografia do PEJA, além de tornar o estudos destes conteúdos mais prazeroso e significativo para os mesmo no sentido de permitir a mobilização destes saberes na vida fora da escola. O que se pretendia era mostrar como uma abordagem mais contextualizada, acessível, lúdica e interativa dos sujeitos educandos da EJA, estimula o interesse dos mesmos pelos conteúdos selecionados pelas disciplinas e, por conseguinte, a maior participação deste público

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

em todas as etapas do processo de ensino-aprendizagem. Através dos dados e respostas dos entrevistados pode-se concluir que os alunos, de modo geral, demonstram valorizar aquilo que aprenderam, demonstrando que a utilização de recursos mobilizados pelo material didático selecionados de forma apropriada para um trabalho que favorecem uma educação problematizadora nos termos do que sugere Brandão (2010) como práticas de uma educação popular, abre espaço para práticas dialógicas abertas ao confronto de saberes e que favoreçam processos de mediação e negociação cultural, resultando no maior gosto e interesse pelas aulas das duas disciplinas, a maior frequência às aulas, o reconhecimento da relação entre os conteúdos trabalhados e vida cotidiana fora da escola na perspectiva de Rummert (2002), entre outras conquistas alcançadas.

Considerações Finais

Pelo que foi possível observar ainda que parcial e provisoriamente pelos dados que temos e pelas impressões gerais fornecidas pela pesquisa, o material ainda apresenta para os alunos um bom interesse cuja razão se baseia em diversos motivos desde a visualização de conteúdos imagéticos até certa sensação de diálogo permanente com a atualidade. Também gostam muito de alguns temas de corte geracional que acabam sobressaindo, como, por exemplo, as considerações sobre o funk ou sobre a favela nos estudos da última unidade de progressão do PEJA, que aborda de forma mais detida a realidade da cidade do Rio de Janeiro, em diversas frentes de estudos e realidades, algo que obviamente foi mais destacado pelos jovens, mas que também mereceu destaque de outras realidades geracionais.

Referências

- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa*. nº 113, Porto Alegre, 2001, p. 51 – 64.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Saber para si. Saber com os outros. In: "...e uma educação pro povo tem?", Rio de Janeiro: Caetés, 2010, p. 91 – 115.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Desafios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil In: *Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA)/Ministério da Educação (MEC)*. – Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009, p. 27-43.

CIAVATTA, M.; RUMMERT, S. As implicações políticas e pedagógicas do currículo na Educação de Jovens e Adultos integrada à formação profissional. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 461-480, abr.-jun. 2010 461. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. 11ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. *Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos* In: *Política e Educação*, São Paulo, Cortez, 2001, p. 40-43.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 47ª ed., Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). *Educação e crise do trabalho: perspectiva de final de século*. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Coleção estudos culturais em educação.

_____. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. *Educar*, Curitiba, n. 29, p. 83-100, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n29/07.pdf>>.

RUMMERT, Sônia M. Jovens e adultos trabalhadores e a escola: uma riqueza de uma relação a construir In: FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria (Orgs). *A experiência do trabalho e a educação básica*. Rio de Janeiro; DP&A, 2002, p. 117-129.

A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EJA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO EM AULAS DE MATEMÁTICA

Deyse Maria Manni Dias de Souza¹³
Cleber Dias da Costa Neto¹⁴

Palavras-chave: aprendizagem matemática na EJA. Educação de Jovens e Adultos. Prática Docente.

Introdução

Esta pesquisa, recorte do trabalho de conclusão do curso de especialização da primeira autora sob orientação do segundo autor, aborda uma proposta de democratização a partir da escolha de conteúdos em aulas de matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Assim, apresentaremos os resultados da análise de práticas pedagógicas experienciadas em sala de aula no Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA) da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que possui em sua estrutura uma escola exclusiva de EJA na modalidade semipresencial¹⁵.

A abordagem crítico-emancipatória fundamenta a metodologia de trabalho no CREJA, sustentando uma prática que visa além da escolarização, o compromisso com a educação permanente, a formação cidadã, em prol do desenvolvimento da autonomia do estudante, necessária diante das multifacetadas exigências do mundo contemporâneo. Paiva (2006, p.88) define autonomia como "um sistema sócio-cognitivo complexo, que se manifesta em diferentes graus de independência e

¹³ Licenciada e Bacharel em Física pela Faculdade de Humanidades Pedro II, Rio de Janeiro, 1986. Professor regente de matemática na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (SME/CREJA). Especialista em Saberes e Práticas na Educação Básica com ênfase na Educação de Jovens e Adultos pelo CESPEB/UFRJ, Rio de Janeiro, 2018. deysemanni@gmail.com

¹⁴ Mestre em Ensino de Matemática pela UFRJ, Bacharel e Licenciado em Matemática. Professor do Colégio de Aplicação da UFRJ.

¹⁵ Duas horas diárias de aulas presenciais (atividades de interação direta professor-aluno) e complementação de carga horária com atividades de interação indireta professor-aluno, planejadas pelos professores e realizadas pelos alunos fora da sala de aula.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação [...]”. Dessa forma, conjugamos a autonomia presente e proporcionada pelo Projeto Político Pedagógico da instituição (CREJA, 2017) com o processo de participação dos estudantes na elaboração dos percursos e escolhas de conteúdo em aulas de matemática.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos deste trabalho são compatíveis com estudos no campo da Educação, Educação Matemática, da Formação de Professores e do Currículo, sistematizados através de abordagens quantitativa e qualitativa provenientes dos documentos oficiais da EJA e do processo de planejamento e execução de aulas de matemática lecionadas pela primeira autora no CREJA. Assim, buscamos nos documentos elementos que evidenciam a importância da gestão participativa na escolha coletiva de conteúdos escolares e percursos. Nos referentes às práticas pedagógicas da instituição, verificamos que eram voltadas à leitura, escrita e interpretação de variadas tipologias textuais, inseridas em diferentes contextos. O objetivo de tal compromisso é facultar práticas que sejam dinâmicas, diferenciadas e integradoras, objetivando explorar e aplicar os vários saberes, escolarizados ou não, trazidos por aqueles que optam por estudar no CREJA.

Em seguida, a partir da proposta de trabalho focado no letramento matemático, integrado às demais áreas do conhecimento e executado em sala de aula na instituição, foram apresentados os resultados acerca da temática central desta pesquisa. Para isso, lançamos mão de relatos e documentos gerados no início de cada ano letivo, nos quais a equipe pedagógica esquematiza um mapa temático cujos subtemas permitem a maleabilidade no trânsito de informações das diferentes áreas do conhecimento e possibilitam que os estudantes sejam participantes do processo de escolha de parte dos conteúdos que serão abordados.

Análise dos resultados

Para atender às singularidades próprias da Educação de Jovens e Adultos nossos estudos apontaram que o desenvolvimento do trabalho pedagógico deve ter por base uma postura dialógica entre professor e estudante na busca pelo conhecimento e, que este, entrelace o conteúdo escolar e a realidade que se vive, assim como afirmam pesquisas na área de educação matemática (e.g. D'Ambrosio, 1998; Fonseca, 2007). Apesar das dificuldades que algumas variáveis representam para essa intersecção, foi possível constatar que a base para esse processo depende da realidade e proposta pedagógica que movem as instituições de ensino, por meio de seus atores – professores e estudantes – como produtores de saber.

Obtivemos evidências de que a flexibilidade permitida por uma estrutura baseada em eixos temáticos pode facilitar a abordagem interdisciplinar, que garante a integração entre os componentes curriculares, e atuar diretamente nas tomadas de decisão em relação a seleção de conteúdos escolares que serão abordados.

Considerações finais

Concluimos, assim, que a democratização na escolha desses conteúdos, advinda das demandas dos alunos, feita por eles por meio de intervenção direta, atribui sentidos ao que se aprende e ainda permite que experienciem o protagonismo em espaços que percebiam não ter voz. Vimos que é imprescindível a mediação do profissional de educação durante esse processo, para que não aconteça uma escolha aleatória, o que não colaboraria para um processo de aprendizagem que respondesse às demandas atuais da sociedade. Percebemos ser possível desenvolver um trabalho pedagógico que assegure ao estudante da Educação de Jovens e Adultos, não apenas sua reinserção ou permanência no mercado de trabalho, justificativa amplamente citada para a volta aos bancos escolares, mas, principalmente, o desenvolvimento pessoal para a atuação na sociedade.

Referências

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

CREJA. *Projeto Político Pedagógico* (2017-2021). Rio de Janeiro: 2017.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: Arte ou técnica de explicar e conhecer*. 4.ed. São Paulo, 1998.

FONSECA, M. da C. F. R. *Educação matemática de jovens e adultos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2007

PAIVA, V. L. M. O. Autonomia e complexidade. *Linguagem & Ensino: Pelotas*, v. 9, n. 1, p. 77-127, jan./jun. 2006.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

NÚCLEO DE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CIDADÃ – NUPEMCI

Marcelo Silva Bastos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
Loise Tarouquela Medeiros
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
Vera Lucia Rangel
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
Viviane Leite
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Palavras-chave: Ensino de Matemática. Educação de Jovens e Adultos. Prática para uma Educação Cidadã.

Introdução

Este trabalho apresenta o relato de experiência das práticas desenvolvidas no projeto Núcleo de Práticas de Educação Matemática Cidadã (NUPEMCI) no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)-Campus Nilópolis. O projeto buscou desenvolver os saberes matemáticos dos estudantes de Ensino Médio das escolas públicas do entorno e da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do IFRJ em um ambiente em que se desperte o prazer de descobrir e aprofundar conhecimentos que os possibilite avançar em estudos posteriores pois Machado e Cesar (2012) em relação ao ensino de Matemática afirmam que ela está associada a taxas elevadas de insucesso acadêmico e que contribui para o abandono escolar precoce.

Nesta perspectiva, o projeto de extensão NUPEMCI criado no segundo semestre de 2018 teve a iniciativa de contribuir para a melhoria desse quadro buscando desenvolver os saberes matemáticos dos estudantes do Ensino Médio das escolas públicas do entorno e da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do IFRJ em um ambiente em que se desperte o prazer de descobrir e aprofundar conhecimentos que os possibilite avançar em estudos posteriores.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Deste modo, o Projeto de extensão, NUPEMCI, tem como objetivos principais: (1) Despertar no licenciando em matemática o interesse por projetos sociais; (2) Reunir grupos de interessados em estudar matemática; (3) Reforçar o ensino, pesquisa e extensão do IFRJ; (4) Estimular os estudantes a pensarem a matemática a partir das realidades/cotidiano.

Metodologia

O projeto foi realizado no campus Nilópolis no período de agosto a novembro de 2018 tendo a participação de docentes da área de Matemática e gestão, além de 2 licenciandos em matemática, categorizados em monitores. Como sujeitos, contamos com estudantes de ensino médio modalidade educação de jovens e adultos das escolas estaduais do entorno e alunos do curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática do IFRJ-Campus Nilópolis (PROEJA).

Os encontros foram realizados aos sábados, com duração de 4 horas. O conteúdo foi organizado segundo as unidades temáticas definidas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) conforme a organização dos conteúdos ilustrada no *Quadro 1*:

Quadro 1: Módulos trabalhados nos encontros

Módulo 1: Recordando conjuntos numéricos e operações
Módulo 2: Tratamento da Informação e Noções de Estatística
Módulo 3: Proporcionalidade
Módulo 4: Raciocínio Combinatório e Probabilidade
Módulo 5: Grandezas e medidas
Módulo 6: Cálculo algébrico

As atividades propostas partem da premissa que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2011, p.24). Sendo assim, as atividades propostas foram

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ministradas seguindo uma metodologia em que o problema é visto como ponto de partida para construção de conceitos.

Os licenciandos que atuam no projeto assumem o papel de mediadores do processo de aprendizagem e para isso ao longo dos encontros foram propostas situações do cotidiano dos alunos de forma que facilitasse o entendimento dos mesmos.

Análise dos resultados

Ao longo dos encontros tivemos o seguinte quantitativo mensal de alunos: agosto (27 alunos), setembro (28 alunos), outubro (9 alunos) e novembro (5 alunos). Acreditamos que as dificuldades dos alunos por conta de trabalho, família e estudos influenciaram na frequência. Durante este semestre e por este motivo planejamos realizar os encontros as terças em substituição dos encontros de sábado para o ano letivo de 2019.

Duas alunas da EJA do IFRJ-Nilópolis participantes do projeto foram aprovadas no ENEM 2018, sendo uma para Licenciatura em Matemática (IFRJ) e a outra para Gestão da Produção Industrial (IFRJ) e um aluno do ensino médio da rede estadual do entorno do IFRJ-Campus Nilópolis foi aprovado para o Ensino Médio Técnico Integrado do IFRJ.

Considerações Finais

A matemática enquanto disciplina tem sido associada a elevadas taxas de insucesso acadêmico e a representações sociais negativas. Portanto, as ações desenvolvidas no projeto têm auxiliado os participantes a enxergar a matemática de forma significativa, facilitando a vida acadêmica desses alunos no processo de aprendizagem dos conteúdos matemáticos.

As reflexões realizadas através dos assuntos desenvolvidos dentro do projeto fazem o aluno refletir sobre seu papel como cidadão, despertando um senso crítico. A partir do seu sucesso dentro das atividades, eleva sua autoestima e se vê capaz de

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

alcançar novos desafios conforme relato de uma das alunas da EJA participante do projeto "*graças a vocês eu consegui ser aprovada no IFRJ no curso de Licenciatura em Matemática que era meu sonho!*".

Acreditamos que a vivência dos licenciandos em Matemática neste projeto de extensão possibilitou o contato com a realidade da EJA assim como a interação e troca com os sujeitos de modo que construíssem uma prática docente voltada para mobilização de saberes matemáticos para todos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Base Nacional Comum Curricular*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: matemática*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 148 p.

MACHADO, R. e CÉSAR, M. *Trabalho colaborativo e representações sociais: contributos para a promoção de sucesso escolar em matemática*. *Interações*, n. 20, p. 98-140, 2012.

DESCOLONIZANDO O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DA EJA. TEMATIZAÇÃO DA CAPOEIRA COMO PRÁTICA CORPORAL CULTURAL

Marcelo Souza
Colégio Santo Inácio - Rio de Janeiro

Palavras-chave: Educação Física. Currículo. Capoeira.

Introdução

Este relato de experiência com a Capoeira foi realizado no curso noturno do Colégio Santo Inácio – Rio de Janeiro, no ano de 2018, com alunos jovens, adultos e idosos, das turmas do ensino fundamental e médio.

O objetivo deste projeto foi estabelecer nas aulas de Educação Física da EJA, um diálogo entre essa prática corporal e o seu sentido histórico-cultural na diáspora africana que trouxe para o nosso território os princípios da capoeira que se desenvolveu no Brasil. A Capoeira neste relato de experiência tem o sentido da prática corporal que deve ser ressignificada pelos alunos/as. Segundo Neira(2011), as práticas corporais são produtos da gestualidade e da linguagem corporal. São artefatos culturais que vinculam saberes, significados e incorporam a visão do mundo, do sujeito e da sociedade.

Metodologia

As questões que foram trabalhadas com os alunos da EJA, tanto nos conteúdos conceituais, como nos conteúdos procedimentais, foram: a Capoeira nos aspectos culturais, filosóficos, políticos e históricos, os cânticos, os instrumentos, a formação da roda de Capoeira e seus 'rituais', a Capoeira como tríade 'jogo-luta-dança', os estilos da Capoeira e seus precursores, os principais movimentos (golpes) de ataque, defesa e esquiva.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Trabalhou-se em sala de aula os aspectos conceituais desenvolvendo o “saber sobre” a temática da Capoeira. Nas atividades práticas o “saber fazer” (procedimental), e os aspectos volitivos também (valores e atitudes).

Análise dos resultados

Ao legitimar a Capoeira como prática pedagógica na Educação Física da EJA, a preocupação central foi trazer essa prática corporal para o contexto de um currículo pós-crítico à luz do multiculturalismo crítico. Boaventura Souza Santos, afirma que, o mundo é um “arco-íris de culturas” em que as identidades e diferenças se estabelecem nesse contexto (SANTOS, 1996, apud CANDAU, 2016). Neste sentido, Cortesão e Storer (1999, p. 56, apud CANDAU, 2008, p.27), afirmam: “a não conscientização da diversidade cultural que nos rodeia em múltiplas situações, constituiria uma espécie de daltonismo cultural”. Não se reconhece a diversidade enxergando de forma daltônica. Isso nos remete a valorizar as histórias de vida dos alunos e a construção de suas identidades culturais.

Neste projeto, como pressupostos de um currículo que se orienta para a cultura, foram observados *quatro princípios* para desenvolvimento da Capoeira enquanto prática corporal cultural. O primeiro, o *enraizamento cultural* - práticas vinculadas a uma determinada comunidade que leva em conta os saberes deste grupo. O segundo, *ancoragem social dos conteúdos*, pois está alicerçada culturalmente no bojo da história do nosso povo, especialmente o povo negro. Está em oposição às práticas que são criadas ou inventadas. O terceiro, a *justiça curricular* que é fundamental para equidade deste processo, pois aborda de maneira alternada um conteúdo vinculado a um grupo, a uma região, a um povo específico. E, por fim, a *descolonização do currículo* valorizando práticas corporais pertencentes a grupos minoritários (NEIRA, 2011; 2018).

Outros princípios se adequaram a esta experiência da Capoeira como prática corporal cultural – evitar o daltonismo cultural e a articulação com o projeto político pedagógico da escola.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Nesta experiência, os *procedimentos didáticos* adotados foram quatro: *tematização (vivência seguida de ressignificação), aprofundamento, ampliação e avaliação*.

Segundo Neira (2011), *tematização* não é ensinar ou fixar conteúdos para que os alunos possam 'construir conhecimentos', mas uma prática intencional do docente, que visa à transmissão de saberes para os alunos conhecerem aspectos, vivenciarem as práticas, entenderem e situarem a prática na sociedade. É uma ressignificação da prática corporal atribuindo um novo significado à Capoeira com base no seu próprio repertório motor. As vivências seguidas de ressignificação foram adaptadas a partir de Falcão (2016).

- a) *encenação*: vivências dos movimentos básicos da capoeira;
- b) *reconstrução/ressignificação*: ressignificação de movimentos da capoeira;
- c) *a problematização*: perguntas e questionamentos feitos pelo professor para discussão no grupo.

O aprofundamento teve como objetivo proporcionar um entendimento melhor da prática corporal que os alunos vivenciaram e os significados que os vários grupos atribuem à Capoeira para favorecer a ressignificação. Os saberes a serem aprofundados vão surgir da problematização apresentada pelas atividades de ensino. A *ampliação* consiste em trazer para o diálogo, alguém de fora ou de dentro do ambiente escolar que tenha mais experiência e que possa articular outros saberes com as práticas corporais desenvolvidas na Capoeira. O objetivo foi fazer com que os alunos conhecessem outros pontos de vistas sobre a prática da Capoeira que vivenciaram. A *avaliação*, como parte integrante do processo pedagógico, aconteceu com a realização de um trabalho em grupo com apresentação para turma sobre a Capoeira.

Ainda sobre a *ampliação*, convidamos uma das alunas da EJA, Rita Santos (Mestra China), da Associação de Capoeira Engenho, para conversar com os alunos e realizar uma vivência.

Considerações Finais

A tradição das práticas corporais em Educação Física tem assentado historicamente em privilegiar práticas euro/estadunidense (branco, hétero, cristã, capitalista) em detrimento de práticas relacionadas a outros povos que fazem parte de nossa história, como os negros e os índios. As práticas corporais desses povos não devem ser essencializadas, mas trazer a sua concretude para a realidade histórico-cultural. A presença da Capoeira no currículo dialoga com a diáspora africana que trouxe para o nosso território os princípios da capoeira que se desenvolveu no Brasil.

Referências

CANDAU, Vera Maria Ferrão. "Ideias-Força" do pensamento de Boaventura Sousa Santos e a Educação Intercultural. *Educação em Revista* | Belo Horizonte | v.32 | n.01 | p. 15-34 | Janeiro-Março 2016.

_____. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A.F.; CANDAU, V.M.F. (Orgs.). *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2008

FALCÃO, José Luiz Cerqueira. Capoeira. In: KUNZ, Elenor.(org). *Didática da educação física 4: educação física e esportes na escola*. (coleção educação física): - Ijuí:Ed: Unijuí, 2016. p. 53-88

NEIRA, M. G. O currículo cultural da educação física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.16, n.1, p. 4 – 28 jan./mar, 2018

_____. *O currículo cultural da educação física em ação: a perspectiva de seus autores*. Tese apresentada a Faculdade de Educação da USP como requisito parcial para obtenção de título de Livre-Docente em metodologia de ensino da Educação Física. São Paulo, 2011.

EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SME/RJ - do projeto piloto á entrada na matriz curricular

Prof. Osvaldo do Carmo de Oliveira (SME-RJ; IEF/UFF)
Prof. Dr^a Rosa Malena Carvalho (IEF/UFF)

Palavras-chave: Educação Física. PEJA. SME/RJ

Introdução

Em 2018, completaram-se 10 anos do início, através de um Projeto Piloto, de aulas de Educação Física Escolar em turmas do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), nas escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro.

Como Professor da rede municipal de educação do Rio de Janeiro e, pós-graduando em Especialização escolar no Instituto de Educação Física (IEF) da Universidade Federal Fluminense (UFF), aqui apresento pesquisa em andamento, a qual traz os seguintes aspectos: (1) registro dessa história recente para que os professores de Educação Física Escolar tenham acesso ao Projeto Piloto em seus objetivos e conquistas; (2) citação de alguns documentos produzidos no período e, por se tratarem de instrumentos de uso dos professores da rede municipal do Rio de Janeiro não tiveram ampla divulgação; (3) compartilhamento de alguns trabalhos desenvolvidos ao longo desses anos; (4) refletir sobre práticas que tenham significado para esta modalidade de ensino; (5) e ainda, o auxílio de avanço das conquistas conseguidas até o momento no município do Rio de Janeiro dentro do PEJA.

Espera-se que o presente trabalho possa descrever como o Projeto Piloto de Educação Física Escolar no PEJA buscou a inclusão, na matriz curricular no município do Rio de Janeiro, desta disciplina.

Metodologia

Através de referência bibliográfica e do relato de experiência, contaremos, de forma concisa, a trajetória do Projeto Piloto desde 2008 até o fim de 2018, as

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

expectativas da entrada na matriz curricular do PEJA da disciplina Educação Física. Por isso trazemos as observações e registros realizados ao longo deste período.

Análise dos resultados

O município do Rio de Janeiro, visando atender demanda e amparada pela LDB 9394/96 em seus artigos 37 e 38, oficializou em 1999 o Projeto de Educação Juvenil (PEJ), existente desde 1984 quando o município deu início a formação de jovens entre 14 e 20 anos nos anos iniciais do ensino fundamental (CENTRO MUNICIPAL DE REFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 2016). No decorrer dos anos a Matriz Curricular oferecida na EJA do município do Rio de Janeiro não contava com a disciplina Educação Física, um importante equívoco tendo em vista a relevância desta disciplina na formação do aluno e, ainda, contrariando o artigo 26 em seu parágrafo 3º, que diz ser componente curricular obrigatório da educação básica.

Em 2008 a professora Sonia Mograbi, secretária de Educação do município Rio de Janeiro e a professora Flora Prata, responsável pela EJA do município, deram início ao Projeto Piloto de Educação Física em 10 escolas onde funcionavam turmas de PEJA, sob a orientação da professora Rosa Malena Carvalho, a frente dos professores dessas escolas. A partir daquele momento buscariam justificar a através das práticas em aulas e da consequente elaboração de documentos que a disciplina apresentaria relevância e pudesse entrar na Matriz Curricular, possibilitando assim a sua expansão para as demais unidades escolares que atendiam o Programa.

Após 10 anos de "Projeto Piloto" o objetivo de expansão e entrada na Matriz Curricular foi alcançado no início de 2019. Nesse período alguns documentos, como as Orientações Curriculares de Educação Física para o PEJA em 2011, foram elaborados pelo grupo de professores de Educação Física do PEJA, coordenados pela professora Rosa Malena, ficando estes a disposição da SME/RJ. Também foi publicado neste período o livro Educação Física Escolar na educação de Jovens e Adultos em 2011, fruto dos registros feitos desde 2008 no início do Projeto Piloto (CARVALHO, 2011).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Ao longo desses 10 anos diversificados trabalhos se desenvolveram nas escolas onde acontecia o Projeto, sempre no sentido de que a disciplina Educação Física apresentasse, além de possibilidades de movimentos corporais durante as aulas, a oportunidade de reflexão por parte dos alunos e dos professores do significado da consciência corporal no cotidiano do indivíduo.

Agora estamos vivenciando importante momento, onde a Educação Física finalmente está inserida na Matriz Curricular do PEJA e, como consequência inicial, teremos um aumento das práticas pedagógicas, devido ao aumento de número de escolas que, seguindo a Matriz Curricular, terão aulas da disciplina. O que, na perspectiva da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 2014), se faz necessário que se mantenha, nas diferentes práticas pedagógicas que irão surgir, a intenção de preservar nas aulas o caráter de formação do indivíduo que possa refletir sobre sua consciência corporal e que essa reflexão tenha significado em seu cotidiano.

Considerações Finais

Mesmo entendendo que 10 anos foi muito tempo para um Projeto Piloto alcançar seu objetivo principal de inclusão da Educação Física Escolar na Matriz Curricular do PEJA, entende-se que as diferentes práticas pedagógicas desenvolvidas até o momento durante todo esse tempo serviram para formar uma identidade a este trabalho e uma das coisas que muito contribuíram para isso, desde 2008, é a formação contínua em que os professores mensalmente se reúnem para trocas de experiências, receber convidados e discussão das práticas desenvolvidas. Esse movimento tem sido muito importante para o grupo de professores e a expectativa é de que, mesmo com a previsão de aumento de professores na disciplina, esses momentos continuem fortalecendo o trabalho pedagógico.

Essa pesquisa está em desenvolvimento, junto ao grupo de pesquisa ELAC (Educação física escolar; experiências Lúdicas e Artísticas; Corporeidades) do IEF/UFF. Na sequência deste momento vivenciado no PEJA (SME/RJ), trabalhamos em proposta de inserção da disciplina Educação Física na EAD que acontece no CREJA, onde os

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

alunos tem acesso as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Língua Estrangeira, História e Geografia.

Referências

CARVALHO, Rosa Malena (Org). *Educação Física Escolar na Educação de Jovens e Adultos*. Curitiba: Editora CRV Ltda, 2011.

CENTRO MUNICIPAL DE REFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. *Caderno de formação docente PEJ EaD*. Rio de Janeiro, RJ, 2016.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2014.

A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO DO ALUNO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Prof. Julio Cesar Araujo da Silva
Escola Municipal Honorina de Carvalho - Niterói

Palavras-chave: Educação Física. Educação de Jovens e Adultos; prática docente

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica implementada em uma turma de Educação de jovens adultos do primeiro segmento do Ensino Fundamental da Escola Municipal Honorina de Carvalho, situada no Município de Niterói. Foi trabalhado com os alunos através de aulas teóricas e práticas a importância da atividade física para uma melhor qualidade de vida.

Metodologia

Nas aulas teóricas foi discutida a contribuição da atividade física para a prevenção e tratamento de problemas de saúde, tais como: diabetes, hipertensão, osteoporose e obesidade. Através da leitura de textos, apresentação de vídeos e aulas expositivas, todos com debates posteriores, os quais tiveram boa participação dos alunos com comentários e perguntas. Nas aulas práticas os alunos eram estimulados a práticas de atividades físicas para que observassem as mudanças fisiológicas ocorridas durante o exercício físico, procurando respeitar os limites físicos de cada aluno, uma vez que as idades dos mesmos eram variadas, o que é comum em turmas dessa modalidade de ensino. Foram trabalhados quatro conteúdos de Educação Física: jogos, ginástica, esportes e dança.

O objetivo desta prática pedagógica foi despertar os alunos para a importância da atividade física para a promoção da saúde e de uma melhor qualidade de vida, além de estimulá-los a reivindicar espaços para prática do movimento físico não só na escola, mas na comunidade. Buscando superar a visão de EJA como uma ação restrita

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

a alfabetização e a função de suplência, efetivando-a como uma modalidade da educação básica, nas etapas fundamental e média com característica própria (DO VALE, 2013).

Considerações finais

Nessa perspectiva a Educação Física na EJA precisa promover o desenvolvimento crítico-emancipatório dos alunos, levando-os a ter autonomia para praticar atividades físicas e participar efetivamente das decisões políticas que envolvem a sociedade. Os movimentos voltados para a educação de adultos expressavam um entendimento de educação como um ato de conscientização política e que se materializava através das práticas da educação popular (GUNTHER, 2014).

A realização da presente reflexão, teve boa aceitação dos alunos que relataram que passaram a buscar a constante prática de atividade física e também a se interessar mais por buscar informações a respeito dos assuntos discutidos em sala de aula.

Referências

DO VALE, Elizabete Carlos. A EJA nos contextos de escolarização: interfaces entre a cultura e o currículo. In: *Espaço do Currículo*, João Pessoa, v. 6, n. 3, p. 462-473, Setembro a Dezembro de 2013

GUNTHER, Maria Cecília Camargo. O Direito à Educação Física na Educação de jovens e adultos. In: *Rev. Bras. Ciência Esporte*, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S400-S412, abr./jun.2014

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ED4: Juventudes na EJA: presença, desafios e potencialidades

Coordenadora: Prof^a Dr^a Alessandra Nicodemos - UFRJ

AS JUVENTUDES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS PARA SEU ACESSO E PERMANÊNCIA EM CONTEXTO CONSERVADOR E ULTRANEOLIBERAL NO TEMPO PRESENTE

Alessandra Nicodemos
Faculdade de Educação/UFRJ

Palavras-chave: Juventudes. EJA. Ensino Médio.

O artigo apresenta, no quadro de avanço de políticas educacionais brasileiras conservadoras e ultraneoliberais (FREITAS, 2012), a discussão sobre os entraves para o acesso e a permanência *das juventudes* da Educação de Jovens e Adultos no tempo presente e, de forma mais específica, na etapa do Ensino Médio. O avanço de reformas educacionais de cunho ultra neoliberal em escala nacional - mas atrelado aos ditames internacionais e de organismos de intervenção - pretende a implementação de políticas privatizantes e o desmonte da esfera pública da educação nacional, ancorada em aspectos reformistas de responsabilização e meritocracia sobre docentes e estudantes: em outras palavras, sobre a escola pública que se estruturou no Brasil nas últimas décadas.

Esta escola pública, no sentido preconizado e garantido atualmente pela legislação encontra-se, neste contexto, extremamente ameaçada. E, considerando tal situação, a escola pública da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio encontra-se em situação ainda mais derradeira já que sobre ela pesa e pesará de forma mais avassaladora o desmonte ou, o que indicamos nesse artigo, um processo de *desescolarização* de sua oferta.

E, neste quadro conjecturamos, de forma clara, que para as *juventudes da EJA* as reformas educacionais em curso terão um impacto maior, principalmente a do Ensino Médio. Nesta reforma, os jovens são invisibilizados como sujeitos em suas especificidades de educandos trabalhadores, que atravessam no seu processo de escolarização desafios diversos como a necessidade de trabalho, de lazer, de acesso ao espaço urbano e de valorização das suas singularidades culturais além e,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

principalmente, do reconhecimento de sua condição juvenil e dos seus *modos de ser jovens como sujeitos da Educação de Jovens e Adultos*. Nicodemos alerta para esses desafios na EJA:

acolher - pedagogicamente e politicamente - a juventude em turmas da EJA é legitimar e reconhecer o potencial que esse público carrega com sua presença, e que implica num diálogo mais franco e direto com os modos de ser jovem, do que com o modo de ser aluno. A experiência escolar - que obviamente não foi bem sucedida - ainda está muito presente para esses jovens, que a vivenciaram em tempo muito próximo ao atual ou que nem chegou a ser interrompido. Assim, ao exigir o enquadramento radical desses jovens aos elementos estruturantes da cultura escolar, atingimos um ponto muito sensível para eles e que tem se materializado em determinados comportamentos e atitudes de retração, resistência e negação da escola. (2017, p. 3)

Nesse quadro estamos retrocedendo pois, como alerta, ao invés de avançarmos na construção de uma escola de EJA que acolha as singularidades dessas juventudes, que hoje são marcantes no público da modalidade vislumbramos, em curso ou já aprovadas, reformas educacionais que apostam na negação da própria escola para tais sujeitos.

Procurando analisar o processo de reformas mais próximo da atualidade - no contexto do avanço ultraneoliberal -, trazemos a contribuição de Luiz Carlos Freitas (2012), em seu estudo sobre os Reformadoras Empresariais da Educação¹⁶ ou, como o próprio autor denomina - os novos reformadores. Segundo estas propostas, o sistema educacional deve se adequar a um modelo que promova mudanças em sua estrutura de oferta e lógica de funcionamento, principalmente na alteração da função social da escola, com a negação de sua *perspectiva de universalização* e de *atendimento/acolhimento às diferenças sociais e culturais dos educandos* e, principalmente, de reconhecimento da desigualdade social como elemento estruturante nos resultados educacionais:

[...] dadas as oportunidades, o que faz a diferença às pessoas é o esforço pessoal, o mérito de cada um. Nada é dito sobre a igualdade de condições no

¹⁶ Segundo Freitas (2012) o movimento que tem agregado a ação desses empresários/reformadores no Brasil é o Todos pela Educação, que pode ser identificado de forma mais pormenorizada em seu próprio site institucional, disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/institucional/>.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ponto de partida. No caso da escola, diferenças sociais são transmutadas em diferenças de desempenho e o que passa a ser discutido é se a escola teve equidade ou não, se conseguiu ou não corrigir as “distorções” de origem, e esta discussão tira de foco a questão da própria desigualdade social, base da construção da desigualdade de resultados (FREITAS, 2012, p. 383).

Para Freitas (2012), a perspectiva pedagógica dos reformadores empresariais é a adoção de um modelo tecnicista de escola,¹⁷ agora com características específicas, mas que dialoga com o modelo implementado no Brasil nos anos da ditadura civil-militar (1964-1984), principalmente pela crença da escolarização como possibilidade de desenvolvimento econômico e pela aposta na padronização de práticas escolares, através de técnicas, currículo e avaliação (FRIGOTTO, 1984).

No período atual, Freitas indica o fortalecimento do que ele chama de *neotecnicismo*, assentado em três pilares: a privatização, a responsabilização e a meritocracia. A responsabilização e a meritocracia caminham juntas numa tendência de desqualificação da escola pública e de culpabilização de seus sujeitos, docentes e estudantes. A construção de testes padronizados externos aplicados em larga escala atua de forma eficiente na construção desses referenciais de culpabilização dos sujeitos das escolas. Já os índices, nessa conexão, contribuem para identificar as “mazelas da escola pública” e a sua “ineficiência”, e é essa lógica que abre o caminho para a retórica da privatização e de destruição do sistema público de ensino (Freitas, 2012).

Desse cenário mais amplo, partimos agora para problematizar, em diálogo com os referenciais políticos apresentados acima, como a Reforma do Ensino Médio, como materialidade concreta, incidirá nos processos de desescolarização para a juventude da Educação de Jovens e Adultos no tempo presente.

¹⁷ O tecnicismo, como tendência pedagógica, tem seu ápice de implementação nos anos de 1970 no Brasil, ancorado na perspectiva da Teoria do Capital Humano, onde a prática escolar é altamente dirigida e controlada, o professor aparece como reprodutor de técnicas programadas detalhadamente, numa lógica extremamente prescritiva e rígida do fazer pedagógico e dos processos de ensino e aprendizagem através da presença de materiais didáticos de natureza instrumental.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Tal desescolarização da oferta constitui um processo onde o atendimento a esse público se dará fora da escola, como até então concebíamos e tínhamos garantido legalmente para jovens e adultos não escolarizados. Este processo a que serão submetidos não implicará, entretanto, na negação da possibilidade de certificação de seus estudos, pois a terminalidade se desenvolverá através de outros modelos de oferta. No entanto, como a perspectiva é o radical contingenciamento de recursos, tal oferta se dará de forma aligeirada e pedagogicamente fragilizada e, principalmente, em duas possibilidades de atendimento, que consideramos a materialidade da desescolarização: a política de certificação e a Educação à Distância. A escola, como modelo e sentido de oferta, cerra as suas portas para esse público, que outrora já vivenciara a negação de acesso e permanência escolar em suas trajetórias de vida.

No texto da lei da Reforma de Ensino Médio, Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, identifica-se claramente, para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, o cenário da desescolarização. Para os jovens e adultos a serem escolarizados na etapa do Ensino Médio, o texto é pontual e inequívoco já que indica, quase exclusivamente, a EaD como possibilidade formativa. Todas as outras indicações legais de inovação curricular para essa etapa, como ampliação de carga horária, construção de itinerários formativos e outros elementos curriculares não são referenciados ou indicados de forma específica para o público da EJA. Tal modalidade é mencionada somente uma vez e no início do texto da lei, no inciso 2º do artigo 1, com a seguinte indicação: "2º Os sistemas de ensino disporão sobre a oferta de educação de jovens e adultos e de ensino noturno regular, adequado às condições do educando, conforme o inciso VI do art. 4º." (BRASIL, 2017 b, grifo da autora).

Numa primeira leitura podemos considerar que o referido trecho indica respeito às especificidades dos sujeitos educandos da EJA. Porém, quando chegamos ao inciso VI, temos a seguinte indução legal: "[...] VI - cursos realizados por meio de educação à distância ou educação presencial mediada por tecnologias" (BRASIL, 2017 b). Ou seja, no texto da Reforma do Ensino Médio, a referência à Educação de Jovens e Adultos está restrita à Educação à Distância como horizonte de oferta. Destaca-se,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ainda, que o outro modelo de oferta para o público da EJA seria a educação presencial mediada por tecnologias, usualmente utilizado em turmas de correção de fluxo em redes públicas de ensino e que também anuncia, em sua essência, precarização e fragilidades pedagógicas na oferta.

Constata-se, dessa forma, que a Educação de Jovens e Adultos na etapa do Ensino Médio, com suas especificidades, encontra-se completamente invisibilizada ou esvaziada de potencial escolar na aplicação da Reforma do Ensino Médio colocando-se a mesma, no contexto histórico analisado, como mais um elemento de indução para a desescolarização da EJA. Então, se para a grande maioria dos jovens que cursarão o Ensino Médio nesse modelo de reforma, o cenário é devastador, com a construção de uma dualidade radical de educação, ou seja, uma escola para jovens pobres apequenada em seus conteúdos e potencial humanístico ou como possibilidade de continuação e acesso ao Ensino Superior, para os jovens e adultos o horizonte é a própria inexistência de escola.

E não estamos indicando uma situação a ser ainda construída, mas de uma lei aprovada, que já pode se tornar uma realidade na vida dos milhões de sujeitos da EJA, demandantes do Ensino Médio. Ademais, se atrelarmos tais normas à legislação recém aprovada sobre a Educação à Distância, o cenário de desescolarização para as juventudes da EJA se estabelece de forma evidente.

A indução da oferta da Educação à Distância (EaD), no contexto das reformas ultra neoliberais, está sendo sedimentada e induzida com o Decreto nº 9.057 de 25 de maio de 2017, que redimensiona a função e o caráter da Educação à Distância. Segundo recente legislação, a EaD pode ser ofertada no Ensino Superior e na Educação Básica, como destaca esse artigo: "Art. 2º A educação básica e a educação superior poderão ser ofertadas na modalidade à distância nos termos deste Decreto, observadas as condições de acessibilidade que devem ser asseguradas nos espaços e meios utilizados" (BRASIL, 2017).

A referida legislação indica, ainda, quais as etapas e modalidades que poderão ser atendidas por esse tipo de oferta de escolarização, a saber: o ensino fundamental,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

o ensino médio, a educação profissional técnica de nível médio, a educação de jovens e adultos e a educação especial. Sobre todas essas possibilidades de oferta não existe na legislação em tela nenhuma regulamentação mais específica, salvo a referência ao Ensino Fundamental, onde estão previstos alguns contingenciamentos de oferta:

Art. 9º A oferta de ensino fundamental na modalidade à distância em situações emergenciais, previstas no § 4º do art. 32 da Lei nº 9.394, de 1996, se refere a pessoas que:

I - estejam impedidas, por motivo de saúde, de acompanhar o ensino presencial;

II - se encontrem no exterior, por qualquer motivo;

III - vivam em localidades que não possuam rede regular de atendimento escolar presencial;

IV - sejam transferidas compulsoriamente para regiões de difícil acesso, incluídas as missões localizadas em regiões de fronteira;

V - estejam em situação de privação de liberdade; ou

VI - estejam matriculadas nos anos finais do ensino fundamental regular e estejam privadas da oferta de disciplinas obrigatórias do currículo escolar (BRASIL, 2017)

A leitura crítica dessa legislação, situando-a na perspectiva do processo de desescolarização da oferta da EJA, leva-nos a considerar que esse tipo de legislação minimalista é bastante intrincada. Como exemplo, os itens III e IV indicam a oferta em situações onde a rede regular de ensino não oferece a modalidade. Assim, na presença de um processo acirrado de descenso nas matrículas presenciais, do fechamento de escolas, de turnos e de turmas, a situação de exceção virará regra, abrindo brecha para a ampliação e a substituição da oferta presencial, na escola de EJA, pela oferta da educação à distância. Destaca-se, ainda, como elemento agravante, que no caso da oferta nas etapas e modalidades do ensino médio, da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação especial não há nenhuma regulamentação ou determinação em torno de critérios de oferta ou de quem será o corpo docente, os tutores, o material didático e a carga horária, dentre outros. Uma legislação minimalista que abre infinitas possibilidades para uma oferta aligeirada e pedagogicamente fragilizada, prenúncio da construção de fábricas de certificação. Deste modo, erguem-se possibilidades legais e de políticas públicas de negação da

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Educação de Jovens e Adultos como direito e, principalmente, como possibilidade de escolha, como possibilidade de escola!

Humanizar e restabelecer o caráter formador das experiências educativas na Educação de Jovens e Adultos é tarefa que se coloca urgente e necessária no cenário atual de reformas.

Para efeito de considerações finais desse artigo, escrito em um dos momentos mais delicados para a nossa frágil democracia republicana onde o fascismo, o ódio, a intolerância e a negação de direitos apresentam-se como projeto societário e de gestão do Estado e ainda, o discurso meritocrático e burocrático da função social da escola avoluma-se colocamo-nos, com esta escrita, como resistência e luta. A reafirmação do caráter público da Educação deve estar em nossas pautas políticas na escola, na universidade e na sociedade. A garantia de acesso e permanência *das juventudes* na Educação de Jovens e Adultos, prescinde da manutenção e fortalecimento do modo de oferta universalizante na educação. Sigamos na certeza de que, mesmo nesse cenário devastador, o mundo não é formado apenas pelo que já existe, *mas também pelo que pode efetivamente existir*, como nos lembra Milton Santos (2003).

Referências

BRASIL. *Decreto nº 9057 de 25 de maio de 2017*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm. Acesso em 10/04/2019

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. *Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral*. Brasília, 2017a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 10/04/2019.

FREITAS, L. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 33, n.119, p. 379-404, abr.-jun. 2012

MOTTA, Vânia Cardoso; FRIGOTTO, Gaudêncio. Por que a urgência da Reforma do Ensino Médio? Medida Provisória nº 746/2016 (lei nº 13.415/2017). *Educação e Sociedade* [online]. 2017, vol. 38, n.139, pp. 355-372.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

NICODEMOS, Alessandra. Juventude na EJA: desafios atuais. In: II Seminário do Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão em Educação de Jovens e Adultos, 2017, Rio de Janeiro. *Anais II Seminário do Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão em Educação de Jovens e Adultos*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. v. 1. p. 1-211.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

A JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DEMANDAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Flávia dos Santos Cota
SME/RJ

Pâmmela Lobo Soriano Lopes de Oliveira
SME/RJ

Palavras-chave: Inclusão. Direito. Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Este relato de experiência é sobre algumas observações do cotidiano do que se constitui a Educação de Jovens e Adultos, frente ao desafio que é construir práticas emancipatórias e uma educação para a responsabilidade social e política, considerando a pluralidade existente neste espaço escolar, destacando o fenômeno da juvenilização que impera nas Unidades Escolares. A proposta aqui apresentada é pensarmos: Que espaços são esses? O que esses jovens esperam? Como essas práticas curriculares acontecem? Como esses alunos chegaram até a EJA? Que especificidades estão em jogo com esta nova configuração? Quem e que interesses essas práticas representam? Enfatizamos a educação como direito e a necessidade de construirmos práticas democráticas e significativas diante deste cenário que é desafiante para o aluno e para o professor.

No que se refere ao campo de estudos e reflexões, as narrativas dos docentes e discentes, retratam suas expectativas, interesses, experiências, desafios e dificuldades enfrentados nos diferentes espaços escolares. Assim, são diversas as inquietações em como contemplar práticas centradas na valorização humana, com princípios éticos, atendendo as especificidades dos sujeitos da EJA, legitimando os conhecimentos, diante do cenário secundarizado em que ela se encontra hoje. É amplo o campo de atuação, de ressignificação do papel da escola de hoje para esses jovens e também para professores, que muitas vezes se angustiam e sentem-se fracos, tamanha as questões que envolvem esse processo de escolarização. O objetivo é

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ponderar sobre como alcançar, repensar essas práticas, resgatando o interesse e a função da escola, principalmente no que se refere ao que se constitui esse processo ensino-aprendizagem, que vai além dos muros da escola. Deste modo, as indagações teóricas foram sustentadas por Arroyo (2005), Freire (2018), Cury (2000) e Nicodemos (2011) norteando as concepções de Educação de Jovens e Adultos (EJA), direito, inclusão, formação e práticas curriculares. Desse modo, seguimos na busca pela construção do espaço educativo de qualidade em que a multiplicidade de linguagens, favoreça a construção de significados na escola, na EJA, na sociedade e no processo de viver e fazer educação.

Metodologia

O relato apoiou-se nos princípios da aprendizagem colaborativa, segundo Smyser (1993) definida como uma técnica na qual as pessoas reunidas atuam como parceiras, a fim de adquirir conhecimentos sobre uma determinada situação. No caso, permitiu reconfigurar, através de reflexões-ações as concepções teóricas de ensino e aprendizagem, através de observações e relatos nos Centros de Estudos (CE) realizados. A observação participante deu-se em uma Escola Municipal da 2ª CRE, atualmente com 178 alunos, inscritos na modalidade EJA. E como instrumento de análise dos dados, utilizou-se a análise do conteúdo (Bardin, 2011) para apoiar as perspectivas teórico-metodológicas sobre o tema em destaque.

Análise dos resultados

Deparamo-nos com muitas indagações no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, percebemos o fenômeno da juvenilização, onde muitas vezes nem mesmo o jovem e seus familiares sabem o porquê do encaminhamento para a modalidade de ensino. Muitas são as dúvidas na própria composição da avaliação em unidades de progressão, tão distintas do ensino diurno e na qual levam meses ou anos para entenderem. No primeiro momento objetivando aligeirar o certificado ou até mesmo o tempo na escola, lá estão eles, na correção e compensação de fluxo (Cury, 2000). Do

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

outro lado, encontramos os docentes, frente as turmas cheias e o desafio de contemplar a diversidade, o respeito as diferenças, o processo singular de aprendizagem e o direito a escolarização e participação. Para Arroyo (2005):

A Educação de Jovens e Adultos entendida como direito, precisa superar qualquer conceito que a diminua e desvalorize. Ainda nos deparamos com um aprofundamento da crise na escola, mas precisamos pensar nessa formação que contemple a diversidade, por meio do compromisso ético e estético, percebendo a indissociabilidade entre a formação de professores e uma educação de qualidade, consciente e emancipadora. (p.21)

Nos estudos percebemos a imprescindibilidade do olhar múltiplo e singular para as culturas locais, bem como os processos curriculares específicos. Tal fato, abarca a compreensão da escola com suas múltiplas funções: escolar, social e cultural. Os Centros de Estudos são essenciais para a produção dos saberes e fazeres na EJA, mas muitas vezes esbarramos no sistema que não permite mudanças, estas necessárias para se pensar na aprendizagem contextualizada e significativa, que considere que somos singulares, com ritmos e tempos diferentes.

Iniciamos o ano letivo com turmas lotadas e nos primeiros meses, encontramos alunos que escolhem disciplinas, que demonstram inquietude e desinteresse em permanecer nas salas e apresentam questões ligadas a indisciplina, a violência e outros, além da evasão e da repetência. O que nos permite ponderar ainda mais sobre a necessidade de mudanças curriculares e novas formas pedagógicas de atuação. Salientamos mais uma vez, a primordialidade de investimentos para a EJA e no que se relaciona a indagações do corpo docente, encontramos questões relativas a metodologia, material didático e até mesmo uma lacuna na formação continuada e na tentativa de aproximar a realidade dos alunos ao conteúdo formal.

Considerações Finais

Precisamos caminhar muito no que se relaciona a esta modalidade e o processo de reconhecimento e inclusão destes sujeitos da EJA. As Unidades Escolares devem ter mais autonomia para construir suas atividades, de modo a expressar sua própria

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

cultura, atenta as necessidades dos seus alunos e ao seu protagonismo, valorizando e aproximando suas práticas, habilidades e potencialidades, por meio de uma educação de qualidade, que favoreça sua libertação, conscientização e autonomia (Freire, 2018) na e para a diversidade. Não podemos perder de vista as especificidades pertinentes a esse novo público.

Referências

ARROYO, M. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, L., GIOVANETTI, M. A., GOMES, N. L. (Org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.19-50.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2011.

CURY, C. R. J. Parecer CEB 11/2000. In: SOARES, Leôncio. *Educação de jovens e adultos: diretrizes curriculares nacionais*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SMYSER, B. M. *Active and Cooperative Learning*, 1993. SMYSER, Disponível em http://www.wpi.edu/~isg_501/bridget.html Acesso em 30 de abril 2019.

OS PROCESSOS DE JUVENILIZAÇÃO DA EJA NA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO E SEUS IMPACTOS NA ELEVAÇÃO DO IDEB

Marcos Vinicius Reis Fernandes
UERJ-FFP18
Rony Pereira Leal
IFF Bom Jesus do Itabapoana19

Palavras-chave: EJA. IDEB. Juvenilização.

Introdução

Este estudo buscou responder se, e como, as medidas que promoveram o aumento da população jovem nas turmas de EJA na rede estadual do RJ – em especial, a privação de matrícula e da permanência de jovens maiores de 20 anos no ensino regular, por meio da transferência ou da matrícula compulsória desses sujeitos em turmas de EJA – influenciaram na ascensão da rede estadual do Rio de Janeiro da 15ª para a 4ª colocação no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), durante a gestão do Secretário de Educação Wilson Risolia (10/2010 – 12/ 2014).

Por meio da análise dessas estratégias, buscou-se evidenciar sua intencionalidade em assegurar um resultado positivo no IDEB, em 2013, mesmo que isso implicasse na precarização da oferta para um enorme quantitativo de sujeitos já inseridos no ensino regular. Além disso, debateu-se sobre como a manipulação de dados pode influenciar objetivamente na concepção de educação a ser implementada, e em sua compreensão pela população.

A pesquisa contou, em sua base teórica, com as contribuições de Alvarenga (2016), Andrade e Paiva (2004), Brenner e Carrano (2014), Fernandes (1975), Gentili (2001), Lefebvre (2001), e Ventura (2017).

Metodologia

¹⁸ Mestrando em Educação (PPGEDU).

¹⁹ Docente da Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Como estratégias metodológicas, valemo-nos da análise documental e da pesquisa bibliográfica, a fim de empreender a análise crítica da temática – com ênfases nas políticas públicas voltadas para a EJA, no fenômeno da juvenilização, e no discurso da *qualidade* presente no campo da educação.

Análise dos resultados

Foi com base no discurso de defesa da “qualidade” na educação e da manutenção do tratamento (historicamente) discriminatório dispensado à EJA que o economista e então Secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Risolia, pautou sua gestão à frente da pasta.

Inicialmente, implementou a Resolução SEEDUC nº 4814 (Rio de Janeiro, 2012), que estabeleceu as normas e procedimentos para ingresso e permanência de alunos para o ano letivo de 2013. A resolução estabelecia, em seu artigo quinto, os procedimentos para a Pré-Matrícula Informatizada:

§2º - Somente poderão ser matriculados na 1ª série do Ensino Médio Regular e Ensino Médio Inovador os alunos com idade máxima de 20 anos.

§3º - Os alunos com idade de 21 anos completos ou a completar até o dia 31/01/2013 deverão ser matriculados no Módulo I do Ensino Médio da Nova Educação de Jovens e Adultos, Ensino Médio Normal (Formação de Professores em horário integral) ou Ensino Médio Integrado à Educação Profissional nas unidades escolares descritas no art.4º, §1º.

Por meio destes excertos, se tornou evidente a existência de um projeto de marginalização e separação desses jovens com idades iguais ou superiores a 21 anos, impossibilitando-lhes o pleito a uma vaga no Ensino Médio Regular. Alguns destes sujeitos já foram marcados em suas trajetórias por algumas decisões que, impostas, pré-estabeleciam suas perspectivas de futuro.

Paralelo a esse veto, temos em curso a política de ascensão no IDEB, na qual apenas a educação regular é examinada. Esse é o grande motivador para se privar esse público, que está fora da idade considerada adequada, de escolher a modalidade que gostaria de estudar, restando-lhe, pois, a EJA como única possibilidade.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Assim aparece um novo público na EJA, que não se encaixa no pressuposto “àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos” (BRASIL, 1996).

Um jovem que traz a exclusão do sistema educacional, muitas vezes pela entrada precoce no mundo do trabalho, é diferente do jovem que, tendo acesso e permanência garantidos, não teve o direito ao aprendizado, ele mesmo excluído de uma escola para outra escola, muitas vezes sem que tenha escolha, induzido à transferência, ou convidado a se retirar. A entrada desses jovens inaugura uma busca de identidade dentro da modalidade. (LEMOS, 2017, p. 39).

Segundo Brenner e Carrano (2014), com a massificação da educação básica *democrática*, em especial a secundária ou média, o sujeito passou a ser culpabilizado pelos seus fracassos, mesmo persistindo ou agravando as problemáticas implícitas e/ou explícitas da educação.

Considerações Finais

De maneira breve, buscou-se demonstrar a importância e o impacto social que as políticas públicas elencadas pelos governantes têm sobre a população, em especial os mais pobres e a classe trabalhadora.

Olhar a educação a partir de um viés mercantilista, que busca alcançar resultados com a finalidade de obter verbas de organismos internacionais e virar propaganda de campanha para se manter no poder, é desconsiderar toda uma trajetória de vida dos alunos e da educação.

A adoção de ações institucionalizadas nos moldes da gestão Risolia, que privam os educandos do direito de escolha do espaço que desejam ocupar e com o qual se identificam, é penalizar, mais uma vez, esses sujeitos, que já possuem uma trajetória marcada pela exclusão e marginalização nas escolas.

Referências

BRENNER, A. K; CARRANO, P. Os sentidos da presença dos Jovens no Ensino Médio: representações da escola em três filmes de estudantes. *Educação e Sociedade*, v. 35, p. 1223-1240, 2014. Disponível em <https://bit.ly/2Y7FCQU>. Acesso em: 19 jul. 2018.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

LEMOS, A. G. de; *Reflexões acerca da migração perversa de jovens para o Peja no município do Rio de Janeiro*. PPGEdU UNIRIO, 2017.

RIO DE JANEIRO. SEEDUC. *Resolução n. 4814 de 27 de agosto de 2012*. Estabelece normas e procedimentos para ingresso e permanência de alunos na rede Estadual de Ensino/

SEEDUC para o ano letivo de 2013 e dá outras providências. Disponível em: <https://bit.ly/2TXFKmI>. Acesso em 10 nov. 2018.

A DIVERSIDADE DA EJA NO ENSINO MÉDIO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Marcelo André de Souza
Universidade Federal Fluminense

Palavras-chave: EJA. Ensino Médio. Diversidades. Território.

Introdução

Com a finalidade de contribuir para a discussão sobre o fenômeno da juvenilização na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e as diferentes identidades presentes neste conjunto de sujeitos, este resumo visa apresentar alguns resultados obtidos na dissertação defendida em 2018, que teve como questão central o território e as características dos alunos da EJA no Ensino Médio (EM) noturno da rede estadual no território do município do Rio de Janeiro.

Assim, ao levar em consideração que as diversidades dos sujeitos são compreendidas com uma “construção histórica, cultural, social e econômica das diferenças” (JULIÃO, 2016, p.08). Cabe então, o estudo das regularidades e das diferenças desses estudantes entre si, e também, em relação aos demais alunos no que diz respeito ao sexo, à cor, à condição social, de moradia, geracional e territorial, compreendido aqui como espaço, isto é, área física delimitada pelo poder político-administrativo (país, estado, município, região administrativa, bairro, etc).

Dessa forma, norteado pela hipótese de que os alunos matriculados nessa modalidade de ensino apresentam regularidades de diversas naturezas que podem variar de acordo com o território e no diálogo com autores como Julião (2016), Peregrino (2014), Haesbaert (2004) e Souza (1995) este estudo objetiva compreender como se caracteriza essa população de alunos, nas diferentes configurações territoriais existentes no município do Rio de Janeiro.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida com a análise dos perfis desses alunos, originados a partir dos dados da pesquisa interinstitucional "*Escola, Trabalho e território: elementos para a compreensão dos modos de transição para a vida adulta de jovens em 'defasagem escolar' no Rio de Janeiro*", produzido em 2013. Esse banco de dados está assentado nas respostas dos discentes ao questionário autoaplicável, constituído por 85 questões. Foram aplicados 933 questionários distribuídos por 14 escolas da seguinte forma: nas Zonas Sul e Centro, 178 questionários ou 19%, Oeste 399 ou 43% e Norte 356 ou 38 %.

O percentual de jovens dessa amostra foi de 65% com idade entre 18 e 29 anos. Para análise foram consideradas 27 variáveis subdivididas em cinco blocos (socioeconômico, relações entre trabalho e estudo, trajetória escolar, sobre a escola e atividades cotidianas e de lazer). Essas questões foram analisadas com foco nas tendências e variações do perfil desses discentes, presentes nas áreas territoriais do Centro/Sul, Zona Oeste e Norte do município.

Análise dos resultados

Com a análise das vinte sete variáveis foi percebido quanto ao perfil socioeconômico, que a maioria dos alunos eram mulheres (57%); de idade entre 18 e 24 anos (56%); pretos e pardos (65%); com renda familiar de até dois salários mínimos (68%); filhos de mães com ensino fundamental (66%); evangélicos (46%); solteiros (60%); sem filhos (55%); naturais do estado do Rio de Janeiro (84%); moradores do município do Rio de Janeiro (99%) cujas escolas que estudavam se localizam na mesma área em que moram (88%).

Do ponto de vista das relações trabalho e estudo, a maior parte deles começou a trabalhar com idade acima dos 15 anos (54%); conciliaram em algum período de sua trajetória escolar a escola com o trabalho (82%); possuíam trabalho fixo (55%), algum tipo remuneração (83%) e já tiveram carteira assinada (57%). Ingressaram na escola antes dos seis anos de idade (68%); concluíram o ensino fundamental com

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

mais de 15 anos (75%); concluíram no ensino regular (56%) e iniciaram o ensino médio com idade acima dos 18 anos (62%). Levavam menos de 30 minutos para chegar à escola (75%) e em sua maioria iam a pé (44%).

Como atividade cotidiana, a maior parte deles tinham salas de cinema perto de sua moradia (69%); nunca foram a um teatro (39%); frequentemente ou às vezes frequentavam outras áreas fora do seu lugar de moradia e estudo (69%); seus familiares eram considerados como melhores amigos (34%) e não participavam de nenhum grupo social ou identitário (65%).

Na busca por variações territoriais, foi observado que a Zona Oeste (43% da amostra) foi o território que mais se destacou, ora apresentando os maiores percentuais, ora os menores. Das 27 variáveis observadas essa área apresentou os 6 maiores percentuais e 11 menores. Ao comparar a Zona Oeste com a Zona Norte, as duas maiores representações da amostra, constata-se que 14 variáveis apresentaram diferenças percentuais superiores a 10 pontos.

Considerações Finais

Com base nos resultados obtidos pode-se considerar que essas variações pressupõem composições diversas de alunados para cada área, podendo ser justificada a partir do processo histórico de formação e de ações governamentais no território do município. Ao revelar que a gênese dessa diferença está associada a indicadores como sexo, cor, idade e renda e situação domiciliar, podemos inferir que dentro do território municipal coexistem desigualdades sócio-espaciais intra-urbanas que tem seu eco dentro das escolas.

Com a pretensão de não finalizar e contribuindo para a discussão sobre a presença de jovens na EJA/EM questiona-se: As variações dos perfis discentes poderiam ser mais expressivas comparando outras escalas geográficas, como municípios (mais macro), bairros ou regiões administrativas (mais micro)? Quais outras variáveis podem contribuir para a compreensão da diversidade do público da EJA?

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos "territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. *Os sujeitos da educação de jovens e adultos: questões sobre a diversidade*. UFBA, 2016.

PEREGRINO, Mônica. *Escola, Trabalho e Território: elementos para a compreensão dos modos de transição para a vida adulta de jovens em "defasagem escolar" no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA, Marcelo André de. *A educação de jovens e adultos no ensino médio na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro: um olhar a partir da dimensão territorial*. Niterói, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2018. Dissertação (Mestrado em Educação), 120p.

SOUZA, Marcelo Jose Lopes de. O território: sobre o espaço e o poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORREA, Roberto Lobato. *Geografia: Conceitos e temas*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

IMPACTOS DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS NA EJA

Adalberto de Moraes Gomes Filho
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Glasielle Lopes de Carvalho Ribeiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Palavras-chave: Juvenilização na EJA. Capitalismo Dependente. Reforma do Ensino Médio.

Introdução

Os autores deste trabalho são mestrandos em Educação da Faculdade de Formação de Professores (FFP) – UERJ, cujas pesquisas (a juvenilização na EJA e a Reforma do Ensino Médio) se complementam, uma vez que através delas analisaremos como a proposta de Reforma do Ensino Médio poderá impactar a formação escolar dos jovens matriculados na EJA. Alguns referenciais teóricos serviram de base para esse projeto: Bourdieu (1983) na discussão de juventudes; Fernandes (1975) na análise da construção socioeconômica do Brasil como um país de Capitalismo Dependente; Gramsci (2006) na compreensão da dualidade escolar brasileira; Frigotto e Ramos (2017) no estudo sobre a Reforma do Ensino Médio; Frigotto (2000) na metodologia de pesquisa. Buscamos atingir alguns objetivos a partir dessa investigação: identificar o perfil socioeconômico dos jovens na EJA; verificar como o percurso formativo por eixos poderá afetar os alunos de escolas públicas; analisar o possível aumento das desigualdades escolares, como resultado da Reforma do Ensino Médio.

Metodologia

O objeto de estudo dessa pesquisa é analisado segundo a Teoria-metodológica do Materialismo Histórico Dialético, fundamental para compreender a construção histórica da estrutura socioeconômica do nosso país, na qual está alicerçada o Sistema Educacional Brasileiro, marcado por contradições (dualidades) de longa duração; para a análise de documentos sobre a Reforma do Ensino Médio. Esta, por sua vez, se

apresenta como uma expressão das relações sociais, na forma de tramas e conflitos, que repercute na educação (FRIGOTTO, 2000).

Análise dos resultados

Pensando o Brasil, no contexto internacional, como um país de Capitalismo Dependente (FERNANDES, 1975), marcado pela contradição do convívio do arcaico (desigualdades sociais) com o moderno (novas formas de acumulação de capital), é fácil compreender a dualidade escolar, presente na educação brasileira. Essa característica do nosso sistema educacional contribui para perpetuar as referidas características socioeconômicas do nosso país (GRAMSCI, 2006). Uma das consequências da precarização da educação brasileira é a exclusão dos jovens do ensino regular diurno, que muitas vezes acabam migrando para a EJA. Eles são exemplos do que Bourdieu (2001) chama de excluídos do interior, jovens da classe trabalhadora vítimas desse sistema perverso.

A Reforma do Ensino Médio, implementada pela Lei nº 13.415/17, segundo Frigotto e Ramos (2016), não seria necessária, uma vez que este segmento da Educação Básica já possuía uma legislação completa e atual. Sabemos que a precariedade da infraestrutura das escolas públicas e a falta de profissionais de ensino, que trabalhem nestes espaços, não possibilitarão a oferta de todos os itinerários citados pela lei. Dessa forma, a propaganda que o governo faz é falaciosa, os estudantes não terão a possibilidade de escolha, terão que se submeter ao itinerário que estiver disponível, possivelmente, o de formação profissional. Esse cenário será agravado na modalidade EJA, quando levamos em consideração que, historicamente, ela recebe menos recursos do que o ensino regular.

Sendo assim, consideramos a dita reforma como um instrumento da burguesia para manter o seu projeto de poder, perpetuando e ampliando as desigualdades sociais.

Trata-se de uma desqualificação orgânica, uma "irracionalidade racional", uma "improdutividade produtiva", necessária à manutenção da divisão social do trabalho e, mais amplamente, à manutenção de sociedade de classes. (FRIGOTTO, 2010, p. 203).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

A reforma representa um retrocesso no Sistema Educacional Brasileiro e nas conquistas sociais e econômicas obtidas nas décadas anteriores.

Considerações Finais

Observamos, a partir desse trabalho, que a estrutura socioeconômica brasileira foi construída, historicamente, seguindo o modelo do Capitalismo Dependente. Este, por sua vez, é responsável pela enorme desigualdade social existente em nosso país. Ele também colabora para perpetuação da dualidade escolar, que está presente na história da educação brasileira desde sua gênese. Neste contexto, fica claro que os jovens matriculados na EJA são provenientes da classe trabalhadora e não da nossa elite. A Reforma do Ensino Médio vem reforçar esse caráter dual da educação no Brasil, prejudicando os alunos da escola pública, especialmente aqueles jovens da EJA, que não terão a propalada possibilidade de escolha do itinerário que melhor lhe prouver.

Referências

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: _____. *Escritos de educação*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL. *Lei nº 13.415*, de 16 de fevereiro de 2017. Estabelece a Reforma do Ensino Médio.

FERNANDES, F. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FRIGOTTO, G. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação*. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

_____; RAMOS, M. N. Medida Provisória 746/2016: a contrarreforma do ensino médio do golpe de estado de 31 de agosto de 2016. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8649207/15754>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

GRAMSCI, A. Caderno 12. In: _____. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 2 (Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo). Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 4. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

JUVENTUDES: O QUE SIGNIFICAM ESTAS PRESENÇAS NA EJA?

Elisangela Ferreira dos Santos de Mendonça
Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd UERJ

Palavras-chave: Juventudes. Educação de Jovens e Adultos. PEJA.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um direito de jovens e adultos à escolarização. O avanço de estudantes jovens-adolescentes nas turmas do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) no município do Rio de Janeiro me impulsionou, enquanto professor-pesquisador a buscar maior compreensão do fenômeno. Sendo assim, o objeto de pesquisa a que venho me debruçando nos estudos diz respeito ao perfil desses estudantes, cada vez mais presentes e frequentes no PEJA noturno, e as motivações, trajetórias e vivências que os levam a permanecer na educação básica, depois de conduzidos para essa modalidade de ensino.

Alguns pesquisadores, como Eliane Ribeiro, Paulo Carrano, Sérgio Haddad, Vera Masagão, Juarez Dayrell, entre outros, vêm desenvolvendo estudos de relevância, refletindo sobre o perfil desses sujeitos que provocam a renovação da faixa etária do corpo discente da EJA. Do mesmo modo, provocam mudanças no cotidiano escolar e nas relações estabelecidas entre os que ocupam esse espaço. Entretanto, tais estudos sobre a temática não se esgotam, devido à complexidade e diversidade que perpassa esse tema.

Pretendo, então, voltar meu olhar e investigar se há locais de maior incidência/recorrência do ingresso desses jovens-adolescentes no município do Rio de Janeiro, tentando identificar os períodos de escolaridade em que há maior recorrência, visando contribuir de alguma forma com o desdobramento do Programa. Esse desdobramento tanto pode-se dar pela observância da efetivação de políticas públicas de educação para esse público específico, quanto para colaborar na renovação curricular, e na formação/atualização de professores que trabalham na EJA, com a

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

finalidade de garantir o direito à educação para todos os que buscam a escolarização. A tarefa da EJA ultrapassa o contexto escolar, estendendo-se ao educar-se ao longo da vida, com qualidade, porque jovens-adolescentes são, todos eles, sujeitos de direitos:

[...] Assumida esta dimensão: direitos negados historicamente aos mesmos coletivos sociais, raciais, conseqüentemente teremos de assumir a EJA como uma política afirmativa, como um dever específico da sociedade, do Estado, da pedagogia e da docência para com essa dívida histórica de coletivos sociais concretos (ARROYO, 2005, p. 30).

Metodologia

Essa pesquisa se fará com base em informações contidas no banco de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP); do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); e da própria Secretaria Municipal de Educação, especialmente informações referentes à escolarização do público da EJA que contribua para a constituição do perfil desses jovens estudantes que a frequentam em uma escola pública municipal noturna na cidade do Rio de Janeiro.

Ao cruzar informações estatísticas coletadas com os registros escolares e com registros realizados em meu diário de campo, feitos pelo exercício da escuta, de diálogos, de problematizações em relação às teorizações de autores e em meio a construções coletivas que ocorrem no cotidiano escolar, estarei produzindo, categorialmente, um conhecimento sobre o tema. As categorias deverão emergir das descrições sobre percepções obtidas a partir de acontecimentos — minha experiência nos cotidianos da EJA — que servirão como elementos balizadores da compreensão de como esses sujeitos se colocam, agem e interagem, para serem o que são — sujeitos estudantes, ativos e detentores de direitos, e como atuam sobre suas realidades, com que atitudes, necessidades e desejos, quando ingressam e compõem o grupo de alunos da EJA.

Análise dos resultados

Segundo Dayrell (2016), a juventude é uma categoria dinâmica, construída socialmente, forjada mediante a diversidade como se constitui nos contextos culturais,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

sociais e históricos, ao longo do tempo. Sendo assim, não se pode afirmar a existência de uma única juventude, mas sim de sujeitos que experimentam e vivenciam essa condição juvenil nos cotidianos vividos.

Ao refletir sobre “juventudes” na EJA, leva-se em consideração quem são os sujeitos que ingressaram nessa modalidade de ensino: de onde vêm suas aspirações e motivações para estarem ali, no conjunto de estudos realizados por pesquisadores.

Considerações Finais

Pode-se antever que a pesquisa apontará para a necessidade de repensar o currículo escolar, as políticas públicas e ampliar investimentos na formação de professores voltada para o atendimento ao público jovem na EJA. Estudos como este, se bem aproveitados, contribuem para fazer avançar o conhecimento e mudar a realidade desses jovens na escola, pois, como Carrano (2008, p. 115) alerta, “[...] a presença de jovens alunos na EJA deveria ser a expressão de que a escola é parte efetiva de seus projetos de vida”.

Apesar de serem muito jovens, o desafio é refletir como se potencializa a presença desses sujeitos na EJA, com intenção de valorizá-los em seus saberes e como encontrar formas de acolhê-los, entendendo, como aponta Andrade (2004, p. 51) que isso:

[...] é fundamental para torná-lo visível, já que representa a chance que, mais uma vez, esse jovem está dando ao sistema educacional brasileiro de considerar a sua existência social, cumprindo o direito constitucional de todos os cidadãos brasileiros terem acesso à escolaridade básica.

Referências

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa, PAIVA, Jane. *Educação de Jovens e Adultos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (orgs.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

CARRANO, Paulo C. R. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. p. 159-184. In: *Diversia*, n. 1, CIDPA, Valparaíso. abr. 2009.

DAYRELL, Juarez. *Por uma pedagogia das juventudes*: experiências educativas do Observatório da Juventude de UFMG. Belo Horizonte: Mazza Ed., 2016.

A TRAJETÓRIA DE JOVENS DAS CLASSES POPULARES QUE PASSAM A CONTAR AS SUAS HISTÓRIAS ATRAVÉS DE UM CINEMA NOSSO

Adriana Barbosa da Silva –
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Palavras Chave: Juventudes. Cinema. Trajetórias.

Introdução

A partir da minha inserção enquanto profissional e pesquisadora da Educação de Jovens e Adultos (EJA), observei que ainda temos muitas dificuldades para estabelecer um canal efetivo de diálogo com os jovens, especialmente na EJA, o que acaba por provocar inúmeros conflitos entre as gerações.

De acordo com o professor Paulo Carrano (2003), um dos caminhos para a escola formal estabelecer um diálogo com os jovens é ampliar o conhecimento em relação às suas expectativas, hábitos e interesses extraescolares. O autor considera que conhecer as “trajetórias de vida” deste público pode ser um interessante caminho para reconhecer seus desejos, limites, possibilidades e experiências, levando-se em consideração que os jovens não constituem um grupo homogêneo e uniforme, exprimindo marcas das diversidades de classe social, etárias, de gênero, entre outras.

Setton (2005) indica que o aluno interage a partir de sistemas híbridos construídos na família e na escola, mas também por um sistema complexo de conhecimentos e informações veiculado pela cultura das mídias e o acesso a outras formas de arte e cultura.

Neste sentido, encontramos ações de instituições que visam possibilitar o acesso de jovens oriundos da classe trabalhadora na construção de outras formas de diálogos e narrativas. Sendo assim, a minha pesquisa de doutorado busca analisar a trajetória de jovens da classe trabalhadora inseridos na Escola Audiovisual Cinema Nosso. A ONG, localizada no bairro da Lapa/ RJ, investe em uma ação educativa para jovens estudantes de escolas públicas que, segundo a sua proposta política e

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

pedagógica, se propõe a reflexão do produto cinematográfico que a nós foi apresentado com estereótipos e valores simbólicos equivocados, especialmente em relação aos jovens da classe trabalhadora.

Considerando que no Brasil, o mercado audiovisual (produção, distribuição e exibição) sempre foi restrito às classes mais favorecidas economicamente, em função dos investimentos necessários para sua execução e da limitação de espaços para exibição. As histórias contadas na tela do cinema, em sua maioria, não são contadas a partir do olhar daqueles que estão inseridos no campo popular, mesmo quando estes são o tema central das produções cinematográficas. O olhar de quem conta a história é na maioria das vezes, de quem está de fora, de quem vive outra realidade socioeconômica.

Sendo assim, buscarei evidenciar, através desta pesquisa se existe mudanças significativas na trajetória de vidas dos sujeitos a partir da inserção nesta escola de cinema. A minha tese é que o acesso a bens culturais e a linguagem cinematográfica influencia significativamente na trajetória de vida e, consecutivamente, escolar destes sujeitos jovens.

Metodologia

Os caminhos metodológicos a serem adotados no desenrolar desta pesquisa visam compreender o lugar da Escola Audiovisual Cinema Nosso no ciclo da vida juvenil. A entrevista cartográfica auxiliará na compreensão dos processos que permeiam essa experiência, promovendo uma conversação acerca do tema da investigação, essa interação/conversação não tem o objetivo de chegar a um consenso entre os envolvidos, mas analisar as percepções dos sujeitos sobre o proposto, possibilitando recolher um leque de opiniões e pontos de vistas sobre as suas trajetórias e percursos bibliográficos. A linguagem na cartografia assume um papel de intervenção, construindo novas experiências, pois o entrevistado não fará um relato de algo pronto e acabado, mas ao construir a narrativa no tempo presente ele estará produzindo novas informações. Sendo assim, a pesquisa não terá o caráter de coletar

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

dados, mas colher relatos e novas formas de dizer. (TEDESCO; SADE; CALIMAN. 2013: pág. 307).

Análise dos resultados

A pesquisa encontra-se em fase de construção, mas no ano de 2018 houve uma primeira aproximação com dois ex-alunos da Escola Audiovisual Cinema Nosso. No sentido de estabelecer um primeiro diálogo com os ex-alunos e com a pesquisa cartográfica, solicitei que eles elaborassem um vídeo de 1 minuto a partir da seguinte pergunta: O que significou a experiência do Cinema Nosso na sua trajetória de vida?

Na análise do material elaborado, dialogo com Certeau (1999), pois de acordo com este autor a cultura é reinventada no cotidiano e os consumidores deixam de ser considerados passivos e passam a criar estratégias e táticas para ressignificar as informações, produzindo novas artes de fazer. Dessa maneira, os produtos culturais são transformados pelos sujeitos, criando novas possibilidades e novas práticas. A arte é encarada por este autor como uma reinvenção do cotidiano e não apenas como uma estrutura técnica, onde os sujeitos apenas copiam e reproduzem o que está posto, mas criam, recriam e resistem. De acordo com os ex-alunos, através dos vídeos apresentados, a experiência no Cinema Nosso possibilitou que eles tivessem mais autonomia para contar histórias a partir das suas perspectivas, o que acabou por influenciar consideravelmente as suas trajetórias de vidas. Contudo, trata-se ainda de uma análise superficial.

Considerações Finais

O acesso ao consumo de bens culturais que valorizam a diversidade e a produção de filmes é algo destinado a uma minoria que possui o capital financeiro e que utiliza a produção cinematográfica, o audiovisual como um instrumento importante para difundir uma determinada visão de mundo através dos seus conteúdos.

Por isso, não podemos desconsiderar que o objetivo de inserção em um mercado elitista e excludente, e a proposta de difundir uma linguagem não acessível para a maior parte da classe trabalhadora, por si só, já pode ser vista como uma

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

tentativa de um determinado grupo social reivindicar os seus direitos, como se propõe a Escola Audiovisual Cinema Nosso.

Portanto, é fundamental valorizar as experiências, as vozes e os diversos espaços que circulam os sujeitos jovens e adultos, articulando a formação básica com outros espaços pedagógicos, respeitando as manifestações culturais e o direito de acesso a toda cultura, arte e ciência produzida historicamente pela sociedade.

Referências

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis. 4º edição. Vozes, 1999.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. *Educação & Sociedade*, vol.26, n.º 90, jan./abr. São Paulo, 2005

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana, Vieira. *A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer*. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25 – n. 2, p. 299-322, Maio/Ago. 2013.

DIALOGANDO COM A VIDA: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DOS JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA MUNICIPAL ANTENOR NASCENTES

Clodoaldo F. de O. do Sacramento
E.M. Antenor Nascentes
Danielle Rodrigues da Silva
E.M. Antenor Nascentes

Palavras-chave: Memória. Narrativa. PEJA.

Introdução

A prática docente constitui-se num universo complexo e instigante, na medida em que o professor tem em sala uma incontável gama de experiências e vivências que cada aluno traz consigo durante toda a sua vida. Nas turmas de Educação de Jovens e Adultos, tais vivências são facilmente perceptíveis devido à própria composição dos educandos, formado por um universo de sujeitos de idades variadas, fazendo com que a multiplicidade proporcione inúmeras memórias e narrativas. No momento em que o professor direciona o seu olhar no sentido oposto, ou seja, deixa de centralizar suas atividades em si mesmo, passando a enxergar a sua própria prática a partir da perspectiva dos sujeitos (alunos) possibilita a abertura de espaços de diálogos ao instigar a rememoração e com ela as narrativas.

Neste processo, a memória passa a cingir, num sentido amplo, uma resignificação da sua própria história que figura-se soterrada diante, por algum motivo. Assim, como um coveiro ou escavador, o professor deve proporcionar, junto aos alunos, estratégias que viabilizem desenterrar dos escombros tais memórias fazendo com que possam dar voz e sentido a essa rememoração. (BENJAMIN, 1994). Assim surgiu a atividade denominada "Espaço de Diálogo" realizado nas turmas do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da Escola Municipal Antenor Nascentes, no Bairro de Anchieta, na cidade do Rio de Janeiro. A proposta simples, porém bastante motivadora, consiste em abrir um espaço de diálogo entre professor(es) e alunos com o objetivo de "vozificar", ou seja, oportunizar-lhes o direito à fala através da narrativa de suas experiências de vida.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Metodologia

A presente atividade consiste em promover um espaço de diálogo no intuito de promover a troca de experiências entre os alunos, pois, devido à heterogeneidade de indivíduos, os saberes contidos em cada sujeito proporcionam a reflexão sobre si e sobre o outro numa perspectiva holística de mundo.

A atividade é iniciada com um vídeo motivacional (selecionado livremente pelo professor ou por indicação dos próprios alunos), necessitando de recursos multimídia (computador, projetor e áudio), ou, caso não haja tais recursos, um texto lido, de maneira participativa, com/pelos educandos. Neste espaço de reflexão os sujeitos envolvidos – alunos e professor(es) – são instigados através do diálogo/conversa a escreverem, sem a obrigatoriedade de se identificarem, seus relatos numa folha de papel suas memórias sobre algum fato ou experiência relevante de suas vidas, que tragam afáveis lembranças ou, até mesmo, aquelas lembranças traumatizantes, as quais foram soterradas ou momentaneamente esquecidas.(Pollak, 1994). Após o momento de escrita, os mesmos entregarão os relatos a um aluno escolhido como representante que será responsável pela leitura, ou então nas mãos do(s) professor(es), o qual terá a mesma incumbência. Em seguida, o(s) professor(es) medirá(ão), espontaneamente, os possíveis debates que sobrevenham a respeito de algum dos relatos.

Análise dos resultados

Como descrito anteriormente, a rememoração consiste num conceito que pode ser utilizado como ferramenta pedagógica, na medida em que através da recuperação mnemônica o sujeito traz a tona o passado possibilitando a ressignificação ou reinterpretação da sua própria história, num sentido individual, ou num sentido mais amplo, da história propriamente dita. (POLLAK, 1994). A valorização dos saberes populares tornam-se num instrumento, com o qual o professor deve fazer uso, pois são eles, segundo Freire (2002, p.14) “(...)socialmente *construídos na prática*

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

comunitária(..)”, sendo assim, não são desprezíveis, ao contrário devem ser a marca de um ensino que faça sentido. Cabe a escola, quando digo escola me refiro à comunidade escolar como um todo, se debruçar em tais práticas voltadas para a realidade de sua comunidade. Narrar suas experiências significa valorizar o sujeito, por isso, a escola precisa escutar e registrar essas vozes promovendo uma luta contra o esquecimento e ao mesmo tempo oportunizando o direito à fala aos sujeitos que merecem atenção nos dias de hoje. (MORAIS & ARAUJO, 2013).

O relato da experiência de vida aluna, de 28 anos, Janaína (nome fictício com o intuito de preservar a sua liberdade) demonstra através da narrativa parte da história do bairro, além de permitir uma releitura da história da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil.

Meus avós moravam em Engenho de Dentro quando resolveram comprar um terreno em Anchieta, que era mais barato, para conseguir construir uma casa. Foram dois lotes que papai comprou e eles foram construindo aos poucos. Meu avô trabalhava no Centro, pegava o trem todos os dias.

Verifica-se na narrativa da aluna que as lembranças, aparentemente saudosas, permitem uma reflexão sobre diversas questões como temporalidade histórica, história do bairro, inquietações sobre aspectos econômicos, políticos e sociais, enfim uma gama de observações acerca da sua própria história a partir da rememoração e da oralidade de seu relato.

Considerações Finais

O estudo da memória compõe um universo instigante e profundo, pois seu conceito não se reduz a apenas uma palavra ou frase pelo fato de não ser apenas o ato de relembrar, elas revelam experiências. Partindo do princípio de individualidade de cada ser humano possui as suas peculiaridades compreenderemos que suas memórias e narrativas também possuem suas especificidades. Cabe a escola, como um todo, e aos professores oportunizar a abertura de espaços para que tais memórias emergjam e cheguem à tona através das vozes dos alunos.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o Conceito de História. In: *Magia e Técnica; Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, vol. 2, nº3, 1989. (p. 3-15).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 25ª Ed. 2002.

MORAIS, J. de F. dos S. & ARAUJO, M. da S. A memória que nos contam: narrativas orais e escritas como dispositivo de formação docente. Paranaíba. *Interfaces da Educ.*, v.4, n.10, p., 2013.

EVASÃO ESCOLAR: UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE DUQUE DE CAXIAS-RJ

Jacqueline Ginelli Borges Ferreira
SME Duque de Caxias
Amanda Guerra de Lemos
SME Duque de Caxias

Palavras-chave: Evasão. Permanência. Sujeitos da EJA.

Introdução

O trabalho aqui apresentado, é fruto de uma análise da Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública, pertencente à rede municipal de educação do município de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro, no que compete à evasão escolar, realizando uma reflexão sobre a prática. Através do levantamento de dados coletados na escola, procurou-se discutir as causas da evasão entre os jovens e adultos com o objetivo de tecer a importante relação entre as práticas dos educadores da EJA na escola e o movimento de permanência/evasão no/do espaço escolar, assim como refletir sobre a importância da promoção de ações desses educadores, que possam contribuir para que os alunos tenham continuidade em seus estudos, permanência, conclusão e prosseguimento em suas trajetórias escolares, em especial os jovens, pois configurou-se como sendo o grupo com maior taxa de evasão na referida escola.

Tomamos como base os estudos de Mileto (2009) e Silva (2010) por trazerem valiosas contribuições sobre permanência/evasão escolar na EJA.

Metodologia

Apresentamos nesse resumo, reflexões a partir de uma pesquisa realizada pela equipe de orientação pedagógica e educacional da unidade escolar, com o intuito de descobrir as causas da evasão escolar.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Motivada por esse questionamento, a equipe buscou as respostas, a partir de uma pesquisa realizada com os alunos, da qual foram retirados os dados que utilizamos como base para a nossa reflexão.

A atividade na unidade escolar foi elaborada de forma a organizar uma conversa com os alunos, pois pretendia-se conhecer e ter registro sobre suas impressões, necessidades e motivos para estarem ali, matriculados na EJA. Foi aplicado um questionário durante uma conversa com os estudantes. A pesquisa foi realizada com os alunos das etapas IV e V da EJA grupo em que se concentram os maiores índices de evasão ao longo dos anos anteriores na unidade escolar. Entre os alunos mais jovens, foram citadas a falta de esforço, desânimo, preguiça, falta de apoio, desmotivação, não querer estudar, decisões erradas e envolvimento com o tráfico, como causas para o abandono escolar.

Análise dos resultados

Entendemos que a EJA é, antes de tudo, um direito, direito esse que foi negado à parcela significativa da nossa sociedade na idade legalmente instituída como adequada. Os sujeitos da EJA têm em comum a exclusão do sistema educacional, percorrem trajetórias escolares irregulares caracterizados pela evasão e repetência, tendo suas vidas marcadas por uma inserção precoce no mundo do trabalho e são pertencentes às camadas mais empobrecidas da população (ANDRADE, 2004).

São muitos os motivos que levam os alunos e em especial os mais jovens a evadir. Observando os dados dessa pesquisa, percebemos que muitas vezes, os motivos que são apresentados por eles, passam pela falta de apoio e de incentivo. É tarefa nossa, como educadores, abrir os olhos para nossa própria realidade e perceber, que por vezes, nós mesmos contribuimos para que isso aconteça – quando não observamos que sua frequência tem se reduzido, quando não observamos a apatia de sua participação, quando sua rebeldia é combatida com gritos e suspensões, quando ao lhe servir o jantar não os olhamos nos olhos. Alguns desses alunos que são tratados por nós dessa forma, encontram na escola o único espaço em que poderiam

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Há que se voltar os olhos para uma avaliação institucional da unidade escolar e do trabalho que realiza hoje com a EJA. Insistir na formação tanto dos docentes quanto dos funcionários de apoio em grupo de estudos, repensar o currículo que é praticado, intensificar as ações de acompanhamento da frequência escolar, repensar as regras de convivência que são propostas na escola e reconstruí-las com a participação dos alunos, ir além do conhecimento dos alunos, mas conhecer o ser humano que temos conosco dentro da sala de aula, suas vivências, suas histórias. Fortalecer a identidade dos profissionais com a escola, bem como proporcionar espaços e tempos de convivência onde os próprios alunos possam construir entre si, laços de pertencimento, torna-se imprescindível.

Cabe também a nós, como instituição escolar, cobrar por parte da rede de ensino da qual fazemos parte, o apoio nesta trajetória, a formação em rede para os docentes e a compreensão da realidade da escola que luta pela garantia da oferta da EJA para a comunidade.

Considerações Finais

A experiência sobre a qual refletimos, como o movimento de uma escola, possibilita que chamemos à atenção para uma reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos: não podemos naturalizar a evasão como uma característica inerente à própria EJA e aos enfrentamentos diários dos seus sujeitos nos tempos de vida, trabalho e estudo, muitas vezes, precarizados. É preciso problematizá-la, aferir os seus aspectos mais gerais e o que é mais específico em cada contexto. É necessário que estreitemos as relações nas escolas, que apuremos nossa escuta para as vozes dos que evadem, dos que retornam, fazendo um exercício honesto de construir relações que façam a escola de EJA se consolidar como modalidade, ou seja, com currículo, organização, estrutura, funcionamento, espaços e tempos pensados para e com os jovens e adultos, sujeitos da EJA.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens In: OLIVEIRA, Inês B; PAIVA, Jane (org) - *Educação de jovens e adultos* - RJ - DP&A, 2004.

MILETO, Luís Fernando Monteiro. "*No mesmo barco, dando força, um ajuda o outro a não desistir*" – *Estratégias e trajetórias de permanência na Educação de Jovens e Adultos*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2009. Disponível em http://www.uff.br/var/www/htdocs/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/lu%EDs%20fernando%20monteiro%20miletto.pdf Acesso em 02/05/2018.

SILVA, Jaqueline Luzia da. *Permanência e desempenho na EJA*: um estudo sobre eficácia escolar no Programa de Educação de Jovens e Adultos do município do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp133417.pdf> Acesso em 02/05/2018.

AS TRAJETÓRIAS DOS JOVENS QUE CHEGAM AO PEJA DA 4ª CRE

Denise Carvalho da Silva
4ª CRE/SME/RJ

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Programa de Educação de Jovens e Adultos. Trajetórias escolares.

Introdução

O presente trabalho está inserido no debate acadêmico sobre o processo de juvenilização de discentes na modalidade da Educação de Jovens e Adultos no tempo presente. Busca, nessa perspectiva, identificar e analisar as razões alegadas, por responsáveis, de jovens entre 15 e 16 anos que procuraram vagas no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ) na 4ª Coordenadoria Regional de Educação. Procura, ainda, traçar as trajetórias escolares de uma parcela desses jovens, desde o ingresso na rede até sua chegada ao PEJA.

Metodologia

A pesquisa de cunho quantitativo, mobilizou dados das autorizações dos solicitantes a ingresso no PEJA e ainda, num grupo específico de estudantes, dados de matrícula, rematrícula, evasão e repetência. Os dados coletados apontaram para razões para o deslocamento desses jovens para a EJA, associadas as trajetórias escolares irregulares e processos de subescolarização.

Análise dos resultados

Dentre os motivos alegados para ingressar no PEJA, cerca de 34,14% dos jovens alegaram precisar estudar no PEJA porque estavam atrasados (em defasagem idade/ano de escolaridade); 21,2% porque estavam evadidos da rede; 11,44% porque já trabalhavam ou necessitavam trabalhar no diurno para ajudar as famílias e 10,8%

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

porque estavam em cumprimento de medida socioeducativa ou tiveram a vaga solicitada pela justiça. Entre as 56 jovens do sexo feminino além dos motivos já elencados pode-se destacar a maternidade, como razão que leva muitas jovens ao PEJA.

Percebemos claramente pelos dados apresentados, que não é apenas a necessidade de trabalhar ou realizar cursos de qualificação profissional que levam os jovens, entre 15 e 16 anos dessa região, à EJA, mas também a evasão, que em alguns casos ocorre sucessivas vezes ao longo da história escolar dos jovens e o “atraso” (defasagem idade/ano de escolaridade) causado pelo próprio abandono e/ou por sistemáticas retenções.

Considerações Finais

A pesquisa foi estruturada a partir da mobilização de dados do ano de 2016, ano em que iniciei meu trabalho de acompanhamento do PEJA. Como fonte para a pesquisa, foram utilizadas as 182 autorizações emitidas para encaminhamento de jovens, fora da idade própria para cursar o Programa, no ano supracitado.

Vários indicadores puderam ser extraídos das fichas de autorização, dentre eles, as razões ou motivos alegados pelos solicitantes para a migração do ensino dito regular diurno para o PEJA. Esses dados foram analisados a luz de estudiosos do tema “juvenilização da EJA” como Paulo Carrano, Marco Mello, Amanda Guerra, Celso Ribeiro, entre outros. Os dados apontam para uma mudança nos motivos alegados por essas juventudes para ingressar nessa modalidade. Atualmente, a defasagem idade/ano de escolaridade e os sucessivos abandonos, são os maiores responsáveis pela chegada desses jovens ao PEJA. Nossos jovens se desviam no caminho de nossas escolas.

Paralelamente ao trabalho de pesquisa com as 182 fichas de autorização, realizei um recorte, selecionando 16 fichas de jovens encaminhados ao CEJA Maré. Essa seleção foi motivada pelo fato do CEJA Maré ser a única unidade exclusiva de PEJA na 4ª CRE, bem como, em função da localização da Instituição. Busquei então

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

analisar especificamente os encaminhamentos desse grupo em particular e acompanhar, através do Sistema 3.0, as trajetórias escolares desses 16 jovens.

Os dados obtidos reforçaram a realidade já explicitada no quadro geral da Coordenadoria. Ou seja, nenhum jovem que solicitou matrícula no CEJA Maré, o fez somente por necessidade de trabalhar e, apenas dois jovens, alegaram necessidade de realizar cursos profissionalizantes durante o diurno. Os demais, como os números puderam indicar, corroborando o levantamento das trajetórias escolares marcadas por retenções, abandonos, transferências dentro da própria rede, ou para outras redes, passagens por projetos de Reforço Escolar (Realfabetizações e Acelerações), reingressos, o fizeram ou por não se sentirem mais pertencentes aquela escola do diurno ou, porque a realidade colocada os fez acreditarem que essa era a única opção. Reforçando mais uma vez a ideia da migração perversa descrita no Parecer nº 06 do Conselho Nacional de Educação/Câmara da Educação Básica (CNE/CBE).

Referências

BITTAR, Mariana. *Trajetórias educacionais de jovens residentes em um distrito da periferia de São Paulo*. São Paulo, 2015.

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance" *REVEJA* n. 0, 2007.

MEC. *Parecer CNE/CEB nº 06/2010 de 7 de abril de 2010*.

MELLO, Marco. *Culturas e identidades juvenis: na EJA, de quem é mesmo o bagulho?* 2015.

LEMOS, Amanda Guerra. *Despeja na EJA: reflexões acerca da migração perversa de jovens para o PEJA no município do Rio de Janeiro*. Dissertação. UNIRIO. Rio de Janeiro, 2017.

RIBEIRO, Celso. A juvenilização nas turmas de Educação de Jovens e Adultos em um CIEP na Comunidade da Maré/RJ: conhecendo seus sujeitos, suas histórias e suas perspectivas. In: NICODEMOS, Alessandra (org.). *Saberes e práticas na Educação de Jovens e Adultos*. Rio de Janeiro, 2017.

REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE JUVENILIZAÇÃO E ENEGRECIMENTO DA EJA

Eliana de Oliveira Teixeira
Universidade Federal Fluminense - UFF
Leila Mattos Haddad de Monteiro Marinho
Universidade Federal Fluminense – UFF
Sandra Regina Cardoso de Brito
E. M. Professora Tânia Rita de Oliveira Teixeira

Palavras-chave: EJA. Juvenilização. Enegrecimento.

Introdução

Este trabalho visa discutir o processo de juvenilização e enegrecimento na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na perspectiva do direito à educação, resultado de reflexões que partem de pesquisas realizadas na Escola Municipal Professora Tânia Rita de Oliveira Teixeira em Angra dos Reis - RJ, das experiências das autoras como profissionais da educação e como integrantes do Fórum EJA Sul Fluminense.

Refletindo sobre os processos de exclusão e segregação no interior do próprio sistema educacional, que culmina com a chegada dos jovens na EJA, discutimos o processo de juvenilização como a migração perversa destes estudantes, principalmente negros (enegrecimento), do ensino regular para esta modalidade, dialogando com diferentes autores como: Arroyo (2011), Carrano (2009), Dayrell, Nogueira e Miranda (2011), Ferraro e Ross (2017), Julião e Ferreira (2018), Lemos (2017), Munanga (2010) e Silva (2010).

Metodologia

Neste trabalho consideramos jovens os estudantes entre 15 e 29 anos, conforme definido no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013). Os achados têm por base dados oriundos do Sistema de Gestão da Rede Escolar de Angra dos Reis – SectOnline (PMAR, 2017a), da Pesquisa Perfil da EJA (PMAR, 2017b) realizada pelo poder público municipal e de entrevistas com jovens entre 15 e 17 anos, consolidados em duas

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

pesquisas acadêmicas: uma de mestrado, de cunho qualitativo (MARINHO, 2015) e outra de doutorado, de cunho quantitativo (TEIXEIRA, 2019).

Análise dos resultados

Os dados coletados revelam os fenômenos de juvenilização e enegrecimento da EJA na escola, mostrando sua estreita relação com o fracasso escolar no ensino regular. E apontam que: classe social, raça e gênero são importantes marcadores de vulnerabilidade social e escolar dos sujeitos; 75% dos estudantes de 15 a 29 anos eram negros, em sua maioria do sexo masculino; 93,3% dos jovens matricularam-se na Educação Básica na idade considerada adequada (antes dos 7 anos de idade) e muitos jovens não são alunos trabalhadores, quando são, trata-se de subemprego com baixa remuneração.

Ao ouvir os jovens, constatamos que, apesar de vivenciarem processos de exclusão escolar, eles ainda percebem a escola como um valor social e atribuem apenas a si mesmos a responsabilidade por suas trajetórias truncadas:

Porque minha cabeça antigamente não era tão boa, às vezes, na escola eu não queria aprender muita coisa, entendeu? Só ia lá pra brincar com os meus colegas, esses negócio. Aí não conseguia pegar as atividades, fui vendo meus colegas passando e eu fiquei pra trás. (Paulo).

Em geral, a EJA aparece como a última chance de recuperar o “tempo perdido e voltar à normalidade”, de superar o desafio da escolarização e da conquista de “um futuro melhor”.

(A EJA) Significa tudo, significa (...) dizer que daqui a um tempo eu tenho um trabalho melhor (...) ter uma educação melhor, acho que tudo, pra mim, tudo. Sim, vai me trazer bastante benefícios. Benefício de poder fazer um curso, uma faculdade, porque sem os estudos você não vai conseguir fazer. (Tamara)

Para esses jovens de classe popular, a escola ainda apresenta possibilidades de ascensão social. Entretanto parecem não se perceberem como sujeitos de sua

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

formação por não se identificarem com o espaço e os conteúdos escolares. A escola não tem sido capaz de lidar com as demandas apresentadas por esses sujeitos desde a infância.

Considerações Finais

Como Arroyo (2011) acreditamos que “o ponto de partida deverá ser perguntar-nos quem são esses jovens e adultos”. A conclusão a que chegamos é que são os de sempre: em sua maioria, jovens negros, excluídos do seu lugar na sociedade e na escola onde continuam vítimas de mecanismos de seleção e segregação.

A escola ainda não está pronta para lidar com os sujeitos da diversidade – jovens, negros, negras, periféricos e de classe popular. O principal desafio para redes e professores do Ensino Regular e da EJA é considerar que estes sujeitos trazem um novo mundo de fora para dentro da escola. O mundo das suas interações que pode ser ou não o mundo do trabalho.

Referências

BRASIL. Lei Nº 12.852 de 05 de agosto de 2013. *Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude*. Brasília, DF, 2013.

CARRANO, Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. In: *II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação*, Porto Alegre, 2009.

DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA Paulo H. de Q.; MIRANDA, Shirley A. de. Os Jovens de 15 a 17 anos: Características e Especificidades Educativas. In: *Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental: caderno de reflexões*. Brasília: Via comunicação, MEC/SEB, 2011.

FERRARO, Alceu Ravello; ROSS, Steven Dutt. Diagnóstico da escolarização no Brasil na perspectiva da exclusão escolar. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22 n. 71, 2017.

LE MOS, Amanda G. de. *Despeja na EJA: Reflexão acerca da migração perversa de jovens para o PEJA no município do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. UNIRIO, 2017.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

JULIÃO, Elionaldo Fernandes; FERREIRA, Mônica Dias Peregrino. As Políticas de Ampliação de Oportunidades Educacionais no Brasil e as Trajetórias Escolares na Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio na Cidade do Rio de Janeiro. *Education Policy Analysis Archives* (EPAA/AAPE). V. 26, N. 156, 2018.

MARINHO, Leila M. H. de M. *Entre nós e encruzilhadas: as trajetórias dos jovens de 15 a 17 anos na EJA em Angra dos Reis*. Dissertação Mestrado em Educação, UFF. Niterói, 2015.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. SP. In: OLIVEIRA, Iolanda de. et al. *Especial: Curso ERER*. Caderno PENESB nº 12. Niterói, RJ: Ed. ALTERNATIVA/EDUFF, 2010.

PMAR. *Sistema SectOnline* (Sistema de Gestão da Rede Escolar de Angra dos Reis). Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, 2017a.

PMAR. *Pesquisa Perfil da EJA*. Prefeitura Municipal de Angra dos Reis. 2017b.

SILVA, Natalino Neves da. *Juventude negra na EJA: o direito à diferença*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

TEIXEIRA, Eliana de O. *Juvenilização e enegrecimento da EJA: subproduto sócio escolar das políticas de universalização da Educação Básica*. Tese de doutorado em educação (em andamento), UFF. Niterói, 2019.

TÁTICAS DE RESISTÊNCIA E PERMANÊNCIA DE JOVENS MÃES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Cintia Nazaré Oliveira Pires
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Palavras-chave: Juventude. Maternidade. Inclusão.

Resumo

A gestação de uma jovem no espaço escolar ocasiona um certo estranhamento mesmo que invisível. Produzir ciência a partir dos pressupostos daqueles que produzem os fenômenos sociais em questão, e não daqueles que observam de fora o fenômeno social produzido por outro. Entretanto, a pesquisa busca compreender as estratégias e táticas das jovens mães que engravidaram durante o percurso de escolarização para a permanência do processo de aprendizagem e conhecimento. Visto que, muitas unidades escolares não oportunizam espaços acolhedores para as jovens mães e que quanto mais as pessoas são desprovidas de condições social e de recursos, elas criam estratégias de sobrevivência e de convivência com o espaço em que ela está inserida. A pesquisa será qualitativa por se aproximar da realidade, além de aprofundamento de pesquisas bibliográficas, observação e entrevista, tendo como ponto de vista a produção de conhecimento e o olhar para o sujeito e as suas experiências.

Introdução

A gestação de jovens e adolescentes tem elevado casos de evasão escolar. No entanto, a escola é vista como um não lugar de barrigas, pois a gravidez de uma jovem aluna aponta para certo estranhamento, mesmo que invisível, entre a gestante e a escola. A EJA tem se tornado o lugar dos excluídos. Pois, segundo Andrade,

Nas classes de EJA estão os jovens reais, os jovens para os quais o sistema educacional deu as costas. Percebê-los significa a possibilidade de dar visibilidade a esse expressivo grupo que tem direito à educação, contribuindo para a busca de respostas a uma realidade cada vez mais aguda e

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

representativa de problemas que perpassam o sistema educacional brasileiro (ANDRADE, 2006, p.70).

A pesquisa tem como tema: Ações ou políticas de acolhimento a jovens adolescentes que engravidam no percurso do processo de escolarização matriculadas numa escola estadual situadas no município do Rio de Janeiro e que estratégias e táticas as jovens mães e respectivas escolas elaboram para dar suporte à maternidade.

A pesquisa tem como questão central: Por que a escola que deveria ser um espaço democrático e laico exclui as jovens mães não as acolhendo em sua diversidade e modos de vida?

Também traz reflexões sobre os seguintes questionamentos: Como as jovens mães se tornam invisíveis perante a sociedade e qual a sua visão em relação a EJA? Quem são as jovens mães da EJA? Em que momento do percurso de vida as jovens mães tiveram interrompidos seu processo de escolarização?

Segundo Melluci (2004 e 2001), os jovens são como a ponta de um iceberg que, se compreendida, pode explicar as linhas de força que alicerçarão as sociedades no futuro. É preciso dar vez e voz aos jovens, respeitando suas peculiaridades e seu contexto social. Pois, Carrano (2007, p.03) alerta que "muitos dos problemas que os educadores enfrentam nas muitas salas de aula e espaços escolares deste país com os jovens alunos têm origem em incompreensões sobre os contextos não escolares, os cotidianos e os históricos mais amplos, em que esses estão imersos".

Metodologia

A pesquisa de campo será realizada em duas escolas situadas no município do Rio de Janeiro, uma estadual que atende jovens matriculados no ensino médio e outra que atende jovens mães que evadiram devido a maternidade e estão matriculadas na educação de jovens e adultos.

Utilizaremos como ferramenta de estudo observação e entrevista com profissionais e os jovens que transitam nos espaçostempos valorizando as criações cotidiana e mostrando essas táticas como as lógicas das operações cotidianas, aquilo

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

que sempre será imprevisível, além do suporte teórico de autores como Paulo Carrano, Juarez Dayrell e Alberto Melluci que vêm buscando esclarecer os princípios da educação e a juventude nas suas especificidades e pluralidades. “A pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa mais compreender e interpretar seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los” (TOZONI-REIS, 2010, p.5). Ela oferece flexibilidade, aceita diferentes pontos de vista, valoriza a cultura e o envolvimento dos sujeitos na busca de dados descritivos, procurando entender a realidade de um fenômeno a partir da perspectiva do outro.

Análise dos resultados

Se torna importante verificar a eficácia possível de se fazer justiça social na oferta do direito à educação, mas respondendo as especificidades de cada indivíduo inserido na EJA, segundo as suas necessidades e possibilidades de vida. Conhecer as ações, políticas, atividades que dão suporte a jovens mães estudantes do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e suas táticas de permanência.

Considerações Finais

Espera-se com este estudo que os docentes possam interagir no contexto das jovens mães auxiliando nos cuidados que elas precisam ter tanto com o bebê quanto com elas. Empoderamento das jovens mães nos espaços sociais visando a escola como um espaço dialógico e democrático criando possibilidades para evitar a evasão escolar. Capacitação de sensibilização e conscientização aos docentes evitando o olhar discriminatório e pejorativo a jovens mães.

Referências

ANDRADE, E.R. Pesquisando os jovens brasileiros: os desafios da educação. In: UNESCO. *Alfabetização e cidadania: revista de educação de jovens e adultos*. – Brasília: RAAAB, UNESCO, Governo Japonês, 2006.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". In: Revista *REVEJA* (UFMG), online, 2007. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao_de_jovens_e_adultos_e_juven_tude_-_carrano.pdf

MELUCCI, A. *O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2004.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *A pesquisa e a produção de conhecimentos*. Unesp.2013. 38 pp. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>. Acesso em: 14 de julho de 2018

JOVENS REFUGIADOS NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS: COTIDIANO E A INSERÇÃO NA EJA

Viviane Penso Magalhães

Palavras chaves: Refugiados. Educação de Jovens e Adultos. Cotidiano.

Introdução

Este trabalho faz parte de uma pesquisa inicial de doutorado que objetiva discutir o cotidiano de jovens refugiados matriculados na EJA- Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública do município de Duque de Caxias-RJ. Estes sujeitos em situação de refúgio vivem constantemente com sentimentos relativos ao abandono e a fuga do seu país de origem, que na maioria das vezes foi motivado por situações de violências, conflitos, perseguições e violação de direitos. Ao chegarem ao país receptor, ainda sofrem com racismo, xenofobia, intolerância, discriminação e ódio ao diferente.

Neste sentido, refletimos a EJA como um espaço de possibilidade de “interação local”, onde diferentes histórias se convergem, conflitos acontecem e as relações sociais se constroem. Onde as violências simbólicas estão presentes e os indivíduos se posicionam segundo os padrões do discurso dominante, como nos afirma Bourdieu, 1997.

A escola reproduz as estruturas, sociais onde cada ator marca sua posição e desempenha seu papel, enquadrando-se em algum lado da relação. Neste trabalho buscamos conhecer o cotidiano destes estudantes para que possamos entender sua inserção na escola e na sociedade. Esta interação aspira responder questões como: estes jovens refugiados se sentem inseridos nos grupos aos quais participa? Quais expectativas alunos refugiados apresentam a EJA?

Metodologia

Buscando chegar ao cotidiano destes alunos, optei seguir uma metodologia que

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

caminhe para a pesquisa biográfica, “onde possamos explorar os processos de gênese dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência”. (Delory-momberger, 2012)

Identificar e realizar os primeiros contatos evidenciou a dificuldade em construir uma aproximação com estes indivíduos, tanto com relação ao aspecto ético-normativo, quanto com relação ao aspecto metodológico. Existe uma resistência muito grande por parte destes alunos, em revelar questões mais íntimas de histórias individuais, por isso pensar estratégias com estes jovens possibilita um acesso maior à narrativa de suas vidas.

Buscando resolver a questão da aproximação, disponibilizei uma câmera fotográfica para que os alunos registrassem seu dia a dia, e posteriormente agendei uma data para conversarmos sobre as fotos.

Apesar de informal, a abordagem nos encontros para conversa sobre as fotos, tem como objetivo coletar os dados dos alunos refugiados, sem, contudo, reprimir os múltiplos rumos que a conversa pode tomar. Estes relatos do cotidiano visam atingir temas e relatos que contribuam para o maior entendimento desta situação macro, que é o refúgio. Por fim, acreditamos que, por meio do grau de informalidade que estes momentos possam proporcionar, será possível construir vínculos com estes alunos e desconstruir uma relação pretensamente hierárquica entre pesquisador/pesquisado, educador/educando.

Estudar o social individualizado ajuda compreender a realidade social, pois de certa forma é possível captar na vivência de jovens, aspectos relevantes à suas relações sociais, viabilizando assim a criação de novas ações pedagógicas para esta modalidade de ensino.

O uso da pesquisa biográfica como metodologia, segundo Delory-momberger oferece “os meios de apreender e compreender as biografias individuais, isto é, os espaços-tempos singulares que cada um configura a partir da conjugação de sua experiência (e da historicidade de sua experiência) e dos mundos-de-vida.” (Delory-

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

momberger, 2012: 526). Consiste dizer que este método enriquece a pesquisa provendo a escuta de informações e relatos que permeiam a história, o social, o político e as representações coletivas do grupo estudado.

Análise de resultados

Partindo do pressuposto que este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa inicial do primeiro ano de doutorado, o que podemos anunciar como frutos preliminares são: (i) um quadro com as matrículas de alunos refugiados do município de Duque de Caxias, levantado no setor específico da Secretaria de Educação Municipal,(ii) a seleção de alunos que se prontificaram a colaborar com a pesquisa, (iii) a análise das primeiras conversas sobre as fotografias feita pelos jovens.

Nesta análise inicial é possível algumas representações vivenciadas por eles . Como nos afirma Pais (2001) :

Viajando no cotidiano, o pesquisador não vê as coisas em si, ou melhor, vê as coisas reduzidas aos seus signos, os quais irrigam e avolumam as representações sociais, as viões do mundo. E é esta natureza ideológica do social que leva a ter um caráter enigmático, bem evidenciado no seu duplo sentido: literal e secreto, visível e invisível, mandano e transcendente". (PAIS, 2001, p.54)

Considerações Finais

Com estas primeiras conversas e entrevistas compreenderam que para construir uma tese sólida, será preciso mergulhar profundamente no universo da migração e do refúgio. Conseqüentemente, em histórias de vida de jovens refugiados , buscando traçar perfis destes indivíduos e conhecer questões que fazem parte do cotidiano, dos processos de gênese e de devir de cada um deles. Será necessário vivenciar o espaço social e assim entender a relação que eles mantêm com seu mundo histórico social e com a sua própria existência.

Aprofundar nas referencias bibliográficas nos auxilia na reflexão sobre a importância de entender a conjuntura política, social e econômica do país e do mundo. Principalmente quando o tema é - direito de migrar.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro; Marco Zero. 1983.

_____. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997

ACNUR. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados. In: _____. *Manual de procedimentos e critérios a aplicar para determinar o estatuto de refugiado*. Lisboa: ACNUR, 1996.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Aborgagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação* (São Paulo).v.17,n.51.set-dez., 2012. P. 523-740.

PAIS, José Machado. Nas rotas do cotidiano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 37, jun. 1993.

_____. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. Cortez Editora , 2001.

JOVENS NA EJA: PERTENCIMENTOS E COMPORTAMENTOS JUVENIS

Thays Hellena Pires de Souza
Universidade Federal de Minas Gerais

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Trajetórias. Pertencimentos.

Introdução

Desde sua origem, a EJA se constituiu como um campo diverso em sua organização e em suas práticas, como afirmam Di Pierro e Haddad (2000). Embora o direito das pessoas adultas à educação já estivesse formalmente estabelecido, durante toda sua história, a luta pela estruturação da EJA no Brasil foi alavancada por enfrentamentos e resistências que tiveram como força motriz os movimentos sociais e a Educação Popular. Desse modo, somente a partir do final da década de 1950, com o processo de ascensão dos movimentos sociais, é que a EJA conseguiu chegar às pautas de discussões políticas do país. A partir daí, houveram importantes avanços na legislação traduzidas na Constituição Federal de 1988 e na LDB de 1996.

A nova Carta Magna assegurava o direito universal à educação, independentemente da idade, incluindo aqueles que não tiveram acesso na idade própria. A LDB de 1996 amplia a discussão determinando que os sistemas de ensino devem assegurar oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características do alunado. Nota-se que a concepção de EJA é então amplificada e complementada pela posterior Resolução nº 3, de 15 de junho de 2010²⁰, que reduz a faixa etária dos estudantes que poderão ingressar nela de 18 para os 15 anos de idade.

Em 2014, motivado por esse contexto, Soares e Soares realizaram um estudo que procurou elencar quais seriam as especificidades da EJA e que, portanto,

²⁰ Estabelece as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso na EJA; idade mínima e certificação nos exames da EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio de Educação à Distância.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

demandam uma outra forma de organização das políticas, dos currículos e das práticas educacionais. Os projetos estudados pelos autores revelaram algumas especificidades recorrentes das quais destaca-se a diversidade dos educandos. Percebeu-se que a demanda por compreender esse jovem que chega à EJA, agora a partir dos 15 anos e que trazem em seus corpos marcas de comportamentos juvenis quase sempre ligados à exclusão, à indisciplina e à violência é cada vez mais latente.

Diante disso, a pesquisa em processo visa compreender as trajetórias de escolarização de jovens de 15 a 17 anos que chegam à EJA e, a partir disso, situar como constroem seus pertencimentos a esse lugar. Para compreender suas trajetórias e pertencimentos é preciso primeiramente desconstruir a visão de juventude como mera transição, passando a considerar cada um como sujeito de seus processos. Weller (2014) apud Paes (2009) afirma que, nesse contexto, eventos como o trabalho e a escolarização, não são meros “ritos de passagem”, mas se constituem como “ritos de impasse”. Estes impasses se colocam frente a adolescentes e jovens marcados pela repetência e pelo insucesso, atravessados pela pobreza e por um viver provisório desumanizante, como afirma Arroyo (2017).

Diante disso, esses sujeitos são muitas vezes vistos como estagnados nessa transição por não conseguirem alcançar a conclusão de sua escolarização no tempo próprio. Isso impacta diretamente nas autoimagens e nos pertencimentos que serão construídos por eles. Arroyo (2017) nos alerta que “entender a condição adolescente-juvenil é uma pré-condição para entender os significados de seus itinerários para a EJA e para entender seus percursos truncados, que os condenam a voltar-tentar de novo uma retomada” (p. 225).

Os conteúdos de suas interrogações são denunciados das mais diversas formas, sejam em suas manifestações culturais como músicas e grafites, seja na rebeldia evidenciada no espaço escolar. Suas posturas refletem o lugar social no qual se situam. Refletem sobretudo as condições em que vivem: a violência que os cerca, a discriminação, as drogas, o crime ou a falta de perspectivas. O fato é que “estamos sempre querendo saber o que o aluno sabe ou deixa de saber; entretanto, o que ele

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

sente é algo indissociável daquilo que ele é como sujeito cultura” (Arroyo, 2017) e é para este aspecto que queremos voltar nossos olhos nesse momento.

Metodologia

Os dados sobre o tema de pesquisa estão sendo levantados em forma de observações, notas de campo e entrevistas exploratórias com educadores de escolas de EJA. Destaca-se que, dado o tema da investigação, as observações não se darão apenas dentro da sala de aula, mas devem ser amplas o suficiente para possibilitar uma reflexão mais abrangente em torno das diversas formas de construção dos pertencimentos dos sujeitos da pesquisa. Desse modo, os outros espaços de circulação dos adolescentes dentro da escola e em seu entorno também são campo fértil para a elaboração das reflexões. Além disso, as fotografias e/ou vídeos são uma forma de registro visual importante sobre como se dá a relação com os espaços escolares, visando compreender quais lugares ocupam em diferentes momentos da rotina e com quais sujeitos se relacionam nos momentos dentro e fora da sala de aula.

Análise dos resultados

A partir das entrevistas e observações exploratórias, a pesquisa em desenvolvimento já pôde notar a relação existente entre a construção do pertencimento e a redução de comportamentos juvenis que comprometem o trabalho com a EJA. Além disso, notou-se que tem sido recorrente em algumas escolas a postura da equipe gestora de destinar aos professores novos às turmas onde se concentram esses jovens, que pelos corredores já carregam o estigma de alunos indisciplinados, irresponsáveis e violentos. Percebeu-se ainda que as autoimagens construídas por eles são influenciadas de maneira muito intensa pela imagem que carregam os educadores sobre cada um deles. Desse modo, ao permitir com que esses sujeitos permaneçam nesse lugar estigmatizado no imaginário pedagógico faz com que estes se sintam cada vez menos pertencentes à escola, que é um espaço de direito antes de tudo. Lembramo-nos então da reflexão trazida por Arroyo (2017)

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Aqueles que estão permanentemente ameaçados e expostos a serem vítimas das violências sociais, serão obrigados a se interrogar sobre as relações sociais, raciais e sua brutalidade, a brutalidade do desemprego, da violência, da sobrevivência, da cidade, do campo, da sociedade. (p.255)

Considerações Finais

Tendo em mente as reflexões brevemente apresentadas, retomamos a interrogação inicial. Quais são as trajetórias de escolarização dos jovens de 15 a 17 anos que chegam à EJA para prosseguir com seus estudos? Eles interromperam o ensino fundamental e agora retomaram ou foi um fluxo direto do diurno para a EJA? De que modo então esses jovens constroem seus pertencimentos ao espaço escolar? Em que medida se sentir pertencente ou não é um fator que influencia no seu modo de agir dentro desse espaço?

Diante disso considera-se que o trabalho avança nas discussões realizadas no campo sobre os comportamentos juvenis, buscando relacionar as trajetórias que apontam para a construção do pertencimento à EJA com os comportamentos apresentados na escola como uma questão latente.

Referências

ARROYO, M. G. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

DI PIERRO, M.C.; HADDAD, S. Escolarização de Jovens e Adultos. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, 2000, n. 14. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07>. Último acesso: 30/04/2019.

WELLER, W. Jovens no Ensino Médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: Dayrell, J.; Carrano, P. & Maia, C.L. (orgs.). In: *Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 135-154.

SOARES, L.J.G.; SOARES, R.C. e S. O Reconhecimento das especificidades da Educação de Jovens e Adultos: constituição e organização de propostas de EJA. *Education Policy Analysis Archives/Archivos Analíticos de Políticas Educativas*, vol. 22, 2014, pp. 1-22 Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2750/275031898083.pdf>. Último acesso: 30/04/2019

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ED5: Movimentos sociais e Políticas Públicas em Educação de Jovens e Adultos

Coordenadora: Prof^a Dr^a Rosangela Carrilo Moreno - UFRJ

PENSAR A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PELA PERSPECTIVA POLÍTICA

Rosangela Carrilo Moreno
Faculdade de Educação/UFRJ

Este texto busca pensar o conjunto de trabalhos apresentados no Espaço de Discussão Movimentos Sociais e Políticas Públicas em Educação de Jovens e Adultos (EJA) considerando a dimensão política como principal eixo. Ainda que, para os estudiosos da sociologia política (Guillot, 1998; Lagroye, 1993; Mayer, 2003) há um acordo de que o conceito seja bastante vago, pois o limite entre o que é ou não considerado “político” é difícil de se traçar, uma vez que “(...) todo fenômeno social (...) toca potencialmente o político”²¹ (Guillot, 1998, p.21) e que as concepções “do que é político” e “do que revela a política” são temas de controvérsias (Lagroye, 1993, p.17), neste texto, a política é tratada em pelo menos duas de suas dimensões: (i) a do Estado, enquanto produtor e difusor de políticas públicas, e (ii) a do engajamento, cujos sujeitos produzem percepções e ações, tendo por efeito a construção social da realidade.

Ainda que os trabalhos apresentados nesse espaço de discussão foram pensados dentro dessas duas dimensões da política, levando em conta o número significativo de trabalhos que abordam de alguma maneira a EJA no espaço acadêmico, estes serão agrupados separadamente, a fim de pensar os aspectos específicos deste campo, sem desconsiderar os efeitos tanto das diretrizes e políticas do Estado nas produções determinados objetos científicos, quanto a atuação dos indivíduos, cujos resultados podem ser vistos por meio de ações e percepções que também configuram, em alguma medida, o espaço da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

²¹ Tradução livre.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Estado e efeitos nas políticas de EJA

Em matéria publicada pela imprensa jornalística, a manchete “Em uma década, Brasil perde um terço das escolas para adultos com aula de ensino fundamental” aponta a redução de oferta de escola para EJA. “Em 2009, 37.334 escolas tinham turmas do EJA fundamental. Já no ano passado, essa oferta só existia em 24.658 escolas, segundo os dados do Censo que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgou”²².

Se por um lado a imprensa apresenta a redução de salas de EJA como um problema social²³, por outro um discurso bastante frequente por parte dos formuladores de políticas públicas é de que não existe demanda para essa modalidade de ensino, justificando o fechamento de salas de aula.

Entretanto, o que os trabalhos de Emilio Reguera Rua e Fernando Barcellos acabam por nos mostrar, a partir de uma análise socioespacial, é de a oferta de atendimento de EJA está longe garantir ao público potencial dessa modalidade de ensino, o acesso e direito expresso por lei.

Mobilizando um escopo analítico da ciência geográfica para compreender os fenômenos educacionais sob a ótica da espacialidade, as conclusões dos trabalhos vão ao encontro das análises que vem sendo produzidas na área de Educação de Jovens e Adultos. Elas se caracterizam pela “(...) ‘denúncia’ quanto à desresponsabilização do Estado pela EJA” (Ventura, 2009). Via a distribuição espacial dos indivíduos e da oferta de escolas para EJA pôde-se demonstrar de que modo as políticas públicas modelam a produção e reprodução das desigualdades sociais e escolares, negando as condições de acesso à essa modalidade de ensino.

Se é possível reconhecer que desde os anos de 1990 houve um processo de institucionalização da EJA nas políticas públicas (Haddad, Pierro, 2015), o que os dois

²² Moreno, Ana Carolina. Em uma década, Brasil perde um terço das escolas para adultos com aula de ensino fundamental. **G1 - Globo**, 06 abr. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/06/em-uma-decada-brasil-perde-um-terco-das-escolas-com-aula-do-ensino-fundamental-para-adultos.ghtml>> Acesso em 04 abr. 2019.

²³ O problema social é entendido aqui pela perspectiva de Lenoir (1998), ou seja, como uma construção social, que envolve lutas pelo reconhecimento e legitimação de um sentido.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

estudos de Rua e Barcellos mostraram é de que a EJA ainda continua a ocupar um lugar secundário entre as políticas educacionais, como apontam outros estudos (Haddad, Pierro, 2000), entretanto, avançam na demonstração de que há uma demanda potencial, que está longe de ser coberta pela oferta de escolas.

Sem desconsiderar que a presença da EJA nas políticas públicas é objeto de lutas e disputas²⁴, é preciso reconhecer que um determinado entendimento e forma de política de EJA acaba se impondo hegemonicamente, trazendo marcas de um momento específico do tempo.

Sem entrar em discussão sobre as diferentes chaves explicativas dessas marcas, que podem ser compreendidas entre as teorias explicativas como parte do capital-imperialismo subalterno (Rummert, Algebaile e Ventura, 2013), sobre a denominação de neoliberalismo (Adrião e Peroni, 2009; Freitas, 2016), entre outras, o que se nota é que há: (i) um discurso de democratização do ensino, marcado concomitantemente pela oferta desigual, pulverizada e instável de projetos de EJA (Rummert, Algebaile e Ventura, 2013), (ii) a presença de diferentes formas de parceria entre setor público e privado (empresas, bancos organizações da sociedade civil), na formulação e execução de políticas de EJA (Adrião e Peroni, 2009; Moreno, 2016), e (iii) a presença marcante do setor empresarial e a lógica de gestão nas políticas educacionais (Freitas, 2016, Machado, Cury, 2009).

Ainda que a presença do setor empresarial pela educação e, particularmente a educação profissional, não seja recente, como mostra o trabalho apresentado por Sônia Rummert, nos últimos cinco anos os documentos produzidos pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e analisados pela autora, passam a fazer referência à EJA, mencionando a necessidade de uma “nova política para EJA no Brasil”, entendida pelos formuladores do projeto como a educação à distância. Essa prática de EaD seria entendida pelo CNI como resposta aos problemas dos jovens e adultos trabalhadores, como mostra a autora.

²⁴ Compreendemos o campo político pela perspectiva de Bourdieu (2011)

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

O uso das tecnologias como resposta aos problemas educacionais não é novo, como Cacilda Cruz apresenta em seu trabalho, ao abordar o Projeto Minerva, um Serviço de Radiofusão do MEC, criado nos anos de 1970, como alternativa de educação à distância para o público jovem e adulto. Apesar dos baixos resultados em termos de certificação dos alunos, as tecnologias continuam sendo vistas pelos formuladores de políticas públicas como uma alternativa aos “problemas da educação”.

O estudo de um caso de educação à distância para o PEJA II (Programa de Educação de Jovens e Adultos) na rede pública do município do Rio de Janeiro, apresentado como relato de experiência por Américo Homem da Rocha Filho problematiza dois aspectos da questão, de um lado, a incompatibilidade de alguns alunos da EJA em participar de cursos presenciais ou semipresenciais e, por outro, a dificuldade para a maioria dos alunos em lidar com o computador, ou seja, a ferramenta de aprendizado.

Além desses entraves de quem lida com o cotidiano das salas de EJA, é preciso considerar que a intensificação da educação à distância para EJA como parte das políticas públicas vem sendo apontada pelos estudos desde os anos de 1990 (Machado, 1998, p. 9). Uma das considerações apontadas por pesquisadores da área se refere a própria produção desses programas educativos, que apesar de serem feitos com recursos públicos na maior parte dos casos, fica nas mãos dos grupos empresariais (Haddad, 1994).

Mesmo que o uso das tecnologias seja alvo de lutas por parte dos diferentes grupos interessados, não é desprezível a maneira pela qual as políticas públicas nacionais podem interferir nas políticas municipais. Isso é o que nos mostra o trabalho de Lohane Teresa Oliveira Silva, ao apontar como o Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO), que propôs a criação Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE), contribuiu para a institucionalização da informática educativa (mais especificamente o aprendizado do uso do computador como ferramenta de aprendizado) para a modalidade de EJA no município de Duque de Caxias, criando desafios ao educador que atua nessa modalidade de ensino.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Se por um lado, os trabalhos aqui apresentados revelam algumas dinâmicas que circundam as políticas públicas de EJA (falta de oferta de salas de EJA, a presença do setor empresarial nas políticas de EJA, e o uso da tecnologia para essa modalidade de ensino), por outro, alguns relatos de experiência acabam por desvelar o engajamento de educadores e pesquisadores que lidam com o público jovem e adulto, na construção de propostas e ações para essa modalidade de educação.

Relatos de Experiência

Se as políticas públicas moldam em alguma medida a educação de jovens e adultos, especialmente no que se refere à educação formal, as ações e práticas desenvolvidas por aqueles que atuam com esse público também configuraram (em outra escala) experiências concretas para esse público, tanto no que se refere à educação formal quanto informal.

Ainda que outros trabalhos já citados tragam relatos de experiências, aqui me detenho em abordar dois que ainda não foram mencionados. Interessa-me sobretudo destacar o engajamento daqueles que desafiados pela especificidade da educação de jovens e adultos buscam, por meio de suas práticas, torná-las objeto de reflexão.

O relato de experiência em educação não formal para terceira idade trazido por Michele Jorge dos Santos de Souza, além da defesa pelo cumprimento do direito do “idoso” à convivência e educação, visou problematizar a própria categoria, considerando que o termo “Educação de Adultos” insuficiente para abranger a identidade do “idoso”. A autora engaja-se na defesa da especificidade desse público, e assim na inclusão do “idoso”, na nomenclatura “Educação de Jovens e Adultos”. Sociologicamente compreendemos que as nomenclaturas e categorias fazem parte de um trabalho social de produção, envolvendo diversas instituições e, portanto, lutas simbólicas a serem compreendidas (Lenoir, 1998).

Já o relato de rodas de conversa sobre violência contra a mulher com estudantes da EJA feito por Wellen Cristina de Oliveira Bhering e Vitor Renato Rizzo mostra uma prática educativa engajada em enfrentar “culturalmente, a cultura da

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

dominação” (Freire, 1987), em outras palavras trata-se de uma proposta desenvolvida pelos autores, que interessados em um ação dialógica, trouxeram a dimensão política para as experiências de opressão que muito daqueles jovens e adultos vivenciam em sua realidade – como aponta o próprio trabalho.

O que me parece que ambos os trabalhos trazem é um engajamento por parte de seus autores em suas práticas desenvolvidas, seja pelo cumprimento de um direito do idoso, seja pela realização de uma prática preocupada em trazer à tona mecanismos de opressão presentes na sociedade. Os trabalhos revelam as opções políticas que os educadores e pesquisadores da EJA assumem, seja em suas práticas ou em seus trabalhos aqui apresentados.

O próximo item, por sua vez, aglutina trabalhos que abordam de alguma forma o campo científico, considerando que, conforme aponta Bourdieu (1976, p. 90), seria falso tentar isolar as razões puramente intelectuais das razões políticas presentes nos conflitos do campo científico.

Universidade e produção científica na construção da EJA

O trabalho apresentado por Thays Oliveira Espindola Cruz e Catharina Ferreira da Costa Marques e orientado por Jaqueline Pereira Ventura mostra uma das dimensões da política presente na produção acadêmica – o peso das políticas públicas na definição de temas científicos. A partir de um trabalho de levantamento de artigos publicados no portal de periódicos da CAPES, usando como palavras chave EJA e Ensino Médio, as autoras verificaram que metade das publicações referia-se ao PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos). Vale lembrar, que junto ao PROEJA, foi criado pelo MEC, um Programa de Capacitação de Profissionais do Ensino Público para atuar na Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de EJA, o que resultou na oferta de cursos de pós-graduação *latu sensu* para professores e gestores (Filho, 2010) e, conseqüentemente, na produção de

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

trabalhos sobre o tema. Nota-se nesse caso, o peso das políticas públicas na produção de determinados temas no campo científico.

O trabalho de Guilherme Gonzalez, por sua vez, traz um pouco das disputas do campo científico, uma vez que busca por meio da história da educação, contrapor a hipótese de que os negros estivessem apartados da educação pública até 1934. A discussão entre as diversas vertentes da história de educação são para o autor, chave para pensar a estrutura racista presente na educação brasileira, que marca a maior presença de negros nos índices de analfabetismo, assim como nas salas de EJA.

A própria institucionalização nas universidades da área de educação de jovens e adultos merece investigação. Nesse sentido, o trabalho apresentado por Renato Pontes Costa sobre a criação do NEAd (Núcleo de Educação de Adultos), na PUC-Rio, é bastante ilustrativo. O autor mostra como o encontro entre: (i) determinados indivíduos engajados na universidade com a EJA, e (ii) a oferta de determinadas políticas públicas nacionais em EJA pôde contribuir para institucionalização da PUC-Rio de diferentes frentes (extensão, criação de um núcleo e oferta de disciplinas) relacionadas à EJA.

O engajamento de determinados indivíduos, particularmente via extensão universitária, parece ser uma porta das entrada para a EJA nas universidades. Além do trabalho acima citado, o Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º Segmento (PROEF-2) realizado na UFMG, conforme mostra Juliana Ferreira de Melo e Suellen Guimarães Alves, é ilustrativo desse movimento. A UFMG, via a ação de alguns professores e membros do sindicato dos trabalhadores, buscou desde os anos de 1980, oferecer ações de EJA voltadas aos trabalhadores da universidade, ampliando posteriormente para o público externo.

O que o conjunto dos trabalhos acabam suscitando são indagações a serem aprofundadas por um programa de pesquisa envolvendo a constituição e desenvolvimento da EJA no espaço acadêmico.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

ADRIÃO, T.; PERONI, V. M. V. A educação pública e sua relação com o setor privado: implicações para a democracia educacional. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 3, n. 4, jan./jun. 2009, p. 107-116.

BOURDIEU, P. O campo político. *Revista Brasileira de Ciências Política*, Brasília, n. 5, Jul., 2011, p. 193-216.

BOURDIEU, P. Le champ scientifique. *Actes de Ia Recherche en Sciences Sociales*, n. 2/3, jun. 1976, p. 88-104.

FILHO, D. L. L. *O PROEJA em construção*: enfrentando desafios políticos pedagógicos.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos de. Três teses sobre as Reformas Empresariais da Educação: perdendo a ingenuidade. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 36, n. 99, Ago., 2016.

GUILLOT, P. *Introduction à la sociologie politique*, Paris: Armand Colin, 1998.

HADDAD, S. Tendências Atuais da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. In: *Encontro Latino-Americano sobre Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores (ANAIS)*, MEC-INEPSEF/UNESCO: Brasília, 1994, p.86-108.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de Jovens e Adultos. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n.14, p. 108-130, maio/ago. 2000.

LAGROYE, J. *Sociologie politique*. Paris: Presses de la FNSP, 1993.

LENOIR, R. Objeto sociológico e problema social. In: Champagne, Patrick; Lenoir, Remi; Dominique, Marllié. *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 59- 106.

MACHADO, M. M. A. Trajetória da EJA na década de 90 – Políticas Públicas sendo substituídas por solidariedade. In: *21ª. Reunião Anual da ANPED*, Caxambu, São Paulo: ANPED, 1998.

MACHADO, L. R. de S.; CURY, Carlos Roberto Jamil. Integrating Education and Work: The Status of Vocational Education in Brazil. In: MACLEAN, Rupert; WILSON, David N. (Org.). *International Handbook of Education for the Changing World of Work*: Bridging

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Academic and Vocational Learning. UNESCO-UNEVOC/ Springer, v. v. 2, 2009, p. 637-648.

MAYER, N. *Sociologie des comportements politiques*. Paris: Armand Colin, 2010.

MERLLIÉ, D. *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VENTURA, J. A política educacional para EJA na produção científica do GT Educação de Pessoas Jovens e Adultas da ANPED (1998-2008): contribuições para o debate. In: *32ª. Reunião Anual da ANPED*, Caxambu: Anped, 2009. < <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT18-5890--Int.pdf> > Acesso em 04/08/2019.

RUMMERT, S. M.; ALGEBAILÉ, E.; VENTURA, J. Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 18, núm. 54, jul. –sep., 2013, p. 717-738.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

A JUSTIÇA ESPACIAL COMO CATEGORIA DE REFLEXÃO SOBRE A OFERTA E DEMANDA DA EJA NA 4ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO (4ª CRE) DO RIO DE JANEIRO: ALGUNS APONTAMENTOS

Emilio Reguera Rua - IBGE

Palavras-chave: Justiça espacial. 4ª CRE. Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Introdução

Este trabalho é resultado da militância no Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro e das reflexões construídas no Doutorado em Geografia da UFF, e tem como objetivo apresentar a importância da categoria justiça espacial, cunhada pelo geógrafo Edward Soja (2010), para pensar o direito à EJA como direito socioespacial. Desta forma, aquilatamos o espaço social como conceito primordial para refletir sobre o direito de jovens, adultos e idosos trabalhadores à uma Educação de Jovens e Adultos de qualidade social (SILVA, 2019), em uma cidade tão desigual e dividida em territórios (da criminalidade/da pobreza/da riqueza/do enclausuramento) como a cidade do Rio de Janeiro (BARBOSA, 2017). O recorte territorial a ser utilizado como parâmetro para este mapeamento será o da 4ª Coordenadoria Regional de Educação, onde se localizam complexos de favelas - Maré, Manguinhos, Vila da Penha e Parada de Lucas - com indicadores sociais reveladores de condições de vida muito aquém das necessidades e promoção da dignidade humana.

Cabe pensar que a oferta da EJA na 4ª CRE não é uma questão que se reduz apenas à garantia ao direito de acesso a uma educação de qualidade social (SILVA, 2019), sem, conquanto, pensar o espaço social. Assim, deve-se refletir aquilo que Soja (2010) denomina justiça espacial. Esta, segundo o autor, é expressão das reivindicações por condições de igualdade de acesso à cidade, aos serviços públicos, à circulação, ao lazer, ao deslocamento para trabalho e estudo, possíveis quando as políticas territoriais contemplam a inclusão da população das áreas de favelas à cidade no seu aspecto territorial e multisetorial. Portanto, não é uma inclusão nos moldes de

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

uma intervenção meramente pontual e cosmética, em que os sujeitos são mantidos na condição de subalternizados, como aponta Barbosa (2017). Por consequência, deve-se prover a igualdade ao acesso e à cidadania como prioridades políticas e de intervenção pública nos espaços urbanos das favelas, de forma a integrar plenamente estes espaços à cidade.

Metodologia

Utilizamos os dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE e dos microdados do Instituto Anísio Teixeira (INEP) no tocante ao cadastro de unidades escolares que ofertavam a Educação de Jovens e Adultos em 2017. A partir destes dados: (a) Elaboramos o indicador DPEJAF (Demanda Potencial pela Educação de Jovens e Adultos) que é a divisão entre o total de população nas faixas etárias levantadas – 15 a 29 anos, 30 a 59 anos e 60 e mais anos - sem instrução ou com o Ensino Fundamental incompleto sobre o total de população nas referidas faixas etárias. A partir disto, elaboramos mapas por cada faixa etária para observar a distribuição espacial do referido indicador na 4ª CRE.

Além disso, utilizamos os microdados do INEP (banco de dados de unidades escolares) para localizar as escolas que ofertavam a EJA em 2016. A partir daí, cotejamos as informações entre oferta e demanda para aquilatar a necessidade de ampliação do atendimento à EJA na referida coordenadoria.

Análise dos resultados

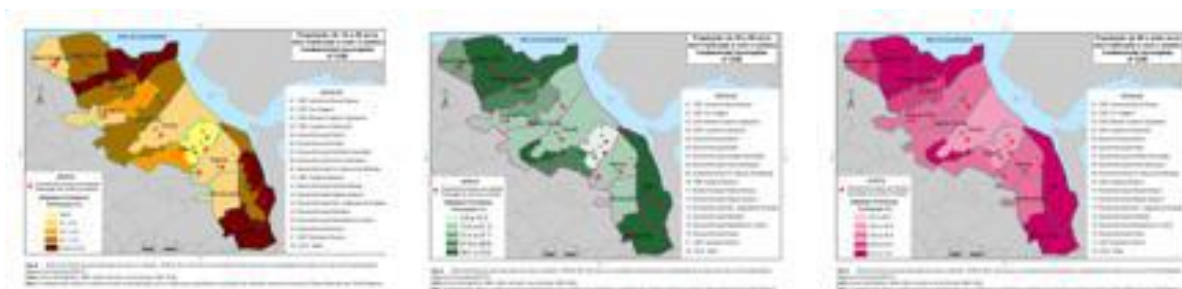
A análise dos resultados permitiu que concluíssemos sobre a importância da ampliação de matrículas, turnos e turmas nas Escolas existentes que ofertam a modalidade na 4ª CRE. Esta necessidade vai ao encontro ao que tem ocorrido nas políticas públicas nacionais, qual seja, o de fechamento de matrículas, turnos, turmas e até escolas que ofertam a EJA.

Os mapas a seguir retratam a realidade do indicador que construímos para esta CRE:

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019



A observação do indicador DPEJAF para todas as faixas etárias empregadas neste estudo apontam para precariedade de condições no tocante à escolarização de jovens, adultos e idosos trabalhadores em favelas localizadas na 4ª CRE. Por outro lado, no mesmo conjunto regional, os bairros da Penha e Olaria apresentam melhor cobertura de escolarização para as faixas de população supracitadas. Desta forma, mesmo em se tratando de um recorte regional relativamente pequeno para as dimensões espaciais do município, a manifestação das desigualdades socioespaciais é bastante diferenciada.

Considerações Finais

A iniciativa de ampliar o Centro de Referência para Jovens e Adultos da Maré deve ser mantida, mas não deve ser utilizada como justificativa para o fechamento de escolas, turnos e turmas na referida região, tendo em vista a realidade multifacetada dos territórios do tráfico de drogas, que impede que habitantes de domicílios de porções do mesmo complexo dominado por facções diferentes não possam circular pelos 'territórios de outras facções'.

Por fim, além da utopia, a justiça espacial garante não apenas acessos variados, mas àquele que é o direito dos direitos, o direito que abre portas para todos os outros direitos: o direito à educação de qualidade social (SILVA, *op.cit.*) para jovens, adultos e idosos trabalhadores.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

BARBOSA, J. L. As favelas na reconfiguração territorial da justiça social e dos direitos à cidade. In: CARLOS, A.F. (et.al.) *Justiça espacial e o direito à cidade*. São Paulo: Contexto, 2017.

INEP - INSTITUTO ANÍSIO TEIXEIRA. *Censo Escolar 2016*. Microdados do banco de dados de escolas. Brasília, 2016.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Resultados da amostra*. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, M.A. *Qualidade social da Educação pública: algumas aproximações*. Caderno Cedes, Campinas, v. 29, n. 78, p. 216-226, mai./ago. 2009. Disponível em: www.cedes.unicamp.br. Acesso em: 19 mar. 2019.

SOJA, E. *Seeking spatial justice*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

A DIMENSÃO ESPACIAL DA ESCOLA PÚBLICA: LEITURA SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

Fernando Barcellos
UFRJ

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Geografia da Educação. Política Educacional.

Introdução

Este trabalho faz parte da monografia do Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB), ênfase em Ensino de Geografia. Tem como tema as políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro.

Os principais objetivos do presente estudo são: ressaltar a relevância de um campo de conhecimento ainda pouco explorado no meio acadêmico brasileiro: a geografia da educação; compreender a relação entre oferta e demanda potencial por EJA de nível médio especificamente na área que corresponde à Metropolitana VI.

Ventura e Rummert (2011) destacam que poder público é responsável por garantir o direito à educação por aqueles que não tiveram acesso ou não puderam concluir os estudos ao longo da infância e adolescência. Entretanto, através da observação de indicadores educacionais do município do Rio de Janeiro, referentes ao nível de escolarização da população, foi constatado o número alarmante de pessoas com 15 anos ou mais com baixa escolaridade em várias áreas da cidade (SERRA e REGUERA, 2017).

Sendo assim, detectamos a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a relação entre demanda e oferta por EJA de Ensino Médio neste município.

Metodologia

Os procedimentos utilizados foram: levantamento de dados referentes ao nível de escolarização de jovens e adultos; mapeamento das escolas que ofertam Educação

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

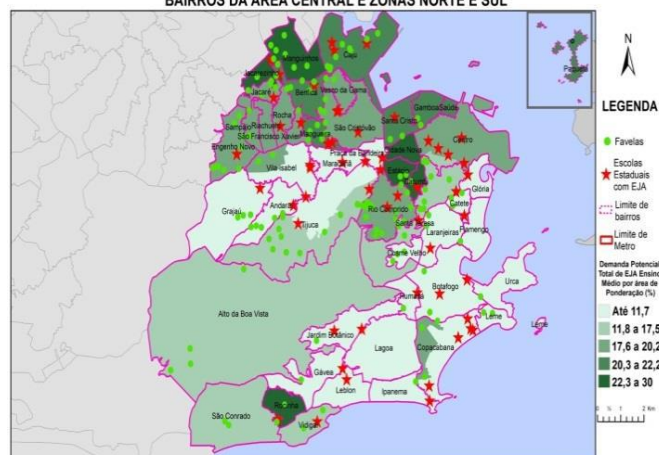
POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

de Jovens e Adultos; dos Aglomerados Subnormais (favelas) e do indicador Demanda Potencial para a EJA Ensino Médio – DPEJAM para a população com 18 anos ou mais.

Análise dos resultados

Ao utilizar a interpretação geográfica, este trabalho se particulariza pela interface entre dois campos e duas tradições de pesquisa acadêmica: a ciência geográfica e as ciências da educação. Reguera e Serra (2017) apontam que esta interpretação favorece a análise dos fenômenos sociais sob a ótica da espacialidade, contribuindo para a compreensão da educação enquanto política pública. Deste modo, o presente estudo aborda um campo de conhecimento ainda pouco pesquisado nas universidades brasileiras: a geografia da educação.

DEMANDA POTENCIAL IMEDIATA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - ENSINO MÉDIO (DPEJAM-I)
NA METROPOLITANA VI DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO SEGUNDO ÁREAS DE PONDERAÇÃO E
BAIRROS DA ÁREA CENTRAL E ZONAS NORTE E SUL



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010. Dados da Amostra.

Notas:

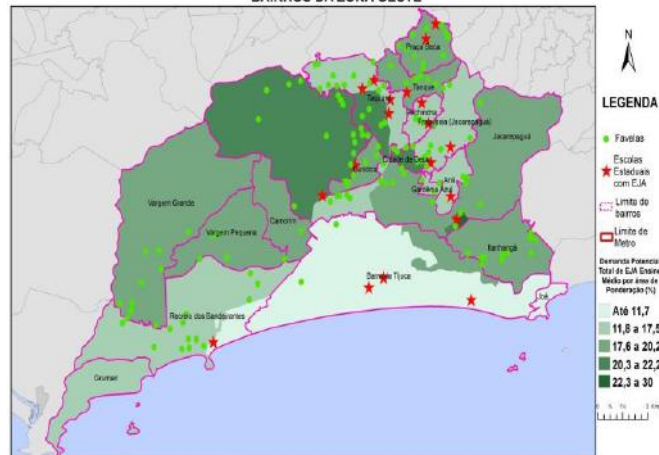
- O levantamento do indicador DPEJAM-I computa todas as pessoas acima de 17 anos que já possuíam o Ensino Fundamental, mas não possuíam o Ensino Médio.
- Utilizou-se o método do quintil para a distribuição das classes pelas áreas de ponderação da malha estatística no município do Rio de Janeiro em cinco partes iguais.
- Cartograma e base de dados organizados por Emílio Reguera.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

DEMANDA POTENCIAL IMEDIATA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - ENSINO MÉDIO (DPEJAM-I)
NA METROPOLITANA VI DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO SEGUNDO ÁREAS DE PONDERAÇÃO E
BAIRROS DA ZONA OESTE



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010. Dados da Amostra.
NOTAS:
(a) O levantamento do indicador DPEJAM-I computa todas as pessoas acima de 17 anos que já possuem o Ensino Fundamental mas não possuem o Ensino Médio.
(b) Utilizou-se o método do quântil para a distribuição das classes pelas áreas de ponderação da malha estatística no município do Rio de Janeiro em cinco partes iguais.
(c) Cartograma e base de dados organizados por Emílio Reguera.

A partir dos mapas acima, podemos constatar uma realidade preocupante: o atendimento da EJA de ensino médio está muito aquém das necessidades da população.

Portanto, percebemos a relevância da análise espacial para as políticas públicas e para os movimentos sociais que lutam pela garantia do direito de todas e todos à educação.

Considerações Finais

Nesta pesquisa verificamos o reconhecimento do Estado no seu dever de garantir a escolarização para todos.

Com os mapas, ressaltamos a importância da geografia da educação para a compreensão de diversos fenômenos educacionais, através da análise da organização espacial do tema a ser investigado. Desta forma, constatamos que o atual cenário da Educação de Jovens e Adultos de nível médio no estado do Rio de Janeiro retrata a omissão do poder público, nesse caso específico do governo estadual, no atendimento a uma expressiva parcela da população do município do Rio de Janeiro que continua privada de seu direito à educação básica.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Assim, verificamos a inevitabilidade de urgentes políticas públicas relativas a esta modalidade.

Referências

IBGE. *Censo demográfico 2010*. Dados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível

em: <http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_gerais_a_mostra_areas_ponderacao/default.shtm>. Acesso em: 17 janeiro 2018.

REGUERA, Emilio; SERRA, Enio. A geografia da educação de jovens e adultos na cidade do Rio de Janeiro: breves reflexões. In: *Anais do Encontro de Geógrafos da América Latina*, La Paz - Bolívia, 2017. Disponível em <https://admin.egal2017.bo/static/archivos_publicos/2012.docx> Acesso em : 15 janeiro 2018.

VENTURA, Jaqueline; RUMMERT, Sonia Maria. Considerações político-pedagógicas sobre as especificidades da educação de jovens e adultos trabalhadores. In: SOUZA, José dos Santos; SALES, Sandra Regina (Orgs.). Educação de Jovens e Adultos: políticas e práticas educativas.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

O CAPITAL INDUSTRIAL E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES

Sonia Maria Rummert
(PPGE-UFF)

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos a Distância. Confederação Nacional da Indústria. Trabalho-Educação

Introdução

Já há alguns anos, e recentemente com maior intensidade, a Educação de Jovens e Adultos vem sofrendo um intenso processo de desqualificação e desmonte. Essa tendência, que se aprofunda cada vez mais, pode ser evidenciada pelo fato de as diferentes esferas públicas do Estado abdicarem de suas atribuições constitucionais, agindo como verdadeiras indutoras da desescolarização dos jovens e adultos trabalhadores, por exemplo, substituindo o ensino regular por programas aligeirados e precários, frequentemente associados a algum tipo de formação profissional. Mais recentemente, a introdução da educação a distância nas redes públicas, vem se somar a um intenso processo de negação do efetivo direito à educação básica de qualidade socialmente referenciada. É no âmbito desse processo sócio-histórico que este trabalho que aborda o recente interesse da Confederação Nacional da Indústria (CNI) pela EJA.

Fundamentação teórico-metodológica e procedimentos de pesquisa

Alicerçada no materialismo histórico-dialético, a pesquisa ainda em curso, que dá origem a este trabalho, vem sendo realizada a partir da análise de um conjunto de fontes documentais elaboradas e divulgadas pela CNI nas duas primeiras décadas deste século.

Análise dos resultados

A CNI constitui importante aparelho de hegemonia da classe burguesa, atuando em diversas frentes de correlação de forças, entre elas a da formação e conformação

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

da classe trabalhadora, desde 1938. Essa atuação envolve ações sistemáticas relativas à formação profissional, empreendidas pelo Serviço de Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), criado em 1942 e aquelas referentes, sobretudo, à educação básica e o lazer, a cargo do Serviço Social da Indústria (SESI), criado em 1946. A Confederação também voltou suas atenções, nas décadas seguintes, para os níveis mais elevados de escolaridade, em especial o ensino superior, sobretudo a partir das proposições e intervenções do Instituto Euvaldo Lodi, também a ela vinculado. Nos anos de 1990, as preocupações da CNI voltaram-se, com intensidade, para a Educação Básica. A universalização do ensino voltado, especificamente, para a população em idade escolar de 7 a 18 anos passou a constituir forte reivindicação empresarial, como explicitado nos documentos emanados na década.

Nas duas primeiras décadas deste século, a CNI manteve sua ênfase na Educação Básica, como se evidencia na análise dos três documentos intitulados *Mapa Estratégico da Indústria*, publicados nos anos de 2005, 2013 e 2018 com o objetivo de apresentar as principais estratégias da indústria nos anos subsequentes. Embora o limite do Resumo não permita abordar os dois primeiros documentos, deve-se assinalar que a baixa qualidade da Educação Básica, além da reduzida oferta de ensino profissional e das deficiências no ensino superior constituíam a tônica desses *Mapas* nos quais também era sublinhado que tais problemas representavam grandes entraves para inovação, a produtividade e a competitividade das empresas.

Em setembro de 2018, a CNI divulga novo *Mapa Estratégico da Indústria 2018-2022*, apresentado como uma revisão e ajuste do *Mapa* de 2013 (CNI, 2018). A Educação permanece na condição de “Fator-chave” para o desenvolvimento, mantendo-se as referências à Educação Básica, à Educação Profissional e à Educação Superior, como nos anteriores. Ao fazer uma revisão dos avanços ocorridos nos cinco últimos anos, o documento cita: a aprovação do Plano Nacional de Educação 2014-2024; a Reforma do Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular para a educação básica (Idem, p.76). A seguir, é apontada, a partir de dados oficiais, “A existência de um elevado contingente de adultos sem a educação básica completa

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

(...). Na indústria, 38% dos trabalhadores estão nessa situação, de modo que é importante a ampliação da oferta de Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrada à educação profissionalizante” (Ibidem, p. 78. Grifo meu). Aqui, pela primeira vez nos *Mapas* da CNI, a Educação de Jovens e Adultos é abordada especificamente acompanhada de indicações próprias. Apresenta-se, assim, como terceiro objetivo no âmbito da Educação Básica: “Ampliar a oferta de Educação de Jovens e Adultos articulada com a educação profissional” (Ibidem, p. 79) e, para tanto, são indicadas duas iniciativas: a “Proposição de novo modelo educacional na educação de jovens e adultos” e, também, a “Promoção da formação continuada para professores e gestores na educação de jovens e adultos” (Ibidem, p. 79. Grifos meus).

As características do *novo modelo* para a EJA não são especificadas e, para identificá-las deve-se recorrer a outras publicações da CNI, anteriores ao referido Mapa. Até o momento, foram analisados os *Relatórios anuais SESI-SENAI-IEL*, desde sua primeira edição, em 2012, tendo-se localizado no Relatório de 2014 a primeira referência à Educação de Jovens e Adultos a Distância, sendo informado que o “novo projeto pedagógico Sesi para Educação de Jovens e Adultos (EJA) configura-se em proposta de elaboração de modelo pedagógico inovador” tendo sido “submetido ao Conselho Nacional de Educação para aprovação” (SESI-SENAI-IEL, 2014. p. 62 e sendo aprovada pelo CNE em janeiro de 2016. No mesmo ano, o projeto foi implantado, em caráter piloto, em três Departamentos Regionais: Bahia, Paraná e Santa Catarina. Esse projeto piloto foi destaque em matéria publicada pela Agência de Notícias da CNI, na qual era destacado que a “Nova EJA permitirá reduzir a grade horária com base em conhecimentos prévios, tornar o currículo mais conectado à realidade profissional dos alunos e evitar o maior vilão da modalidade: a evasão, que chega a 90% na rede pública” (CNI/NA, 2017). Na mesma matéria, o então Diretor de Operações do SESI, afirmava que o projeto já contava “inclusive, com o reconhecimento internacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)”, destacando, ainda, que “O Ministério da Educação também deve ter essa iniciativa

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

como um norteador para estruturação de um nova política pública para EJA no Brasil” (Idem).

Considerações Finais

Os documentos analisados ressaltam que a indústria, e a sociedade como um todo, demandam novos paradigmas educativos e, ao trabalhador jovem ou adulto, aos quais urge uma formação *útil e breve*, a educação a distância é apresentada como a solução ideal tanto às suas necessidades, quanto à atual conjuntura marcada pelo fetiche das novas tecnologias. A prática da EaD não é nova, nem nova é a lógica que preside a educação considerada pelo Capital, como suficiente para a classe trabalhadora, desde Adan Shimdt. Parece-nos possível afirmar que a Nova EJA da CNI não foge a essa tradição a ser superada, mesmo que conte com a anuência ativa e indutora do Estado.

Fontes e Referências

CNI. Agência de Notícias. *SESI desenvolve nova metodologia para educação de jovens e adultos*, 2017. Disponível em <https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/educacao/sesi-desenvolve-nova-metodologia-para-educacao-de-jovens-e-adultos/#menuPrincipal>. Acesso maio 2019

CNI. *Mapa estratégico da indústria 2007-2015* – Brasília: CNI, 2005

CNI. *Mapa estratégico da indústria 2013-2022* – Brasília: CNI, 2013

CNI. *Mapa estratégico da indústria 2018-2022* – Rev. e atual. – Brasília: CNI, 2018.

Serviço Social da Indústria. Departamento Nacional. *Relatório anual SESI-SENAI-IEL 2016*/ Serviço Social da Indústria, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, Instituto Euvaldo Lodi. – Brasília : SESI, 2014.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

PROJETO MINERVA: "OUVIDOS ATENTOS É TEMPO DE OUVIR"²⁵

Cacilda Fontes Cruz
Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro / SEEDUC

Palavras chaves: Educação de Jovens e Adultos, Educação à Distância

Introdução

O título acima nos remete ao Projeto Minerva, criado em 1970, numa iniciativa do Serviço de Radiofusão Educativa do MEC de abrangência nacional, com transmissão obrigatória a todas as emissoras do país, e tendo existido por quase vinte anos. Trata-se de um programa de educação a distância do governo militar no qual se utilizava o rádio como uma alternativa viável para atender uma parcela da população de jovens e adultos que estavam fora do universo escolar. Funcionava como um curso preparatório para aqueles que iriam prestar os exames supletivos de Capacitação Ginásial e Madureza Ginásial.

Análise desse projeto compõem um capítulo da minha dissertação de mestrado no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), que versou sobre a memória da formação dos Centros de Estudo de Jovens e Adultos no Rio de Janeiro (CEJAs). Apesar de ser um tema tangencial ao meu objeto de pesquisa trata-se de assunto relevante para se compreender o cenário da Educação de Jovens e Adultos nessas décadas de 1960 e 1970 no Brasil.

Metodologia

Durante a elaboração da dissertação realizei pesquisa bibliográfica a partir da busca pelos seguintes temas: a Educação de Jovens e Adultos – EJA, o uso da tecnologia na EJA e Ensino Supletivo. Dando ênfase a consulta às dissertações e teses disponíveis na Plataforma Sucupira / CAPES. Em relação as fontes primárias analisei

²⁵ Vinheta de abertura do Projeto Minerva, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=u-18FIFA91A> Acesso em 05 de abril de 2019.

legislação referente à Educação de Jovens e Adultos em diferentes temporalidades. Parte do material levantado nessa pesquisa foi utilizado para a formulação do presente artigo.

O Projeto Minerva

“Abra seus olhos é hora de ver, ouvidos atentos é tempo de ouvir, mil descobertas para a gente fazer”²⁶, com essa abertura estava sendo apresentado aos ouvintes o Projeto Minerva. Na vinheta o barulho ao fundo de uma locomotiva remete à ideia de progresso, de desenvolvimento, o que estava em consonância com a modernização socioeconômica vivida no país na década de 1970²⁷. E foi uma iniciativa do setor público durante a ditadura militar, que tinha como proposta pedagógica, a educação a distância voltado para jovens e adultos que estavam fora do universo escolar. Apesar, de não ter sido pioneiro no assunto, o projeto inovou ao procurar controlar desde a transmissão até a recepção dos programas (BERNARDI, 2013).

Deve se considerar que a formulação do Minerva estava inserida no contexto dos ideais nacional-desenvolvimentista. Segundo, Fávero (2005) a educação no bojo do nacional desenvolvimentismo deve ser “preparadora de recursos humanos para as tarefas da industrialização, modernização da agropecuária e ampliação dos serviços”. (pág. 242). Pode se afirmar que o Projeto Minerva dialoga com esse modelo, tendo em vista que pretendia capacitar mão de obra para o mercado de trabalho.

Na prática o programa Minerva oferecia programas educativos de segunda a sexta feira, e uma hora de música nos finais de semana. Participaram do projeto nomes importantes da música popular brasileira como Elza Soares, Cartola, Cauby Peixoto, entre outros. Naquele contexto de repressão e censura da ditadura militar a música

²⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=u-l8FIFA91A> acesso em 11 de setembro de 2018.

²⁷ O período entre 1969 e 1973 ficou conhecido como a época do Milagre Econômico porque foi considerado um período de grande crescimento econômico e com baixa na taxa de inflação. No entanto, tal desenvolvimento foi alavancado em empréstimos no exterior. Bernardi ressalta que “com o crescimento a partir do “milagre econômico” foi possível investir em telecomunicações podendo colocar em funcionamento uma rede de transmissão através da telefonia que tornava possível o envio de mensagens educativas para regiões não cobertas pela rede de integração radiofônica. ” (2014, p. 14)

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

era um elemento agregador que atraía o público que lotava o auditório, aonde o programa era gravado, para assistir seus ídolos. Nota-se que o programa priorizava mais a forma ou a embalagem do que os conteúdos a serem desenvolvidos, como analisa Frigotto "(...) os pacotes de ensino assepticamente programados por especialistas, cuja a forma de veicula-los é tida como mais relevante do que os próprios conteúdos (...)" (1989, p.170).

Contudo, mesmo com esse apelo popular, o programa Minerva não foi bem recebido, sendo uma prova disso o trocadilho popular que substituía o nome Minerva por Me Enerva²⁸. Os problemas eram muitos: o rádio não permitia que a informação fosse repetida novamente e o uso de imagem fazia falta para se entender alguns conteúdos. O projeto apresentava também baixos índices de aprovação, 77% dos inscritos não conseguiram obter o diploma²⁹, o objetivo principal do programa.

Considerações Finais

Nesse artigo teci algumas considerações sobre o Minerva, programa alinhado com que Freire denomina de educação bancária (2011), quando apenas se transfere o conteúdo sem se preocupar na emancipação do educando como sujeito crítico. Percebe-se que com a ditadura militar a partir de 1964 perdeu-se uma oportunidade de se transformar as práticas de educação popular como política pública. Acredito, que esse tema deva continuar sendo objeto de estudo de pesquisas futuras, tendo em vista que esse projeto representou um determinado viés político característico de uma época no Brasil, que encerrava um período altamente promissor na Educação de Jovens e Adultos.

Referências

BERNADI, José Ricardo. *Projeto Minerva e os reflexos da Radiofusão educativa*. 2013 56f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

²⁸ Informação disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/programas/projeto-minerva/index.html>
Acesso em 28 de maio de 2018.

²⁹ Idem

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

FÁVERO, Osmar. A Educação no Congresso Constituinte de 1966 -67. In: FÁVERO, Osmar (Org.). *A Educação nas Constituintes Brasileiras: 1823 -1988*. 3ª Ed. Campinas, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista*. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS... E OS IDOSOS?

Michele Jorge dos Santos de Souza

Palavras-chave: ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES. CONVIVÊNCIA SOCIAL IDOSOS.

Introdução

Apresento um resumo de meu trabalho de conclusão de curso de graduação-licenciatura em Pedagogia-, realizado no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro e intitulado *E a vida continua: experiência com idosos em um espaço de convivência social*, que teve como objetivo geral: reconhecer a importância pedagógica do espaço de convivência social de idosos. A relevância deste estudo considera que a sociedade ainda passará por transformações, pelo menos, no que se refere à idade populacional, e que a população, seja de quaisquer faixas etárias, demandam distintos acompanhamentos que vão além do espaço formal de educação.

Tivemos como campo de pesquisa um território não formal: Grupo da Terceira Idade da Igreja Internacional da Graça de Deus. A partir daqui, denominado de Grupo da 3ª idade. Nessa perspectiva, queremos compreender como os sujeitos – os idosos – observam e vivenciam a sua presença em espaços de convivência social, ou seja, queremos compreender o contexto desse espaço, entender os significados das experiências de idosos e, em sentido lato, apreender os processos educacionais ali envolvidos.

Definido o local da pesquisa, iniciei o processo de explicitação de quais problematizações estariam presentes na pesquisa. Destaco as seguintes hipóteses que conduziram a investigação:

- Os espaços institucionais de convivência social dão concretude à visibilidade e ao pertencimento do idoso em determinado grupo social.
- A convivência nesses espaços institucionais altera, dinamiza, promove a autoestima, valoriza a pessoa como indivíduo e como pertencente a um grupo social.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Percebemos que, como o ser humano é um ser social, socializar deve ser amparado em Lei e exercido pela população que devem buscar por espaços para obtenção do direito ao convívio. Na área de promoção social, devem ser desenvolvidas, por entidades governamentais e não-governamentais, ações para estimular a criação de espaços que permitam a escolarização (modalidade EJA) de sujeitos que, outrora, foram excluídos da escola.

Metodologia

A pesquisa foi qualitativa, bibliográfica e documental, com coleta a partir de estudo de caso. O registro seguiu como relato de experiência de momentos compartilhados entre os sujeitos do espaço. Para a realização deste trabalho, autores do campo de investigação sobre a velhice e a memória serão fundamentais. Destacamos: Chagas (2003) por ressaltar a importância da inclusão do conceito “idoso” na nomenclatura dos espaços, projetos e ações educacionais destinados, integral ou parcialmente, a esse público; dentre outros.

Análise dos resultados

Falar de idosos em um seminário que discute educação jovens e adultos pode parecer coerente, se pensar que o idoso está incluído no ‘A’ de EJA (em adultos), e incoerente, se pensar em discutir além de educação formal, suscitar a convivência, seja em escola, em movimentos sociais ou em instituições destinadas para esse fim. Compreendemos, em Chagas (2003), que a nomenclatura exclusiva para jovens e adultos pode contribuir para o afastamento ou para a não identificação do idoso com os espaços que o recebe, como vemos na modalidade de ensino EJA. Esses espaços podem priorizar um determinado grupo quando o atendimento é multigeracional, optando por uma “focalização juvenil”, o que justificaria a necessidade da inclusão do idoso na nomenclatura dos espaços que recebem e atendem as pessoas idosas

O público idoso, por estar exposto a desigualdades sociais por mais tempo, necessita de reparações em diversas áreas da vida. Uma delas é poder frequentar,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

mesmo na velhice (fora da idade “correta”), a escola em EJA, convivendo assim em um espaço multigeracional. Porém, como não precisamos somente de escola, para além de espaços escolares e/ou formais de educação, percebemos que urge a necessidade de reparação dessa desigualdade educacional e social e, entendemos por estudos acadêmicos, pelas legislações e pela vida que de maneira complementar e essencial, os movimentos sociais e as instituições não-governamentais exercem, lutam e cumprem a função de reparação e equiparação educacional escolar, social e política de indivíduos desiguais e marginalizados por governos e pela sociedade.

Dentre as muitas atividades realizadas no Grupo da 3ª idade, destaco a leitura de um determinado livro condizente com as práticas do espaço. É importante frisar que a leitura auxilia na formação do cidadão e estimula processos cognitivos. Ao optarem por uma leitura coletiva presencial, levaram a cada indivíduo a prática da leitura, pois ninguém gostaria de se sentir excluído de alguma atividade. Participávamos de tudo em comunhão. O número de leitores, infelizmente, é pequeno em todas as esferas e espaços. Essa leitura coletiva possibilitou que, ao menos no momento dos encontros, aqueles participantes se mantivessem lendo.

Considerações Finais

Essa pesquisa nos permitiu constatar a importância de espaços que se dedicam, exclusivamente, a oferecer cuidados para os indivíduos que estão em processo de envelhecimento, e que oportunizam a ressignificação das experiências cotidianas a partir das experiências já vividas, articulando-as com as que estão sendo construídas na convivência com os demais indivíduos do grupo.

Esse foi o maior empenho do trabalho, não apenas pesquisar espaços escolares e não-escolares de educação e convivência, mas reconhecer que os espaços não-formais de educação atendem a marcos legais e sociais no trato à vida idosa e às suas peculiaridades, mesmo quando os espaços, sem receberem nenhum tipo de apoio governamental ou social, insistem em existir.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Findei esse período de pesquisa, comprometida com novos estudos e aprofundamentos. Carrego curiosidades sobre alguns assuntos como: a solidão, o cuidado e a reprivatização da velhice. Até aqui, vivenciei idosos que tiveram garantido, pelo menos, um espaço de convivência social e são cuidados e assistidos por familiares ou mantêm autossuficiência, mas sei que novas categorias se aproximarão de mim nos próximos embates.

Referências

CHAGAS, M. A. M. *Educação de Jovens e Adultos: a experiência do PEJ no Município do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2003. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1004/1/tese.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

O ENSINO MÉDIO NA EJA: CONTRIBUIÇÕES DE ARTIGOS PUBLICADOS NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES

Jaqueline Pereira Ventura
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Thays Oliveira Espindola Cruz
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Catharina Ferreira da Costa Marques
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Ensino Médio. Portal de Periódicos da CAPES.

Introdução

Este trabalho apresenta pesquisa bibliográfica sobre o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos (EJA/EM) realizada no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Após o levantamento foram selecionados 43 artigos acessados na Plataforma da CAPES, no período de agosto a setembro de 2018. O objetivo do trabalho é mapear como o tema (EJA/EM) é tratado, quais as principais temáticas, desafios e lacunas identificadas. Para tanto, pautamo-nos na elaboração de eixos/categorias baseados nessas principais recorrências observadas nos artigos³⁰.

A EJA, uma formação relacionada a classe trabalhadora, historicamente se constituiu predominantemente paralela ao sistema de ensino mas, após a LDB 9394/96 (BRASIL, 1996), vinha lentamente se firmando como direito a educação básica passa, na última década, por um acentuado processo de desmonte, com o fechamento de turmas e escolas que ofertavam cursos de EJA nas redes públicas de ensino e o direcionamento a processos de aceleração e certificação da população, baseados em perspectivas e critérios economicistas, que reiteram a sua marginalidade no sistema educacional.

³⁰ Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento com apoio do CNPq intitulada “A Educação de Jovens e Adultos de nível médio no estado do Rio de Janeiro: oferta e características”, coordenado pela professora Jaqueline Pereira Ventura (UFF).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

No caso do ensino médio, última etapa da educação básica, que passa por uma reforma curricular sob o discurso de atender as novas demandas do mundo do trabalho, mas que irá reforçar ainda mais a dualidade estrutural existente na educação funcionando, portanto, como um mecanismo de manter as desigualdades sociais existentes.

Metodologia

Referenciado teoricamente no materialismo histórico nosso estudo pretende, como sugere Marx, analisar o concreto a partir de categorias de análise que nos permitam apreender, através do movimento dialético, a essência do objeto pesquisado.

O processo metodológico para identificação dos artigos no portal de periódicos da CAPES contou com dois movimentos, a saber: a utilização dos descritores ou palavras-chave “Educação de Jovens e Adultos + Ensino Médio”. A busca resultou em mais de mil ocorrências, mas, depois de excluídas as repetições e identificadas aquelas que não se enquadravam no escopo do estudo, foi realizada a leitura de títulos, resumos e introduções, a fim de selecionar os 43 trabalhos que contemplassem o tema da pesquisa (EJA/EM).

Em um segundo momento, realizamos a sistematização dos dados de cada texto em quadros-sínteses, bem como a leitura e a análise dos trabalhos na íntegra. De forma que os 43 artigos encontrados foram divididos em três eixos principais: *1) Análises e avaliações sobre o Ensino médio na modalidade EJA; 2) Proeja; e 3) EJA/EM como lócus da pesquisa.* Esses eixos foram distribuídos entre as temáticas mais recorrentes, como: currículo integrado, formação docente, implantação e implementação do PROEJA, etc.

Análise dos resultados

Destacamos três aspectos em específico relacionados aos trabalhos localizados: a) grande abordagem do PROEJA; b) um fenômeno de secundarização da EJA de nível

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

médio; c) a EJA de nível médio como elemento de complementação das análises feitas sobre o ensino médio regular.

O primeiro aspecto diz respeito à grande quantidade de trabalhos relacionados à EJA/EM que tinham como centro de sua abordagem o PROEJA, correspondendo precisamente à metade dos artigos levantados. Este dado pode ser compreendido mediante a apreensão da abrangência e significância que revestem este programa, sendo relevante que se tenham pesquisas dedicadas a estudá-lo. Contudo, é preciso atentar que a Educação de Jovens e Adultos de nível médio não se resume apenas ao PROEJA. Este programa constitui-se em uma iniciativa, que ocorre em parceria com o governo federal, mas não é a única.

No que concerne o segundo aspecto, referimo-nos à expressiva quantidade de trabalhos nos quais a EJA/EM constitui apenas o lócus da pesquisa. Analisando, portanto, dentro do contexto da EJA/EM aspectos outros que não a política pública de fato voltada a essa temática. Este aspecto relativo ao caráter secundário da EJA pode ser confirmado, a partir da constatação de que o eixo EJA/EM como lócus da pesquisa, contando com o total de 18 trabalhos, representa uma parcela significativa dentro de um conjunto de 43 artigos.

Por outro lado, constatamos que quando não abordada de forma majoritária pelo Proeja ou como lócus de pesquisa, a EJA/EM é apresentada com a finalidade de trazer dados que complementam fenômenos verificados no ensino regular ou na busca de tornar mais completa a investigação realizada acerca do ensino médio como um todo. Esta observação é representada pelos quatro artigos alocados no eixo temático *Análises e avaliações sobre o Ensino médio na modalidade EJA*. Assim sendo, é possível dizer que as produções encontradas não tinham como objetivo principal investigar e analisar a EJA/EM como objeto em si mesmo, verificando-se, dessa maneira, a falta de protagonismo conferida à Educação de Jovens e Adultos no meio científico.

Considerações Finais

Chama-nos atenção a escassez de produções acadêmicas que se dedicassem à uma análise objetiva desta etapa de ensino na modalidade EJA. Nota-se que esta etapa

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

da modalidade ainda não se configura, no meio acadêmico, como objeto principal de pesquisa, sendo com maior frequência abordada a partir da experiência de um programa federal ou como o local em que ocasionalmente a investigação possa vir a ser realizada. Dessa forma, não podemos negar que de fato há bastante produção acerca da EJA, todavia, com relação a refletir sobre propostas pedagógicas próprias para a modalidade no nível do ensino médio, as produções tornam-se escassas. Tal lacuna instiga-nos a identificar de que forma, portanto, a EJA/EM tem sido abordada. Além de nos inspirar a compreender, em investigações futuras, os principais aspectos que têm estruturado esta etapa de ensino.

Referências

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 9 nov. 2018.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EJA: AS IMPLICAÇÕES DA DESIGUALDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO

Guilherme Gonzalez
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Palavras-chave: História da Educação. Negros. EJA

Introdução

A presente pesquisa advém da observação assistemática da prevalência de negros nos índices de analfabetismo analisados pelo IBGE (PNAD, 2017). Esse trabalho tem como objetivo correlacionar teoricamente como o processo tardio e paulatino de abolição da escravidão no Brasil pode ter influenciado para uma exclusão sistemática de negros no campo educacional, tornando pretos e pardos parcela significativa nas salas da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Sob um olhar crítico em relação aos números da referida pesquisa do IBGE (PNAD, 2017), surgiu a indagação por uma possível correlação com o dificultoso processo de abolição (SHWARCZ e STARLING, 2015) que culminara no racismo estrutural, tornando a EJA a modalidade de ensino que abarcaria essa parcela considerável de negros com baixa escolaridade. Posteriormente, analisamos em literatura específica, as peculiaridades que marcaram a educação da população negra no Brasil (FONSECA, 2002), originando assim argumentações teóricas que fundamentem o racismo estrutural como fator determinante para tal quadro de desigualdade racial. Nessa perspectiva, alicerçado na visão de Gomes (2015), da necessidade de não pautarmos as relações de classe em detrimento das questões étnico-raciais, surge esta pesquisa com o propósito de compreender de que forma as assimetrias nas relações étnico-raciais podem ter influenciado nas desigualdades educacionais presentes na EJA, inicialmente focando nas seguintes questões: Como, historicamente, a “abolição da escravatura” no Brasil representa um marco para as desigualdades das relações étnico-raciais? Quais foram as especificidades da Educação dirigida ao povo negro após 1888? Por que a EJA é uma modalidade de ensino marcada

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

pela dinâmica racista que permeia as relações étnico-raciais? Desta forma, analisar as desigualdades da EJA com a perspectiva das relações étnico-raciais, pode trazer à tona aspectos históricos e estruturantes da modalidade.

Metodologia

A presente pesquisa é abordada de forma qualitativa, e concebida de forma exploratória (GIL, 2002), que possibilitará maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito e a construir hipóteses. No tocante ao procedimento metodológico, utilizo fontes da literatura técnica dos estudos étnico-raciais e da EJA no Brasil, bem como livros, artigos, periódicos, materiais já tratados.

Análise dos resultados

Discorre-se sobre uma pesquisa em desenvolvimento. Até o atual momento, foi efetuada uma análise do período escravocrata brasileiro, a fim de iniciar uma construção argumentativa antagônica a conceitos presentes no imaginário social, que desloquem conceitos deterministas associados aos(as) afro-brasileiros. Além disso, elaborou-se também a discussão teórica que tem por objetivo retomar a luta dos escravizados contra o sistema escravista e em prol da libertação. (LOPES, 2004; NASCIMENTO, 2015; SHWARCZ e GOMES, 2018; SHWARCZ e STARLING, 2015).

Posteriormente, realizamos uma argumentação histórica sobre o pós-abolição da escravatura, remetendo às dificuldades encontradas pela população negra “livre”, fomentando uma discussão sobre a formação do povo brasileiro e as relações étnico-raciais.

Realizamos uma reconstituição histórica da inserção da população negra na educação pública (FONSECA, 2002; FONSECA e DE BARROS, 2016). Tal movimento gerou reflexões importantes para o campo da educação e para este trabalho, pois evidenciou olhares atravessados e pormenorizados da História da Educação no tocante à educação dos negros no Brasil. Buscamos desconstruir o mito de que o sujeito negro estivera apartado da educação pública até 1934.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Seguidamente, já com uma linha argumentativa bem delineada com toda a reconstrução histórica anteriormente explanada, dar-se-á a tentativa de analisar essa possível desigualdade racial histórico desembocando no campo da EJA. Nesse momento, atendo-se somente a literatura, todavia, vicejando uma investigação de campo em um trabalho posterior.

Em uma análise prévia, pôde-se observar que a EJA, como parte integrante da estrutura educacional brasileira, também é permeada pelo racismo estruturante que, como já amplamente comprovado pelo IBGE (PNAD, 2017), exclui a população negra de uma devida igualdade em índices educacionais frente à população branca.

Finalmente, será apresentada uma argumentação teórica consistente, baseada numa história crítica do período escravista brasileira, trazendo à tona a luta negra por liberdade e a produção da desigualdade racial como marco da formação do povo brasileiro. Ostentando assim, uma argumentação robusta, que não deslegitime as relações étnico-raciais no tocante à investigação de desigualdades educacionais.

Considerações Finais

Refere-se à pesquisa em desenvolvimento. Todavia, já se pode ressaltar, de maneira preliminar, que existe uma construção histórica desigual frente ao campo educacional tensionado pelas relações étnico-raciais, desembocando sobremaneira na realidade das salas de aula da EJA e em seu principal público alvo.

Referências

FONSECA, Marcus Vinícius. *A educação dos negros: Uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

FONSECA, Marcus Vinícius; DE BARROS, Surya Aaronovich Pombo (Org.). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EDUFF, 2016. 442 p.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª Ed. – Atlas, São Paulo – SP, 2002.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

GOMES, Nilma Lino. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 4º. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. cap. Parte II, p. 87-104

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2017*.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. 2º. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GOMES, Flávio; SHWARCZ, Lilia Moritz. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: A RODA DE CONVERSA COMO ESPAÇO DE CONSCIENTIZAÇÃO E DIÁLOGO NA EJA

Wellen cristina de Oliveira Bhering
UFRRJ
Vito Renato Rizzo
UFRRJ

Palavras-chave: Violência contra a Mulher, Roda de conversa, EJA

Introdução

Somente nesse primeiro trimestre de 2019, foram divulgados números elevados de casos de violência contra a mulher no Brasil. O mesmo ocorreu no município de Angra dos Reis. Tais crimes ganharam maior visibilidade a partir das discussões mais recentes que tem se instaurado nas redes sociais e na mídia em geral. Constatamos o quão necessário se faz discutir a temática no ambiente escolar, em especial na Educação de Jovens e Adultos, já que grande parte das vítimas de feminicídios e de violência doméstica possui faixa etária compatível com a das estudantes da modalidade, em sua maioria jovens e adultas.

Compreendendo a radical exigência da transformação da situação concreta que gera opressão e compreendendo a escola como espaço dialógico de transformação da realidade (FREIRE, 1994), foram realizadas Rodas de Conversas com todas as turmas de uma escola pública do município que atende a modalidade EJA a fim de desenvolver um processo de sensibilização e conscientização quanto ao problema, promover um momento de escuta e partilha de experiências de mulheres que já foram vítimas de violência e discutir formas de proteção com base às respostas legislativas mais atuais como a Lei 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha, e a Lei 13104/16 conhecida como a Lei do Feminicídio.

Ao final da atividade foram aplicados questionários para levantar dados que oportunizassem construir um panorama da situação de violências das quais as participantes foram vítimas.

Metodologia

A pesquisa de caráter quanti-qualitativa utilizou métodos mistos na busca da compreensão da realidade pesquisada, pois esse tipo de pesquisa proporciona mais evidências para o estudo de um problema do que o uso de uma abordagem quantitativa ou qualitativa isoladamente (CRESWELL e CLARK, 2013). Foram portanto realizadas Rodas de Conversa para coleta de dados qualitativos e posteriormente questionários que reuniam dados quantitativos e qualitativos com questões abertas e fechadas.

As Rodas de Conversa foram realizadas no interior da escola com dois grupos distintos mas paralelamente: os homens que tiveram a mediação do pedagogo/pesquisador e o grupo das mulheres com a mediação da pedagoga/pesquisadora. Essa técnica denominada por GATTI (2005) como “grupos focais” permite, segundo a autora, a obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão e dos modos pelos quais são influenciados pelos outros. Além disso tornou o ambiente mais favorável à escuta e à partilha de experiências principalmente das mulheres fazendo da Roda de Conversa um “espaço de diálogo e de escuta das diferentes vozes que ali se manifestam.” (GATTI, 2005, p.11)

Além de esclarecer os diferentes tipos de violência doméstica tipificados através do Art 7º da Lei 11340/06, a atividade oportunizou a discussão dos diferentes crimes praticados contra a mulher seja em espaços externos, seja dentro do próprio ambiente familiar, trazendo dados relativos aos perfis das vítimas e dos agressores. Tais dados foram retirados do dossiê temático intitulado “Mapa da Violência contra Mulher 2018”, material construído pela Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados.

Após os relatos, debates e interações, foi sugerido o preenchimento de um questionário anônimo de forma a coletar dados sobre as vivências das estudantes.

Análise dos resultados

As narrativas colhidas durante o processo das Rodas de Conversa revelaram que um número significativo de alunas viveu ou vive situações de violência doméstica. Grande parte das vítimas que relatou situações de estupro e abuso sexual foi violentada quando crianças ou no começo de sua adolescência por parte de parentes próximos. Isso nos leva a refletir que a discussão sobre educação sexual exerce um papel fundamental principalmente nos anos iniciais de escolaridade.

Em relação aos relatos dos homens, percebe-se maior dificuldade de expressão possivelmente pela existência de um machismo estrutural. Porém os que verbalizaram relataram experiências de violência doméstica em que a mãe era a principal vítima.

Sobre os dados quantitativos, podemos fazer reflexões importantes acerca do perfil racial das mulheres mais vulneráveis aos diversos tipos de violências relatadas, corroborando que as mulheres negras ainda são as que mais sofrem ou sofreram com situações de violência (NASCIMENTO e SANTOS, 2018).

No que tange à temporalidade, dados coletados através do questionário mostram um número significativo de alunas que estão vivenciando atualmente as situações de violência psicológica e física dentro de seus lares, o que nos leva a concluir que a temática precisa ser incluída nos currículos e debatidas em sala de aula.

Considerações Finais

Podemos concluir diante dos dados gerais que muito mais que colher dados, a Roda de Conversa constitui importante momento de escuta dessas mulheres silenciadas ao longo de suas vidas. Além disso, demonstrou que a pesquisa não deve esgotar-se em si, mas gerar ações que promovam a continuidade do debate na escola.

A escola ainda é espaço privilegiado para o diálogo e transformação da realidade dos sujeitos vítimas dos diferentes tipos de opressão.

Referências

BRASIL. *Lei Nº 11.340*, de 07 de agosto de 2006. Brasília, 2006.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

CRESWELL, Jhon W. e CLARK, Vicki L. Plano. *Pesquisa de métodos mistos*. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 11ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livros, 2005.

Mapa da Violência contra a Mulher 2018. Disponível em <http://www.justicadesaia.com.br/cartilha-mapa-da-violencia-contra-a-mulher-2018/>
> Acesso em 23 de fevereiro de 2019.

NASCIMENTO, Francineide Bárbara Silveira. SANTOS, Jocenildes Zacarias. *Mulher Negra e EJA: Estratégias de enfrentamento à violência na escola*. Revista Cenas Educacionais, vol 1. Caetité, Bahia, 2018.

O DESAFIO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Americo Homem da Rocha Filho

Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro (UFRRJ)

Palavras-chave: Novas Tecnologias. Educação a Distância. Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

O presente relato tem como objetivo mostrar que pode ser possível a aproximação das novas tecnologias da informação e da comunicação com a educação de jovens e adultos. Vamos falar da experiência ocorrida em uma escola na Cidade do Rio de Janeiro que atende apenas jovens e adultos. Essa escola é o Centro Municipal de Referência de Jovens e Adultos (CREJA), localizada no Centro da Cidade, foi pensada para aqueles alunos que estão retornando à escola, alguns depois de muito tempo, e que não têm a disponibilidade de frequentarem a escola diariamente durante quatro horas. O CREJA oferecia primeiramente um curso semipresencial de duas horas diárias de aula e outras duas sendo complementadas com atividades culturais, como visitas a museus e/ou centros culturais, peças de teatro, filmes e leituras de livros. Mas, mesmo assim, ainda tínhamos muitos alunos que não conseguiam concluir o ensino fundamental. Foi em 2011 que começamos a pensar em mais uma possibilidade para esses alunos que não concluíram essa primeira fase de seus estudos. Como poderíamos utilizar essas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) na educação de jovens adultos? Mesmo com todas as dificuldades em maio de 2012, iniciamos a primeira turma de educação a distância (EaD) na educação de jovens e adultos (EJA). E logo nas primeiras conversas com esses alunos, percebemos que eles tinham um perfil diferenciado dos alunos que procuravam o semipresencial, a maioria não dispunha nem de duas horas diárias para poder voltar aos estudos, eram trabalhadores que trabalhavam em regime de escala (exemplo: trabalhavam 24 horas

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

e folgavam 24 horas), mulheres que trabalhavam e ainda cuidavam dos próprios filhos, eram muitos casos que não tínhamos ideia que eram tão comuns. Vamos contar um pouco dessa história.

Metodologia

As relações de afeto são muito importantes nesse processo de ensino e aprendizagem, e que os afetos tecidos nessas redes de aprendizagens se fizeram no crescimento do coletivo nas ações que permeiam o desenvolvimento dos projetos a cada passo dado nesse caminhar. “A própria palavra ‘afetar’ designa o efeito da ação de um corpo sobre o outro, em seu encontro.” (ROLNIK, 2014, p.57). Acolher e ouvir esse aluno com uma “escuta sensível” (BARBIER, 2002, p. 47), reconhecer o valor de cada um sempre que tiver oportunidade ofertando a ele um tempo para que possa pensar a sua identidade humana e cultural, apontando ele, como principal sujeito de suas ações e transformações, demonstrando que não houve tempo perdido e sim outra forma de aprender pelo caminho do trabalho e que dessa forma a escola se abre para recebê-lo e trocar aprendizados, pensamos que sim, o retorno e a permanência do mesmo se dará de forma efetiva na rede de tecer afetos de aprender e ensinar . O carinho e a atenção fazem parte da trajetória na construção dessa aprendizagem mútua, na criação de um ambiente participativo, onde a figura do professor, não é a de dono do saber, “um mestre explicador” (RANCIÈRE, 2011, p. 23), e sim, mais um sujeito neste processo de aprender e ensinar. Tudo isso faz parte do desenvolvimento dessa rede tecida em solidariedade e afetos ao trabalhar com o respeito mútuo do “outro como legítimo outro”. (MATURANA, 1998, p. 8)

Análise dos resultados

Antes de começarmos a pensar em Educação a Distância (Ead), em 2011, percebemos que os dois turnos da tarde (tínhamos seis turnos de duas horas na escola, dois pela manhã, dois à tarde e dois à noite) estavam com poucos alunos, procuramos saber o motivo desse esvaziamento e vimos que nesse horário a maioria não podia

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

estudar, pois estavam trabalhando ou cuidando dos filhos e/ou da casa. Então começamos a pensar em uma alternativa para os alunos que estavam deixando de estudar por conta dos horários de aulas presenciais. Foi quando surgiu a ideia de criarmos a modalidade à distância no CREJA. Como mais uma opção para o retorno à escola daqueles que não conseguiam “encaixar” suas disponibilidades de tempo livre com os horários oferecidos pela escola. Mas o desafio maior para a equipe de professores envolvidos nessa tarefa era como tornar essa nova linguagem da informação e da comunicação, que para a maioria era desconhecida, mais acessível, lembrando que muitos nunca tiveram acesso a um computador, seria necessário fazermos uma inclusão à cibercultura (LÉVY). E começamos a discutir, ler, pesquisar sobre o assunto, que em 2011 era uma novidade no ensino fundamental, nenhum município do nosso país tinha essa modalidade.

Considerações Finais

Concluimos que a possibilidade da utilização de ensino na modalidade a distância como uma alternativa para muitos sujeitos que por conta de trabalho e/ou questões sociais, estavam impossibilitados de frequentar uma EJA presencial ou semipresencial é viável.

Referências

- BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano, 2002. (Série Pesquisa em Educação v. 3)
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

INFORMÁTICA EDUCATIVA E EJA: PRÁTICA DOCENTE EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS

Lohane Teresa Oliveira Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Palavras-chave: EJA. Informática Educativa. Prática Docente. Políticas Públicas.

Introdução

Diante de uma sociedade cada vez mais inserida em uma cultura digital, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) chegam às escolas e as transformações políticas, sociais e tecnológicas impactam o desenvolvimento de políticas públicas na educação. A Informática Educacional ou Informática Educativa refere-se à inserção do computador no processo de ensino aprendizagem. (VALENTE, 1998)

No ano de 2016, o município de Duque de Caxias criou um novo cargo intitulado Professor de Informática Educativa através de concurso público, institucionalizando, assim, o uso pedagógico do computador na escola, por meio das Salas de Informática Educativa e, garantindo atendimento às turmas de Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, a pesquisa analisa os efeitos das políticas públicas de Informática e suas interseções e desafios na prática docente na EJA em uma escola pública no município de Duque de Caxias.

Debruçando-se nos estudos de HADDAD & DI PIERRO (2015), FREIRE (1996), MORAES (1997), SOARES (2002), e VALENTE (1998) buscou-se identificar desafios e estratégias docentes relacionados à prática de informática educativa na EJA, bem como perceber as transformações ocasionadas pela normatização da informática educativa no município de Duque de Caxias, frutos de políticas públicas nacionais.

Metodologia

A pesquisa se constituiu metodologicamente em duas dimensões: histórica e outra referente ao cotidiano escolar. A pesquisa apresentou uma retomada histórica dos objetos - Informática Educacional e Educação de Jovens e Adultos.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Para tanto, foi mobilizado o acúmulo de estudos tanto sobre a Informática Educacional quanto a Educação de Jovens e Adultos, de modo a relacioná-los com as transformações da informática educativa em Duque de Caxias. Ao mesmo tempo, são apresentados as estratégias e desafios do cotidiano da prática docente com base nas memórias e experiências repensadas a partir da revisão de literatura, especialmente sobre políticas públicas, EJA, letramento digital e os desafios do trabalho docente em Informática Educativa.

Análise dos Resultados

Realizar uma retomada histórica possibilitou compreender o contexto em que a prática se inseria e perceber que as ações realizadas pelo governo municipal são reflexos de uma política macroestrutural, de nível nacional que a partir dos anos 70 iniciou as primeiras discussões sobre tecnologia educacional, a fim de informatizar a sociedade.

O que se vê hoje é fruto de um histórico de pequenos e grandes investimentos e ações ao longo dos anos. Foi possível perceber o alcance de uma política nacional na esfera nacional, que se dá, por exemplo, com a criação Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE) e Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO).

Ficou claro que a partir dos anos 2000 a Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias começa a pensar políticas públicas para tecnologia educacional como reflexo das ações que vinham sendo realizadas no âmbito nacional, especialmente no que se refere à formação docente, que culmina na criação do cargo de Professor de Informática Educativa (PIE) em 2015, em que são convocados professores com formação específica para atuação nas Salas de Informática.

Foi possível destacar algumas transformações ocasionadas pela criação do cargo de PIE, como aumento de carga horária, formação mais específica para a área, legitimação do direito dos alunos da EJA às aulas de informática. A presença dessa modalidade nos documentos oficiais de Informática Educativa contribui para diminuir uma invisibilidade vivida por esta modalidade anteriormente. Este fato pode ser

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

relacionado com os acordos internacionais e as políticas nacionais que destacam a EJA e que se intensificaram nas primeiras décadas do milênio.

A análise da prática em Informática Educativa proposta nesta pesquisa trouxe a percepção de desafios e estratégias docentes como a juvenilização e a evasão na EJA, as relações entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, condições de trabalho, a ausência do conceito de Educação ao Longo da Vida no imaginário dos educandos que levaram a criação de estratégias como variar a dinâmica metodológica, buscar o interesse dos alunos, quebrar o individualismo para produção de novas práticas de ensino.

Considerações Finais

As reflexões suscitadas nesta pesquisa levaram a reconhecer como os efeitos de uma política pública se dá na prática docente. Na EJA percebemos um reconhecimento do direito à inserção tecnológica e os desafios que são enfrentados. O uso do computador da Educação, sobretudo em Duque de Caxias, é fruto de uma trajetória histórica que caminha, ainda que a passos lentos, em busca da informatização da sociedade.

Referências

DI PIERRO, M. C.; HADDAD, S. Transformações nas políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197-217, maio/ago., 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

MORAES, M. C. *O Paradigma educacional emergente*. Campinas: Papyrus, 1997.

MORAES, M. C. *Informática educativa no Brasil: uma história vivida, algumas lições aprendidas*. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 19-44, 1997.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc. [online]. 2002, vol.23, n.81, pp.143-160.

VALENTE, J. A. Formação de profissionais na Área de Informática em Educação. In: VALENTE, J. A. (org.). *Computadores e conhecimento: repensando a Educação*. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2ª edição, 1998.

A EJA NUMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA – MEMÓRIA DA CONSTITUIÇÃO E ATUAÇÃO DE UM NÚCLEO DE EJA NA PUC-RIO

Renato Pontes Costa
PUC-Rio

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Formação de Educadores de EJA. Extensão Universitária.

Introdução

O presente trabalho apresenta um breve histórico sobre a constituição e a atuação do NEAd – Núcleo de Educação de Adultos, na PUC-Rio. Na reflexão sobre a trajetória do NEAd, este resumo pretende discutir o lugar que a EJA comumente ocupa na universidade e as circunscrições da institucionalização dessa modalidade na formação inicial dos professores.

O presente trabalho, que se caracteriza como um relato de experiência, traz à tona as lutas internas travadas para a inserção dessa temática em âmbito universitário discutindo avanços e retrocessos presentes no processo de institucionalização desse núcleo na PUC-Rio.

Metodologia

A história do NEAd é ampla e complexa. Parte de sua história já foi registrada em COSTA (2001) e REGO (2019). Ciente da impossibilidade de se apresentar aqui uma versão completa da história desse núcleo, o presente trabalho se debruça sobre alguns recortes da memória que se prestam a levantar as discussões a que este texto se propõe – a presença da EJA na universidade. Tais recortes são resultado de um levantamento feito pelo autor, a partir da sua experiência pessoal como integrante e fundador do NEAd, amparado no campo dos estudos sobre a memória, como apresentado em NEVES (1998, 2000, 2004).

As experiências de EJA da PUC-Rio, remontam o início dos anos 1990, quando a Profa. Therezinha Machado (*in memoriam*) realizava, na Pastoral Universitária, um trabalho despretensioso de alfabetização com funcionários da limpeza e da

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

manutenção. Anos mais tarde, 1996, como desdobramento da Pesquisa: Avaliação Diagnóstica de Níveis e Conteúdos de Alfabetismo, foi feito um instrumento de Avaliação Diagnóstica de Níveis e Conteúdos de Alfabetismo Adulto. Considera-se essa pesquisa como o embrião mais sistematizado de um trabalho de EJA que viria a se desenvolver na PUC-Rio posteriormente.

No ano seguinte, 1997, a PUC foi convidada a integrar o PAS – Programa Alfabetização Solidária, principal ação de alfabetização de jovens e adultos realizada pelo governo Fernando Henrique Cardoso. A partir de então foram três anos trabalhando em projetos de alfabetização de jovens e adultos no Nordeste; em seguida, em diversas comunidades no Rio e Grande Rio e posteriormente na criação de turmas de EJA (alfabetização, ensino fundamental e médio) na própria universidade. Para tanto, articulou-se um grupo de educadores se aprofundaram no campo da formação de educadores de EJA e a partir daí desenvolveram diversos trabalhos de formação de professores, seja nas redes públicas e privadas de ensino, de educadores populares e educadores comunitários, seja na assessoria a projetos de Educação Popular. O NEAd é hoje um núcleo reconhecido institucionalmente, embora ainda tenha um longo caminho a percorrer no sentido de desenvolver ações mais integradas aos processos de formação no nível da graduação.

Análise dos resultados

Guardadas todas as críticas ao PAS é importante destacar que, no auge de sua implementação, esse programa foi responsável pela articulação de muitos grupos de EJA nas universidades brasileiras. Chegou-se a ter mais de 200 universidades envolvidas com trabalho de formação de alfabetizadores de jovens e adultos durante sua atuação. Os significados e os desdobramentos desse momento merecem ser investigados, como registro de memória da EJA no país.

As diversas ações no campo da EJA realizadas na PUC-Rio a partir de 1998, foram responsáveis em 2004 pela criação do NEAd que existe até hoje. Como resultado do trabalho de todos esses anos o núcleo chegou a discutir internamente o significado

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

da EJA na extensão universitária e a inserir, na formação inicial dos alunos da Pedagogia e das Licenciaturas, uma discussão a respeito da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos.

A primeira experiência de inserção na formação inicial de professores foi feita em 2004 com a criação de uma disciplina eletiva de EJA na graduação de Pedagogia. Essa disciplina foi ministrada apenas duas ou três vezes e depois não mais oferecida. Ela foi retomada em 2011, a partir de uma solicitação dos alunos que organizaram um abaixo-assinado e entregaram à coordenação do curso. Desde então, ela tem sido oferecida regularmente e já se tem indícios de que, numa próxima reformulação do currículo, ela venha a se tornar obrigatória. Nesse percurso foi também criada, como tópicos especiais, uma disciplina chamada: Leituras de Paulo Freire e a Educação Popular. Essa disciplina foi ofertada em 2015 e obteve uma procura bastante expressiva pelos alunos da pedagogia e das licenciaturas, incluindo também alunos de outros cursos.

Considerações Finais

Um das reflexões importantes presentes nesse trabalho diz respeito à imensa contribuição que os estudos sobre a memória podem dar para o campo da EJA. Recuperar a memória de experiências e instituições é um investimento ainda pouco realizado nesse campo e que pode ajudar a elucidar questões sobre o passado e, com isso, iluminar discussões no tempo presente.

A segunda reflexão importante que esse trabalho suscita refere-se aos significados que trajetória do NEAd abre para a reflexão sobre o lugar da EJA nas universidades, sobretudo nas universidades comunitárias e nas universidades católicas. A conquista de espaço da EJA na universidade é uma instância de luta política, mas sobretudo de criação de espaços de diálogo e de atuação nas brechas que o sistema oferece.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

COSTA, Renato Pontes. *Teoria e Prática no Processo de Formação de Alfabetizadores de Adultos – um estudo analítico da experiência da PUC-Rio no Nordeste*. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2001.

NEVES, Margarida de Souza. A educação pela memória. *Revista Teias*. ProPED/UERJ, v.1, nº 1, 2000.

NEVES, Margarida de Souza. História, memória e memorialística. Esboços - *Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFSC*.v.11, nº 11, 2004.

NEVES, Margarida de Souza. Os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rahloff de (Org.). *Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access, 1998.

REGO, Noélia Rodrigues Pereira. *Subalternizados-Mambembes-Insurgentes. Práticas- Investigativas-Transformadoras e a Educação Popular como perspectivas de Transform-AÇÃO*. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, 2019.

A EJA NA UFMG: O PROJETO DE ENSINO FUNDAMENTAL DE JOVENS E ADULTOS – 2º SEGMENTO (PROEF-2)

Juliana Ferreira de Melo
Centro Pedagógico da UFMG
Suellen Guimarães Alves
Centro Pedagógico da UFMG

Palavras-chave: Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos. História. Sujeitos e Perspectivas.

Introdução

Neste trabalho, temos como objetivo tecer uma narrativa na qual se desenhe um breve histórico do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos, que, há 33 anos, fundamentado nos trabalhos de Paulo Freire, é desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais. A partir de sua experiência geradora, materializada e consolidada no Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º Segmento, o PROEF-2, neste trabalho, serão apresentados e discutidos os movimentos de seus sujeitos que levaram à sua criação na Universidade. Seus primeiros traços foram delineados em meados dos anos 1980, quando a sensibilidade em relação às pessoas que não sabiam ler e escrever ou que não haviam concluído a Educação Básica, embora trabalhassem dentro de uma Universidade, levou um grupo de professores, a partir de uma escuta atenta ao que diziam os funcionários da UFMG, a criar um Projeto que atendesse aos trabalhadores os quais desejavam, então, “ter o 1º Grau”.

Protagonistas nesses movimentos foram a Associação dos Servidores da Universidade Federal de Minas Gerais (Assufemg), fundada em 1974, mas também professores de diferentes unidades da Universidade. Buscava-se, em um contraditório cenário, assegurar a construção do conhecimento, por meio do domínio e do uso das habilidades de leitura e escrita, a todos os sujeitos que construía as (suas) histórias na instituição. Assim, em 1986, mesmo antes da promulgação da Constituição Federal, esses movimentos, os quais buscavam oferecer, aos trabalhadores da UFMG,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

instrumentos para uma efetiva participação nas culturas do escrito, ganharam corpo e se transformaram em um Projeto Supletivo.

Metodologia

No tripé que, atualmente, sustenta o Programa, encontram-se as atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, as quais se configuraram graças às reivindicações e ao trabalho de seus sujeitos: as pessoas jovens e adultas que demandaram seu direito à escolarização; os pesquisadores e professores universitários que acolheram essas reivindicações e atuaram na direção de erguer e manter o Programa por meio de estudos, de seu gerenciamento, da formação de estudantes da Licenciatura que nele atuam como educadores de EJA; a administração pública e institucional que o financia, basicamente, com Bolsas de Extensão Universitária para os estudantes da Graduação da UFMG que se formam como professores no Projeto, seja no processo de ensino e aprendizagem junto aos educandos do Programa, seja no âmbito da formação docente e profissional, sob a orientação de professores da UFMG, que compõem a Coordenação do PROEF-2.

Análise dos resultados

À medida que o Projeto funcionava e ganhava força com as conquistas dos sujeitos envolvidos no cotidiano da EJA na UFMG, como: a certificação de seus/suas educandos/as; a ampliação do público atendido, de modo que a comunidade externa à UFMG também pudesse ser contemplada no Projeto; a implementação e a consolidação de um Projeto de Alfabetização na Universidade, que viria na década de 1990, com o Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 1º Segmento, o PROEF-1, uma vez que o Projeto Supletivo atendia aos trabalhadores que já conheciam as tecnologias do ler e do escrever; a implantação do “2º Grau”, também na década de 1990, no Colégio Técnico (COLTEC/UFMG), com o Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos, o PEMJA; seu perfil também foi se modificando. Desse modo, o Projeto Supletivo foi se tornando um Projeto de Ensino Fundamental, com autonomia

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

para avaliar seus estudantes, assegurando uma organização curricular que propicia a produção de conhecimentos significativa para os/as educandos/as, respeitando o/a aluno/a trabalhador/a como agente em seu processo de aprendizagem, sujeito de sua formação que traz para a Escola suas vivências, sua bagagem de saberes, construídos ao longo da vida, em diferentes espaços de sociabilidade. Junto com os/as educandos/as da EJA, estão os/as professores/as-monitores/as, estudantes da Graduação da UFMG, que também se formam como educadores/as, e o Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º Segmento, o PROEF-2, como é denominado hoje em dia, consolidou-se, assim, como um espaço de formação de professores, orientados por docentes e pesquisadores/as da Universidade, os quais também se dedicam ao trabalho de investigação e à produção de conhecimento a partir dos estudos que realizam na EJA.

Considerações Finais

Hoje, o Projeto conta, essencialmente, com 24 Bolsas de Extensão, do conjunto de 55, destinadas ao Programa de EJA da UFMG, como forma principal de seu financiamento. Essas Bolsas são distribuídas entre os estudantes de Graduação que se formam conosco, como educadores de EJA, nas diferentes Áreas do Conhecimento (Arte, Ciências Naturais, Educação Física, Geografia, História, Língua Estrangeira, Matemática, Pedagogia, Português), como professores, ou em espaços administrativos, de apoio ao PROEF-2 (Biblioteca, Informática, Secretaria). Esses monitores, bolsistas, são orientados por um grupo de 20 Professores da UFMG e funcionários técnico-administrativos do Centro Pedagógico, que se distribuem nas diferentes Coordenações do PROEF-2. Temos, no contexto atual, na Escola, vagas para 300 educandas/os, sendo que 150 delas são destinadas para o 2º Segmento do Ensino Fundamental de pessoas jovens e adultas, divididas em seis turmas (de Iniciantes – correspondente ao 6º ano do Ensino Fundamental –, Continuidade – correspondente ao 7º ano – e Concluintes – correspondente ao 8º e 9º ano). As outras 150 vagas são preenchidas por estudantes do Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

(PROEMJA), que não funciona mais no COLTEC/UFMG e foi incorporado pela EJA/CP/UFMG. Temos 212 matrículas em nossos Projetos; dessas, 80 estão concentradas no PROEF-2.

Referências

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 2.ed. São Paulo: Editores Associados; Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 40.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SOARES, Leôncio. 30 Anos de EJA na UFMG – Extensão, Formação e Pesquisa. *Revista Teias*. Rio de Janeiro, v. 17, 2016. Edição Especial – Práticas nas IES de formação de professores para a EJA, 2016.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ED6: Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e a Relação Trabalho-Educação na Formação do Jovem e Adulto Trabalhador

Coordenadora: Profª Drª Jaqueline Ventura - UFF

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES

Jaqueline Ventura
Faculdade de Educação/UFF

Não posso pensar-me progressista se entendo o espaço da escola como algo meio neutro, com pouco ou quase nada a ver com a luta de classes, em que os alunos são vistos apenas como aprendizes de certos objetos de conhecimento aos quais empresto um poder mágico. Não posso reconhecer os limites da prática educativo-política em que me envolvo se não sei, se não estou claro em face de a favor de quem pratico. O a favor de quem pratico me situa num certo ângulo, que é de classe, em que diviso o contra quem pratico e, necessariamente, o por que pratico, isto é, o próprio sonho, o tipo de sociedade de cuja invenção gostaria de participar. (FREIRE, 2001, p. 25)

Como afirmado na epígrafe, a educação é política e, portanto, não sendo neutra, implica uma opção por interesses de classe. Uma perspectiva contra-hegemônica de educação exige reconhecer que além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político. Assumir a politicidade da educação e firmar o compromisso de pensa-la sob a ótica que favoreça aos interesses da classe-que-vive-do-próprio-trabalho (ANTUNES, 2009) foi o ponto de partida do Espaço de Discussão 06 intitulado "Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e a relação Trabalho-Educação na formação do jovem e adulto trabalhador", no âmbito da terceira edição do Seminário do Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão de Educação de Jovens e Adultos (SELIEJA).

Coerentemente com o objetivo de contribuir para a produção e socialização do conhecimento no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, à luz da relação Trabalho-Educação, nossos estudos, têm em vista compreender as questões educacionais a partir de seus nexos com a sociedade e as classes fundamentais que a constituem, sem ignorar a heterogeneidade que lhes é inerente.

No Brasil, a EJA caracteriza-se por ser:

modalidade de ensino destinada à alfabetização e/ou elevação da escolaridade e, com frequência, associada à formação profissional, assim, inscreve-se num cenário em que são camufladas as razões estruturais dos diferentes processos de destituição de direitos da classe trabalhadora, agora

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

conceitualmente fragmentada em diversos grupos focais, o que obscurece a existência dessa classe como tal. É obscurecido, também, por meio de falsos discursos de universalização de acesso e de democratização de “oportunidades”, o direcionamento dos jovens e adultos com pouca ou nenhuma escolarização para diferentes ofertas de elevação de escolaridade que corroboram a atual divisão social do trabalho. (RUMMERT, 2008, p. 176)

É sabido que a Educação de Jovens e Adultos não superou o lugar secundário que ocupa, nem a função social a ela atribuída de lidar com os expulsos do sistema escolar. Mesmo no passado recente, quando teve ampliada seu raio de ação com a criação de variados programas³¹. Estes, desarticulados entre si e entre os entes federados, eram diferentes em seus objetivos, em seus itinerários formativos e em sua clientela; variados em sua duração e em suas condições institucionais, e, em entre seus profissionais predominavam a formação incerta e a pouca experiência, sem contar o alto grau de precarização das relações de trabalho. Os programas constituíram-se em uma política pulverizada e aligeirada para aqueles com histórico de fracasso escolar; em geral, jovens adultos, oriundos das mais desprestigiadas experiências escolares do *sistema* educacional.

Esse complexo formato gerou uma diferenciação interna na própria EJA, que, desde meados da década de 1990, forjou sua *nova* identidade (VENTURA, 2008). Por um lado, ao aderir aos fragmentados programas federais de inspiração neoliberal, teceu uma complexa e descontínua configuração, que tem na ênfase à certificação o precário ponto de integração, e, por outro, paralelamente, arrefeceu as já modestas iniciativas, legalmente exigidas, de escolarização de jovens e adultos dos governos estaduais e municipais. Desde então, predomina para os jovens e adultos trabalhadores a ampliação das possibilidades de certificação. Sem compromisso com a formação, com a conscientização, ou seja, com a democratização do conhecimento

³¹ Para disponibilizar os recursos, exigia-se a adesão dos estados e municípios ou das instituições das parcerias público-privadas aos programas federais. Programa Brasil Alfabetizado (PBA); Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM); Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC); Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA); e Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Para maior detalhamento, ver Rummert, Algebaile e Ventura (2013).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

científico e cultural sistematizado, reiteram as históricas desigualdades escolares daqueles que sofrem com as desigualdades sociais no Brasil.

O filósofo italiano Antonio Gramsci destacava que a construção da consciência crítica de si mesmo e do mundo perpassa pelo processo de compreensão da realidade social. Esse processo, para a filosofia da práxis, se dá na luta contra hegemônica por uma sociedade mais justa, reunindo pessoas politicamente atuantes e intelectualmente críticas, ou seja, um conjunto coeso em busca da superação das desiguais condições de produção da existência de grupos sociais subalternizados.

A organicidade de pensamento e a solidez cultural só poderiam ocorrer se entre os intelectuais e os simplórios se verificassem a mesma unidade que deve existir entre teoria e prática, isto é, se os intelectuais fossem, organicamente, os intelectuais daquela massa, se tivessem elaborado e tornado coerentes os princípios e os problemas que aquelas massas colocavam com a sua atividade prática, constituindo assim um bloco cultural e social. (GRAMSCI, 1995, p. 18)

Essa afirmação expressa que a filosofia da práxis que une teoria e prática não é um fato mecânico, mas uma possibilidade histórica, de construção de uma concepção do real que supere a visão de senso comum e construa uma visão do mundo mais coerente.

Coadunados com aspectos sinalizados por Antonio Gramsci, propomos e coordenamos o Espaço de Diálogo 06 no terceiro SELIEJA, que possibilitou a reunião de um rico conjunto de relatos de experiências e apresentação de pesquisas que convergiram para reflexões sobre a educação básica e profissional da classe trabalhadora. Os trabalhos apresentados evidenciaram o quanto esses professores trabalham, significativamente, em prol de contribuir com o processo de compreensão crítica da realidade social, reafirmando a unidade que deve existir entre teoria e prática.

Nesse horizonte, os trabalhos oriundos de pesquisas de pós-graduação ou de relatos de experiências de escolarização com a EJA, reunidos nesse ED organizados por aproximações entre as temáticas, discutiram a relação teoria e prática, com foco nas políticas educacionais voltadas para os jovens e adultos da classe trabalhadora.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Os artigos aqui reunidos, como o leitor poderá constatar, retratam a riqueza de algumas práticas pedagógicas significativas na EJA; como o projeto de ensino de química através dos aromas, a experiência dos quizzes no ensino da matemática, as estratégias político-pedagógica de luta e resistência utilizada pelas mulheres da EJA para concluir seus estudos etc. Retratam também os desafios históricos da EJA, como o estudo sobre a EJA no Rio de Janeiro nos anos trinta (1930 a 1937), o estudo sobre a Lei Nacional da Aprendizagem Profissional, sobre as concepções de EJA em disputa no século XXI (2003 a 2014) etc. Retratam ainda desafios atualmente vividos como a análise da experiência de EJA/EAD no Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos do município do Rio de Janeiro, a concepção de EJA da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) do estado do Rio de Janeiro, a insegurança como horizonte na percepção dos estudantes do Proeja, e a análise de como os professores de um Proeja olham para si e para os estudantes, a visão de EJA expressa nos programas dos atuais partidos políticos.

Consideramos, do mesmo modo que alguns dos trabalhos apresentados, que a Educação de Jovens e Adultos, concebida e executada pelas forças dominantes ao longo da história republicana do Brasil, não se revestiu e não se reveste de potencial para sanar o déficit histórico de educação a que esteve e está submetida a classe trabalhadora. Na verdade, as políticas de educação da classe trabalhadora constituem atualmente, com diferentes roupagens, versões renovadas de processos de expropriação do direito ao conhecimento.

Enfim, o 3º SELIEJA se constituiu, nesse Espaço de Diálogo, em um encontro plural de diálogo entre universidade e escola em prol de pensar os desafios e as possibilidades de propor uma perspectiva contra-hegemônica de EJA ou, em outras palavras, de pautar a construção de um projeto político pedagógico contra hegemônico para Educação de Jovens e Adultos trabalhadores.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências citadas

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2ª Edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1992.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995..

RUMMERT, Sonia. Educação de jovens e adultos trabalhadores no Brasil atual: do simulacro à emancipação. *Perspectiva*, v. 26, n. 1, jan./jun. 2008, p. 175-207.

VENTURA, Jaqueline Pereira. *Educação de jovens e adultos ou educação da classe trabalhadora?* Concepções em disputa na contemporaneidade brasileira. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

ALFABETIZAÇÃO PELA QUÍMICA DOS AROMAS

Monique Gonçalves

Professora da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques (FTESM)
Professora e coordenadora de química no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ)

Professora do Colégio Cruzeiro - Centro (CCC)

Aluna de Pós-Graduação em Educação Especial e Inclusiva (FTESM)

Doutoranda em Engenharia de Processos Químicos e Bioquímicos – EQ (UFRJ)

Luana Kopp

Professora do Colégio Souza Marques

Aluna de Pós-Graduação em Educação Especial e Inclusiva (FTESM)

Viviane da Costa Bastos

Professora da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques (FTESM)

Professora do Município do Rio de Janeiro (SMERJ)

Bárbara de Britto Terra Nova Gonçalves

Professora e coordenadora do curso de Pedagogia da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques (FTESM)

Professora do Município do Rio de Janeiro (SMERJ)

Professora do Município do Rio de Janeiro (SMERJ)

Palavras-chave: Alfabetização Científica. Essências. Experimentação.

Introdução

O projeto descrito e apresentado pelo grupo de professoras e estudantes da pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva da FTESM, traz conceitos defendidos pela *Didática Fundamental*, proposto e desenvolvido por *Candau* (1999), os quais compreendem as seguintes dimensões: *TÉCNICA, HUMANA E POLÍTICA*. A dimensão técnica, pois está estruturado dentro dos componentes do processo ensino-aprendizagem: objetivos, seleção de conteúdos que estejam dentro do currículo mínimo da série do estudante, planejamento pedagógico anual, estratégias de ensino e a avaliação; a dimensão humana, por valorizar as relações interpessoais, necessárias no processo educativo e para a vida (o convívio no espaço escolar); e a dimensão política ou político-social, por levar em conta o contexto, análise da realidade do

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

discente em seu ambiente escolar, a fim de propor estratégias que possibilitem ações educativas transformadoras.

O relato apresentado foi desenvolvido para uma turma de Educação de Jovens e Adultos da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques (FTESM), um projeto social de extensão totalmente gratuito para a comunidade. A atividade foi pensada mediante as seguintes características do grupo: mulheres na faixa etária entre 50 a 60 anos; donas de casa; problemas com a autoestima e empoderamento; extrema insegurança e medo de errar; medo de serem hostilizadas; dificuldade na leitura; dificuldade na escrita (erros ortográficos e descontinuidade nas ideias); dificuldade na concentração e memorização; dificuldade em sair do EJA e procurar novos desafios ou estudos para se aprofundarem.

Diante das características apresentadas, pensou-se em uma ação docente que levantasse a autoestima das alunas do grupo, de modo que se orgulhassem de levar para casa um material elaborado e desenvolvido por elas mesmas, tendo como pano de fundo a alfabetização científica (CHASSOT, A.I, 2003) inserida no processo de alfabetização pela linguagem. Esse resgate da autoestima confere ainda maior empoderamento das alunas, frente às adversidades e desafios do mundo profissional, cada vez mais voraz (CHASSOT, A.I, 2001).

Se faz necessário trabalhar esse resgate a fim de minimizar a insegurança que essas discentes sentem e o medo de errar frente à uma situação ou problema proposto; buscou-se trabalhar a concentração e memorização, que acaba sendo um limitante para a evolução nos estudos (BECKER, F., 1994).

Então pensou-se na confecção do perfume/difusores para o ambiente, um produto extremamente utilizado e dissipado; a atividade experimental possibilitou ainda a elaboração de um produto que gerasse uma renda extra com uma ótima relação custo/benefício. É possível fazer o uso de produtos naturais que iriam para o lixo, através de técnicas de extração, e explorar os temas reciclagem e sustentabilidade (CHASSOT, A.I, 2018).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Para a obtenção de aromas é comum fazer o uso de uma mistura de essências, que podem ser obtidos através da destilação de plantas, flores e ervas, disponíveis comercialmente. Álcool etílico e água são os solventes utilizados para o preparo do perfume, e a quantidade de solvente depende do aroma que se deseja alcançar, e dão origem a um odor agradável.

Objetivo

Montar uma oficina de produção de perfumes e/ou difusores para ambientes, levando a experimentação para a sala de aula, e sinalizar a presença da química no cotidiano das alunas da EJA da FTESM, com o intuito de abordar a Alfabetização Científica e mostrar a importância de se estudar essa área da ciência. Apresentar para as alunas algumas vidrarias de laboratório e métodos de separação das misturas, associando com instrumentos e métodos de separação do dia-a-dia. Desenvolver a análise sensorial.

Reforçar a atividades de leitura com as alunas, a partir das palavras dos instrumentos químicos ou vidrarias utilizados durante a prática, e assim abordar a *alfabetização*.

Metodologia (1ª PARTE):

Para a produção dos perfumes foram necessários os seguintes materiais: 10 ml de essência para perfume de sua preferência; 80 ml veículo para perfume (álcool etílico, água e fixador); vidro âmbar de 200 ml para a armazenamento; algumas vidrarias de laboratório: bécher, proveta, funil de filtração, bastão de vidro.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Procedimento Experimental:

Transferir para um bécher a essência e o veículo para perfume. Para um odor mais forte e marcante pode-se aumentar a quantidade de essência, pois ficará mais concentrado. Se for de interesse pode-se extrair a essência de produtos naturais, como por exemplo: casca da laranja, casca do limão, cravo, canela, alecrim, hibisco, etc., a partir da extração à frio. Para a extração é necessário macerar (triturar os produtos naturais: ervas, flores, cascas cítricas) em álcool etílico, filtrar (temperatura ambiente, protegido da luz e do calor, para evitar decomposição), e envasar (armazenar em recipiente âmbar; manter em local seco e arejado). A validade do produto é de 6 meses a 1 ano, dependendo da temperatura de conservação.

2ª PARTE: Leitura no quadro imantado, a partir das palavras dos reagentes, vidrarias e procedimentos adotados durante a prática na oficina de perfumes. Esse segundo momento recebeu o nome "*Conhecendo Novas Palavras, Alfabetização Continuada*".

Análise dos resultados

A atividade foi bem recebida pelo grupo das alunas da EJA, que se mostraram bastante motivadas e participativas ao longo da aula prática. Observou-se uma postura cuidadosa durante a manipulação das vidrarias e instrumentos levados pelas professoras que conduziram a atividade. Foi possível desenvolver a análise sensorial, na qual o grupo pode identificar as notas das essências: florais, cítricos, adocicado, amadeirado, etc., e então cada uma escolheu a essência que mais lhe agradou para produzir seus próprios difusores.

Ao longo do experimento as alunas da EJA fizeram perguntas sobre onde encontrar os materiais que estavam manipulando, pois demonstraram o interesse em confeccionar os difusores para vender, e assim ter uma renda extra ao final do mês.

Considerações Finais

Podemos concluir que a oficina de produção de perfumes e/ou difusores despertou interesse das alunas da EJA, e que a experimentação colaborou para a

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

atuação da alfabetização científica, pois deixou evidenciada a presença da química no cotidiano do grupo.

O reforço da leitura, a partir de novas palavras do universo científico, contribuiu para o enriquecimento do vocabulário das alunas do EJA.

A atividade ainda reforçou a importância de se trabalhar a autonomia com os estudantes da EJA, apresentando práticas que despertem o olhar para o mercado de trabalho. Nesse quesito a análise sensorial se mostrou bastante importante, por atrair novos olhares e perspectivas para o grupo.

Referências

BECKER, F. *Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos: educação e realidade*. Porto Alegre, 19(1): 89-96, jan./jun, 1994.

CANDAU, V. M. F. Formação continuada de professores: tendências atuais. In: CANDAU, V. M. F. *Magistério, construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 51-68.

CHASSOT, A.I. *Educação consciência*, EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 2ª edição, 3ª impressão, 2018, p. 7-8.

CHASSOT, Attico. *Alfabetização científica: questões e desafios para a educação*. Ijuí: Unijuí, 1ª ed. 2000, 434 p., 2ª ed. 2001, 438 p.

CHASSOT, A.I. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*, Nº 22, 2003, p. 89-100.

A EXPERIÊNCIA DOS QUIZZES NO ENSINO DA MATEMÁTICA NO PROEJA

André Guimarães Valente
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
Emanuele Nunes de Lima Figueiredo Jorge
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
Fernanda Paixão de Souza Gouveia
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
Welsing Pereira Moreira
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Palavras-chave: Ensino da Matemática. Proeja-EM. Metodologia de Quizzes.

Introdução

A experiência relatada é resultado da preocupação de profissionais atuantes no Proeja- Ensino Médio com a aprendizagem matemática de seus sujeitos discentes na realidade do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), especificamente no campus Duque de Caxias. A prática educativa mediada pela ferramenta de quizzes busca produzir e potencializar o conhecimento matemático, superar experiências insatisfatórias com a Matemática e o sentimento de incapacidade de aprender que acompanham o retorno destes sujeitos jovens e adultos à escola. Desenvolvida desde 2018 a partir do aplicativo *Quiz Classroom*, reúne o conhecimento matemático com o tecnológico, uma relação que consideramos importante frente à natureza do curso profissional ofertado no âmbito da Informação e Tecnologia.

O amparo teórico para este relato se concentra em Freire e Shor (1986), Gatti (2005), Medeiros (2001), Polya (2006), Rummert (2007), Queiroz (2013).

Metodologia

Tomamos a experiência de um dos 15 *campi* do IFRJ, o campus Duque de Caxias no uso da ferramenta do quiz mediado pelo aplicativo *Quiz Classroom*. Para entender seus impactos e impressões a partir dos educandos aplicamos 21 questionários com perguntas abertas e fechadas, além da técnica do grupo focal, conforme conceituado por Gatti (2006), na intenção de compreender os processos de

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

construção de realidade por determinados grupos sociais, ações, reações, simbologias e práticas cotidianas.

Análise dos resultados

Desde 2006 o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) no nível médio se apresenta na realidade das instituições federais de educação técnico-profissional através do Decreto 5.840 (BRASIL, 2006). Mesmo com a marca histórica da oferta da modalidade EJA por projetos e programas, onde a descontinuidade e a fragmentação lhe são consequentes, consideramos alguns aspectos fecundos em sua formulação, aspectos que se encontram sistematizados em seu Documento Base (BRASIL, 2007), que apesar de suas ambivalências (RUMMERT, 2007), trazem o sentido do trabalho como princípio educativo, da formação humana e do currículo integrado.

Inspirados nestes sentidos que a experiência aqui eleita, nos aponta a necessidade de uma didática que inicie o educando na produção do conhecimento matemático, permitindo-lhe ser sujeito de sua ação. Este movimento gerado pela aprendizagem de conceitos matemáticos gera uma melhor compreensão de diversas questões relacionadas às questões sociais e políticas (MEDEIROS, 2001).

No caso da educação matemática na EJA, em diversas situações, os jovens e adultos dominam preliminarmente diversos conceitos complexos, mesmo que de forma informal e intuitiva. Assim, o comportamento do educador e o respeito aos saberes desses sujeitos são a chave da mediação do processo de transição e descoberta da relação entre os conhecimentos informais e os formais presentes nos currículos escolares. É oportuno lembrar Freire e Shor quando afirmam que: "Nada é mais convincente do que os fatos da vida real. O objetivo principal, para mim, é que a teoria consiga abranger o cotidiano" (FREIRE E SHOR, 1986, p. 36).

O Quiz Classroom é um aplicativo de perguntas e respostas para professores e discentes, onde professores atuam como administradores do jogo e têm a função de

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

elaborar grupos de questões objetivas dado o conteúdo da disciplina e os discentes atuam como usuários. O objetivo é responder as perguntas e acumular o maior número de acertos. É um jogo disponibilizado para Smartphones com o sistema operacional Android e também disponível nos navegadores Internet, como o Internet Explorer; o Mozilla Firefox e o Google Chrome através da API (Application Programming Interface - Interface de Programação de Aplicação) WebGL. O jogo pode ser instalado através do serviço de distribuição digital de aplicativos Google Play ou simplesmente acessado pelo link <http://quiz.proetec.com.br> em um navegador de Internet.

O professor cria um conjunto de questões relacionadas a um assunto específico. Ao criar um quiz, o professor receberá uma chave associada a ele, que será repassada aos seus discentes. A partir dessa chave, os discentes iniciam o jogo respondendo, em série, as questões propostas.

A partir dos 21 respondentes dos questionários e participantes do grupo focal, observamos que 16 educandos afirmam que o quiz ajudou na aprendizagem matemática, 4 afirmaram que não ajudou e 1 estudante destacou que ajudou parcialmente. Dentre os que responderam que ajudou na aprendizagem matemática destacam-se a facilitação da aprendizagem e a indicação do erro e possibilidade de retorno como positivos. Para os que afirmaram não ter ajudado, observam-se a dificuldade histórica com a disciplina e a falta de adaptação do quiz na inclusão de discentes surdos. Há que se ater também à indicação de que o quiz avalia muito mais do que apresenta conceitos novos.

Consideramos que o quiz possa ser aprimorado permitindo que conteúdos mais complexos possam ser acessados pelos discentes cuja aprendizagem matemática esteja avançada, visto que a turma é constituída por sujeitos em distintos estágios de conhecimento. Destaca-se também a necessidade do quiz atender as expectativas dos discentes surdos para garantir significativamente a educação inclusiva. Entender que o processo de letramento dos sujeitos surdos é distinto e que sua alfabetização se deu na Linguagem de Sinais e não na Língua Portuguesa. Dessa forma, o quiz nos desafia a pensar a metodologia no seu aspecto inclusivo, o que nos exige mais formação e

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

conhecimento para atender tal demanda. Por último, destacamos a compreensão do limite da ferramenta em seu objetivo avaliativo, visto que mesmo não sendo seu.

Considerações Finais

O relato de experiência expressa a construção do conhecimento e formação de profissionais atentos às demandas da população jovem e adulta. O reconhecimento de seus limites e potencialidades são fundamentais para que repensemos abordagens e apresentemos novas propostas que se aproximem da perspectiva do currículo integrado proposto na concepção norteadora do Proeja, bem como permita que consolidamos práticas que produzam conhecimento, a permanência e a institucionalidades destes educandos no IFRJ.

Referências

BRASIL. MEC. *Decreto nº 5.840 de 13 de julho de 2006*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/D5840.htm>. Acesso em março de 2019.

_____. *Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio. Documento Base*. 2007. Disponível em; <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf>. Acesso em março de 2019.

FREIRE, P. ; SHOR, I. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

MEDEIROS, C. F. Por uma Educação Matemática como intersubjetividade. In: *Educação Matemática*. BICUDO, M. A. V. (org). São Paulo – SP: Ed. Moraes, 2001.

POLYA, G. *A arte de resolver problemas: um novo aspecto do método matemático*. (Trad. Heitor Lisboa de Araújo). Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

RUMMERT, S. M. *Gramsci, Trabalho e Educação: jovens e adultos pouco escolarizados no Brasil actual*. Portugal. Cadernos Sísifo, nº4, 2007.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

QUEIROZ, Simone; LINS, Mônica. *O ensino de matemática na Educação de Jovens e Adultos: As dificuldades dos discentes em problemas aritméticos de estrutura aditiva*. 2013.

O ENCONTRO DA EJA COM A LICENCIATURA EM MATEMÁTICA – UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA

Daysi Lúci de Gomes de Farias - IFRJ
Albertina Maria Batista de Sousa da Silva - IFRJ
Marcelo Silva Bastos - IFRJ
Rafael de Moraes Merola - IFRJ

Palavras-chave: Ensino da matemática. Prática Pedagógica. Formação de professores.

Introdução

O presente resumo apresenta um relato de experiência apresentado por docentes sobre a participação e ação dos licenciandos em matemática a partir do projeto de extensão Núcleo de Práticas de Educação Matemática Cidadã – NUPEMCI, com a perspectiva de construir um espaço para a pesquisa em educação matemática envolvendo as comunidades interna e externa. O projeto está vinculado ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), campus de Nilópolis, e apresenta como objetivos (i) despertar no licenciando em matemática o interesse por projetos sociais; (ii) reunir grupos de interessados em estudar matemática; (iii) reforçar o ensino, pesquisa e extensão do IFRJ; (iv) estimular os licenciandos a pensarem a matemática a partir da realidade/cotidiano e (v) oferecer aos alunos, tanto do IFRJ quanto das escolas públicas do entorno, um ambiente em que se desperte o prazer em descobrir e aprofundar conhecimentos em Matemática e que lhes possibilite avançar em estudos posteriores.

Metodologia

O projeto teve início em agosto de 2018, com uma equipe composta por oito docentes e dois discentes bolsistas, licenciandos em matemática. Foram organizados 18 encontros que ocorreram no espaço do IFRJ/Nilópolis. A princípio, o projeto foi criado por uma solicitação dos discentes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

e Adultos (PROEJA), com a finalidade de ajudá-los a resolver as dificuldades dos alunos em aprender e aplicar os conteúdos matemáticos aprendidos em sala de aula.

Os discentes do PROEJA divulgaram o projeto, incluindo estudantes da rede estadual de ensino com o intuito de realizar a prova do ENEM. Diante disso, o projeto assume novas dimensões. A estrutura se constituiu de duas etapas, uma voltada ao processo de seleção dos bolsistas e chamada dos estudantes e a outra, focada no planejamento e execução do projeto. Os bolsistas selecionados passaram por entrevista, seguida de análise de currículo e de histórico escolar.

As entrevistas serviram para observar ideias e atitudes que se aproximassem das expectativas do projeto, com foco em trazer uma linguagem que levasse o estudante da EJA a se sentir parte do processo de ensino-aprendizagem. Portanto, era preciso que os licenciandos compreendessem as especificidades da EJA, como, por exemplo, dificuldades com alguns termos científicos, com a abordagem de conceitos trabalhados na abstração, a insegurança devido a sua trajetória histórica de exclusão e subalternização. Por fim, foram selecionados dois alunos do 5º período.

Assim, o material foi preparado pelos docentes e bolsistas, baseados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com uma revisão do conteúdo do ENEM. Dividiu-se o conteúdo em 6 módulos: (1) Recordando conjuntos numéricos e operações; (2) Tratamento da Informação e Noções de Estatística; (3) Proporcionalidade; (4) Raciocínio Combinatório e Probabilidade; (5) Grandezas e medidas e (6) Cálculo Algébrico.

Análise dos resultados

Os encontros entre os licenciandos e os discentes demonstraram ser possível fazer a diferença na vida dos participantes, pois poucas e raras são as ações que envolvam os alunos da EJA. Por meio desses encontros, os licenciandos trouxeram a seguinte questão para o projeto: Quem pode fazer essa diferença?, cuja resposta foi “Todos os atores envolvidos no processo de educação”. Nesse processo de formação, tanto os licenciandos quanto os alunos constroem uma formação humana cidadã.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Seguem algumas das falas dos discentes da EJA registradas: “Caramba, como nunca tinha pensado dessa forma?”; “Por que todas as aulas não são assim? Trazer o nosso dia a dia para ensinar a matemática seria muito mais fácil compreender [...] quem nunca comeu um bolo?”; “Quando se fala em aumentar ou reduzir nunca pensei em proporção”.

Tais falas vão ao encontro do pensamento de Jolibert (1994), para quem trabalhar com projetos propicia o envolvimento dos discentes, tornando-os coautores de suas próprias aprendizagens. Uma aluna, por exemplo, após resolver um problema que apresentava leitura e interpretação de gráfico, declarou: “Nunca pensei que poderia ser tão fácil aprender esse conteúdo. Vocês explicam de uma maneira tão simples que qualquer um pode aprender”. Ao relatar essa emoção, os licenciandos-bolsistas se questionavam: “Como será que os conteúdos são ensinados para esse público?”. A partir dessas indagações, recorre-se à afirmação de D’Ambrosio (2012) de que é preciso adotar uma nova postura educacional, desvendar um novo paradigma que substitua o desgastado ensino-aprendizagem baseado numa relação decrépita de causa-efeito.

Desse modo, os bolsistas conseguiram fazer a diferença, tendo em vista, por exemplo, a declaração de uma aluna aprovada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) transcrita a seguir: “Muito obrigada, esse projeto fez a diferença na minha vida. Obrigada por tudo. Vocês foram muito importantes para a minha aprovação no ENEM. Passei para Licenciatura em Matemática. Isso é uma vitória que devo a vocês”.

Considerações finais

Compreende-se que os professores que atuam na EJA precisam ir além do ensinar, solicitando que os discentes refletiam sobre suas ações, participando do que Freire (1997) chama de educação “libertadora”, que transponha os muros da escola, que resgate o indivíduo como cidadão participante da sociedade.

Notamos que o projeto em questão pode, de fato, ser um diferencial na formação docente, levando-os para a realidade de espaços diferentes daqueles a que

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

estão habituados, realizando-se um trabalho com resultados a longo prazo. A princípio o objetivo do grupo de trabalho do NUPEMCI era propiciar que os estudantes tivessem mais segurança para resolver questões de matemática, mas foi muito além de apenas resolver as questões, pois alguns ultrapassaram as barreiras.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: matemática*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

D'AMBRÓSIO, U. *Educação Matemática da Teoria à Prática*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, M. L. de Q. A educação de jovens e adultos em Maceió – Alagoas: a experiência de uma década – 1993-2003. In: MOURA, T. M. de M. (Org.). *A formação de professores para a educação de jovens e adultos: dilemas atuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

JOLIBERT, J. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LEITE, L. H. A. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, 1996. p. 24-33.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS PROGRAMAS DOS PARTIDOS POLÍTICOS NO CONTEXTO NEOLIBERAL

Lohana Antunes da Mata
Universidade Federal Fluminense

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Partidos Políticos. Políticas Públicas.

Introdução

O presente trabalho apresenta uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento na Faculdade de Educação da UFF. Seu objetivo geral é analisar as propostas de políticas públicas para Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos programas dos partidos políticos brasileiros, no contexto neoliberal.

Diante da realidade posta, observa-se implementações maciças de políticas neoliberais. A educação é pensada muito mais como um negócio do que um direito fundamental propriamente dito. As escolas públicas que ofertam a Educação de Jovens e Adultos (EJA) têm como tarefa desenvolver a educação para o trabalhador em uma perspectiva ressignificada, no sentido de que esta instituição, por sua natureza, objetiva uma formação para o trabalhador, cuja capacidade de inserção se dê no mundo e no mercado de trabalho e na formação para a vida, este terá a oportunidade de realizar um processo educativo capaz de permitir o desenvolvimento da capacidade laboral, bem como intelectual na perspectiva gramsciana.

Metodologia

Deverá ser realizada por meio de levantamento bibliográfico qualitativo, teórico e histórico das políticas públicas para EJA, tema principal dessa pesquisa, para que seja possível a compreensão da trajetória e avanços alcançados nessa área da educação e os desafios que ainda precisam ser superados.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a pesquisa será orientada pela perspectiva do materialismo histórico-dialético para compreender as concepções e contradições sobre Educação de Jovens e Adultos (EJA) presentes nos programas

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

político-partidários. O corpus empírico da pesquisa deverá ser construído a partir dos programas dos quatro partidos (PSOL, PT, PSDB e PSL)³² de diferentes forças do campo político partidário brasileiro, com registro atual no Tribunal Regional Eleitoral (TRE), em seus sites virtuais. Buscar-se-á, em cada um dos programas, localizar a existência ou não de propostas para a EJA e em seus Programas de governo nos últimos 15 anos (2003-2016), considerando que esses programas são documentos-compromisso dos partidos para a sociedade, baseado no princípio constitucional da educação como direito de todos e dever do Estado.

Análise dos Resultados

Considerando que a dissertação encontra-se em fase inicial, não há ainda resultados, contudo, como trata-se de um trabalho de continuidade da monografia podemos tecer algumas considerações iniciais.

As políticas sociais se referem a ações que determinam o padrão de proteção social implementada pelo Estado, voltadas, em princípio, para a redistribuição dos benefícios sociais visando à diminuição das desigualdades estruturais produzidas pelo desenvolvimento socioeconômico. (HÖFLING, 2001, P.31).

Desta forma, as Políticas Públicas Sociais tem o intuito de aplicar direitos que foram garantidos pela Constituição Federal de 1998, como forma de proteção social executada pelo Estado.

Essa resposta do Estado tem uma vertente explícita pelo governo de dar ao cidadão seu acesso que lhe é de direito, por meio das Leis que foram aprovadas. Entretanto, as políticas públicas engajaram, em suas práticas, vertentes implícitas guiadas estrategicamente pela burguesia (proprietários do capital) como maneira de controlar a população mais pobre.

³² PSOL – Partido Socialista e Liberdade; PT – Partido dos Trabalhadores; PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira; PSL – Partido Social Liberal.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Draibe afirma que a educação será uma das políticas a qual sofrerá com interferência direta das empresas em "apoio" as políticas públicas, principalmente na forma de conduzir o currículo educacional.

Ainda que haja questionamentos a respeito da EJA como política, essa modalidade sofrerá diretamente com as implicações de projetos educacionais da classe dominante que tem como objetivo a formação mão-de-obra para o mercado.

Tal objetivo vai de encontro ao Parecer 11/2000 e sua função reparadora da EJA, cuja finalidade é de reparar uma dívida história educacional que Brasil tem com essa classe trabalhadora.

Diante dessa função reparadora da EJA, a relevância deste trabalho está em investigar os programas político partidário para essa modalidade, visto que mesmo após a implementação a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ³³, a EJA não foi incluída no item sobre Educação Básica de muitos programas de partidos políticos.

Por conta desse processo de não inclusão da EJA na Educação Básica, na atualidade, é necessário entender a historicidade dos projetos políticos destinados às pessoas cujo estudo dependia da modalidade. Será que os partidos trabalhavam em suas campanhas com programas voltadas para essa camada de trabalhadores, pobres etc., pertencente à educação popular?

Considerações Finais

Consideramos que será possível identificar como Estado não acompanhou de maneira eficiente a determinação da Constituição Federal de 1988 e posteriormente a LDB de 1996, em garantir aos jovens e adultos uma política pública com eficácia para sua permanência e continuidade da escolarização.

Por consequência, poucas políticas públicas são pensadas para esse público, os investimentos não são aplicados e os poucos programas que têm não consideram a EJA como função reparadora. A visibilidade da EJA está em formar mão-de-obra para

³³LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/leis/19394.htm>>

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

beneficiar o mercado ao invés de elevar o conhecimento dos jovens e adultos trabalhadores.

Referência

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em: 05 fev. 2018.

_____. *Diretrizes e bases da educação nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 20 set. 2017.

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Parecer 11/2000. Brasília. 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>> Acesso em: 09 out. 2017.

DRAIBE, Sônia M. *As políticas sociais e o neoliberalismo reflexões suscitadas pelas experiências latino-americanas*. Revista USP, 1993.

GRAMSCI, A. *Quadern del cárcere*. Edizione critica Dell'Istituto Gramsci di Roma (a cura de V. Gerratana. Einaudi, Torino, 1977 apud ANGELI, Mario José. *Gramsci, Hegemonia e Cultura: relações entre Sociedade Civil e Política*. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13903/7222>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

HÖFLING, Eloisa de Mattos. *Estado e Políticas (Públicas) Sociais*. Cadernos Cedes, ano XXI, nº55, novembro 2011.

EJA NO SÉCULO XXI: CONCEPÇÕES EM DISPUTA PARA A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR BRASILEIRO NO PERÍODO DE 2003 A 2014

Bruna Nascimento Silva Lombardo
UFF - PPG Educação

Palavras-chave: EJA. Classe Trabalhadora. Política pública.

Introdução

O Brasil, ainda que com suas particularidades, integra o grande grupo de países na condição de subordinação e dependência não apenas no plano político-econômico, mas também, no plano social à ordem do capital. Deste modo, para analisar as concepções em disputa para a EJA ao longo dos governos petistas foi inevitável recorrer aos processos históricos na busca de compreender a dinâmica neoliberal implementada no Brasil (e em diversos outros países da América Latina) de forma mais ostensiva a partir dos anos 1990 uma vez que, os desdobramentos desta lógica foram base para a compreensão das disputas que se desenvolveram nos governos Lula e Dilma:

O neoliberalismo converge com a internacionalização da economia. A fragmentação mundial dos processos de fabricação e a transferência da indústria para o oriente consolidam a primazia das empresas transnacionais. As grandes empresas utilizam as normas do livre-comércio e as baixas taxas para desenvolver intercâmbios entre as suas filiais. Estes movimentos sustentam, além disso, a globalização financeira e o fluxo (KATTZ, 2016, p.81).

Assim sendo, o projeto de educação adequado a esta relação de produção pode ser facilmente observado nas políticas alinhadas à lógica mercantil. Ora, se a educação não tem a finalidade de emancipação, resta apenas a condição de produzir e reproduzir o consenso, através da articulação entre o Estado e sociedade, essencial na manutenção desta hegemonia:

Nesse horizonte, fica claro o tipo de formação que tem sido oferecida aos jovens e adultos da classe trabalhadora no país, na finalidade de atender cada vez mais, e nas mais diferentes formas, aos interesses do capital e, a educação, como parte

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

fundamental na formação humana, também acaba por operar em atendimento às exigências do sistema capitalista.

A educação nas sociedades capitalistas é apresentada como limitada à educação formal, letramento, acesso à cultura, socialização de conhecimentos fundamentais, hierarquizado até o nível da produção científica, neutralizada e isolada das condições sociais que a geram. No entanto ela responde sempre a dois movimentos contraditórios: de um lado, a formar “trabalhadores” de níveis diversos (do mais simples ao mais complexo) para assegurar o ‘desenvolvimento’ do país (isto é, a lucratividade do capital) (FONTES, 2016, p.14).

A EJA, como expressão da classe trabalhadora, é objeto de rearranjos sob os interesses desta mesma lógica, perpetuando políticas insuficientes para universalizar a educação básica, mas eficazes no permanente processo de construção e manutenção da hegemonia burguesa.

Em meio a tantos ataques, agravados principalmente a partir das eleições de 2014, que surge a inquietação central desta pesquisa. Buscar na história mais recente da EJA as concepções em disputa que contribuem para este desmonte da educação pública, em especial àquela destinada à formação dos trabalhadores brasileiros.

Metodologia

A pesquisa segue a partir do materialismo histórico dialético um caminho de através dos estudos de Gramsci sobre o Estado (ampliado) e das contribuições da pesquisadora Sonia Mendonça de utilizar o Estado ampliado em Gramsci como ferramenta metodológica Buscando elencar as principais agencias e seus agentes que diante dos espaços de construção das políticas públicas garantiram a manutenção da hegemonia burguesa (ainda que com características particulares) nas políticas para a EJA nas gestões do Partido dos Trabalhadores.

Inicialmente a proposta era se debruçar sobre os documentos base das principais políticas para a modalidade tanto no âmbito da alfabetização quando na educação básica, mas com o avançar da pesquisa este caminho se tornou pouco fértil, uma vez que tais documentos já expressavam resultado e não a disputa. Desta forma foi necessário ir na busca dos lócus privilegiados onde estas disputas se evidenciassem

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

e, com isso, outros documentos tomaram protagonismo na empiria. No MEC, os relatórios do CNAEJA, no meio acadêmico, os documentos do GT 18, e na base do governo, os documentos da CNTE. Foram levantados mais de 80 documentos, entre atas de reunião, relatórios do CNE, documentos da Anped e materiais do CNTE. Todo o trabalho foi fruto de uma intensa análise documental apoiado no referencial teórico metodológico já apresentado.

Análise dos resultados

Mesmo diante de todas as promessas realizadas ao empresariado nas vésperas das eleições, ao menos algumas conquistas eram esperadas, sobretudo no campo educacional, onde o PT sempre possuiu uma base militante. No entanto, as expectativas rapidamente foram desfeitas com o anúncio do presidente eleito de que não iria rever o veto presidencial contra a vinculação orçamentária da educação ao Produto Interno Bruto (PIB), realizado pelo presidente antecessor e tão duramente criticado pelos que chegavam no governo (LAMOSA, 2014, p.76)

No âmbito das políticas para a EJA, os governos Lula e Dilma foram marcados pelas contradições e pelas correlações de forças basicamente divididas em dois grupos: os militantes da modalidade (representantes dos fóruns, da Anped e de movimentos sociais como MST) e os representantes dos interesses do capital (Unesco, MEC, ONGs e organizações de gestores públicos como a UNDIME e CONSED). Apesar dos breves avanços no sentido de universalizar o direito à educação, devido ao fato de ter dado sequência à mesma política econômica adotada pela gestão anterior, manteve uma característica determinante para uma posição secundarizada da modalidade: a escassez de investimento.

Boa parte do debate dos Fóruns, da CNAEJA e das análises do CNTE ao longo de todos estes anos girou em torno do FUNDEB. Para se ter uma ideia, a SETEC e os documentos do PROEJA e PRONATEC só aparecem nos relatórios do CNAEJA a partir do ano de 2009, dada a centralidade do debate do financiamento, afinal o fundo anterior excluiu a modalidade mercado da educação cobrava investimentos.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Outra questão importante observada na pesquisa foi que mesmo recebendo recursos relativos à matrícula de EJA, muitos administradores municipais e estaduais continuaram (e continuam) renegando e/ou deixando em segundo plano a escolarização das pessoas jovens e adultas – já que o próprio FUNDEB o faz. Soma-se a isso o fato de a responsabilidade pelo atendimento da EJA ter sido delegada aos entes economicamente mais frágeis (os municípios) por conta da forte indução pelo governo federal do processo de municipalização, desde a década de 1990 e se perpetuando ao longo de toda a gestão petista. A garantia da EJA mostrou-se frágil, com a manutenção de políticas focais e sendo estruturada por programas. Ou seja, a construção de uma política pública nacional para a EJA passou longe de ser atingida.

. Em relação as duas distintas frentes da modalidade, a brevidade dos cursos de alfabetização, principalmente através de ONGs como a “Ação Educativa” movimentos como o “MOVA”, afastaram ainda mais a possibilidade de uma articulação direta entre os entes federados, quanto a educação básica, a relação SECADI /SETEC promoveu a ênfase na certificação e na prioridade do financiamento do setor privado em especial o Sistema “S”.

Ao longo da pesquisa fica clara a falta de prioridade de ambas as gestões com a construção de uma política permanente de formação para a classe trabalhadora.

Referências

FONTES, Virginia. Formação dos trabalhadores e luta de classes. *Trabalho Necessário*, ano 14, n. 25, 2016. Disponível em: <www.uff.br/trabalhonecessario/images/ARTIGO_1.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2018.

KATZ, Claudio. *Neoliberalismo, Neodesenvolvimentismo, Socialismo*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

LAMOSA, Rodrigo de Azevedo Cruz. *Estado, Classe Social e Educação no Brasil: uma análise crítica da hegemonia da Associação Brasileira do Agronegócio*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NO RIO DE JANEIRO DE 1930 A 1937: INICIATIVAS DA SOCIEDADE CIVIL E DA SOCIEDADE POLÍTICA.

Ludmila Lustosa Lessa
Universidade Federal Fluminense

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores. Sociedade Civil. Sociedade Política.

Introdução

Este trabalho é uma tentativa de reunir periódicos, teses e dissertações com o objetivo de identificar iniciativas de elevação da escolaridade e formação profissional dos trabalhadores jovens e adultos no Rio de Janeiro. A escolha do recorte temporal do trabalho partiu da hipótese de que nesse período entre 1930 e 1937, tiveram iniciativas de educação instituída pela classe trabalhadora para jovens e adultos trabalhadores, visto que esse período havia disputa entre os diferentes grupos da sociedade civil no Rio de Janeiro, à época capital federal, com o objetivo de implementar o seu projeto de sociedade. Por isso, estabelecemos como objetivo específico: identificar as iniciativas de educação para classe trabalhadora jovem e adulta; identificar os grupos da sociedade civil e da sociedade política envolvida com a educação dos jovens e adultos trabalhadores; e analisar quais eram as concepções pedagógicas que orientavam cada uma das iniciativas de educação.

Este trabalho tem como embasamento teórico-metodológico o materialismo histórico dialético, pois, esse nos permite uma análise do objeto que está inserido no mundo da pseudoconcreticidade que oculta a sua concreticidade e a sua essência (KOSÍK, 1976). Portanto, optamos partir do estudo do contexto político, econômico e social que abarca a educação dos jovens e adultos trabalhadores.

Metodologia

Utilizamos como procedimento de pesquisa o levantamento de fontes históricas, documentos, periódicos operários e da época, nos seguintes acervos: Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES). Fundamentados no estudo de Ivani Fazenda (2010) optamos em realizar um estudo compilatório, que consiste na reunião de alguns trabalhos que tratem do tema da pesquisa dentro do recorte temporal e espacial adotados, que possibilitará outros pesquisadores desenvolverem a pesquisa a partir de um tema pouco explorado.

Análise dos resultados

A ausência de periódicos da classe operária que tratassem sobre as suas experiências educativas foram um dos maiores desafios da pesquisa, em razão de num primeiro momento ter analisado 206 jornais operários do Rio de Janeiro e somente sete notícias tratavam sobre as perspectivas dos trabalhadores jovens e adultos para sua educação.

Destacamos alguns trabalhos que indiretamente tratam de experiências educativas mesmo não sendo seu objeto de estudo: *A fiação de um bairro: a fábrica Bangu e o seu projeto social (1930-1945)* (OLIVEIRA, 2006); *A Escola Operária: a educação popular como instrumento revolucionário no Brasil (1903-1934)* (SILVA, 2015); *Trabalho e Educação da Classe Operária: a perspectiva política da escola técnica do Sindicato do Metalúrgicos-RJ* (TIRIBA, 1989), entre outros trabalhos.

A partir desses trabalhos e outras referências encontramos as seguintes experiências de educação para jovens e adultos: a Escola Silva Freire; a escola da Companhia de Fiação e Tecidos Confiança Industrial; a Escola Martins Junior da Companhia Progresso Industrial; a Escola Operária 1º de Maio; os cursos profissionalizantes e de qualificação realizados na União dos Trabalhadores

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Metalúrgicos (UTM); os Cursos Populares Noturnos; os Cursos de Continuação e Aperfeiçoamento; a Rádio-Escola Municipal do Distrito Federal e a Cruzada Nacional de Alfabetização.

Segundo os estudos de Dermeval Saviani em, *Escola e Democracia* (SAVIANI, 2012), compreendemos que existem concepções pedagógicas alinhadas aos interesses do modo de produção capitalista que se encaixam nas “teorias não críticas” e as concepções pedagógicas comprometidas ao trabalho que propõe uma educação contra hegemônica alinhada a “teorias críticas da educação”. Assim, consideramos que a Escola Silva Freire, Escola Martins Silva, Cursos de qualificação da União dos Trabalhadores, Rádio-Escola Municipal do Distrito Federal e Cruzada Nacional de Alfabetização foram as iniciativas do capital. Por outro lado, a Escola Operária 1º de Maio, Cursos Populares Nocturnos e, Cursos de Continuação e Aperfeiçoamento foram as iniciativas do trabalho.

Considerações Finais

Este trabalho permitiu perceber que a educação de jovens e adultos sempre esteve em último lugar nas políticas da educação, o que possibilitou outros grupos da sociedade civil e política tomar para si essa responsabilidade. Com isso, o que percebemos a partir da análise dos dados foi uma entrada da iniciativa privada diante da ausência do Estado para solucionar o problema do analfabetismo e carência de trabalhadores qualificados para o trabalho nas fábricas. Todavia, a pouca oferta de educação para jovens e adultos era centrada na educação básica no nível mais elementar, alfabetização e na formação para o trabalho simples.

Referências

FAZENDA, Ivani. Dificuldades comuns entre os que pesquisam educação. In: FAZENDA, Ivani. *Metodologia da pesquisa educacional*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KOSÍK, Karel. *Dialética do Concreto*. Tradução de Célia Neves e Alderico Toribio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

OLIVEIRA, Luciana da Cunha. *A fiação de um bairro: a fábrica Bangu e o seu projeto social (1930-1945)*. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SILVA, Pedro Henrique Prado. *A Escola Operária 1º de Maio e Pedro Matera: a educação popular como instrumento revolucionário no Brasil (1903-1934)*. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

TIRIBA, LIA. *Trabalho e Educação da Classe Operária: a perspectiva política da escola técnica do Sindicato dos Metalúrgicos-RJ*. 1989. 348 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1989.

REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES NA EXECUÇÃO DE UMA PESQUISA COM ESTUDANTES DA EJA NA BAIXADA FLUMINENSE

Rafael Pereira Santana
Instituto Federal do Rio de Janeiro - *Campus* Duque de Caxias
Fernando Ribeiro Gonçalves Brame
Instituto Federal do Rio de Janeiro - *Campus* Nilópolis
Pamela Winnie da Conceição Ramos
Instituto Federal do Rio de Janeiro - *Campus* Nilópolis - Bolsista PIBIC/IFRJ

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Projeto Integrador. Baixada Fluminense.

Introdução

Este trabalho procura refletir a respeito dos problemas enfrentados durante a execução de uma pesquisa com estudantes da modalidade educação de jovens e adultos (EJA) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), particularmente os problemas enfrentados no cotidiano da pesquisa sobre a EJA e as dificuldades relacionadas à aplicação de um questionário e coleta de dados. A pesquisa envolve o curso (técnico integrado ao ensino médio) de Manutenção e Suporte em Informática (MSI) dos *campi* Duque de Caxias e Nilópolis, ambos municípios da Baixada Fluminense (IFRJ, 2007). Ela pretende investigar as contribuições do projeto integrador para a formação discente a partir da perspectiva dos próprios estudantes desta modalidade de ensino (EJA) pouco valorizada (IFRJ, 2016).

Metodologia

A pesquisa envolve todos os estudantes do PROEJA do IFRJ em Duque de Caxias e Nilópolis. Os dados coletados dizem respeito a quatro eixos de pesquisa: (I) o curso de Manutenção e Suporte em Informática; (II) o projeto integrador; (III) a metodologia de ensino e o processo avaliativo do projeto integrador; e (IV) a dedicação dos estudantes aos estudos (SANTANA, 2017).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Como a pesquisa pretende avaliar justamente a perspectiva discente sobre estes eixos temáticos, a aplicação dos questionários dura cerca de cinquenta a sessenta minutos. Nem sempre os estudantes estão disponíveis para responder o questionário. Tendo em vista que a maioria trabalha no período diurno e estuda no IFRJ no período noturno, só resta o próprio horário de aula para muitos participarem da pesquisa. Neste sentido, há oportunidades mais limitadas para concretizarmos a coleta de dados.

Os questionários foram desenvolvidos a partir de encontros com estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) do IFRJ, que ajudaram a avaliar a relevância dos temas e a formulação das questões. Posteriormente o instrumento de pesquisa foi testado nos dois *campi* com estudantes que contribuíram apontando problemas semânticos. A partir deste retorno, foram efetuados correções e ajustes no questionário. Posteriormente o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Por segurança, os questionários respondidos foram digitalizados. A construção do banco de dados foi concluída, mas, ainda não foi finalizada a aplicação do questionário. Neste sentido, já iniciamos a inserção das informações no banco de dados.

Análise dos resultados

No caso de Nilópolis, realizamos a quase a totalidade dos encontros com os estudantes dos três últimos períodos. Em Duque de Caxias priorizamos coletar questionários de alunos matriculados nos primeiro e último períodos. Pretendemos finalizar a aplicação dos questionários até o final de 2019. Até março de 2019, 33 estudantes do *campus* Duque de Caxias e 63 estudantes do *campus* Nilópolis responderam o questionário. Atualmente há 266 estudantes regularmente matriculados no curso MSI dos *campi* pesquisados (129 em Duque de Caxias e 137 em Nilópolis).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Apesar da luta para a manutenção do curso dentro do IFRJ, é de interesse da instituição e nosso a permanência dos estudantes até a integralização do curso. Uma das grandes dificuldades para a coleta de dados é a evasão ao longo dos períodos letivos. Além disso, devido à rotina de trabalho, grande parte dos estudantes tem um elevado número de faltas e atrasos. Esta ausência, além de atrapalhar o aprendizado dos estudantes nas disciplinas do curso, também é fator decisivo na dificuldade para coleta de dados da pesquisa.

Devido aos compromissos profissionais dos estudantes, é difícil coletar os dados no período da manhã e da tarde. E como o curso é noturno, também encontramos dificuldades de coletar os dados aplicando os questionários no horário de suas aulas.

Para proceder com a coleta de dados, fez-se necessário negociar, com estudantes e professores, a utilização de parte do tempo das aulas, além de agendar horários para aplicação dos questionários. Também tem dificultado o trabalho o fato de muitos alunos não comparecem no horário agendado ou não responderem o questionário até o final, por cansaço ou por considerar uma atividade “chata”.

Considerações Finais

A grande maioria dos estudantes da EJA teve poucas oportunidades de se dedicar aos estudos quando foram adolescentes. O retorno à Educação Básica é repleto de problemas pessoais. As dificuldades de permanência no curso e de conclusão dos estudantes do PROEJA se refletem no dia a dia das aulas e na própria aplicação dos questionários, ou seja, as especificidades dos estudantes influem na logística do agendamento e da realização da coleta de dados.

Considerando a importância de se pesquisar a perspectiva dos estudantes do PROEJA a respeito do curso, do projeto integrador e da dedicação aos estudos, entendemos que o desenvolvimento desta pesquisa, ainda em curso, demanda muito tempo de atividade e uma expectativa ainda maior de tempo para reflexão.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Referências

IFRJ. **PROEJA, IFRJ - Campus Rio de Janeiro**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <http://proeja.com/portal/>. Acesso em: 24/04/2019.

IFRJ. **Projeto Integrador, IFRJ - Campus Duque de Caxias**. [S.l.]. 2016. Disponível em: <http://projetointegrador.proetec.com.br/>. Acesso em: 26/04/2019.

SANTANA, R. P. O PROJETO INTEGRADOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. **2º Seminário do Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão em Educação de Jovens e Adultos**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 159-163, 2017. Disponível em: <http://selieja2017.blogspot.com/>. Acesso em: 25/04/2019.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

PROFESSORES DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE NÍVEL MÉDIO, NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: COMO OLHAM PARA SI E PARA OS ESTUDANTES

Telma Alves
IFRJ
Maria Cecília Fantinato
UFF

Palavras-chave: Educação Profissional. Ensino Médio. Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

O presente trabalho é o recorte de uma investigação, concluída em julho de 2018, que teve como objetivo geral analisar criticamente o trabalho docente no curso técnico de Manutenção e Suporte em Informática, que atende o Programa de Educação Profissional Integrada à Educação Básica, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, doravante PROEJA/MSI, no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Rio de Janeiro. Ao investigar o trabalho docente, confrontando a produção dos dados com a teoria, objetivamos contribuir para tornar claros os objetivos da EJA, para forjar uma identidade ao curso PROEJA/MSI do *campus* Rio de Janeiro e para ampliar as discussões sobre a formação de professores.

Vamos apresentar os resultados que obtivemos sobre como sete, dos onze professores que compuseram a amostra, percebem o seu próprio trabalho no curso. As análises sobre como os professores percebem seu trabalho se embasaram em Bourdieu (1983), Gauthier (2013), Vargas e Fantinato (2011) e sobre as percepções sobre os estudantes se apoiaram em Arroyo (2005). A categoria experiência, entendida aqui como os saberes da ação pedagógica, que segundo Gauthier (2013), são uma jurisprudência particular elaborada pelo professor. O autor alerta para o fato de que não se pode identificar, no vazio, os saberes próprios ao ensino; deve-se considerar o contexto complexo e real no qual o processo de ensino ocorre.

Metodologia

Para realizar a investigação elegemos a abordagem qualitativa, na forma de estudo de caso, no qual o trabalho docente dos onze professores das disciplinas de Física, Química, Matemática e das disciplinas de Informática é tratado como um todo. As entrevistas foram a estratégia dominante, porque o objetivo era a coleta de dados descritivos na linguagem dos professores. Pela análise de conteúdo (BARDIN, 2016) das entrevistas foi possível eleger as unidades de análise e proceder à categorização. Neste recorte tratamos de parte da unidade de análise “o trabalho docente no PROEJA/MSI”.

Análise dos resultados

A expressão “eu tive que me reinventar” foi usada por três professores³⁴, dois disciplinas de Informática, Leandro e Amon, e uma da disciplina de Química, professora Sinésia, quando o assunto era como ensinar no PROEJA/MSI. Amon resume a ideia na seguinte frase: “você tem que se reinventar o tempo todo, para ser professor desse curso”. Embora seja possível que a experiência produza um *habitus* (BOURDIEU, 1983), vemos por essas expressões que os professores não conseguem se apoiar nos mesmos saberes. Nesse sentido, o trabalho docente se torna mais complexo na EJA. Hórus, outro professor de Informática, nos disse que não tinha conhecimento nenhum acerca da Educação Profissional na modalidade EJA. Mesmo tendo ensinado pessoas de diferentes idades, em cursos livres, ele percebeu que no PROEJA/MSI, os estudantes precisam de mais atenção e há mais tempo para trabalhar o ser humano. Ele nos disse que: “eu não sei se sem a Pedagogia eu conseguiria me adaptar tão simples ou fácil a esse modelo do EJA” (Prof. Hórus). Vargas e Fantinato (2011) alertam sobre a importância da preparação teórico-metodológica prévia para compreensão das especificidades de EJA.

As professoras Jaiane e Juno, ambas de Matemática, percebem os estudantes do PROEJA/MSI como pessoas sacrificadas, no sentido de cansaço da rotina de

³⁴ Os nomes dos professores são fictícios.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

trabalho, da falta de condições materiais. A professora Juno nos disse: “[...] o que eu achei mais difícil de tudo foi a questão de eles já serem adultos e terem outras preocupações que a criança não tem, né. [...], eles vêm do trabalho. Aí chegam já atrasados, chegam cansados [...]”. Ambas as professoras nos trazem a relação entre quem são os estudantes da EJA com o trabalho docente nessa modalidade. Segundo Arroyo (2005), uma sensibilidade maior para saber quem são esses jovens e adultos se constitui em estratégia para reconfigurar a EJA como um campo específico de educação. Dentro das possibilidades e nos limites que enfrentam esses sujeitos, como sinalizaram Jaiane e Juno, a retomada do processo de escolarização não se secundariza, mas não pode ser isolada “dos tortuosos percursos de suas específicas formas de se realizar como seres humanos” (ARROYO, 2005, p. 23-24).

Para Hórus e Leandro os estudantes querem se inserir como técnicos no mercado de trabalho. Já para Jaiane, eles querem um emprego e por isso “estão de olho nos concursos”. O professor André, de Química, pensa que eles objetivam a certificação de Ensino Médio para alcançar “uma função melhor com um salário maior”. Que pode ser, ou não, na área de informática. A riqueza do material empírico mostra a diversidade de pensamentos e concepções.

Considerações Finais

Os resultados nos permitem afirmar que o conhecimento sobre a modalidade e suas especificidades ocorre no *lócus* do trabalho docente. Além disso, permanece a ideia de que o objetivo do curso é a inserção no mercado de trabalho. A pesquisa mostrou que os professores têm disposição para o diálogo e buscam refletir sobre a complexidade do curso e sobre quem são os sujeitos da EJA e por isso é preciso garantir as reuniões pedagógicas como espaço de formação continuada. Os professores sinalizaram as dificuldades enfrentadas por aqueles que retomam a escolarização já tendo filhos para criar e educar, casa para sustentar, buscando meios de sobrevivência, seja por trabalho formal ou informal. Essa é uma situação singular,

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

e tal singularidade é uma das razões que faz com que a EJA venha se consolidando como um campo de conhecimento em desenvolvimento.

Referências

ARROYO, M. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M.A.G.C.; GOMES, N.L. (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

GAUTHIER, C. et al. *Por uma teoria da Pedagogia: pesquisas sobre o saber docente*. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. [Coleção Fronteiras da Educação].

VARGAS, S.M.; FANTINATO, M.C. de C.B. Formação de professores da Educação de Jovens e Adultos: diversidade, diálogo, autonomia. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 11. n. 34, p. 915-931, set. /dez. 2011. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=5671&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

POR DENTRO DA FAETEC: UMA ANÁLISE DA REDE DE ENSINO DA FUNDAÇÃO DE APOIO À ESCOLA TÉCNICA A PARTIR DE DENTRO

Taynara Bastos Teodoro
Universidade Federal Fluminense

Palavras-chave: Fundação de Apoio à Escola Técnica. Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

O trabalho em tela trata-se de um projeto de pesquisa que tem como objetivo maior a elaboração de uma dissertação de mestrado. Dissertação essa a qual tem como finalidade investigar a rede de ensino da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) e a política educacional dessa instituição direcionada à Educação de Jovens e Adultos.

Referenciado no materialismo histórico, o trabalho em questão lança mão de uma perspectiva crítica da Educação e da sociedade a partir da relação Trabalho e Educação calcada no princípio da omnilateralidade.

Ressaltamos, dentro desse contexto, que a omnilateralidade aqui defendida está relacionada ao conceito marxiano o qual concebe a formação que concilia a instrução manual (técnica) e a instrução intelectual (teoria) a fim oferecer ao homem uma formação completa (Manacorda, 2012).

Além disso, embasamo-nos também no conceito de *dualidade educacional de novo tipo* (Rummert, Algebaile e Ventura, 2013) como prisma a partir do qual enxergamos o modelo de dualidade educacional vigente no Brasil. Trata-se de uma maneira de mascarar a concepção desigual e excludente de educação para a classe trabalhadora por meio da ilusão do acesso democrático ao ensino científico e tecnológico, quando, na verdade, o que ocorre é a ausência do Estado em arcar com os compromissos que lhe são inerentes e o acesso ao ensino sem a garantia de permanência por meio de vias formativas diferentes.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Nesse sentido, o trabalho em tela tem como objeto de pesquisa a instituição de ensino FAETEC e a rede a ela pertencente, e visa deslindar e analisar questões políticas e educacionais relativas à essa rede.

Nesse contexto, as questões que compõem o eixo condutor e problematizador deste trabalho são as seguintes: o que é, como está estruturada, e qual dimensão possui a FAETEC no estado do Rio de Janeiro? Como essa entidade e as instituições partícipes de sua rede de ensino estão estruturadas política, educacional, financeira e administrativamente? De qual maneira se dá a organização interna dessa rede? Quais são e como se desenvolvem as parcerias das quais a FAETEC faz parte? Como a FAETEC é financiada pelo estado do RJ? Como está estruturada a política educacional dessa rede, principalmente em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Quais são as dimensões do ponto de vista político e educacional da atuação da rede FAETEC no estado do RJ? Qual é o impacto e/ou influência da FAETEC na política estadual de educação?

Dessa maneira, portanto, o trabalho em questão tem por finalidade investigar e analisar a rede de ensino composta e gerenciada pela Fundação de Apoio à Escola Técnica a partir de dentro, ou seja, almeja lançar um olhar científico intrainstitucional nas relações políticas, educacionais e administrativas que a permeiam e constituem.

Metodologia

No que concerne aos procedimentos metodológicos empregados na pesquisa, a investigação em curso prevê, como procedimentos iniciais de ação, três movimentos: a) levantamento de fontes primárias (documentos legais, normativos e institucionais) relacionadas ao tema abordado; b) levantamento de fontes secundárias (artigos, dissertações, e produções acadêmicas em geral) relacionadas ao tema; e, por fim, c) buscas em sites institucionais tais como o site da FAETEC e o site do Tribunal de Contas do Estado por exemplo.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Os passos elencados acima têm por finalidade reunir material que conduza à leitura, discussão e posterior sistematização dos documentos coletados no produto final dessa pesquisa, qual seja, uma dissertação.

Análise dos resultados

Por se tratar de um projeto de pesquisa em início de curso, ainda não possuímos material coletado para que seja analisado. No entanto, é válido ressaltar, dentro desse contexto, um dos principais motivos impulsionadores dessa pesquisa, o qual trata-se do desejo de compreender a ainda vigente atuação da rede FAETEC uma vez que sua extinção já foi prevista em lei (Lei nº 5.597 de 18 de dezembro de 2009):

1. Realizar, no prazo de 1(um) ano a partir da publicação deste Plano, o diagnóstico da situação da rede formal de Educação Profissional, para reorientar a política e subsidiar a tomada de decisões, *a fim de extinguir a dualidade de oferta pela Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC) e pela Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC)*, otimizando recursos e potencializando as ações. (RIO DE JANEIRO, 2009, p. 35, grifo nosso)

A julgar pelo exposto acima, hoje, a FAETEC já não mais deveria existir. No entanto, como é possível notar, isso não aconteceu. A partir disso, perguntamos: se a Lei previa a extinção da FAETEC, por que isso não aconteceu? Essa também é uma questão que pretendemos investigar e responder durante a realização desse projeto de pesquisa.

Considerações Finais

Em suma, o trabalho em questão diz respeito de um projeto de pesquisa de dissertação em fase inicial o qual visa investigar a rede composta e gerida pela Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) e também a política educacional dessa instituição direcionada à Educação de Jovens e Adultos. Essa pesquisa, conforme dito anteriormente, encontra-se em um estágio embrionário. No entanto, apesar disso, o estudo em questão revela-se promissor no sentido de almejar contribuir para sua área

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

de confluência tanto pelo seu objeto de estudo (rede FAETEC), quanto pela discussão em relação ao objeto a ser estudado.

Referências

MANACORDA, Mario Alighiero. *Karl Marx e a liberdade: aquele velho liberal do comunista Karl Marx*. Campinas, Alínea, 2012.

RIO DE JANEIRO (Estado). *Lei nº 5.597 de 18 de dezembro de 2009*. Institui o Plano Estadual de Educação - PEE/RJ, e dá outras providências. Rio de Janeiro, 2009.

RUMMERT, Sonia Maria; ALGEBAILLE, Eveline; VENTURA, Jaqueline. Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 54, p. 717-799, 2013.

A INSEGURANÇA COMO HORIZONTE: MARCAS DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA FORMAÇÃO DOS SUJEITOS DA EJA

Fernanda Paixão de Souza Gouveia
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Palavras-chave: Formação profissional. Proeja. Mundo do trabalho. Precarização.

Introdução

A pesquisa expõe parte dos resultados da pesquisa de doutorado apresentada em 2018 no Programa de Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ). Nosso objeto é a Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrada à Educação Profissional (EP) no nível médio a partir da experiência do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)³⁵.

À luz das mudanças vivenciadas pelo capital nas últimas décadas, de seus impactos sobre processo produtivo e na reorganização do Estado, buscamos entender as mediações existentes entre as práticas educativas do Proeja e o mundo do trabalho. Defendemos que nestas práticas se expressa um projeto de formação profissional orientado pela lógica da precarização do trabalho e um movimento próprio de (re) inserção profissional impactado pela desintegração da promessa integradora da escola (GENTILI, 2013) e dos padrões civilizatórios experienciados em nossa forma capitalista dependente e desigual (FERNANDES, 2008).

Indicamos que as ações do Estado brasileiro para a formação e qualificação profissional dos trabalhadores têm servido ao propósito de conformar estes mesmos sujeitos aos interesses mais imediatos do capital e adaptá-los à nova morfologia do mundo do trabalho. E apesar das contradições emanadas por políticas desta natureza – ao possibilitar a ampliação da escolarização e abrir oportunidades de melhorias da

³⁵ Ver referência: GOUVEIA, F.P.S (2018).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

condição de vida (ainda que restritas), questionamos a possibilidade do Proeja cumprir as pretensões com os quais se encontra comprometido.

Nossas principais referências teóricas foram: Braga (2012), Fernandes (2009), Frigotto (2009), Gentili (2013), Santos (1979), Valentim e Peruzzo (2017).

Metodologia

A pesquisa foi realizada em cinco campi ofertantes de cursos do Proeja no IFRJ, a saber: Arraial do Cabo, Duque de Caxias, Nilópolis, Pinheiral e Rio de Janeiro. Valemos da perspectiva e categorias próprias do materialismo histórico-dialético e do sentido da educação unitária. Por instrumentos, elegemos publicações e documentos institucionais do IFRJ, questionários (com questões abertas e fechadas) aplicados aos sujeitos discentes ingressantes, concluintes e egressos. A este último grupo destinou-se também a técnica de grupo focal e aos coordenadores de curso e de estágio, entrevistas.

Análise dos resultados

A necessidade do capital de adaptar os trabalhadores às condições de escassez e de instabilidade marcantes do novo mundo do trabalho repercute nos espaços de formação, um dos principais instrumentos de reprodução da ideologia burguesa. Assim, defendemos que a educação destinada especialmente para as frações que mais sofrem com a precarização, a nosso ver próximo à concepção de *preariado* de Braga (2012), tem por horizonte a precariedade. A promessa de integração social se altera, dando lugar à lógica empreendedora (VALENTIM; PERUZZO, 2017) e da empregabilidade (FRIGOTTO, 2009) em detrimento do trabalho formal tradicional do modelo de cidadania regulada de Santos (1979).

Sob a crença na inevitabilidade do modelo capitalista e das pobres alternativas para o futuro do trabalhador e de seus filhos, observamos a força da ideologia empreendedora acampada pelo projeto pedagógico do IFRJ na formação dos sujeitos do Proeja e compreendermos que ela sintetiza e legitima as novas formas de

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

subordinação ao capital. O desdobramento desta lógica no enfrentamento do desemprego traduz-se em destituir a luta coletiva tornando-a privada e, a incapacidade de se inserir ou reinsserir no mundo do trabalho, responsabilidade de cada um.

Os dados construídos na pesquisa fortalecem a ideia de que programas como o Proeja reforçam os princípios da flexibilização e formam sujeitos adaptáveis à nova realidade do mundo do trabalho. As promessas de integração social apresentadas aos trabalhadores e seus filhos se mantêm amesquinhas, deixando cada vez mais à mostra que a precarização das condições de trabalho e de inserção na vida produtiva se vistas outrora como exceção, agora se tornaram regra, mesmo no centro do sistema, atingindo principal e severamente os mais jovens.

Considerações Finais

Apesar de reconhecer a importância da oferta de formação dos trabalhadores em espaços como estes e registremos impactos positivos na vida dos sujeitos atendidos pelo Programa, observamos o permanente amesquinamento de direitos e na negação reiterada do acesso pleno aos instrumentos de emancipação. O conteúdo das promessas de formação tem a incerteza como horizonte e busca conformar tais sujeitos aos padrões atuais da precarização da vida social e do trabalho.

Referências

BRAGA, R. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. MEC. *Decreto nº 5.840 de 13 de julho de 2006*. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/D5840.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2018.

FERNANDES, F. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. São Paulo: Global, 2009.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

FRIGOTTO, G. Educação para a “inclusão” e a “empregabilidade”: promessas que obscurecem a realidade. In CANÁRIO, R. e RUMMERT, S. (orgs.). *Mundos do trabalho e aprendizagem*. Lisboa: Educa, 2009, p. 61-77.

GENTILI, P. Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora. In FRIGOTTO, G (org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século* (9ªed.). Petrópolis: Vozes, 2013, p. 76-99.

GOUVEIA, F.P.S. *Proeja e mundo do trabalho: inserção, reinserção e horizonte precário*. 2018. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, W.G. *Cidadania e justiça*. A política social na ordem brasileira. RJ: Editora Campus, 1979.

VALENTIM, E.C.R.B; PERUZZO, J.F. A ideologia empreendedora: ocultamento da questão de classe e sua funcionalidade ao capital. *Temporalis*, Brasília (DF), ano 17, n. 34, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/17914/pdf>>. Acesso em fevereiro de 2018.

LEI NACIONAL DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL: PROBLEMATIZAÇÕES DE UMA POLÍTICA EM DISPUTA NO MERCADO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Douglas Heliodoro Firmino da Costa³⁶
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Palavras-chave: Lei Nacional da Aprendizagem. Pronatec Aprendiz. Mercado da Formação Profissional.

Introdução

O presente trabalho, sintetiza a análise realizada em minha pesquisa de mestrado³⁷, acerca da Lei Nacional da Aprendizagem (Lei 10.097/2000), uma política de formação profissional de jovens trabalhadores.

A referida lei, expressa um movimento de atualização da política de Aprendizagem Profissional formulada na década 1940, instituindo mudanças que à adequa ao conjunto de projetos e programas de (con)formação da classe trabalhadora de acordo com o contexto neoliberal.

Tendo por base o conceito de “dualidade educacional de novo tipo” (RUMMERT; VENTURA; ALGEBAILLE, 2013), buscamos contribuir para a compreensão do papel dessa política no projeto de (con)formação da juventude trabalhadora para o trabalho simples no contexto de reestruturação produtiva e da acumulação flexível.

Metodologia

A partir do materialismo histórico-dialético, a pesquisa buscou apreender e analisar os determinantes da Lei Nacional da Aprendizagem em sua totalidade, com enfoque, no entanto, de seu epifenômeno expresso através do Programa Pronatec Aprendiz.

³⁶ Pedagogo, especialista em Políticas Públicas de Educação Profissional (UERJ), especialista em Educação e Jovens e Adultos (UFRJ), mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). heliodoro.dgs@gmail.com

³⁷ Dissertação orientada pela Prof^a Dr^a. Jaqueline Pereira Ventura no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: jaqventura@uol.com.br

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Tal delimitação, se deu com base na observação empírica em que, concomitante a disputa dentro da classe burguesa, entre as frações empresariais contrárias e as favoráveis à aplicação da Lei da Aprendizagem, ocorria um movimento de disputa pelo mercado da formação de aprendizes entre as próprias ONGs que atuam na formação de jovens aprendizes e entre as ONGs, o Sistema S e as Instituições Privadas de Ensino Superior.

Diante disso, formulamos as seguintes questões para delinear nossas análises, a partir das quais, realizamos a análise dos documentos primários (leis, decretos e portarias), especialmente da lei 10.097/2000 e do decreto 5.598/2005, que a regulamentou, bem como de pesquisas que se debruçaram sobre as políticas de educação profissional do país.

Análise dos resultados

O Pronatec Aprendiz constitui uma modalidade do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (PRONATEC) que o articula com a Lei Nacional da Aprendizagem (BRASIL, 2000). Sua implantação se deu por meio de uma articulação interministerial, na qual foram envolvidos o Ministério da Educação (MEC), o até então Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e a Secretaria Especial de Micro e Pequenas Empresas (SMPE).

Tendo em vista a estabilização da política de Aprendizagem Profissional no Brasil – considerando sua gênese na década de 1940 – e o aparente sucesso do Pronatec, ao menos em termos quantitativos, a justificativa exposta sobre os esforços para a articulação dessas duas ações foi de que o objetivo é ampliar as vagas de aprendizagem profissional (política mais efetiva em termos de inserção profissional) por meio das micro e pequenas empresas.

Ou seja, amplia as possibilidades de proporcionar uma formação que articule aprendizagem teórica e prática, ao passo que, assim como o Pronatec, “repete o modelo aligeirado das ações educacionais [legitimado pelo discurso da] qualificação para empregabilidade e inclusão social” (VENTURA; LESSA; SOUZA, 2017, p. 117).

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

Consideramos que as mudanças implementadas na lei da aprendizagem materializam estratégias de acesso aos recursos públicos através do financiamento da formação de aprendizes enquanto duplo processo de expansão do capital, seja como “Educação-mercadoria”, seja como “Mercadoria-educação” (RODRIGUES, 2007), no já configurado “mercado da formação profissional” (LIMA, 2016).

Considerações Finais

A partir dessa análise, pudemos apontar algumas considerações conclusivas, ainda que provisórias e parciais, acerca da Lei Nacional da Aprendizagem. Nesse sentido, ressaltamos que, embora haja disputa entre algumas frações da burguesia, alguns interesses se articulam em torno da formação profissional da classe trabalhadora. Tais como: (a) a (con)formação da classe trabalhadora para o trabalho simples de novo tipo (flexível e à distância), sobretudo por meio das novas tecnologias; (b) formação de clientes para o novo modelo de venda de educação a distância, a EaD; (c) formação do novo exército de reserva; e (d) acesso ao fundo público para formação de aprendizes.

Deste modo, a política de Aprendizagem Profissional garante um duplo ganho ao capital. Por um lado, de modo mediato, garante ao capital a (con)formação de jovens trabalhadores para o trabalho simples de novo tipo, de acordo com as demandas do mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que incide sobre a criação e a manutenção desse novo exército industrial de reserva. Por outro, de modo imediato, a aprendizagem enquanto educação-mercadoria constitui um novo nicho no mercado da formação.

Referências Bibliográficas

BRASIL. *Lei 10.097, de 19 de dezembro de 2000*. Brasília: Presidência da República, 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10097.htm>. Acesso em: 07 mar. 2018.

LIMA, Marcelo. *Trabalho e educação no Brasil: da formação para o mercado ao mercado da formação*. Curitiba: CRV, 2016.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

RODRIGUES, José. *O moderno príncipe industrial: o pensamento pedagógico da Confederação Nacional da Indústria*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

RUMMERT, Sonia M.; VENTURA, Jaqueline; ALGEBAILÉ, Eveline. *Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado*. Revista Brasileira de Educação, v. 18 n. 54, p. 717-738, jul.-set. 2013.

VENTURA, Jaqueline; LESSA, Ludmila Lustosa; SOUZA, Samanta Castro V. *O PRONATEC e a (con)formação do trabalhador: a privatização da educação profissional e o rebaixamento da formação humana*. In: BOMFIM, Maria Inês; RUMMERT, Sonia Maria (Org.). *Educação de jovens e adultos da classe trabalhadora brasileira. "Novos" projetos e antigas disputas*. 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2017.

MULHERES NA EJA: LUTA E RESISTÊNCIA PELA CONCLUSÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Flavia Maia Cerqueira Rodrigues³⁸

LIEJA-UFRJ

Palavras-chave: EJA- mulheres - resistência

Espaço de Diálogo: Ed6: Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e a relação Trabalho-Educação na formação de trabalhadores e trabalhadoras

Introdução

Esse artigo analisa dados qualitativos sobre os obstáculos que uma parcela das mulheres enfrenta para frequentarem e concluírem a Educação de Jovens e Adultos/as (EJA) no Ensino Fundamental. Por meio de metodologia de pesquisa-ação, foram entrevistadas dez mulheres de diferentes faixas etárias, que estudaram na Escola Municipal Alagoas, localizada no bairro de Pilares, na cidade do Rio de Janeiro. Todas essas mulheres foram alunas da professora que escreve. Entendemos que essa conclusão do Ensino Fundamental se dá como forma de resistir às questões/opressões de gênero ao longo da vida dessas mulheres e de como elas resistiram.

Metodologia

Recorreu-se à abordagem qualitativa, utilizando a escuta de maneira formativa: cuidado com ouvir, levantamento de temas, atenção às demandas e problematizações em sala de aula. A coleta de dados foi realizada na primeira fase por contato telefônico. Seguiram-se entrevistas pessoais onde foram respondidas quinze perguntas sendo as respostas registradas por escrito. A terceira fase da pesquisa foi a

³⁸ Professora do Ensino Fundamental (primeiro e segundo segmentos) da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Atua na Educação Especial e no PEJA, lecionando Língua Portuguesa. Também é pós-graduada em Língua Portuguesa e Psicopedagoga.

montagem de duas tabelas com as respostas dadas pelas estudantes, respeitando as perguntas enumeradas.

Análise dos resultados

. De acordo com Ludke e André (1986) a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados dentro da perspectiva que desenvolvemos a pesquisa. A entrevista se deu intercalada com conversas informais, ora sobre os temas das perguntas, ora sobre temas diversos, tornando-se assim um ambiente agradável para todas, valorizando o que diz Demo (1989, p. 20) "a pesquisa participante exige na mesma pessoa o pesquisador formalmente competente e o cidadão politicamente qualitativo." Os sujeitos do estudo são mulheres com destaque para as negras, pois se percebeu uma demanda muito maior de situações opressoras, que interferem na escolarização ao longo de suas vidas, alunas de Língua Portuguesa no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da Escola Alagoas. Por envolver questões de foro íntimo optou-se por usar apenas as iniciais das participantes. Para Demo (2000, p. 20), "pesquisa é entendida tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstrutivo de conhecimento." Assim, buscou-se entender o contexto familiar de cada participante, os obstáculos e motivos que as levaram a ficar longe da escola. Em outro bloco de perguntas buscou-se estabelecer suas identidades, acesso e permanência no EJA, e como superaram as dificuldades até fecharem o ciclo do Ensino Fundamental.

A permanência das estudantes no PEJA não foi tarefa fácil. Arroyo (2007) afirma que a maioria dos/as jovens, adultos/as e idosos/as da EJA são vítimas do rigor das escolas, desde a pré-infância. E a EJA permanece oferecendo uma organização engessada a esses/as estudantes. Segundo Arroyo (2009), "é difícil para as pessoas das classes populares articularem os tempos de trabalho e de sobrevivência com os tempos da escola". E sendo mulheres, isso ainda torna-se um agravante ainda maior, pois diante das questões postas pelo patriarcado, elas precisam articular as tarefas

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

domésticas e as demais atividades vinculadas a elas, com os/as filhos e/ou netos/as e com seus companheiros.

Considerações Finais

Analisando os dados da pesquisa, percebe-se que as estudantes da EJA buscam insistentemente sua independência social, que vai muito além do Ensino Fundamental. Precisamos avançar nas pesquisas sobre estas questões e enfatizar a importância de percebermos como a estrutura classista (racista, sexista e machista) interfere na vida das mulheres, vira um ponto de partida para que mudemos nossa postura como educadoras e abordemos essas questões dentro de nossas salas de aula. Desse modo, entendemos que a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos/as), além de ser um espaço de garantia de oferta de uma educação pública de qualidade a pessoas que tiveram esse acesso anterior negado, também tem o poder de empoderar estudantes mulheres, promovendo a ascensão e emancipação delas no contexto social.

Inserir temáticas como: gênero, classe, raça no Projeto Político Pedagógico é de suma importância. O ambiente escolar precisa proporcionar um ambiente de troca de ideias, convivência e estímulos. Resgatar o caráter político na escola, contribuindo assim para a tomada de consciência coletiva de uma classe trabalhadora explorada e tratada de forma desigual perante a sociedade. A luta da mulher como ser atuante numa sociedade, ainda dominada pelo patriarcado, tem obtido muitas conquistas, entretanto, há muito que ser reparado e alcançado.

Referências

- ARROYO, Miguel Gonzalez. *Políticas de formação de educadores (as) do campo*. Cad. CEDES [online]. 2007
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1989.
- DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

A EaD NA EJA COMO POLÍTICA DE AMPLIAÇÃO DO ACESSO, PERMANÊNCIA E POSSIBILIDADE DE CONCLUSÃO DOS ESTUDOS NO CONTEXTO DO CREJA

NeylaTafakgi
CREJA-SMERJ

Daniel de Oliveira
CREJA-SMERJ/ FFP-UERJ

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Educação a Distância. CREJA.

Espaço de Diálogo: ED6: Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e a relação Trabalho-Educação na formação do jovem e adulto trabalhador.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade destinada a pessoas que não tiveram acesso à escola na idade apropriada.

Uma das grandes preocupações sobre a EJA é conseguir possibilitar condições de acesso e permanência na escola aos estudantes, majoritariamente trabalhadores, para que mais uma vez não sejam excluídos pela dificuldade de conciliar trabalho e estudo.

Em 2004, nasce o Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA), como uma proposta de política pública do município do Rio de Janeiro, com o objetivo de atender essa entre outras demandas. Nesse sentido, implementou a primeira Escola Exclusiva de EJA do município, com as metodologias semipresencial e Educação a Distância (EaD).

Diante dos atuais intensos debates sobre as propostas de Educação a Distância no Brasil no ensino básico, nos sentimos movidos a compartilhar nossa experiência como forma de contribuir para os estudos e análises sobre esse tema no campo da EJA.

O presente trabalho pretende, portanto, refletir sobre a proposta da EaD na EJA como mais uma possibilidade de ampliar oportunidades de acesso, permanência e

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

conclusão dos estudos, a partir de uma proposta em curso no CREJA desde 2012, cuja prática possui fundamento nos princípios da EJA e a centralidade está no atendimento a uma real necessidade de estudantes.

Metodologia

Como proposta metodológica nos aproximamos da pesquisa sobre a própria prática, na perspectiva do/a professor/a-pesquisador/a (ESTEBAN E ZACCUR, 2002). Nesse sentido, trabalhamos com as narrativas de nossas experiências e reflexões sobre as mesmas. Compreendendo a educação como um ato não isolado, dialogamos também com as vozes dos estudantes e equipe de professores.

Análise dos resultados

O CREJA tem como um dos seus objetivos, atuar no desenvolvimento da EJA no município do Rio de Janeiro, em uma perspectiva de aumento da escolaridade entre jovens e adultos e Educação permanente, através da produção e vivência de diferentes práticas e oportunidades variadas de estudo. Em sua proposta e organização de espaço-tempo de uma Escola Exclusiva de EJA, o CREJA desenvolve a EJA por meio das metodologias semipresencial e Educação a Distância.

A Escola Exclusiva (Rio de Janeiro, 2013) foi pensada como uma proposta e estrutura específica para jovens e adultos, diferente do que ocorre quando a EJA divide o espaço com uma escola para crianças.

A metodologia semipresencial (Rio de Janeiro, 2013) se organiza com duas horas diárias de aulas presenciais e complementação de carga horária com atividades diversificadas não presenciais, propostas pelos professores como forma de ampliar o trabalho desenvolvido em sala de aula.

A EaD no CREJA (Rio de Janeiro, 2013) atende ao aluno em nível de escolaridade compatível com PEJA II Bloco II que corresponde ao final do Ensino Fundamental. A Educação a Distância, como é concebida no CREJA, é uma resposta possível para atender pessoas jovens e adultas trabalhadoras que não conseguem

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

dispor, por inúmeras razões, do tempo para estudar quatro horas diárias nas escolas com o PEJA na rede municipal ou duas horas diárias para estudar na metodologia semipresencial. São pessoas que trabalham viajando, que enfrentam mais que uma dupla jornada (considerando o emprego, ou mais de uma atividade laboral, além de cuidados da família, construção da casa própria etc.), com questões de saúde que dificultam sua permanência por longos períodos diários ou ao longo do ano letivo, mulheres com recém-nascidos etc. e há aqueles que, por direito, fazem a opção de querer cursar uma EaD.

A EJA EaD é constituída por professores especialistas nas áreas que lecionam, concursados da rede municipal de ensino, lotados no CREJA como professores da EJA, que produzem o material didático utilizado de acordo com a especificidade da modalidade (EJA) e da metodologia utilizada (EaD) e que orientam, acompanham e atendem nas tutorias os estudantes. Essa concepção e sua prática revelam uma relação de qualificação da Educação a Distância oferecida aos estudantes.

Entendemos que, desde 2004, as experiências no Centro de Referência, inicialmente com a metodologia semipresencial em seguida com a EaD, vem contribuindo para o desenvolvimento das funções **reparadora**, **equalizadora** e **qualificadora** da EJA (BRASIL, 2000).

Considerações Finais

A partir da experiência do CREJA podemos ter uma outra compreensão da EAD na EJA que não pretende ser um substituto do ensino presencial ou desqualificador do mesmo. Por outro lado, se configura como mais uma possibilidade de ampliação das condições de acesso e permanência, visando a conclusão do Ensino Fundamental.

Referências

BRASIL. Parecer CNE/CEB n. 11, de 10 maio de 2000. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2019.

3º SELIEJA

SEMINÁRIO DO LABORATÓRIO
DE INVESTIGAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RIO DE JANEIRO

POLÍTICAS PÚBLICAS DE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
ENTRE INQUIETAÇÕES, RETROCESSOS E RESISTÊNCIAS
23 A 25 DE MAIO DE 2019

ESTEBAN, Teresa; ZACCUR, Edwiges. A pesquisa como eixo de formação docente. In: _____ (orgs.). *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Rio de Janeiro. Parecer CME n. 2, de 28 de fevereiro de 2013. Aprova a implantação dos Centros de Educação de Jovens e Adultos – CEJA e a oferta da modalidade EJA, com abordagem metodológica de ensino semipresencial e de Educação a Distância, no Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos – CREJA e nos CEJA. *Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 230, p. 39-40, 28 fev. 2013.